



Edson Antônio Velano

Sombras na Vila Formosa

Crônicas



Edson Antônio Velano

SOMBRAS NA VILA FORMOSA



Crônicas

*À vida,
que me tirou tantos
e me deu Maria do Rosário,
Larissa,
Viviane,
João Vitor,
Gabriela e
Alzira Rodrigues Velano.*

*Ao professor Sebastião Mariano
Franco de Carvalho, pela revisão
das provas gráficas.*

Edson Antônio Velano

PREFÁCIO

Sucedem-se as páginas de “Sombras na Vila Formosa” como em memorial multifacetado que o autor ergue em homenagem à terra natal. Multifacetado porque engloba grande variedade de pessoas, grande diversidades de fatos e de locais.

Cultivador – quase um cultor – da memória de sua terra, o que quis foi preservar, da corrosão pelo tempo, as lembranças do rincão em que nascera, vivera e onde queria morrer.

Raramente autobiográfico, concatena os fatos não pela ordem cronológica, mas pelo que apresentam, no seu sentir, de semelhança, de afinidade, de evocação, conforme tendência contemporânea de alguns cronistas.

Aí desfila gente da elite ao lado de tipos vulgares, fatos marcantes ao lado de cenas do dia a dia, conforme a afirmação do poeta português que cita, a de que “tudo vale a pena quando a alma não é pequena”.

Em acréscimo ao que idealizara e fizera para a sua terra, quis oferecer-lhe, também, seus pendores literários, consagrando-a em crônicas.

Prof. Sebastião Mariano Franco de Carvalho

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

I

Heitei antes de colocar o título. Não se trata de fantasmas. De recordações, apenas. Lembrei-me de Paschoal Carlos Magno: *Não me acuso nem me perdoo*, título do livro em que relatou sua existência. *Antes que me esqueça*, outro livro de memórias, do Embaixador Pio Corrêa. E assim poderia citar André Maulraux, Miguel Reale, Franco Montoro, dentre tantos que confidenciaram seus dias e noites. Não seria cedo demais para isso? Bem, antes de terminar a década dos 50 anos, ainda não se tem nada para se contar. Tudo é recente, a vida pulsa com tanta intensidade que não sobra tempo e espaço para as lembranças. Ainda se constrói, ainda se realiza, ainda se batalha. Não se tem aquele olhar sereno e global. Tudo o que ficou pode voltar com amargura. Não sei... Li há muitos anos que só os que têm idade têm saudade. O saudosismo me acompanhou ao longo dessas décadas. Pode ser que alguns relatos sobre minha relação umbilical com a Vila Formosa de São José e Dolores de Alfenas sejam prematuros e extemporâneos. Sinto que é preciso contar. Pablo Neruda, em *Confesso que vivi*, contou. (“Qué valientes son las chilenas”, escrevi certa vez). E Érico Veríssimo gostava de ser chamado apenas de contador de histórias. Não me comparo a Pablo nem a Érico Veríssimo. Esta Vila Formosa, meu tempo, meu registro histórico, minha visão, meus relatos, minhas sombras, tudo isso deve vencer a natural resistência a ser lido. Terei leitores? A interrogação citada por Machado

de Assis, repetindo Sthendal, desnorteia. Que ninguém veja nessas memórias que começam hoje senão o que realmente são: memórias. Não pretendo, como Simone de Beauvoir, redigir a *Cerimônia do Adeus*. Acredito não ser o momento de dizer adeus. Como Sartre, perdi a oportunidade de viver desconhecido. Gabo-me, às vezes, de viver mal conhecido. Quem sabe, com estas *Sombras*, perco as duas coisas...

Há poucas semanas, citei o maestro Sérgio Magnani e leio a notícia de sua morte, em Belo Horizonte, aos 86 anos. Não tive amizade com o maestro. Admiração, sim. Como escrevi, conheci-o na primeira Jornada da EFOA, regendo o Coral da União Estadual dos Estudantes. Na ocasião, estava hospedado na casa de Waldir de Luna Carneiro. Lá ouviu alguns discos do anfitrião e autografou LP de Brahms. Anos depois, no Projeto Sagitarius, ouvi-o como pianista. Terminado, em minha residência na rua Bias Fortes, conversei com ele mais longamente. Na tarde do último sábado ele se foi. “Ao longo de minha vida – relata o presidente da Fundação Clóvis Salgado – pude conhecer figuras humanas raras. O maestro Magnani prima entre essas figuras.” Guardo dele o que escrevi há duas semanas: a pessoa que retirava sons de vozes humanas que ficaram para sempre na memória do adolescente que se encantava com as orquídeas da praça, quando a praça tinha orquídeas...

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

II

De Juiz de Fora ressurge a jovem viúva do IAPI, dizendo onde está e contando um pouco de sua vida:

“Prezado Edson Antônio Velano

‘Por onde anda a jovem viúva do IAPI?’

Foi com surpresa e alegria que recebi de minha cunhada Maria Geralda, residente nessa cidade, o Jornal dos Lagos, com um artigo seu, fazendo a pergunta acima.

Espero que, com meu relato, eu possa respondê-la: concursada pelo ex-IAPI, escolhi essa cidade, aconselhada por meu pai, que tinha por Alfenas um grande carinho, pois, por ter sido representante de calçados, viajava muito por essa região, e por ser grande amigo do saudoso Dr. Roque Tamburini, com quem conviveu no Rio de Janeiro (creio que o Dr. Roque formou-se em Medicina naquela cidade) e também por residirem aí um tio de minha mãe, Virgílio Rodrigues, casado com Mariazinha Lopes Rodrigues, (filha do Dr. Gaspar Lopes), e Isa Rodrigues Pedreira (filha do tio Virgílio), casada com João Pedreira (dono de uma farmácia bem próxima da praça).

Ainda me lembro de papai me dizendo: – ‘Filha, aceite Alfenas nesta lista que você recebeu do IAPI (eram 10 cidades): lá tenho amigos e parentes e depois de tantos anos terei a oportunidade de revê-los. E sabe, filha, o que é também mui-

to importante, é uma linda cidade, o povo é culto, pois gosta muito de ler (confirmei isto com minha convivência aí com a Isa Pedreira; como me emprestou livros e livros naquela época!); tem cinemas, teatro...'

Fui recebida com meus pais pelo Dr. Roque, que nos levou à casa da tia Ely (lá havia algumas estudantes que cursavam a Faculdade de Farmácia e Odontologia).

– 'Pode deixar, D. Maria, olharei por sua filha; volte para Juiz de Fora sabendo que lhe darei todo o apoio que precisar.'

Ah! Tia Ely, como foi boa para mim! Serei grata por toda a minha vida, pois sua atenção e carinho amenizaram demais a minha separação de meus pais, irmãos e meus dois filhos.

Na verdade, cheguei a Alfenas já viúva: meu marido falecera em 1957, num desastre de avião no aeroporto de Juiz de Fora, meses antes de sua inauguração.

Tudo para mim, nessa época, portanto, era muito difícil e só mesmo com o apoio de todos fui vencendo os obstáculos: emprego novo, cidade desconhecida para mim, e bem longe (pois distava umas 12 horas de Juiz de Fora, de carro!).

Fui apresentada, após um mês e meio de minha chegada, a Paulo Paulino da Costa, num jantar do Lions Clube, onde ele era Diretor animador, por Nelson Cavalcanti de Albuquerque (funcionário do escritório de Furnas e primo de meu primeiro marido). Nelson residia aí e era casado com Romilda Barbosa C. de Albuquerque, de tradicional família dessa cidade.

Após alguns meses, nos casamos e ainda aí residimos por mais três anos.

Paulo era filho de Nelson Paulino da Costa e Laura Dias da Costa; na época em que o conheci (1962), seu pai já havia falecido (1960) e por ser o mais velho dos irmãos dedicava-se

à administração da Fazenda das Panelas, que seu pai deixara como herança.

Com a revolução de 1964, foi extinta a subagência do IAPI em Alfenas; trabalhei por algum tempo com Antônio Baisi (representante do IAPI) e finalmente fui transferida para a agência de Juiz de Fora.

Paulo, economista, formado em Campinas, veio trabalhar aqui, para a Winthrop Sidney Ross, até o seu falecimento em 1973. Deixou em Juiz de Fora um círculo enorme de amizades...

Fiquei viúva, como você disse, pela segunda vez, e com quatro filhos: José Amaro Cavalcanti de Albuquerque (funcionário do Banco do Brasil desde 1978); José Armando Cavalcanti de Albuquerque (administrador de empresas); Laura Andréa Monteiro da Costa (advogada); e José Paulo Monteiro da Costa (empresário: confecção de artigos de couro).

Formei-me em Direito (1989) e aposentei-me em 1991, pelo INSS (IAPI-INPS-INSS).

Hoje convivo com muita alegria e amor com meus amigos e amigas, irmãos, filhos e netas (4).

Deixei, também, em Alfenas, grandes amigos: João Alfredo Thiers Vieira e Maria Antonieta Vieira Costa (prima do Paulo), Benedita Siqueira Paulino da Costa (viúva de João Paulino da Costa) tios do Paulo, e Ana Cristina Barbosa. Dona Zita Engel e Áurea Engel, (delas sempre com saudades!), João Carlos Salgado e Leda Douat Salgado e tantos outros...

Lembro-me dos funcionários do antigo Banco da Lavoura, da Myriam (do Correio), que sempre me atendiam com atenção e carinho. Minhas cunhadas: Maria Geralda e Beatriz.

Velano, esteja certo de que, como você, guardo no meu coração ‘as noites de verão, a praça, as orquídeas’, e o povo maravilhoso dessa cidade que me recebeu de braços abertos, a mim, na época, ‘uma jovem viúva que viera trabalhar no IAPI’.

*Com um abraço de
Maria José Monteiro da Costa”*

Pela carta, seria possível reviver, de passagem, os anos 60. Naquela noite, dona Maria José Monteiro colheu flor da praça e entregou ao seu noivo. De longe o testemunhei. Não poderia deixar de relatar nas minhas lembranças esse gesto de ternura.

Junto, recebo o livro *Mutações*, de seu falecido pai, Monteiro Viana. Quem apresenta o livro é Clevane Pessoa de Araújo. Não conheço pessoalmente Clevane, nem sei se mora ainda em Juiz de Fora. Pelo nome, deve ser a mesma Clevane que tinha seus poemas publicados no jornal “O Alfenense” da época. Se for a mesma pessoa, revive-se mais do que duplamente o torpor: redescobri dona Maria José e fico sabendo de seu paradeiro; reli Clevane Pessoa de Araújo e tomei conhecimento de que Monteiro Viana – o pai da primeira – escrevia e pintava, com talento: “Passo a passo vou chegando ao fim/ Empurrado não sei por quem/ Não há deter, não há parar/ Sou? Fui? Vou sendo? Chegarei mesmo assim?”

Quando chega a notícia de Juiz de Fora, vem outra história de jovem viúva. Esta teve tragicamente, nos anos 30, interrompido o casamento. Quando conheci dona Conceição Mariano Leite, era ginásiano, seu aluno de Canto Orfeônico talvez, não me lembro mais. Depois, avaliei pioneirismo e destemor na escola de balé Regina Mary, amor no primá-

rio Sossego da Mamãe e talento junto com dona Maria Vinhas na coluna jornalística *Sob Folhas*, que assinavam com os pseudônimos de Hera e Aira.

Em minha casa, fui procurado por ela e a recebi com algum constrangimento pela pobreza evidenciada. Tinha 18 anos e dialoguei com a famosa senhora na casa mais do que simples onde morava. Falamos por estranheza sobre a coluna social do jornal por mim dirigido, conversamos sob luz fraca, numa sala despojada de conforto e com cadeiras duras. Separando a sala da cozinha um simples pano imitando cortina.

Outros encontros tive com Dona Conceição.

Na infância, graças ao ingresso conseguido por meu irmão, pude vê-la no palco em *Se o Anacleto Soubesse*, em aparição relâmpago.

Em Campo do Meio, estive mais perto de dona Conceição Mariano Leite.

Dentro do ônibus, há muitos anos, rumo a Pouso Alegre e depois de saber o que iria lá fazer, lamentou não se ter valido do fato de existirem em sua terra (na época) dois cursos superiores e não ter cursado nenhum.

No Clube XV, quando levei a Família Lima, lá estava presente no show.

Nos memoráveis desfiles do aniversário da cidade, anunciava nos intervalos, no microfone, os versos de seu parente: “É dia dos anos dela, e os cantos de Filomela, ecoam dizendo ‘é dia’”. Não resisti e, sem me envergonhar da ignorância, terminado o desfile, perguntei-lhe quem era Filomela. Fiquei sabendo com ela e com o auxílio do dicionário que Filomela fazia parte da mitologia grega, dama transformada em pássaro, e que, em linguagem poética significava rouxinol.

Sei que era ouvinte da Rádio Universidade, sobretudo de seus programas na hora do almoço. Todas as terças, ligava a

TVE para ver o programa do Souza Filho. Revelou-me seu irmão, muito mais moço, com orgulho: “A ‘Nega’ é minha confidente”.

Conheci, em retrato, um outro seu irmão, o mais velho, que estava junto com meu pai no retrato. Já falecido, inteligente e com dons artísticos. Nas ruas de Belo Horizonte, eles caminhavam: revela a antiga fotografia que os boêmios tinham mistérios insondáveis e indecifráveis conciliábulos que permaneceram escuros e intraduzíveis. Belo Horizonte era a cidade-sanatório, para onde iam, antes da penicilina, todos os que precisavam de bons ares. Com melancolia, minha primeira visita a Belo Horizonte teve o domínio dessa fotografia e dessa imagem.

Dona Conceição trouxe de Poços de Caldas até Alfenas a escritora Elsie Lessa. Para comprar mantas. Elsie, mãe do jornalista Ivan Lessa, relatou em crônica de O Globo a viagem, o casarão, as histórias que ouviu, sem citar nomes. A crônica foi transcrita na imprensa local e eu, com pretensão, redigi outra, sobre a passagem de Elsie Lessa por Alfenas. Releio agora meu artigo e reconheço o quanto fui ingênuo.

Com seu falecimento, Dona Conceição Mariano Leite transformou-se em mais do que um mito na Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas. A cidade que ela amava tanto registrou projetos, pensamentos, gestos e atitudes que eram dela, só dela, originais. Brilhantes e talvez inigualáveis. E sua vida se findou. Vida cujo talento desafiará o tempo e o vento.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

III

Em um sábado, à tarde, subi as escadas do casarão da praça onde morava o professor Nilo Bernardes. Ia me encontrar com a jovem psicóloga Lúcia Helena Garcia Bernardes para tratar do curso que pretendia instalar em minha cidade. A professora Lúcia tinha sido aluna do Colégio Estadual, onde apresentava redações corretas e criativas na disciplina Língua Portuguesa. Nessas redações, não havia quase nada a corrigir ou a acrescentar.

Veio portaria do Ministério cancelando novos cursos por dois anos. Nossos planos se interromperam. Prossegui na peregrinação em busca do *placet* para o curso e fui a Brasília. Junto com o deputado Navarro, pai, o “ex-integralista” Ministro Euro Brandão ouviu e leu o pedido. Antes, o deputado confidenciava que havia chance do atendimento, confiando no passado “integralista” do Ministro. “Qualquer cidadezinha quer uma escola superior” – surpreendeu o Ministro, em tom nada amistoso. “Quando estive na França, até os taxistas tinham doutorado”, continuou. E nos fez longo discurso contrário à nossa pretensão. Quando deu tempo, o Ministro ouviu de mim que o curso já estava aprovado pelo Conselho. O tom mudou um pouco. Saímos do Ministério com a quase certeza de que o curso de Psicologia não seria autorizado.

(Hoje, quando existem cursos em cada esquina de cidade populosa e alguns são autorizados com facilidade em cidades pequenas, imagino o quanto mudou o entendimento do

MEC.)

Pouco tempo passou. Euro Brandão deixou o Ministério. E descobro que seu filho havia prestado vestibular para estudar... em Alfenas! O ex-ministro veio pessoalmente trazê-lo e o entregou à proteção do proprietário do Hotel Vila Real. A cidadezinha de Alfenas abrigou durante cinco anos o filho do Ministro que nos esculhambara. A instituição, que fora descredenciada pelo Ministro da Educação do Brasil, concedeu a seu filho o grau de Engenheiro Civil. E o engenheiro casou-se com uma de nossas alunas... Depois, por ação de Miguelzinho Barbosa, que hospedava e gozava da intimidade do General Venturini, consegui audiência com o Ministro Rubem Ludwig. Ao lado do Diretor do antigo DAU, hoje SESU, Gladstone Rodrigues da Cunha (ex-reitor e agora novamente reitor de Uberlândia) o general-ministro ouviu nossa fala e novamente saímos convictos de que não haveria curso pela vontade do Governo.

(Sei que desse jeito essas *Sombras* ganham feição de ata, com citações em demasia. De que maneira se escrevem memórias senão mencionando-se detalhes, nomes e fatos?)

No MEC, compulsando o processo, descobri que havia parecer do professor Silvio De Marco. Acolheu reclamações de alunos de outros cursos sobre o Crédito Educativo, opinando que Psicologia não fosse adiante. Mais obstáculos. No entender dele, enquanto persistisse o impasse, o processo sobrestaria.

E o curso de Psicologia só viria a ser autorizado mais tarde, quase 10 anos depois de aprovado no Conselho de Educação, na gestão da Ministra Esther de Figueiredo Ferraz. Indo a Brasília a nosso pedido, Sônia Boczar, ex-aluna da professora Esther na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, respondeu-lhe: “A UNIFENAS é o que tem de mais importante na minha cidade.”

Encontrei-me posteriormente com Euro Brandão no Canadá, ele Reitor da PUC de Curitiba. Conversamos sobre seu filho. Informava estar em Portugal fazendo pós-graduação e os planos de trabalho dele. O ex-ministro jamais tocou no assunto da audiência. Com toda certeza não se lembrava mais.

A psicóloga Lúcia Helena Garcia Bernardes dirigiu por alguns anos a Faculdade e se afastou para o Mestrado em Campinas. E agora vai para Belo Horizonte concluir o Doutorado.

A primeira turma de Psicologia, inquieta, realizou passeata cobrando a construção da Clínica. Que, finalmente, foi erguida.

O trajeto (desse curso e de outros) longo e pleno de tropeços indica que posteriormente haveria reflexos, lentos, impalpáveis. Repercussões biológicas que podem ser atribuídas ao temperamento e contornos de cada um. Dificuldades, sustos, contrariedades, o somatório venenoso que flutua como líquido escuro jorrando nos subterrâneos da mente e que devagar ou depressa foi sendo acrescido, aumentando a montanha do descontentamento e colocando tons cinzentos demais nas colinas do ontem.

Posso dizer sobre o curso de Psicologia da Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas e sua história o que escreveu o evangelista São João: “muitas outras coisas”. Porém não posso dizer da mesma maneira como o evangelista encerra seus relatos: “se fossem escritas uma por uma, penso que nem o mundo inteiro poderia conter os livros que se deveriam escrever.”

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

IV

Porta da igreja da Aparecida. Manhã insondável. Dona Marieta Vieira devolve com antecipação e aspereza o que eu pretendia dizer. Nada falo, somente ouço seus lamentos: o show que aconteceria depois lhe parecia sem sucesso, haveria prejuízo. Pensei aflito: será que pesa meu ingresso gratuito? A dúvida até hoje permanece. Dona Marieta, naquelas primeiras horas da manhã, funcionava na igreja como chefe de portaria. Por quê? Para mostrar a todos que havia liderado a vinda do Madrigal Renascentista? Para proclamar o hipotético prejuízo? Não sei. Na cidade, o Madrigal Renascentista. Naquela igreja, nos 25 anos de sacerdócio do Padre José Grimmink, o coral de Belo Horizonte entoava a Missa da Coroação de Mozart. Assisti ao lado, no coro da igreja. O Maestro Isaac Karabtchewsky levava as vozes para onde queria, lançando a melodia de Mozart na frequência da Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas. Mozart, pelas mãos de Karabtchewsky, caminhava por entre as colunas da igreja. O incenso vindo do altar trasbordava, as bodas do padre adquiriam beleza e ultrapassavam os mistérios da fé. Naquele ritual pré-concílio, a serena música de Mozart envolvia tudo. *Tu es sacerdos in aeternum*, vinha o eco do prelado e dos celebrantes.

O show aconteceria mais tarde no Cine Alfenas.

Novamente ouvi e vi de perto o Madrigal Renascentista.

Uma das estrelas desse coro era Hilda Sebastiana Soares

Fonseca. Anos antes, sua irmã Amélia nos descrevia as viagens do Madrigal Renascentista pelo mundo. Os hotéis dos Estados Unidos e suas camas com colchões de volúpia, o encontro com Pio XII, a inauguração de Brasília... Em todos os lugares estava nossa conterrânea Hilda Sebastiana Soares Fonseca. Embevecido, naquela tarde fiquei deslumbrado com *Ay Luna que reluces*, com solo de Hilda.

Outra estrela do grupo, Maria Lúcia Godoy, mostrava em *É a ti, flor do céu*, do folclore, ou na Rosa Amarela, de Heitor Villa Lobos, o talento de sempre, a música de sempre, a paixão de sempre. Em outro contexto, de longe, seu amor com Isaac Karabtchewsky era acompanhado por nós. Por longo período, ninguém entendia por que o maestro também não se entregava com sofreguidão àquela solista que, no negro spiritual “Old Folks at Home”, colocava toda a alma.

No episódio do afastamento definitivo do Maestro, Hilda Sebastiana Soares Fonseca viajou ao Rio para ficar ao lado de sua amiga Maria Lúcia Godoy.

Ao fazer 10 anos, o Madrigal Renascentista se apresentou em Belo Horizonte. No auditório da Secretaria de Saúde, lá, presenciei tudo, mais amadurecido, ainda ouvinte e admirador. Nos bastidores, tonto com o frenesi da plateia, pude abraçar Hilda Sebastiana Soares Fonseca. Imbuído ao extremo de sentimento nativista, custei a conter o tremor confuso. Hoje me parece que tangenciava as fronteiras da infantildade. Quando Hilda cantou o solo de *Para la sepultura de Dulcinea* queria dizer a todos: “Essa moça é de Alfenas! Essa cantora é de Alfenas!”

Na primeira gestão do Prefeito Hesse Luiz Pereira, nos 99 anos da cidade, a nosso convite, Hilda Sebastiana Soares Fonseca cantou na “Noite de Arte” que organizamos. Sua voz bailou sobre os telhados. As poucas frases com que a apresentei, lembrando sua volta às origens, de todas talvez

tenham sido as que pronunciei com mais felicidade naquela noite!

Agora recebo dois CD do Madrigal Renascentista, presente de Hilda. São gravações da época e quase todas revivem situações inesquecíveis. Há melodias do Madrigal com Maria Lúcia Godoy e Lucíola Teixeira de Azevedo. Também a regência, em algumas, de Samuel Kerr, a quem já ouvi na mesma igreja de Nossa Senhora Aparecida de Alfenas.

Em uma manhã de domingo que vai longe (não importa se com a hostilidade e aspereza de dona Marieta Vieira), quando o padre José Grimmink reafirmava e repetia as palavras de compromissos ditos havia 25 anos, na Holanda, na sua Missa inicial, a música de Mozart, junto com o Madrigal, invadiram o templo, ora com êxtase, ora com violência, ora com suavidade, ora com doçura. E a manhã tornou-se mágica.

Cantando seguirei por toda parte foi o lema do “Madrigal Renascentista”.

E todos também cantavam. A magia do conjunto empolgava. E mais empolgava porque nele estava a alfenense Hilda Sebastiana Soares Fonseca.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

V

Pedi provas de meus achincalhes ao povo alfenense e eis que me escapa à sorrelfa o peteiro. Parece frase de Ramalho Ortigão ou de algum autor clássico da língua. É de Waldir de Luna Carneiro. Vibrei na ocasião com a frase. Trazia-lhe, sábado sim, sábado não, crônica para revisão final. Trabalhava no jornal “O Alfenense” e o autor escrevia a respeito de Furnas. Fazia ácidos e deliciosos comentários sobre a construção de Furnas. Do outro lado, estava Nunes Bettencourt, inspetor de ensino. Cada semana o jornal da terra publicava artigo de cada um. Eu estava encarregado de submeter o texto tipográfico ao exame final de Waldir de Luna Carneiro e descobri que à sorrelfa significava sorrrateiramente e que peteiro era sinônimo de mentiroso.

Eu sobrevivia da maneira que era possível: estudava no Colégio de Alfnas (na época não havia curso noturno), trabalhava na Tipografia de “O Alfenense” e, às seis e meia da tarde, entrava na Rádio Cultura. O inspetor Nunes Bethencourt dirigia a emissora. Lá fiz de tudo. Narrava futebol, lia ao microfone escritos de jornais das capitais como se fossem noticiário da própria rádio, animava programas de auditório e, quando aniversariava alguém da zona rural ou mulher de vida fácil, anunciava as músicas que eram oferecidas a essas pessoas com mensagens no chamado Programa Social. Nessas noites não havia hora para que o programa se encerrasse. Enquanto houvesse alguém oferecendo música ao aniversa-

riante nas ondas do rádio, música, diga-se de passagem, da pior qualidade, o locutor ficava até o fim. E podia chegar até à madrugada, irradiando votos de afeto e carinho.

Foi quando disseram a Nunes Bettencourt – soube-o anos depois – que eu levava artigos para Waldir revisar. Fui despedido pessoalmente por ele. Sem explicações.

O inspetor Nunes era escritor e poeta inspirado. Um tanto prolixo, escrevia artigos longos. No dia em que partiu para Goiânia, deixou poema emocionado, com sentimento, referindo-se a Alfenas, usando o ritmo das palavras que davam beleza ao que escrevia: são saudades que ficam torturadas, são saudades que vão também comigo.

Na revista “Alterosa”, editada em Belo Horizonte e tão famosa na época como O Cruzeiro, vi, certa vez, foto de integrante do congado de Alfenas, com roupa típica. “Mouros no Paralelepípedo”. O título e a reportagem eram de Waldir de Luna Carneiro. Depois, na mesma revista: “Stradellas cor de ébano”, sobre um fabricante de acordeom talentoso e solitário que vivia numa cidade pequena. Também de Waldir. Fiquei deslumbrado com a originalidade do título. Muito antes de Nilo Amaro e seus cantores de ébano, a expressão fora usada. Havia contos nessa revista. Um que me impressionou (e que posteriormente resultou em peça teatral com o nome de “Pensão de Estudantes”), ilustrado com desenhos do mesmo autor, relatava as peripécias de estudantes que, através de espelhos, mostravam durante a conquista de namoro, numa conversa à janela da pensão, o conquistador só de camisa, por trás. Hoje o namorado exibiria com charme sua nudez.

No concurso de contos que a Caixa Federal promoveu entre os seus funcionários, no qual Waldir de Luna Carneiro foi um dos primeiros colocados, a personagem do conto conquista a simpatia do gerente bancário demonstrando

profundo conhecimento de armas. Sempre avalei Waldir de Luna Carneiro como contista excepcional.

Era comum, em todo o Brasil, a corriqueira expressão “na boca das urnas”. Não havia candidato a cargo eletivo que não a usasse. Surgiu a represa, nasceu dela o título da peça, de propósito: “Na boca das Furnas”.

Quando Jânio Quadros agitava a política nacional, Waldir escreveu “O Jonas vem aí”. A personagem – Jonas Paredes – caricaturava a figura de Jânio Quadros. Talvez com premonição, na peça teatral as atividades políticas de Jonas Paredes foram encerradas com um escândalo.

Não admitiu – e nem lhe foi perguntado – por que usava em suas deliciosas crônicas o pseudônimo de Jacques Pires. Jacques Pires, Shakespeare, conjectura do escrevente destas Sombras.

De Waldir, ouvi a primeira vez o nome de Érico Veríssimo. Deveria ter 10 ou 11 anos. Waldir deixara na Tipografia alguns livros usados, para venda, espécie de sebo. Meu patrão repetia: “Muito cuidado com a conservação dos livros de Érico Veríssimo”. Quando pude ler “Gato Preto em Campo de Neve”, sonhei com conhecer os Estados Unidos. Em “A Volta do Gato Preto”, imaginei acompanhar de perto a infância do filho do autor, Luiz Fernando.

Olhava no mapa todas aquelas cidades americanas por onde passou e decorei o início e o fim do livro: Filadélfia é grã-fina, Boston não ri, barouts de Manhattan, eu gosto é de ti. Imaginava como teria sido o telefonema de Érico Veríssimo para sua casa no dia da morte do Presidente Roosevelt.

Tudo tinha ocorrido havia quinze anos, na época em que li. No entanto, parecia que era naquele momento. Hoje, Luiz Fernando Veríssimo é renomado jornalista de alcance nacional e escreve no “Estadão”.

Em “Gato Preto em Campo de Neve”, Érico Veríssimo relata seu encontro com o cônsul brasileiro em Los Angeles, Fleury de Barros. Para quem não sabe, foi marido da alfenense Quely Tamburini.

No mesmo livro, seu atropelamento por uma bicicleta e o diálogo final com o garoto que se desculpa e localiza de onde vinha aquele senhor: Ah, o Brazil, o país do café. E Érico Veríssimo, na década de 40, responde, patriótica e esperançosamente, ao menino que o Brasil será um grande país. Onde estará esse menino? Já morreu? E onde está o Brasil pensado no momento por Érico Veríssimo?

Quando lia o primeiro volume de “O Tempo e o Vento”, fui ao enterro de dona Rosinha Nunes. Havia tons no crepúsculo. Tons que variavam enquanto os minutos passavam. Atrás, no enterro, podia ver a torre da igreja da Aparecida e o crepúsculo. Pude me sentir como o Dr. Winter, personagem de Veríssimo nesse romance, ao contemplar o crepúsculo de Santa Fé.

De longe, certa vez, ouvi, no banco da praça, Nelson de Almeida, que havia morado nos Estados Unidos e estava estudando Odontologia em Alfenas, descrever Washington. Um clarão de aço me jogou novamente junto com Érico Veríssimo. Quando visitei Israel, tinha visão permanente de “Solo de Clarineta”. E tudo começou porque Waldir de Luna Carneiro deixou naquela tipografia alguns livros de Érico Veríssimo. Depois vieram “Clarissa”, “O Resto é Silêncio”, “Incidente em Antares” e, o de que menos gostei, “Olhai os Lírios do Campo”.

Quando Waldir se mudou para o Rio, comprei dele alguns discos. Ficou na memória, com Marion Anderson: “Carry me back to old Virginy”. A primeira vez que estive em Washington, disse ao taxista, como se soubesse muito bem a língua inglesa: “Leve-me de volta para a velha Virginia.” A precária

eletrola, Waldir, Marion Anderson, tudo de repente voltou...

A formação cultural e religiosa de Waldir de Luna Carneiro me influenciou. Com ele, por exemplo, pude ler Tomas Hardy e conhecer “Judás, o obscuro”, e vivenciar o catolicismo do qual estou inteiramente impregnado. Ao me ver com o livro, com seu inigualável humor, Yvone Martins comentou, em tom jocoso: “Eu sou a Judas, a obscura.”

Ele descrevia o holandês Padre Geraldo Pelzers e seu rádio, ouvindo em alemão e censurando os discursos de Hitler. O jornal *A Verdade* – foi fundado por ambos. Falava: “Padre Pedro Digenouts foi à máquina de escrever e em um instante traduziu da língua inglesa texto teatral.”

Entusiasmado, para causar impressão, com livro de história de Rocha Pombo nas mãos, estudante do 1º ano científico, abordei Padre Pedro na rua, querendo tradução, com texto em holandês: *Verzuian Brasil*. O vigário pacientemente explicou que provavelmente se tratava de holandês antigo. De fato, os escritos se referiam à época do Príncipe Maurício de Nassau em Recife.

Certa feita, assisti a palestra de Waldir, no Clube XV. Gary Cooper, quem será este? O assunto era cinema. Ouvi que o Diretor era a figura mais importante em um filme. Não sabia. Para mim, naquela idade, prevalecia o nome dos artistas principais. E fiquei sabendo que Gary Cooper era ator de primeira linha.

A cidade inteira aguardava a publicação do Balanço. Nele, no final do ano, com humor e inteligência, Waldir de Luna Carneiro escolhia fatos, acontecimentos e pessoas de destaque no ano. Lembro-me de dois registros em um Balanço. Em resposta a determinada reivindicação, escreveu: “Para mim o grande morto do ano foi meu pai”. E relacionava pessoas queridas ou valorosas que morreram no ano, dentre elas a que foi reivindicada que figurasse e Gabriela Mistral,

a famosa poetisa chilena. Prosseguia no seu “Balanço”: O acontecimento esportivo – Cruz Preta. O antissocial e inesportivo – o que motivou a passeata dos estudantes. Para recordar: o estudante de Odontologia chamado Célio Mônaco havia feito comentários na rádio local censurando o América por não ter cedido o estádio para o jogo da Cruz Preta. Seu quarto da pensão foi invadido à noite, reviradas as suas coisas, não se sabe por quem.

Costumeiramente, as primeiras páginas do jornal “O Alfenense” ficavam expostas em parede externa do Clube XV. Ouvi risadas. Reconheci estudantes da EFOA, dentre eles meus professores Miguel Novack e Estevão Rocha. Liam crônica de Jacques Pires. No mesmo estilo do *Alfenense Setuagenário*, que sob este pseudônimo publicava memórias com o título de *Alfenas dos Tempos Idos*, sobre os primórdios da vida da cidade, Waldir escreveu *Alfenas dos Tempos Futuros*, e todos os que lá estavam, passavam e o liam puderam perceber seu humor e sua verve.

O mesmo mural abrigou sua charge sobre a melhor de três entre América F.C. e Alfenense F.C., equipes de histórica e feroz rivalidade: “Te alevanta, Ferrabrás, que domingo tem mais”. Era época de Congadas. O América tinha vencido a primeira partida. No desenho, se reconhecia a figura de Benedito Cirino, de espada na mão, como sempre fazia em suas embaixadas, gritando o nome de Ferrabrás, nas lutas entre cristãos e mouros. Benedito Cirino invariavelmente de vermelho e Ferrabrás de verde. As cores dos times de futebol.

Waldir imitava muito bem Eurico Heyden em conversas, girando pela praça. Eurico Heyden, músico e maestro, com seu reconhecido e simpático sotaque alemão: “Comi tanto abacaxi que até me enjoiei.”

Sobre Waldir de Luna Carneiro, estas Sombras na Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas devem retratar

muitos mais fatos. Virão aos poucos, como pílulas, calmos e tranquilos. Contudo, sempre constantes, como ele me ensinou. Virão outras vezes. E nestas *Sombras*, lerão sobre fatos e acontecimentos que tiveram a participação ou a inspiração de Waldir de Luna Carneiro.

Quando ele se mudou para o Rio, alguém escreveu no jornal e colocou o título: Obrigado, Waldir. E na outra semana vinha a sua resposta em forma de crônica: De nada, Raul.

Assim começam os primeiros relatos de uma série sobre Waldir de Luna Carneiro.

Não sei se a cidade avalia o tesouro que tem. Não sei se Minas Gerais pesa direito a riqueza que pode apresentar ao país.

Imitando, posso dizer: “Quanto mais lhe pago, mais lhe devo”. Sinto que não lhe paguei nada; assim, devo mais ainda. A dívida a quem me deu os caminhos certos no mundo da cultura e da música e o catolicismo que ainda resiste bravamente junto com a razão a todos os atropelos e a todas as aleivosias.

Gustavo Corção (introduzido em meu mundo por ele) citando Chesterton (outro levado ao meu universo por ele) lembrou que todos nós poderíamos ser a mais desgraçada das criaturas se perdêssemos a última aposta. Não quero perder a última aposta. E Waldir de Luna Carneiro foi peça fundamental para que eu não perdesse esse jogo. E nem pertencesse a essas criaturas. E nem perdesse – quero crer – a última aposta.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

VI

Tinha vinte anos. Quem conhece Olavo Bilac, 1º príncipe dos poetas parnasianos, pode recordar seu famoso verso: “morrer assim, num dia assim”.

Parece de Álvares de Azevedo, que morreu aos vinte anos.

Aos vinte anos, ouvi no rádio, junto com Maurício Lomonte e Francisco Leite Vilela, alguns discursos e notícias. Havia movimento político e militar vitorioso no confronto, no Brasil. Era 31 de março. Na Prefeitura, instruíam o processo o Dr. Paulo Leite Naves, Delegado de Polícia, o Capitão do Exército chamado Sobrinho e, na máquina de escrever, registrando os depoimentos, o Sargento do Exército Gonçalves, do Tiro de Guerra. Depois, o sargento se graduou em Odontologia em Alfenas, lecionou Educação Física por longos anos no Colégio Estadual, onde tivemos fraterna convivência.

Em certos lugares, o povo era dominado pelo frenesi da desforra. E, às vezes, o povo respondia a provocações e insultos vindos dos adversários.

Em Alfenas nada disso aconteceu. Graças ao equilíbrio e à sensatez de Paulo Leite Naves, de Capitão Sobrinho e de Sargento Gonçalves. Encaminharam com inteligência o inquérito ao Juiz de Direito, Dr. José Maria Soares, que mandou arquivá-lo.

Todos os envolvidos, tenham ou não participado de ativi-

dades políticas, deverão cultivar imensa dívida de gratidão a ser constantemente tributada à memória de Paulo Leite Naves e à de Capitão Sobrinho e, diretamente, ao Sargento Gonçalves, hoje Coronel. Com serenidade e inteligência, apesar de todos demonstrarem nervosismo naquela hora, souberam conduzir o processo sem paixão e sem ressentimento. Não se aproveitaram da situação.

Merece reverência, também, a atuação do Promotor Napoleão Esper Kalas e a do Juiz José Maria Soares. Opinou pelo arquivamento, um, e o outro decidiu favoravelmente.

O processo, décadas depois, procurado na faxina que se fazia nos documentos do fórum, não foi encontrado. Havia desaparecido. No antigo cartório de Sebastião Corrêa, apesar de seus esforços, onde repousaram os papéis, não havia mais lembranças materiais do triste episódio de 64.

Tudo isso vem de volta quando releio as “Memórias Torturadas (e alegres) de um Preso Político”, do alfenense Ildeu Manso Vieira, falecido no ano passado.

Ildeu dedica o livro à sua progenitora – Francisca Pereira Manso – “que mesmo doente e com idade avançada, não mediu sacrifícios para deixar o Estado de Minas Gerais e vir socorrer o filho injustiçado, em um momento tão difícil”. A obra tem registro de oferecimento aos irmãos, Ida, Ina, Ilma e Isnard, e aos seus filhos e esposa.

Ildeu desejava fazer lançamento da 2a. edição do livro em Alfenas. Em conjunto com a UNIFENAS. Não conseguiu. Por culpa minha. Tenho dele algumas cartas nesse sentido. Não pude ir adiante pois logo fiquei sem elã, sem entusiasmo e energia e, com outros rumos, em decorrência da reavaliação que fiz depois do acidente cerebelar. E o lançamento da segunda edição não se realizou em Alfenas.

Em uma dessas cartas, Ildeu – sem me conhecer – manda

mensagem, otimista e elogiosa, referindo-se ao que realizava a UNIFENAS e às censuras e invejas que disso nasciam. Não avaliei, como deveria, a profundidade de seu julgamento. Imaginava, ingenuamente, que tinha energia para passar por cima disso tudo sem sequelas.

Em pedaço de carta particular, por acaso no original do livro que recebi dele autografado, Ildeu fala do cunhado, com carinho: “Pretendo, dentro em breve, ir a Brasília para rever a Capital e matar saudades do Mansur, desta pessoa tão marcante, deste cunhado que faz bem a tanta gente e que tanto nos angustia com sua ausência. Mana, não se esqueça do Edson Velano...”

Lembro-me de outra irmã cujo nome, no prefácio do livro dele, está grafado Ina, mas li “Inah”, em antigo álbum. Ou estou equivocado? Também não me esqueço do encontro que tive na entrada do Hospital com dona Ida, se não me engano viúva de Luppi, o escultor e artista. Há pouco tempo estive com Ina, ou Inah, e tentei repetir o perfil de seu passado como ex-funcionária da firma Engel.

Quando, por meio de Tancredo Neves, o MDB virou o país, a fama de “direitista” teve que ser desvendada em todos os casos que surgiam. Em um, Feliciano Libânio da Silveira – o Sanico – questionado porque havia assinado documento, disse raivoso e repetiu bem alto ao seu inquiridor, fazendo-o calar-se: “Falta eu ainda assinar como Provedor da Santa Casa e Presidente do Clube XV: assinei só como Presidente do MDB...” O ano era de 1978.

A Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas não estimulou rancores e nem aproveitamento das circunstâncias militares de 64.

Entendia o povo, de modo geral, que os “comunistas” viariam comer, mastigar as criancinhas. Era entendimento simbólico de muita gente boa e esclarecida. Se houvesse titubeio

dessas autoridades de Alfenas, haveria, se não a tragédia de Álvares de Azevedo, “feridas e chagas abertas, no cárcere e com os golpes sofridos no vivenciar atribulado”, conforme está em seu pedaço de carta no relato de Ildeu Manso Vieira.

O mesmo Ildeu que nós, adolescentes e colegiais, não sabíamos quem era e o que pensava, mas de quem outros nos passavam a imagem de que deveria ser temido.

A atual geração – mesmo os Sem-Terra e os que pintam a cara – não tem o menor vislumbre de que era extremamente fácil destruir sonho de juventude, nos idos do movimento que começou em 64.

Não extremamente fácil como a letra da música. A correta e corajosa atuação de Paulo Leite Naves e dos outros impediu o que seria extremamente fácil.

E a história de Álvares de Azevedo continuou sendo apenas História da Literatura.

Na Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas, não houve tragédias por razões de 31 de março.

As descritas no livro de Ildeu Manso Vieira, dolorosas e injustas, não existiram por aqui, apesar de que muitos o quisessem.

Em sua “Lira dos Vinte Anos”, os versos de Álvares de Azevedo em 1856 ensinavam: “Não faça apelações para o futuro. O homem é sempre o homem”.

E ele morreu um ano depois.

“Só levo uma saudade– e dessas sombras que eu sentia velar nas noites minhas”– são da “Lira dos Vinte Anos”.

Nestas *Sombras*, levo saudades de quem conheci, de quem não conheci e de gente com quem nela não convivi... De Ildeu, de Paulo Naves, de Capitão Sobrinho, de José Maria Soares, de Napoleão Esper Kalas, de Sargento Gonçalves, de Maurício Lomonte, de Francisco Leite Vilela, de Sebastião

Corrêa.

Ildeu Manso Vieira nasceu em 1929, em Alfenas.

Nascido no Recife no mesmo ano de Ildeu Manso Vieira, lá longe, no norte, pouco ou mal conhecido como ele, Carlos Pena Filho, falecido precocemente há quatro décadas, abre assim um dos seus “Dez Sonetos Escuros”: “O quanto perco em luz, conquisto em sombras”.

O desconhecido poeta pernambucano termina o admirável poema: “Inventamos um tempo além dos dias”.

Manhãs frias, silêncios, espantos, inventar um tempo além dos dias, procurar a conquista do que poderia substituir a perda da luz.

Tudo faz parte destas “Sombras na Vila Formosa”.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

VII

Teremos condições? A primeira dúvida. Do outro lado, calmos e tranquilos, Sérgio e Nivaldo Murad não duvidavam. E partimos para a grande aventura de implantar Faculdade de Engenharia em cidade sem tradição em engenharia civil. Pensávamos: em 1914, essa preocupação não predominava em João Leão de Faria, quando Alfenas não tinha tradição nem farmacêutica, nem odontológica.

O projeto de Sérgio e Nivaldo Murad não havia prosperado em Varginha. Lá havia desentendimentos.

Nossa proposta caminhou de uma vez para o Conselho de Educação, onde tivemos apoio e ajuda dos professores Geraldo Sardinha Pinto e Francisco Teodoro da Silva.

Com ironia, diziam que o dentista aqui iria ministrar aulas de pontes, o outro dentista canais, numa alusão à tradição odontológica da cidade.

Nenhuma estrutura de engenharia para dar suporte àquele sonho que nada mais era, nada mais representava, do que papéis reunidos.

Vindos de São Carlos, da USP, os professores Ruy Carlos de Camargo Vieira e Jurandir Povinelli, da Comissão de Engenharia, manusearam aqueles papéis, viram kits de Física espalhados em mesas toscas. E muitos sonhos.

Nem restaurante apropriado, nem hotel adequado havia. Levamos os engenheiros para almoço no Yate. Lá, revelou

o prof. Ruy Vieira que era Testemunha de Jeová. Só comeu a pouca salada da mesa. A primeira frustração. A segunda foi o depoimento do motorista de táxi que foi levá-los. Instruído pelo experiente Cyrano Bornelli, o taxista procurou ouvir tudo. Contou que a Comissão revelou, na conversa, constrangimento; reconhecia sinceridade e entusiasmo em Alfenas; não nos via como empresários do ensino; fazia bom conceito e nos achava simpáticos... mas não tínhamos nada. E nessa linha elaboram seu relatório. O processo foi de lá para cá, o tempo corria, e o decreto presidencial autorizativo aos poucos ia sendo enterrado.

Em uma tarde de carnaval, Linderley Maida me procurou, já não sei mais por quê, e me encontrou diante da máquina de escrever, buscando loucamente argumentos jurídicos para serem costurados em petição que justificasse a criação legítima do curso, que seria remetida a alguma autoridade. Não tínhamos nada e dizíamos que tínhamos tudo.

Era grande em demasia nossa afeição pela terra natal. No entanto, para ficar livre disso tudo, bastava que nossa energia fosse dirigida para conquistar cargo público, estável, bem remunerado. Porém, em tarde de carnaval que vai longe, nada disso era levado em conta e se tentava redigir documento para convencer os governantes, em Brasília, de que havia condições para que Alfenas possuísse Faculdade de Engenharia.

Em certo enterro, recebo telegrama do Ministro Jarbas Passarinho.

Desesperado, dois dias antes telegrafara ao Ministro pedindo audiência, nem que fosse seu último ato. Queria a autorização do curso de Engenharia Civil. E fui recebido, no seu último dia de exercício, nas suas últimas horas como Ministro, por Jarbas Passarinho.

Há dois anos, o ex-ministro telefonou pedindo bolsa de

estudos. Quis lhe lembrar o encontro. Quando o ex-ministro pensou e falou que se recordava de Lavras e do que havia feito para ajudar a ESAL, desisti. Estava trocando o nome das cidades, não tinha recordações de Alfenas. A lembrança daquele encontro no dia final de governo ficaria só comigo.

Jarbas Passarinho, naquela tarde, ouviu-me rapidamente. Quando disse que a Comissão de Engenharia havia se manifestado contra, o então Ministro, sem situar com exatidão o que se passava e sem conhecer o processo, leu o documento que eu trazia, onde citava discurso seu. Leu em voz alta o trecho transcrito. Começava assim: “É leviano...” Pareceu contente com isso. Perguntou qual fora a fonte. Depois, respondeu, com princípio de cólera, que qualquer decisão de Comissões, deveria ser aprovada por ele. Não havia homologado a decisão da Comissão. Despachou meu pedido (tenho o documento até hoje) e saí pelos corredores do MEC, batendo em todas as portas, entrando em todas as salas, na vã tentativa de que o Decreto fosse assinado. Decreto, hoje? Nem pensar. A irmã do Ministro esfriou minha sofreguidão.

Alguns meses depois, no rádio do carro, eu e Gilberto de Souza Filho ouvimos (porque estávamos esperando) a Voz do Brasil noticiar que o Presidente da República autorizara o curso de Engenharia Civil para Alfenas. Fomos até o bar de Luiz Gonzaga de Carvalho, o Luiz Pipoca, e todo seu estoque de foguetes anunciou a todos o que pensávamos ser uma conquista. Quase uma hora de foguetes.

Sérgio Murad dirigia a Faculdade, pois era professor de Psicologia do Trabalho. Diversos políticos foram paraninfos, como Aureliano Chaves, o primeiro, e Itamar Franco. Sem nenhuma interferência e nem palpite nosso. Os formandos não nos perguntavam quem deveria ser.

Quando a Faculdade de Engenharia Civil concedeu título de Doutor Honoris Causa ao engenheiro e Governador Au-

reliano Chaves, o cerimonial só permitiu que fosse durante o almoço, no Clube XV. Ficou a triste lembrança do meu discurso e das garfadas do homenageado e dos convidados, eu tentando imaginar que o ruído daquelas bocas e daqueles dentes mastigando eram aplausos ao que estava penosamente sendo dito. Foi um dos maiores momentos de humilhação, tudo para que a Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas pudesse ter, um dia, uma Universidade.

A UNIFENAS começou pelo caminho mais difícil com o curso de Engenharia Civil. Ao longo, incompreensões e descrenças. Greves e crises. E sucessos e conquistas. Havia força que nascia de dentro do peito e nos fazia fortes, como escreveu São Paulo: quando estou fraco, é então que estou forte. O curso teve pujança. Já possuiu 800 alunos matriculados. Conseguiu marcar várias gerações.

Na mesma época, outras cidades da região instalaram o mesmo curso.

Sempre houve essa hostilidade externa que, algumas vezes, se soma à hostilidade interna.

Agora, quando o curso está, por diversas circunstâncias e pelos mais variados motivos, em estado de stand by, será preciso evocar que houve coragem e destemor na sua fundação. Não houve irresponsabilidade.

Plantou-se árvore onde a terra era seca e não havia água para ser regada. Foi gesto de bravura. Como no velho filme *Beau Geste*.

Nos idos dos anos 70, na Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas, foi instalado curso de Engenharia Civil em cidade que não havia sequer um engenheiro civil.

No entanto, todos os ventos que sopravam buscando atingi-la pereceram e murcharam.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

VIII

“A verdade, a verdade, é que sou um homem da minha idade”, o “haikai” de Millor Fernandes. Diante da mesa, a garotinha, no exame oral, conta que tinha vindo de Guapé. Descreve a viagem de ônibus, o deslocamento. O jovem professor atenta, com estupor, para o vocabulário e a precisa linguagem oral no exame de admissão de Mirtes Helena Pereira. “Professor, hoje aprendemos as funções do “que”. Faz simultaneamente dois cursos. E o jovem professor volta-se humildemente para suas redações, um tanto em dúvida sobre se lembra dessas funções e se deve acentuar, para aqueles adolescentes, as funções do “que” ou o estímulo para escritas onde o “que” aparece em frases criadas por eles mesmos, retratando o seu mundo e sua época. Isadora Duncan: qual o seu conceito dela e do filme, no terreno artístico? Outra pergunta, outra interrogação. Mirtes Helena Pereira se esquece desses detalhes no burburinho da redação do grande jornal diário em que trabalha em Belo Horizonte, depois de graduada em Comunicação Social. Por volta de meio-dia, Dona Alzira responde ao Dr. Roque Tamburini: “Tenho mais um filho”. E Dr. Roque sabe que, no próximo ano, ela estará aqui, como agora, pedindo bolsa de estudos. Não há colégios estaduais, não há cursos noturnos. O patrão permite ausência nas horas de aula. Deve haver compensação, “proporcionalmente”. Esta palavra – proporcionalmente – repete-se como se fosse de magia. É domingo: antes que os Correios abram,

estar à porta, com os jornais que serão distribuídos. O peso dos pacotes para o menino que ainda não tem onze anos não deve ser relevante. No fim do mês, ajuda a quitar estudos dos outros dois. Ao lado, ouvindo o jesuíta espanhol, o médico Antonio Edson Rabelo no curso de “Doutrina Social da Igreja”. Incentiva o discurso de despedida do curso. Antonio Edson Rabelo observa o conjunto da “Casa de Portugal” de São Paulo, no Jardim da Colina: aniversário, noite azul envolvente. No palco e na quadra, de terno branco, o funcionário estadual exhibe seu talento de dançarino. Sempre ao lado, o gentleman Antonio Edson Rabelo. Mal informado ou querendo exhibir autoridade, Ministro da Educação tenta e não consegue suspender os vestibulares. Antonio Edson Rabelo pessoalmente, em encontro, no começo dos anos 90, transmite contentamento pelo vestibular realizado, apesar do Ministro. No sofá, na frente, Regina Corrêa Cardoso conta da PUC em Contagem, suas tarefas, seus planos. Na sua morte prematura, sem mencionar nome, em uma das mais lindas crônicas, sua mãe Maria José Corrêa Cardoso descreve porções daquele momento: a viagem de ônibus, o companheiro da viagem, a criança inquieta, sensação seca de angústia e de espanto que só as mães que perdem a filha sabem traduzir. O sono é pesado, o trabalho de sábado foi até quase meia-noite, será preciso estar presente antes que se abram as portas dos Correios. Novamente na sala de aula, expressão oral: o garoto se entusiasma com o texto do teatrinho de sua rua. Vai longe. João Batista Cruz conta piada do texto. A vida naquele momento corre serena. No trevo de Varginha, como professor, João Batista Cruz prepara-se para ingressar no Polivalente. O carro vermelho deixará ambos diante dos atalhos da vida e do destino. É hora de repetir Fernando Pessoa: Sou feliz? Não sei. Fui-o outrora, agora. Do mesmo Fernando Pessoa, em pleno solo português, há repetição por inteiro,

antes de chegar: ao volante do chevrolet pela estrada da Sintra. Sim, esta é a estrada de Sintra. Sinto pena de ter que chegar a Sintra e não ter ficado em Lisboa. Os companheiros olham sorridentes. No caderno, na folha de papel, flui o pensamento mágico de Soloni Chagas Viana. Há profundidade e beleza nas redações. “Tens legendas pagãs nas carnes claras, e eu tenho a alma dos faunos na pupila”. Ouve-se o eco da voz do professor Wilton Cardoso citando nas suas aulas, em Belo Horizonte, o poeta Raul de Leoni, ou vem do fundo do bar de Dona Helena? “A dama branca que eu encontrei, faz tantos anos, sorriu-me em todos os desenganos”. Ah! Isso se sabe: Manoel Bandeira, mas de onde continua vindo o eco? A brincadeira dançante, os pares, os namorados. José Luiz de Souza Bruzadelli e seus amigos regateiam, tudo é levado com irresponsabilidade gostosa. O jovem professor, de cara séria, escalado, observa tudo, convida José Luiz e seus amigos para conversa de aparente segredo para fora do prédio e tranca a porta. Deixa-os todos de fora. No Hotel Caratinga, o hoje famoso cirurgião Gabriel Maciel Dias Filho pede o carro emprestado e não volta. Nas ruas de Belo Horizonte, por onde foi o Bié? Meio adormecida no sofá, Margarida Lomonte revela surpresa com a chegada, enquanto Cidinha Lomonte, lá dentro, não tem tempo para se aprontar. Não tem tempo depois dos acenos, na rua, lá em baixo. Margarida não deixa por menos: Há quanto tempo, hein!? Em uma tarde, é falado a ela, com toda doçura, a ela no leito, a vida se esvaindo: “Margarida, vamos usar os brincos, você está sem brincos!” Noite de Natal, com Márcia Vilela e Ignez Leite Vilhena, a escada do casarão. Cidinha Lomonte da janela mostra sua solidão: Margarida não mais existia. A casa, móveis antigos. A primeira vez do jantar, a conversa, o juvenzinho querendo falar como adulto. Bem de manhã, na porta de Zinica Carvalho, suas cédulas. Candidata a vereadora, Zinica entrega as

cédulas com surpresa e contentamento. Na primeira vez, deveria aparecer voto para Zinica Carvalho. No carro, o futuro médico José Marcos de Paiva Costa ouve em um sábado o “caroneiro” repetir insistentemente Carlos Souliê do Amaral: O dia vai e outro se encadeia, e este meu querer mais se liberta de gestos, palavras, outras peias, para ser apenas uma ideia. O telefone toca: é chamada do Brasil. O irmão de George Michailidis recebe dona Alzira e sua família, em seu apartamento, no bairro de Atenas. Depois, fala-se com o Brasil. Nenhum dos brasileiros, ali, naquele apartamento, sabe grego; os gregos não sabem nada da língua portuguesa. Chamam professora de inglês da menina grega que tem primas brasileiras mas não as conhece. Dona Alzira não se preocupa. Continua com sua língua e sua linguagem e identifica as semelhanças físicas com Georges Michailidis e seus parentes. A noite encobre Atenas, o irmão de George a acompanha até o hotel. Seu abraço nitidamente mostra como se estivesse abraçando seu próprio irmão. Há indisfarçável emoção. Dona Alzira percebe isso. O irmão de George sabe que nunca verá seu irmão. Lá longe, na Grécia, abraça fortemente quem mora na mesma terra de seu irmão. E tem os olhos molhados. O motorista de Joracy Camargo permite que, junto com ele, o carro da Willys, novinho, desfilasse reluzente pela praça. Todos vinham no domingo à praça. Os olhares curiosos ou cúmplices das moças contemplavam o carro, enquanto o autor de *Deus lhe pague* e dono do carro, janta com Maurício Lomonte. O moço ao lado do motorista vive seus minutos de glória. Até que o carro estacione. André Villon recebe em Santa Tereza, no Rio. Elza Gomes, sua esposa, parece envelhecida. Fatos do *Levante das Saias*. As primeiras moças que vieram na primeira leva e logo despachadas. Rodolfo Arena, este já um tanto embriagado, à procura da casa de Waldir de Luna Carneiro. Depois da estrada poeirenta, as moças da pri-

meira leva e seu banho, nudez na Gutierrez, o escândalo. Na cinelândia, André Villon manda que Rodolfo Arena regresse ao “seu Bonsucesso”. Maria Lúcia Dahal sai da casa e vai até o Recanto do Meninão. Dinorah Marzulo quis trazer sua filha Marília Pêra. Não trouxe. Para o professor, as histórias deste aprendiz. Para quem me ensinou muita coisa. No livro de Luiz Fernando Ruffato a dedicatória reaparece, viva, reluzente. Ruffato está no Jornal dos Lagos, escreve em máquina de escrever. Teria ali imaginado *Histórias de Remorsos e Rancores*, o seu livro? Ruffato agora é do Jornal da Tarde, dirige a redação. O que teria sido ensinado de tão bom para Luiz Ruffato, meu Deus!? É festa de quinze anos: a menina-moça se prepara para a noite. Alaor de Carvalho Moura enfrenta a torpeza: “Então você faz parte da turma dos puxa-sacos?” E a resposta à indagação cretina veio rápida: “Então você faz parte da turma dos despeitados?” No sonho, há copos e pratos, estranhamente todos comem no mesmo prato e bebem no mesmo copo. São estranhos... Por que fazem assim? As garfadas ensaiadas e juntas, o álcool de uísque e cerveja no mesmo copo... Por que fazem assim? E por quanto tempo comerão no mesmo prato e beberão do mesmo copo? No mesmo sonho, Deus se torna bandoleiro de repente. Não mais do que de repente. À porta, sentado, em um recanto de Minas, a dor no peito, a angina se insinuando depois da caminhada na rua montanhosa, o funcionário preocupado. Voltarei ainda hoje? Vim no mesmo carro: que vou fazer? Dona Ângela Leão responde: “Os Maias” são obra de transição. Lá de cima pode-se ver chegando. A célebre professora da Faculdade de Letras da UFMG. Lembra que em romeno se diz regele. É rei. Londres, a neve pela primeira vez cai no ano e na vida de muita gente. Dona Alzira, como todos, correm para a rua. Para ver a neve. Para sentir a neve. No telefone, conta: “Meu casaco ficou branquinho de neve”.

A taverna portuguesa, fados, tocadores de violões de sete cordas com paletó e gravata, cantoras com xale. O caldo com feijão parece comida brasileira. E o fado português conta histórias tristes de amor e desencontros. Dona Alzira se entusiasma: “Aqui entendo o que falam”. Parecem-lhe estranhos os lugares santos: Jerusalém, tu que matas os profetas e apedrejas aqueles que te são enviados. E Jerusalém não comove tanto Dona Alzira. Mas não lhe fez perder a fé: “Aqui tudo é muito escuro”. É a sentença com que Dona Alzira define Jerusalém. Não é admissível que um profeta morra fora de Jerusalém: a frase é de São Lucas. “Tu me criaste como sou, e teus desígnios são impenetráveis”. Sartre, neste romance, usando a técnica de simultaneidade desenvolvida pelo escritor americano John dos Passos na sua trilogia. Agora imitada pobremente nestas *Sombras*. Tudo descrito com simultaneidade, fora do espaço e do tempo, desordenado, aparentemente sem lógica como queria com sua técnica John dos Passos.

Não há dúvida, não há dúvida, será preciso repetir o “haikai” de Millor Fernandes: “A verdade, a verdade, é que sou um homem da minha idade”.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

IX

Existem escritores que têm histórias para contar, outros para escrever. Eu me enquadro no segundo caso. O jornal transcreve palavras do Secretário de Redação do Jornal da Tarde. Luiz Fernando Rufatto acaba de ganhar menção honrosa do Prêmio “Casa das Américas”. Na Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas faz prévia, durante algum tempo, no Jornal dos Lagos, do que realizaria mais tarde no Jornal da Tarde. No “Rancho”, onde já tiveram tantos, naquela noite, está silencioso, contempla-se com Frederico, o Frederica, as águas caindo, a quietude da roça. Chamo Frederica de lado e sussurro: “Olhe, se houver no futuro alguma divergência, não me transforme de Deus em demônio”. E partimos para comer pão de queijo e tomar cerveja. Ficou no coração. Como tantas coisas moram no coração e na memória, há tênue lembrança de que alguém de Lisboa telefona numa tarde de sábado. A esposa atende: não acredita que é de Lisboa nem no nome de quem está ao telefone. Naquela época, telefonema de Lisboa!... No gabinete palaciano, Aureliano Chaves, governador, recebe pedido: a terraplenagem do terreno do câmpus pelo DER. Juntos, Sérgio Murad e o primo do Governador, o correto e simpático aluno Marcelo Chaves Garcia. O DER não faz a terraplenagem. O governador envia jogo de camisas esportivas atendendo a uma reivindicação de seu primo, espécie de prêmio de consolação. A Diretoria regional do DER de Varginha ignora o despacho

do Governador. Não sei se este era para ser cumprido. Então veio a ousadia de adquirir sem dinheiro trator de esteira e efetuar a terraplenagem do terreno. Aureliano Chaves, no entendimento de tantos, era sócio da UNIFENAS. Não se entendia o crescimento florescente da UNIFENAS sem sócio forte, amparo, recursos: ninguém mais indicado do que Aureliano Chaves. A credibilidade da gerência eficiente e a força da inteligência não convenciam. Só se for sócio no pedido de bolsas de estudo, respondia. E muitos não acreditavam. Numa rua, em Poços de Caldas, Arnaldo Nannetti confidencia, meio indignado, meio surpreso: “Não é que uma pessoa de Alfenas afirma que você está ganhando rios de dinheiro?!” Eram os anos 80: Arnaldo Nannetti embarcaria de manhã para Roma e podia imaginar com sua perspicácia o que era resistir bravamente aos Planos Cruzados e Bresser e ao inverno do descontentamento povoando a cabeça dessas pessoas. Quando havia encontros com o Governador, este lembrava-se: “Olhe, não me esqueci da terraplenagem”. “Já está pronta e feita, Governador.” Aureliano, Vice-presidente da República: o decreto demorava a ser publicado; não se podia afirmar com certeza que sairia a Odontologia. A secretária de Aureliano ouve ao telefone o desabafo: “Só quero saber se o Decreto de Odontologia vai ser assinado ou não! Qualquer que seja a resposta, diga ao Vice-presidente que quero uma resposta!” Falava com acentuada indignação, cansado de ir a Brasília, de lutar. O Vice-presidente sempre confundiu os pleitos: pensou que fosse pedido da EFOA. Telefona mais tarde, solícito: O Presidente da República acaba de me telefonar – disse – informando ter assinado o Decreto. “Não poderia deixar de cerrar fileiras com a tradicional EFOA, uma das primeiras escolas...”. O “sócio” Aureliano Chaves atuava na “sociedade”. Logo no começo, Idarce Esteves comentava, dando certa razão a quem reclamava: “Melhor seria uma

escola de datilografia, minha filha, com datilografia, teria emprego”. Não havia consciência plena – como não há ainda para alguns – da importância do projeto da UNIFENAS. Com essa importância será possível contar durante mais algum tempo com a presença e o trabalho de Luiz Fernando Rufatto. O gerenciamento que ofusca a tantos, a inteligência que alguns pretendem que se confunda com esperteza, prevaleceram. Arnaldo Nanetti continuou pelas ruas de Poços de Caldas sabendo que iria deixar secos os rios mencionados na conversa irresponsável que tivera e, sabendo mais, que a torpeza para alguns não tinha limites. Quando a jornalista mandou telefonar, domingo, depois do almoço, precisava de ajuda e de um carro para levá-la até sua terra. A irmã, em um acidente, se incendiara. Muito tempo depois de ter saído, a mesma jornalista propôs ação trabalhista. Não sei se encerro a breve descrição do talento e da retidão de caráter de Rufatto, se com Chico Buarque ou com Manuel Bandeira. “Estava à toa na vida” – começa a canção, e diz o poema: “Andorinha lá fora está dizendo: - ‘Passei o dia à toa, à toa!’ Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste! Passei a vida à toa, à toa...”

“Ontem, amanhã, a vida inteira, teu nome será para nós, Manuel, bandeira”, resume Carlos Drummond de Andrade. Nem de longe pensar que Rufatto é como as andorinhas do poeta pernambucano. No entanto, alguns, no rio, na lua cheia ou minguante, podem cantar: “Passei a vida à toa, à toa...”

SOMBRAS DA VILA FORMOSA

X

O salão é o mesmo. Noite de sábado, Odete Ferreira Leite combina telefonema. “Por que hoje é sábado?”, respondo, mentalmente, não a Vinicius de Moraes. Hoje, Ida Vieira Luppi não se importa se é sábado e vai autografar seu livro. No mesmo instante, vejo dona Helena Ribeiro declamar. O baile das debutantes é cenário onde desfilam as mocinhas ensaiadas por dona Odete. Outra vez dona Odete organiza e estou em outro baile. Um nome: Índia de Eurídice. Quem não se lembra desse nome? A Rainha das Rosas. No júri, o rapaz circunspecto contempla o caminhar das concorrentes e dá o voto para a estudante de Odontologia Índia de Eurídice. Ou para outra? Dona Helena Ribeiro, naquele local, assiste à formatura do filho Ênio em Medicina Veterinária. Sente-se consternada, não passa bem. Francisco Leite Vilela comunica com gentileza: “Você não pode ficar no Clube: não é sócio”. Então o rapaz desce as escadas, carregando humilhação e descontentamento, deixando para trás neste salão os bailarinos da perdida noite de sábado, empoeirada no tempo. O salão é o mesmo, há muitos conhecidos que se aproximam. Consuelo Totti, Lourdes Esteves, Antonio Baisi, José Ângelo Aprelini. O bolero vem na voz de Gregório Barrios. Dona Helena Ribeiro se aproxima do cantor. “Que murmurem, não me importa que murmurem!” Gregório Barrios inunda o salão com voz poderosa. Interrompe o Baile da Saudade Francisco Petrônio: acidente de carro, morte

na rodovia, a cidade para, a noite para, a vida parece parar. Chega Ignez Leite Vilhena. Conversa agradável, otimista, Ignez, com seus olhos verdes, transmite tranquilidade. De longe vai aceno para Milza Vilhena Michailidis. De paramento, com roupas púrpuras, Padre Ângelo recita orações e lê o Evangelho. Posse de novos membros do Conselho de Curadores, do Vice-diretor da Faculdade de Ciências Médicas, as invocações permanentes para Deus. No começo, na instalação desta Universidade, as meninas Larissa e Viviane leem cartas de São Paulo. O recinto é o mesmo, tudo é aqui. Nomes são lembrados na inauguração, pessoas que em épocas recentes ou atuais tiveram ou têm atuação marcante na cidade: o médico Emílio Soares da Silveira, Janira Furtado, Yolanda Dias, Yvone Martins, Francisca Moura Leite. Cantos sertanejos e música clássica se alternam, Fafá de Belém cantando no disco o Hino Nacional, depois a carta do General Flammarion Pinto de Campos protestando contra a maneira da apresentação do símbolo que não deveria ser com a cantora, mas na forma da lei. No fundo João Batista Magalhães, Diretor da EFOA: consigo vê-lo. O final emocionado do discurso do Reitor, proclamando que aquela festa pertencia à Dona Alzira, era só dela. O Grupo Escolar “Minas Gerais” reaparece com todo seu esplendor, trazendo as minudências do passado perdido porque se aproxima a professora Anália Franco Landre. Quando termina de apagar o quadro, dona Anália enxuga as mãos batendo uma na outra, os alunos acompanham esse gesto sempre. Ficou na memória. Dona Anália segue a turma até ao terceiro ano. Termina a aula. A Diretora avisa que o orador do Grupo, na festa na Igreja, vai ter que usar roupa especial, paletó. O garotinho estremece em silêncio. Como fará, com que dinheiro? Dona Aparecida Silveira, professora do Grupo, em nossa casa na rua Tiradentes. Que faz aqui? Dona Aparecida discretamente explica que

o Grupo dá a roupa, o aluno não deve ficar sabendo. Mas a família conta. Em agosto, naquele Grupo, a Diretora Maria Amélia do Prado, a Dona Mariinha, entra na sala e a criança escuta: Dona Olga, Getúlio se suicidou. Dona Olga Jacinto D'Anunciação revela espanto. Na sala, meninos e meninas do primário deixam de aprender inesquecíveis lições de dona Olga Jacinto d'Anunciação. Dispensados, ouvem pelo rádio o Repórter Esso com Heron Domingues informando o que se passa no Rio de Janeiro, tão distante. Os meninos não sabiam ao certo porque o Presidente atirara no próprio peito. No Museu do Palácio do Catete, na paisagem lunar, mostro a bala que matou Getúlio, o pijama, a roupa usada na noite final. Mostro para Luiz do Prado Ramos a mesa dos Ministros, a mesa da última reunião. No Grupo “Minas Gerais” percebo certo descontentamento. A Diretora e a Professora se esquivam de explicar o que houve, desconversam. Os braços da inveja começavam ser levantados: “Por que deve ser sempre ele o diretor?” Eleições para diretor do jornal interno do Grupo, mimeografado. Dona Olga se aborrece, mas, elegantemente, não se envolve. Chego perto do aluno chamado Gilberto, que mais tarde seria mecânico profissional. No auditório todos os alunos do Grupo reunidos. Peço ao Gilberto, por intuição, que sua turma vote na minha recondução. E assim foi feito. Por grande maioria. Gilberto, cujo sobrenome esqueço, exerce inegável liderança. E sua turma vota em peso. Sumiu... Por onde andarão? Dona Olga retorna à classe tranquila. Em outro instante o menino pensa que o mundo gira, tudo escurece, desconforto, tonturas. Dona Mariinha no pátio, com apito, comanda exercícios de educação física. O menino se volta para trás e pede socorro a Ernani. Na sala, Dona Mariinha carrega nos ombros o aluno meio desmaiado: “É fome”, ouve-se voz ao longe. Neste sábado, agora, que se passa? Devo relatar memórias, o presente está

vivo neste salão do Clube XV. Nas mesas, revelam que não vario. Mesmo com o lampião apagado, a vida torna-se iluminada: verso de Ida Vieira Luppi lido naquela noite. “Hoje ando devagar porque sofri demais”. São escritos dela. De perto, Gessy Viana e seu esposo mostram a todos a felicidade dos que se casaram há pouco e dedicaram tanto amor ao longo da vida. No mesmo salão, baile dos ginásianos. Na última hora, no último dia, acertos financeiros com o dentista José Netto, presidente da Comissão, agora para participar da valsa de formatura. Leila Maria Dias aceita convite para completar o par. Música de Strauss. Encanto do adolescente. Chega o famoso cantor Roberto Carlos: Leila Maria Dias quer convite. Com prazer, entrego-o como se fosse contrapartida daquela improvisada valsa. Diante de Ida Vieira Luppi, todos estão contentes; ouço Isnard Manso Vieira pela primeira vez na vida. Anuncia a noite de autógrafos da irmã, diz que veio do Rio especialmente para isso, informa a chegada do prefaciador Waldir de Luna Carneiro. Aplausos. Sempre o admiro e nunca tenho chance de falar com ele. Durante anos, toda segunda-feira, grudo a velha etiqueta com a cola, nome e endereço de Isnard Manso Vieira, assinante do jornal em que trabalho. Pronta para participar do Coral, Iná, sua irmã, esboça resíduos que ficaram dos anos em que trabalhou ao lado de Wanda. O Coral tem sons comandados por Ester Rosa. Ela, diante do órgão da igreja, ensaiando. O vigário: Padre Padre Digenouts. Ester ensaiando, ensaiando. Mais gente da minha terra. Zuleide Vieira Cunha vem até à mesa e fala sobre o sobrinho, Médico Veterinário e sua clínica em Uberlândia. Longe, no tempo, os ensaios para dançar nas tardes de domingo. Os que se formam no ginásio aprendem ali semanalmente os passos da dança com as moças que se dispõem a ensiná-los. Reinam nas tardes Eveline Silveira Pinto e Marilene Madeira. Os menos abastados, mais tímidos,

preferem aprender com Ieda Piazzlunga, que não recusa ninguém, porém, se procuram outras moças, elas também vão. Discos de Waldir Calmon repetidos e sempre pedidos. Neste mesmo salão, Helenice Sacksida Pinto e Célia de Deus exibem troféus de Rainha e Princesa do Tiro de Guerra. E quem, a outra? Ah, Valda Boeri. Agora sim, o trio completo. Paraninfo dos colegiais, Sebastião Paes de Almeida – o rei do vidro no Brasil – pede ao senhor Jaime Santos que lhe empreste cheque para o rapaz quitar a Orquestra. O rapaz não tem nada nos bolsos ou nas mãos. Parece que o Rei do Vidro, também, não tem nada nos bolsos nem nas mãos. O discurso de formando direcionado a Sebastião Paes de Almeida impressiona: os pés que caminhavam em Estrela do Sul hoje caminham pelo mundo. Estrela do Sul, cidade onde nascera Paes de Almeida, chamado pela UDN de Tião Medonho, alusão ao famoso e célebre assaltante daqueles anos. O rapaz com o amigo assinam contrato com a orquestra de São Paulo. Não se sabe se vem Sebastião Paes de Almeida nem se vai pagar a orquestra. Tendo vindo, o rapaz não se intimida e pede ao paraninfo. Ele concorda. O senhor Jaime Santos atende ao paraninfo e entrega o cheque emprestado. Neste mesmo salão, a orquestra toca no baile dos colegiais: a confiança de que tudo daria certo sobrepuja a insensatez juvenil. Nas paredes do meu quarto, o retrato usa uma linguagem sutil: observando-se as rugas do rosto, percebe-se quantas vezes o fitei. Outra vez Ida Vieira Luppi ensina que “as fotos estão dizendo algo”. O que há no salão além do passado? Tudo ali era o presente, verdade que os rostos mostram: o tempo e os contratempos. No entanto, todos respiram e entendem o futuro como alguma coisa que virá com beleza, com certeza. *Carpe diem?* Não: a atmosfera do transitório pelo transitório não predomina. O velho retrato mostra, na Aparecida do Norte, dona Lourdes Libânio Costa com com-

panheira de criação. Dona Lourdes Libânio Costa gosta de conversar com poucas pessoas. Ela e Dona Alzira Velano em longo bate-papo na esquina. Dona Lourdes também não saía. Vejo-a no salão, na inauguração da Faculdade de Arquitetura, prestigiando seu filho homenageado, o arquiteto Mauro Paulino da Costa. Observando tudo, dona Lourdes confidencia, todas as vezes, que nutre admiração e carinho para com o filho de Dona Alzira. É sua maior defensora, informa uma de suas filhas. No centenário da cidade canta Carlos Galhardo. Ajudo Onofre Lacerda a subir ao palco. A seu pedido, transmito a Carlos Galhardo o que ele pretende. É aniversário de casamento de Onofre Lacerda. A multidão enche a praça. Então Carlos Galhardo inicia: “Beijando teus lindos cabelos, que a neve do tempo marcou”. E Onofre Lacerda volta, feliz, para a esposa. Não, não foi neste salão que aconteceu, foi na praça.... Na portaria, Saverio Maida. O garotinho espera, espera. Então o porteiro deixa sempre que ele veja o final das matinês carnavalescas quando meninos e meninas dançam e pulam num mundo diferente daquele vivido por ele. A Câmara Municipal considera Mário Paccini, diretor do Banco do Brasil, cidadão honorário. O assessor demonstra preocupação com o discurso da noite: com certeza, o Diretor do Banco deve ter ouvido saudações longas e repetitivas nas câmaras por onde passou. Procuro o senhor Jaime Santos. Companheiro de Paccini em Manhuaçu, ele trabalhando com café e o outro, já no Banco do Brasil. À noite, na frente de Pacini fumando tranquilamente seu cachimbo, em vez de eu repetir elogios banais, ele escuta com indisfarçável prazer lembranças de Manhuaçu, repassadas antes ao orador por Jaime Santos. Recordo no discurso Vicente Pizzeli, pessoas e cenários da mocidade de ambos em Manhuaçu. Paccini e Jaime Santos voltam aos tempos idos, estão felizes. Sim, mas não foi neste salão. Ou foi? Nas calçadas da cidade surge

como relâmpago o garoto louro, cabelos encaracolados. Novamente o livro de Ida Vieira Luppi, a lembrança de Brasília com Alaor de Carvalho Moura, rádio do restaurante barato espalha a música de Roberto Carlos: “Debaixo dos caracóis dos teus cabelos”. No mesmo e modesto quarto, junto com Alaor de Carvalho Moura, os períodos em Brasília: mais estudo, mais aprendizagem. Novamente o indisfarçável inconformismo tenta dissimular a inveja: “Então vocês estão fazendo cursos de férias! Isso será que vale?” Que diriam hoje esses infelizes sobre o ensino a distância?! Na avenida W-3, para carro do último modelo com gente de Alfenas. Conversamos. Contemplo o carro. No mesmo salão os meninos do Grupo Escolar “Minas Gerais” se enfileiram quase à moda militar para receber o diploma primário. Em que gaveta está esquecido este diploma? Lá está dona Olga Jacinto d’Anunciação: muitas gerações adquirem perfil cultural e usufruem da sapiência dessa extraordinária professora. O orador da turma deve falar de cor: não fica bem ler. Ele, tantas vezes, já falou de cor: tem facilidade para decorar. No final do discurso, o orador permite que a emoção o domine. Não termina, fica desmemoriado, consternado, a emoção o invade, chora, o paraninfo Paulo Silveira levanta-se para consolá-lo. Percebe-se algum fundo de decepção em seus familiares. Ninguém entende, mas não dizem: “Menino repete de cor tão bem tantas páginas e, na última página, fica emocionado!” Baile do Centenário: Maria Barroso faz questão de ir, sorri bem alto, explode em seu coração os 100 anos de Alfenas. Tânia Lomonte usa vestido vermelho e também vai. A cidade encerra os seus 100 anos aqui mesmo, neste local. Ninguém menciona os 100 anos de Solidão, ninguém conhece Garcia Marques. O culto e inteligente advogado Geraldo Cardoso ensina José Marti nas suas aulas de espanhol: “Cultivo la rosa blanca, en julio como en enero, para el amico

sincero, que me dá su mano franca, y para el cruel que me arranca, el corazón com que vivo, cardo ni urtiga cultivo, cultivo la rosa blanca”. A menina Elcinéa aprendeu com o pai: o v em espanhol soa como b. Alguém murmura baixinho: “Mamãe não avisou se vinha; se ela vier, mando matar uma galinha”. É do “Inútil Luar”, sei disso. Em baixo do salão (ou seria no Cine Alfenas?) o creminho de outra dona Helena, raramente comprado quando o dinheiro aparecia, somente desejado. “Foi para vós que ontem colhi, senhora, este ramo de flores que ora envio. Não no houvesse colhido, o vento e o frio te-las-iam crestado antes da aurora”. Foi no bar, aqui em baixo, que ouvi essa paráfrase de Ronsard. Hoje, Odete Ferreira Leite, assistindo a dona Ida assinar as dedicatórias do Lampejo. Bem distanciado, o garoto ouve no mesmo bar Dona Helena Ribeiro declamar soneto do pai dela: “Por que não fazer de um canhão um sino, sonoro, claro, cristalino, na torre de uma igreja a badalar!?” O filme mostra confortável asilo norte-americano: na sala alguns hóspedes choram porque têm que dormir, e essas horas de sono, entendem-nas roubadas das suas vidas: querem viver acordados todas as horas e segundos... No mesmo salão, os convidados se voltam para o momento presente: ninguém se lamenta porque ninguém tem dúvida de que a porta que os aguarda não traz nada de desagradável na espreita. A entrada para o amanhã não atemoriza ninguém. A vida é simples e sem complicações. Ver estrelinhas coloridas trazendo mensagem de amor na estrada da vida, ensina Ida Vieira Lupi. No salão, somente eu, com os meus fantasmas e meu passado E as minhas lembranças.. “No tempo em que festejavam o dia de meus anos eu era feliz e ninguém estava morto”, desabafa Fernando Pessoa. Vontade de comer o passado como pão de fome, sem tempo de ter manteiga nos dentes: imagino-o caminhando pelas ruas de Lisboa ou sua estátua no passeio que vejo e

toco quando vou a Lisboa junto com tanta gente que nunca ouviu falar em Fernando Pessoa. No mesmo salão do Clube XV, na Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas, na noite em que Ida Vieira Luppi lança seu lampejo, dando a todos lição de que vidas amargas não passam apenas de filme com James Dean, eu tenho vontade de comer o passado como pão de fome, sem tempo de ter manteiga nos dentes....

SOMBRAS DA VILA FORMOSA

XI

Grilhão de ferro, pesado, com que se mantinham presos os escravos. Como, por que ensina assim o dicionário?! O corpo repousando na Igreja dos Aflitos é do Mário Vira-mundo! Sempre entendi que o povo assim o chamava pelas suas andanças pelo mundo, da mesma maneira como tratavam seu pai. Ali informam que seu pai era cigano. Na rua, Mário Vira-mundo irradia, numa lata velha, hipotético jogo do Palmeiras e sempre Oberdan, como goleiro, defende na sua narrativa, à moda dos locutores, qualquer chute, de onde viesse a bola. Essa mesma bola que na sua linguagem é tratada como pelota. Os meninos da rua Tiradentes não sabem que pelota, palavra muito comum dos locutores esportivos da época, é bola pequena, e nem têm noção de que a pelada em frente da estação ferroviária, perto da rua de baixo, onde jogam, vem de pela, pelota. Isso não é importante. O fundamental é que vem o Mário Vira-mundo sempre irradiando o jogo do Palmeiras, sempre Oberdan defendendo as redes... E eu nunca imagino nem concilio seu nome como grilhão de ferro, pesado. As antigas lições ressurgem: houve esquecimento etimológico ou predominou a etimologia popular? Todas as vezes que chega o Vira-mundo, com sua miséria e sua pobreza, os meninos fazem direta associação com paragens distantes, locais ermos e imaginários, lugares por onde ele teria passado na sua vida fugidia e descompromissada. Traz alegria para aqueles meninos da rua de baixo e da rua de

cima. E Vira-mundo repousa tranquilo na igreja: não há padres, não há velas, não há cerimônias, exatamente como foi sua vida... Algumas pessoas presentes comentam passagens de sua vida pobre e sem ambição, seu fascínio pelo rádio e pela televisão, nos quais ele gosta de aparecer junto com Raul Pichitelli e Guido Ribeiro. Não vejo e nem ouço, na tarde de junho, os meninos da rua senão os do bairro Santos Reis, antigamente bairro dos Aflitos. Ninguém está aflito: o bairro, os homens e as mulheres contemplam o morto com tranquilidade; o morto está tranquilo, todos estão tranquilos e sossegados. Na saída do caixão, nas escadas da igreja, o dia acaba, alguma coisa distante acaba. Olho para o horizonte, e eis que vêm, na tarde de junho, os escritos de Antonio Tibúrcio: “Olho os lados do nascente, nuvens brancas sobre a serra”. O clarão vindo de longe é de Antonio Tibúrcio, os versos são dele, mas onde estarão os meninos da rua de baixo e os meninos da rua de cima?! As peladas são animadas, os grupos se formam, os meninos das duas ruas reduzem seu universo àquele território. Na rua de cima é noite, o menino ainda não dorme, aguarda a canção e ela chega na hora de sempre. Vindo do posto de gasolina do senhor José Macedo, Ronaldo “Coelho” Ferreira passa debaixo da janela cantando. Mora quase em frente. Todas as noites, na sua volta, sua voz enche o silêncio da rua Tiradentes. Dorme sua tia Maria Paulino, dorme o vizinho Gentil Pereira Dias, dorme sozinho o velho Florentino José Ribeiro, e a música de Ronaldo “Coelho” Ferreira embala o sono dos que dormem; só o menino espera, todas as noites, sem ressonar, no quarto coletivo, ouvir a canção de Ronaldo para depois dormir. E seu Astolfo Lemes, estaria também ouvindo? Sua esposa, Dona Ordália, já se recolheu. Dona Chiquinha Ávila está na roça. Casa fechada, o menino pode ouvir a melodia na noite imensa e pensa estar sozinho. “Viver longe é ter latente castigo no coração, e

ter o corpo presente, e alma na imensidão”. Sim, é de autoria de Antonio Tibúrcio. Mas não se dorme longe. Acordam o menino: o caminhão de galinhas precisa ser carregado. Correm todos para o Silvestrinho, pai, na mesma rua Tiradentes, e vão até de madrugada na esperança de receber algum dinheiro. “Você não carregou...Como pode ter carregado? Você é tão pequeno!” O menino pensa que tudo vai desabar. Fala, pede, reclama. No fim, consegue levar alguma coisa, mais por pena, porque, sinceramente, pensam que ele nada fez. “É tão pequeno!” Na cadeira de dentista, o ainda estudante Ary Thomaz Gomes, na mesma rua Tiradentes, coloca madeira para o menino ficar mais alto. Na mesma casa de Ary Thomaz Gomes, encontro americana que não sabe português e tento por algum tempo aprender com ela alguma coisa de inglês. A menina, jovem, é de intercâmbio, pretende estudar enfermagem. Conseguiu? Na cadeira de barbeiro, Domingos Siqueira coloca madeira para ele ficar mais alto. Raspa a cabeça do menino, de dois em dois meses. No seu primeiro emprego, no seu primeiro dia, Francisco Navarro Prado coloca um caixote para que o menino tenha altura para alcançar o balcão. Ary Thomaz Gomes trata de seus dentes, nada cobra, mais uma vez pede para que abra a boca, outra vez coloca a antiga e barulhenta broca. Domingos Siqueira, o barbeiro: quem lhe pagará? É noite de setembro, o menino da rua de cima pensa que está abandonando a infância, desce pela rua Rui Barbosa para alcançar a rua Tiradentes. Na bonita casa da esquina, cheia de jardins, o senhor Astolfo Lemes morre naquela noite. Não se ouve a cantiga de Ronaldo “Coelho” Ferreira. O senhor Astolfo Lemes ampara a rua. Todos os que precisam de auxílio financeiro recorrem a ele. Tem um binóculo. Do seu alpendre, ele pode enxergar os pequenos aviões que descem no empoeirado campo de aviação. Depois do almoço, o senhor Astolfo Lemes lê, em seu

grande alpendre, os jornais. Com certeza chegam atrasados. Mas, para o menino da rua de cima, aquele costume se repetia do mesmo modo nos livros de Lima Barreto, coleção inteira disponível naquela casa velha da rua Tiradentes: *Triste Fim do Major Policarpo Quaresma*, *Clara dos Anjos*, *O Homem que sabia javanês*, e a transcrição da primeira crítica publicada por Tristão de Athayde: “Dos livros de Lima Barreto se evola um acre sabor de tédio e amargor”. Quantas vezes essas mágicas palavras são repetidas em vários contextos escolares: “evola”, “acre”, “amargor”... Mas, naquela noite de 26 de setembro, o alpendre de Astolfo Lemes revela que ele não podia mais socorrer os desamparados. Somente na casa do senhor Astolfo Lemes havia telefone na rua Tiradentes. Dona Ordália, numa visita inesperada, conta com muito jeito o telefonema vindo de Belo Horizonte. A Dama Branca do poema de Manuel Bandeira ligava-se estreitamente à refeição matinal que não vinha e à visita de dona Ordália. *E imaginai* – escreve Bandeira – *por uma noite de muito frio, a Dama Branca levou meu pai*. Dona Hélia Paiva, da mesma rua, anda levemente, vai à missa. Anos depois, pergunta à ex-vizinha sobre Fortaleza e o primeiro voo da passageira: “nunca pensei que um dia iria poder entrar num avião grande, a jato”, ouve o depoimento. “E quem te levou?” “Ah, foi o menino da rua de cima!” Em um momento bem longe no tempo, Dona Hélia Paiva interrompe seu leve andar ao ver o menino no banco da praça, já quase moço. “Eu de lá vancê de cá, ribeirão passa no meio” – diz versos que o menino-moço não conhece. As cadeiras nos passeios abrigam as donas de casa nos falários noturnos. Jiló é goleiro da rua de baixo. Miguel Ponciano e Carlos Ponciano também são dessa rua. De um lado, Joaquim Lázaro Gomes, o Seu Quim, com seu carro de praça e sua polidez. Quase em frente, João Horta, o relojoeiro, abastecendo todos com vidros de tampa de

relógio que se transformam em grandes craques e jogadores dos times de botão. Mais adiante a casa de tijolos, sem reboco, de Rosária Caroba. Do outro lado da rua de cima, mora José Barbosa Elias, leiloeiro nas festas de igreja, cercado de cartuchos, rocamboles e leitoas. Ponho meu chapéu na testa, para arrematar as coisas do leilão. É uma cantiga, e invariavelmente estou presente nesse ambiente quando canto essa música no Rancho das Cachoeiras. A casa de dona Nega Pacífico e suas histórias, o apagado letreiro da “Pensão Abranches”. Tudo na rua Tiradentes. Jorge da Lage, Paixão, Erasmo, Rosária, Rubens, João Bento, nomes pronunciados a toda hora por aqueles meninos, a fábrica de macarrão na esquina, o rapazola mais velho da rua de baixo, Linderley Maida desfilando e causando inveja e admiração pela bicicleta doada pela tia. A eletrola da vizinha, com insistência, repete: “ai, ai que saudades eu tenho da Bahia”. Todas as manhãs, a eletrola atormenta com “saudades da Bahia”: não havia outro disco. Numa noite de Natal, o menino da rua de cima acorda assustado: não há ninguém em casa e os fantasmas atormentam, implacáveis. Verdadeiros? Imaginados? Ninguém escuta os gritos porque todos estão no aniversário na casa do lado. Adélia empurra a cadeira encostada na porta e escuta o apelo de pavor do menino, mas Adélia se vai com seu tamanco sem se importar. A pelota cai no quintal de Florentino José Ribeiro. O velho empunha a bengala, colérico. Todos correm, o medo paralisa, a bengalada vem com violência sobre os meninos que não respeitam a velhice mas atinge só o que ficou paralisado pelo medo. As internas do Colégio das Irmãs fazem seu passeio nas tardes dominicais e passam pela rua Tiradentes. Nas gretas da janela, o já não tão menino espreita, quer ver as moças no seu passeio em fila, mas não quer ser visto, ou melhor, não quer que vejam onde mora. *Relíquias de Casa Velha*, o livro de Machado de Assis, é tema das reda-

ções que o menino da rua de cima propõe como alternativa para seus alunos, mas ninguém sabe que, naquele momento, a cena do filme *A Caldeira do Diabo* ressurgiu, tensa e amarga. E a rua Tiradentes acompanha ao longo dos tempos a canção de Ronaldo “Coelho” Ferreira, a imagem de Mário Vira-mundo bem distante do grilhão pesado ensinado pelo dicionário. A Vila Formosa de São José e Dolores de Alfenas traz coisas alegres e doídas da rua Tiradentes, que bem poderiam ser todas elas as que certa vez ouvi aqui mesmo, quando trouxe o coral Ars Nova: *se esta rua, se esta rua fosse minha, eu mandava ladrilhar, com pedrinhas de brilhante...*

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XII

Fotografia no câmpus, simpatia dos rapazes, quase dia inteiro dedicado a atendê-los, responder, explicar, colocar todos os sonhos no projeto bem à mostra. Tudo veem, tudo ouvem, tudo anotam, tudo fotografam. Pelo fax, chega o recorte da reportagem da revista. Quem atende ao telefone do repórter de Belo Horizonte informa sempre que o repórter não está. A Faculdade de Ciências Médicas e a minha foto na revista. O ensino da Medicina em Alfenas colocado como instrumento de lucro e de qualidade censurável. Diante do Ministro da Educação começo a expor. O Ministro, médico baiano, telefona para Edson Machado e diz que me receba. Ele ouve, lê o que trago. Percebo que não acredita muito, mas o Ministro mandou que me ouvisse... A entrevista com o Ministro é conseguida por pai de uma aluna, o qual chefiava a filial da *Manchete* em Brasília. Na viagem de ida a Brasília, pouso de emergência em Uberlândia. Se Deus está do seu lado, quem poderá ser vitorioso diante de você?, repito mentalmente a frase enquanto a pane do aviãozinho é consertada e as contas do terço são acariciadas pelos dedos nervosos. Um dia depois da criação do curso de Alfenas, o Presidente assina decreto proibindo todos, no Brasil inteiro. O Presidente recentemente havia sido paciente do Dr. Adib Jatene. Os companheiros apelidam o decreto com meu nome, editado para ir contra minha tese de que as Universidades têm autonomia para criar cursos. O decreto retira essa *autonomia*.

Em nome dela, na frente de João Amílcar Salgado, médico e presidente da Comissão que está em Alfenas, ouve de mim insistentemente a palavra autonomia. Em vão. Seu relatório se manifesta no sentido de que os alunos sejam transferidos e o curso, imediatamente fechado. Outra tese a que me agarro: defendo junto ao Ministro o ato jurídico perfeito. E o curso continua, o hospital é construído, pouco a pouco cessa a hostilidade do Conselho de Medicina, e a minha cidade ostenta esse orgulho de possuir curso de Medicina. Logo a minha cidade, na frente de tantas... Imediatamente depois, o Hospital Albert Eistein coloca pontes de safena e de mamas em quem ousou brindar sua terra com um curso de Medicina. A história desse curso, longa e para muitos não assimilável, apresenta contradições e alegrias. Ao ver o que foi feito, membro da Comissão do Dr. João Amílcar, Dr. Geraldo Corrêa se retifica publicamente. Outros, que no passado tiveram posição diferente, colocam seus filhos para estudar ou para trabalhar no curso. Fácil recrutar docentes? Fácil enfrentar Conselhos e sumidades da Medicina? Está sendo fácil diante de oposição e sempre falta de apoio interno? Fácil receber carta do Dr. Adib Jatene dizendo que ele estava cansado de dar crédito a boas intenções que nunca se realizavam? Fácil ler reportagem em revista de circulação nacional? Fácil ouvir dizer que alguns acreditam que o Hospital e o curso dão “rios de dinheiro”? Fácil controlar investimentos e gastos financeiros? Fácil ouvir ameaças de morte porque parte do terreno para o Hospital ia ser desapropriado? Fácil perceber que tantos torcem pelo insucesso de alunos no “provão” e por crise financeira irreparável? Fácil tomar conhecimento de que esses mesmos usam pessoas e veículos de comunicação, buscando o que pensam ser ponto vulnerável? Bem, lamentos não são bem-vindos. Esta Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas, há muitos anos, ouviu: “O mundo até riria da tua

inconsolável amargura”. Nada de queixas, nada de invocar méritos que nunca serão reconhecidos e aceitos na dimensão completa e que por eles mesmos podem justificar qualquer ato que tenha acontecido. Nada de reviver traições e misérias. Nada que erroneamente possa ser entendido como convite à comiseração, à pena ou à agressividade. Nada que possa ser como jactância. Nada que possa refletir o entendimento de que o curso de Medicina em Alfenas representa conquista econômica de grande valia para a cidade. Nada que tenha a pretensão de transformar pessoas em perfeitas somente por causa dessa ponte de safena, desse acidente cerebelar, desse curso! Nada que possa confundir perseverança tranquila em suportar incômodos com conformação abúlica e indolência. Nada de explicar o patrimônio pessoal diante da grandeza do patrimônio material da instituição e dos que se serviram dela. Nada de censurar os que rapidamente veem um príncipe virar sapo na sua visão... Ou convivem com príncipe sem saber que era sapo? Ou aceitam que o príncipe seja também sapo? Esta casa nasceu dos que sentem e viverá da confiança dos que sofrem. O lema do Hospital Universitário Alzira Velano continua a trajetória de seu nome: sentir, sofrer... “A vida é vã como a sombra que passa... sofre sereno e de alma sobranceira...”. Estas “Sombras” pretendem isso. Sentir, serenidade, alma sobranceira, porque a luz da verdadeira vitória nasce da paciência de cada dia.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XIII

O rádio toca *Na Estrada do Bosque*. O ferro de passar roupa, em um momento, repousa como se estivesse em pé. Suas brasas reluzem. Não é ferro elétrico. Penicilina é muito bom para a gripe. Mal sabe Maria das Dores que aquela coceira na garganta vem da penicilina que o farmacêutico veio aplicar no braço. Um bilhete vai para dona Zita Engel. Ela mora perto. O rádio encerra *Na Estrada do Bosque* e começa *Escreve-me, ou assim me condenes*. A música é ouvida com indiferença. Por que se deitou Maria das Dores? Chega dona Zita Engel, traz uma pena de ave, coloca na garganta de Maria das Dores e tenta que ela jogue fora aquela “gosma cor-de-rosa” que pouco a pouco sufoca sua garganta. No retrato, Marta Quesada mostra a turma das normalistas do Colégio das Irmãs e aponta para a figura de Maria das Dores. “Vestida de azul e branco, mostrando um sorriso franco, num rostinho encantador!” O microfone é da Rádio Cultura: a pequena voz joga nos ares a melodia de *A Normalista*. No palco, Benedito Avelino de Lima faz perguntas. Mais tarde a estrutura do mesmo programa aparece no “Show do Milhão”, de Sílvio Santos. É preciso garantir a verba para a entrada do cinema. Benedito Avelino pergunta ao auditório da Rádio Cultura da Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas e a resposta correta garante ao rapazola o cinema de domingo. Vários domingos a história se repete: o programa de “calouros”, o conjunto e os violões de Alencar Silva, Pa-

dilha, Lázaro Gerino dos Santos (o Lazico, que, todo 1º de maio, na mesma rádio falava do “Massacre de Chicago”) e de seu então cunhado Francisco Lucas, o saxofone de Coquinho, o cavaquinho de José de Oliveira, o pandeiro de Bonifácio Cabral, o banjo de Antônio Barbosa Lemos (Nico) e as perguntas ansiosamente esperadas que possibilitam, com as respostas certas, tornar realidade o filme anunciado por Camilo Neto em seu “Cine-Rádio”. Benedito Avelino de Lima exerce inegável liderança e notável capacidade de superação de uma vida rural e sem horizontes artísticos. Aprendeu a escrever, pede a sua filha que corrija sua redação, faz versos, tem programas no rádio, leva os discos, acompanha e louva as bandas de música que passam e tocam “coisas de amor”. É garante a sessão domingueira de cinema com as perguntas em seu programa de auditório. Nele desfilam os que querem cantar: rapazes e moças (e até adultos) diante do microfone da ZY0-8 entoam a música popular da época. As irmãs Pena, as irmãs Orlando, Simplício Cabral, Benedito Silvério, João Grechi. É noite, curso noturno. Maria das Dores ensina adultos, gente grande. Não sabem ler nem escrever. De noite a jovem normalista precisa de companhia, e o garoto que mal sabe ler e escrever senta-se no fundo, quase dorme. O que fazem ao redor de sua cama os médicos Gilberto de Souza e João Januário de Magalhães? A “goma cor-de-rosa” não foi expulsa por dona Zita da garganta da normalista? Por que respira com tanta dificuldade? Tantas horas se passaram, ninguém ouve mais rádio, Maria das Dores não fala com ninguém. O edema agudo de glote é mistério para todos; alergia à penicilina, outro mistério. “Homem bem vestido, sucesso garantido; homem elegante, sucesso cativante”: Wellington Venga, em outro programa de calouros da Rádio Cultura. O locutor, nos intervalos, lê a publicidade da Alfaitaria Fernandes, de Benedito Fernandes de Salles. Infantolândia: a voz de

Mirtes da Consolação Passos, de um lado, e a voz masculina de um menino, do outro, no programa idealizado pelo jovem estudante Lincoln Westin da Silveira. E Maria das Dores, na manhã, não responde aos chamados de dona Zita. Venceu-a o edema de glote, venceu-a a alergia à penicilina. A filha mais velha, com 20 anos, normalista, não mais estará nos cursos noturnos ensinando os adultos a ler e a escrever. Que tal ligar o rádio, ouvir a canção? Alguém desliga. O grito de dor se torna insuportável sem o rádio, o desespero é ouvido e penetra no fundo do coraçãozinho que imagina mas não sabe explicar direito o que está acontecendo. Sair, fugir, correr, ficar longe... Alguém o segura na rua. Por que gritam? Por que choram? No retrato, Marta Quesada conta quem são as normalistas. Estão na praça principal vendo o retrato. A dona do retrato não percebe que, do fundo, ressoam os mesmos gritos; que os mesmos choros estão presentes na memória. Benedito Avelino de Lima leva à gráfica, para ser editado como cortesia, seu livro: *Mas será o Benedito?! São versos, são histórias em forma de versos, prova de seu esforço para superar e nortear seu destino. Alguém não percebe bem a silenciosa homenagem ao estabelecer como condição que alguns exemplares fiquem na Biblioteca. Por quê? Vem a pergunta da incompreensão: Porque todas as gerações deverão saber que Benedito Avelino de Lima viveu a música e a literatura como se não fossem divorciadas dele. E isso basta. No palco, a personagem de Waldir de Luna Carneiro repete os mesmos versos do barítono: *La calunnia è un venticello...* Leyr Singi, o ator, pronuncia em bom italiano a ária de Rossini: *Incomincia a sussurare, piano, piano, terra a terra...* (a calúnia é como uma brisa, começa a sussurrar, levemente...) Na sua eletrola, Waldir de Luna Carneiro escuta a ópera de Rossini, o coro e a orquestra do Scala de Milão, regência de Jean Pierre Ponnelle e o barítono Enzo Dara cantar: A*

calúnia vai sibilando, vai rondando, vai crescendo, (“che in-sensibile suspira”, “se introduce destramente”), vai crescendo pouco a pouco, e produz uma explosão, como um tiro de canhão. No seu escritório, o médico Emílio Soares da Silveira recebe a “prova” do jornal da cidade para revisão de seu artigo. Cita Voltaire em francês: “Caluniai! Caluniai! Sempre ficará alguma coisa...”. E em bom português, o famoso médico demonstra sua erudição e o conhecimento profundo das raízes intelectuais. E libera o artigo que o garoto leva rápido para “O Alfenense”. No palco, “Os Selenitas”, o violino de Milton Singi, a voz inigualável de Geraldo Paulino Ferreira, o bandolim de José Gonçalves Pelegrin. A canção é “Balalaica”. A mesma canção que secunda o ator Al Pacino em todo o seu filme. Selenita significa “habitante da lua”, não “lunático”, mas “lunícola”. Ao anoitecer, no auditório da Rádio Cultura, Milton Singi e Geraldo Paulino Ferreira embebedam os mares e envenenam o luar. Às vezes colabora Raimundo Alves dos Santos com canções napolitanas. Enrolado em uma cama, alguém lê Carlos Drummond de Andrade: “...de tudo fica um pouco, às vezes um botão, às vezes um rato...”. De Benedito Avelino de Lima e seus músicos, fica o perfil do cidadão que venceu seu próprio destino. Do médico Emílio Soares da Silveira e de seu artigo, ficam admiração pela cultura e o manuseio impecável da língua portuguesa. Dos “Selenitas”, tantos momentos de prazer. De Maria das Dores, bem, dela ficaram várias coisas, tantos botões, tanto sufoco na garganta, tanto por dizer e o interminável e angustiante pensamento: a vida que poderia ter sido e que não foi...

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XIV

Sempre, na descida da rua Pedro Silveira, dona Eponina Silveira e Geralda estão à janela. A casa, velha e simpática, abriga no seu alto porão pessoa nunca vista e invariavelmente procurada. Ali mora Zé do Otávio. Todos informam que ele, há muitos anos, fez do porão seu refúgio e fortaleza. Dona Eponina e Geralda gostam de conversar. O rapaz para, elas indagam, opinam, comentam. Zé do Otávio nunca é visto. Falam que ele foi viajante. Há muitos anos, está recluso debaixo da casa velha. *Relíquias de Casa Velha*. É título de redação e de livro de Machado de Assis. Dona Eponina não mais existe e Geralda, na manhã de domingo, prepara salada para o estudante de Veterinária, seu amigo. “É verdade que estão preparando enterro simbólico?” Há tanta mágoa na pergunta que o rapaz da Veterinária parece assustar. E longe ficam Geralda, o estudante, o casarão, a salada de domingo, o gosto amargo na boca. Com um pouco de champanha na cabeça, o estudante José Ornelas de Melo caminha ao lado, olhando para a luz dos postes que a Prefeitura acaba de acender pela primeira vez. Lâmpadas de vapor de mercúrio nas poucas ruas e a inevitável comparação com a luz amarela que vem das outras. O avião desce em Brasília. José Ornelas de Melo agora revela e demonstra ser advogado em Belo Horizonte. Está acompanhado de comitiva de industriais. Ainda não advogado, o funcionário público prossegue sua peregrinação pelas salas das repartições dos Ministérios em

Brasília. Eram paredes tristonhas, os muros do sul de Minas. Os escritos são de Vitto Rafael dos Santos, gerente do Banco do Brasil. Por que vieram agora? Como podem conversar, o homem na sua insônia, a mulher no seu sonhar? Outra vez Vitto Rafael dos Santos. Seus jornais abandonados e folheados com sofreguidão e interesse, alguns de outros países, não se podem ler. No fundo da noite ao terreno da mesma casa onde mora Vitto Rafael dos Santos, chegam lamentos. Todos acordam. “É o guarda noturno”, falam. Os meninos correm dentro da noite. No fundo, numa casinha pequena e velha, toma veneno e morre a mulher do guarda noturno. E ele, sentado no chão, lança na noite seu desespero. Vem outra noite. Sobressalto. Sai o menino do sono, o ladrão força a porta da cozinha. Com ingenuidade, a moça bate os saltos imitando alguém que anda acordado na casa. O ladrão não se amedronta. A moça abre a janela, sacode o cobertor, sem falar, imaginando que outro guarda noturno da rua entendesse o sinal. O ladrão, irritado, lança pedra e quebra o telhado da casinha do fundo. Chega o outro guarda noturno naquela outra noite. “Perdi meu apito” – justifica. A criançada cerca o outro guarda como se dele viesse a segurança e a paz. “Perdi meu apito” – repete. Há murmúrios e interrogações tempos depois: quem poderá pensar que haverá relíquias naquela casa velha e tentará assaltá-la?! De novo Vitto Rafael dos Santos: “eram ásperas paredes, os muros do Paraná”. E continua descrevendo, em versos inspirados, sua carreira bancária, os lugares onde esteve. Na dedicatória do livro, “ao amigo Zequita”, José Barbosa da Costa. No Paraná, há formatura de Medicina; os dias são festivos. Na viagem de volta, o carro sai da estrada. O sono vem implacável. Volta o carro para a estrada. No sono agitado, vêm as queixas daquele primeiro guarda noturno, as crianças da rua vendo a mulher morta, estendida, o veneno descendo pela boca. Depois, há

conto em outro livro encontrado, lido e relido: “O Natal de Meu Guarda Noturno”. Quem o escreveu? Não sei. No Teatro Francisco Nunes, em Belo Horizonte, grupo do Paraná se apresenta no Festival de Teatro. A prosódia curitibana predomina. Fala a atriz: “Ele tomou veneno”. E todas as vogais são pronunciadas integralmente. Zé do Otávio continua imperturbável no seu porão e no seu mundo. Algumas sobrinhas aparecem muitos anos depois: querem vender a casa velha. E levar Zé do Otávio. Pela primeira vez, ele aparece de longe. Percebe-se que a sobrinha insiste na venda. A chuva tamborila no telhado da casa velha. Ah, tamborila, tamborila, o verbo aprendido ouvindo Francisco Navarro Prado. Mas a chuva não só tamborila: derruba o telhado de um quarto da casa de Eponina e Geralda. E ele, Zé do Otávio, imperturbável no porão. Dona Eponina mostra o desastre. Seus olhos pedem ajuda, mas nada fala. Não tem dinheiro para o conserto. Agora, ela está muda, morta. O treino dos “velhos” no campo do Alfenense é deixado de lado, porque naquela tarde de sábado triunfa na casa velha a relíquia da calma, do repouso: o fatigado e gasto corpo de dona Eponina expõe a todos a calma, o repouso. Será bom abandonar junto com Nilson Silva o treino para contemplar naquelas tábuas de assoalho o triunfo do repouso, da calma. Chega carta de Frederico Mendonça de Oliveira: “o leitor, que busca somente fatos e enredos, escorrega confortavelmente pelo texto, mas seguramente não terá consciência real do que está lendo. Parecerá a ele um bem organizado eixo de revelações combinando reminiscências com opiniões de quem terá vivido uma busca e uma luta cheias de acidentes”. Aqui se imita Sartre. “Nunca me julguei feliz possuidor de um talento. Nada nos bolsos e nas mãos, lancei-me por inteiro à ação para salvar-me por inteiro. Se guardo a impossível Salvação na loja dos acessórios, o que resta? Todo um homem, feito de todos os homens,

que os vale todos e a quem vale não importa”. Nada trará de volta o esplendor que ficou na relva. O filme visto várias vezes e o verso do escritor inglês. Nada trará de volta... No domingo, alguém bate na porta da rua Coronel Pedro Correia. Tão cedo! Por que batem? Perguntam de alguém. Logo saem, desconversando. O centro telefônico fica perto. “Na rodovia! Na Fernão Dias! o carro!”, soluçam explicação abafada das batidas na porta, tão cedo. Novamente a Dama Branca de Manoel Bandeira entra em cena e baila em meio ao torpor. Dona Carmen Dias e dona Yolanda Dias moram ao lado, servem refeição, a comida não quer descer. Rosarinha Costa Barbosa assume o fogão e lava os pratos. A dona da casa não pode fazê-lo. Como demonstrar à dona Carmen, à dona Yolanda e à dona Rosarinha que aqueles gestos naquelas horas tanto significaram? *Recordação da Casa dos Mortos* – parece ser de Dostoievsky. No prefácio do livro do pernambucano, não de Dostoievsky, medita Jorge Amado: “quando chega certa idade, vamos indo pela vida com os vivos, mas também com nossos mortos, aqueles que vão faltando”. O ano é de 60, Jorge Amado prefacia livro póstumo de Carlos Pena Filho. Jorge Amado ainda não tem 50 anos. Mês de agosto, Silsomar Massote Botelho e senhor Alvarenga no Bar Brasileiro. Cervejas. E a voz grave daquele homem de Coqueiral inunda o bar: “E a lágrima celeste ingênua e luminosa, sorriu, tremeu, e ficou silenciosa”. Todos admiram o declamador. Todos admiram o poeta português. A reciprocidade festiva é repetida no corredor do Conselho Estadual pelo professor Amaro Xisto de Queiroz, para que se ouça ao lado de Sebastião Mariano Franco de Carvalho o pensamento de Drummond: “Pedro Nava mudou-se de Juiz de Fora, parabéns a Pedro Nava, parabéns a Juiz de Fora”. “Passei minha mocidade debruçado nos livros”, de quem a frase? Não sei. Carlos Pena Filho, lá do Recife vem mais uma vez em socorro: “Aos

dez anos, tinha apenas um catecismo discreto. Num dia de aniversário, usou (a primeira vez) solenes calças compridas. Aos dezoito olhou pr'a trás: perdera-se todo o afeto. Olhou para a frente e viu o nada por objeto. Olhou pr'a cima e sorriu das alvas formas do teto”.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XV

O menino volta do Grupo Minas Gerais. De repente a praça deixa de ser a floresta encantada. As árvores caem. *Alma de Cangaço*, o artigo do jornal, sem citar nomes, protesta contra o projeto do Prefeito. Resposta do dono da alma de cangaço, chega a réplica. O jornal publica, sem citar nomes, o pensamento do Prefeito. No Grupo Escolar, a professora incentiva os alunos a escreverem sobre o assunto da reforma da praça. Toc, toc, toc, a composição de Alda Carvalho Moura, tenta reproduzir o som do machado cortando aquelas árvores. Os garotos não sabem bem avaliar o que se passa, não sabem o sentido das palavras usadas no artigo *Alma de Cangaço* de Tânit Faria Duarte, que escreve com o pseudônimo de A. Dei. “Agnus Dei”? “Não, Ancilla Dei”, ensina Waldir de Luna Carneiro. E todo domingo dona Tânit coloca no jornal local com esse nome – A. Dei – sua visão do mundo. Há polêmica, percebem. Tontos, sem saber para onde ir, veem a floresta da praça principal lentamente dar lugar aos contornos da nova praça, à concha acústica, à fonte luminosa. “Essa concha acústica foi construída de maneira tal...” O menino escuta absorto a descrição do estudante Walter Fileni para outras pessoas. *De maneira tal...* A expressão soa magicamente. Na próxima composição vou usar “de maneira tal”, pensa. Diana Gilda Tamburini anuncia aos assustados alunos do curso de admissão ao Ginásio: “a banca examinadora será de São Lourenço”. Ficam todos

imaginando com estupor o encontro com essa “banca examinadora de São Lourenço”. Nas aulas de língua portuguesa, dona Carmen Tamburini Orofino prende a atenção de todos. “Se eu digo assim, por exemplo... começa”, e solta joias de ensinamento da língua que deixam entusiasmado o ginásiano. Dona Carmen Tamburini Orofino também é terna e compreensiva para com aqueles adolescentes e conta histórias: “Meu filho Jorge ia prestar vestibular de Odontologia e se julgava despreparado. Eu fiz novena e oração e recorri à alma de minha irmã Hélia, e ele passou no vestibular”. Há lenda – que a família não estimula – sobre a santidade de Hélia Tamburini. Seu túmulo sempre cheio de preces, bilhetes e pedidos. Morrendo muito antes do tempo, Hélia parece ter vindo para confirmar que Deus leva mais cedo os mais puros. Dona Carmen Tamburini acompanha em várias séries os ginásianos. Desta vez ensina Ciência. Ouve do menino, que tem arrogância juvenil, o que ele tinha ouvido de outros: “Matéria é energia condensada”. Com paciência, explica a ele, em particular, que não pode usar conceitos tão avançados e linguagem tão empolada para ginásianos que não têm a felicidade de conviver com pessoas mais velhas, mais instruídas e de ter feito leituras especiais. O menino ruboriza. Dona Carmen, sem saber de nada, fornece de graça lição de humildade que o menino não vai esquecer. Dona Carmen é pontual e não falta, cumpre com rigorosa exatidão todos os compromissos e ministra com clareza e competência suas tarefas. A aula é de História. Todos os garotos olham com respeito o Dr. Antonio Marcial Faria. Ele fala sobre a descoberta do Brasil e a tese em moda: o descobrimento foi intencionalidade ou acaso? E lança a pergunta... “O silêncio da classe mais aumenta: O que é uma hipótese?” Na segunda carteira, o menino levanta a mão, fala com voz engasgada, que não disfarça sua vaidade, ao responder à pergunta: É uma suposição. Dona

Zizinha Magnin lança o desafio. Os 200 verbos franceses. E semanalmente passam aqueles ginásianos pela maratona. Na disputa final, empatados com o menino, Wanderley Carlos Manso e Paulo Bento Corrêa Cardoso. Sorteio. O desapontamento indisfarçável de quem perdeu, o grosso caderno que a competente e querida professora inventa, como prêmio, dias depois, para consolar o menino que não foi premiado. E os 200 verbos franceses permanecem corretamente conjugados pela vida afora. Aula de inglês. Dona Wilma Bastos confessa: a palavra mais linda do inglês é *to dream*, “sonhar”. E Wanderley Meyer fala de Pitágoras e seu teorema, de raiz quadrada. O professor Chico China consulta o relógio para conferir a hora da chegada do avião da Real. Estevão Rosa ensina as frases do *De Bello Gallico*: *Apud Argetórigem...* O professor Nilton Lasmar também aprofunda o latim: *rosa, rosae...* Já prefeito em Ribeirão Vermelho, cidade perto de Lavras, Nilton Lasmar não se recorda do ex-aluno no encontro. Josias, de Alterosa, é inspetor de alunos e custeia parte de seu estudo nessa função. Dona Ditinha – Benedita Afonsina de Souza – reclama de James Figueiredo Vieira: não foi tirar o gato que morrera no porão de sua casa. Uma bombinha de festa junina explode no muro do prédio da Avenida Afonso Pena. Antes do susto, conversa amigável e divertida com o professor Amélio da Silva Gomes. Ediberto Esteves aplica prova de segunda época em Física; toda sua simpatia e inteligência, em poucas horas, são conhecidas por todos e reafirmadas por quem já o conhece. Dona Maria José Leite Corrêa – dona Lili – lembra de seus tempos de primeira dama da cidade e repete a história do baile, a resposta à provocação: “Quem foi Rei não perde a majestade”. E também conta, novamente, o episódio de sua aposentadoria com colocação pronominal encantadora: “Deram-me como cancerosa!” E volta à aula lendo sobre a vida de Chateaubriand, lembrando

que em francês o “t” final se liga: “François René, vicomte de Chateaubriand, naquit en Bretagne”. “Há provas científicas do dilúvio?”, o garoto demonstra seu falso avanço e, na aula de Geografia, o professor Vínio Barbosa Tamburini com paciência responde. O professor Miguel Novack volta do jogo do Cruz Preta, o time de futebol montado com profissionais de alto nível com o trabalho de Romeu Paulino da Costa. O garoto, sempre curioso e atento, escuta, atrás, naquele final da tarde de domingo, os estudantes falando sobre o preço do ingresso: “Não temos mais dinheiro, foi o jogo do ano!” E riem! Como dão risadas! Todos regressam a pé: poucos têm carros. As ruas estão empoeiradas, o campo de futebol parece longe daqui. Aqui mesmo, ninguém está infeliz: “Esquerdinha faz gol olímpico para “Cruz Preta”, todos sorriem, a vida sorri para todos na Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas; ninguém espera lamentos e melancolias nas invisíveis montanhas do amanhã...”

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XVI

31 de julho. De madrugada, na ponte do rio, a entrada para a nova dimensão. Alguém para os carros. Conversas. Ca-xambu está perto. No alto da serra, a pequena igreja aguarda os noivos que chegam. Ninguém se lembra de Mário de Andrade: “o noivo com a noiva dele. Ele vem primeiro, ela depois”. Padre Pedro Digenouts oferece duas espécies, vinho e pão. Dona Dorothei Adami Amaral está nos bancos, não veio até o altar. Terá chegado atrasada? Agostinho Magela Lewer prepara a filmadora. A primeira lâmpada se queima, a segunda, também, e Agostinho Magela Lewer fica sem registrar em imagens o que há muitos anos escreveu Mário de Andrade: “Eles vieram do outro lado, o noivo com a noiva dele”. Todos contemplam. A moça treme um pouco. O moço sabe ou imagina que sabe que é tão pequeno diante daquela noiva que treme, daquele padre, daquela gente na formosa igreja de Ca-xambu. Nem o baque se escutou, faz um silêncio de morte. Quando o vigário ergue os braços e exclama: “Para o alto os corações!”, por dentro o mesmo processo descrito por Mário de Andrade. O noivo sabe que sua miséria – que não se pode confundir com o falso jogo do perde-ganha – mancha o padre, a igreja a todos. E que a noiva é infinitamente mais pura, mais doce e melhor do que ele. Seu *Miserere nobis* nada tem de precipitado: é angústia que ele não anuncia. Em Munique, na cervejaria alemã, grandes copos sorvidos. Música típica, 31 de julho: o conjunto da Baviera no palco, a sanfona,

as roupas do Tirol alemão. Vários turistas dançam e pulam em cordão. Na mesa ao lado, americanos. O companheiro da viagem se aproxima dos americanos. Retratos, brindes, somente gestos, o companheiro não sabe a língua. E a música alemã lembra que é Munique, 31 de julho: a cerveja rola. O companheiro sobe ao palco, grita o nome do Brasil. Na cama do Hospital Alberto Einstein, durante o sono provocado pelo medicamento, alguém cai do leito. O sono é agitado. Antes de entrar no Centro Cirúrgico pede com tranquilidade que seja lido o Salmo 22: “O Senhor é meu pastor, nada me faltará. Em verdes prados me faz repousar. Ainda que eu atravessasse o vale escuro, nada temerei, pois esta comigo”. Não há receio, não há nenhum medo: é 31 de julho. E entra tranquilamente no Centro Cirúrgico com a consciência plena de que vão lhe abrir o peito e segurar seu coração em mãos com luvas. O Coral de Campanha na igreja de Caxambu faz fundo para que os noivos deixem a nave. Lá fora, a vida. A nova vida. Cada vez mais o noivo sente que é muito pequeno diante da noiva, cada vez mais entende que a porta do futuro se abre: estreita ou larga, sempre será o futuro. *Que será, será!* A voz de Doris Day vem de longe. *Que será, será.* Lembra João Cabral de Melo Neto: “e não há melhor resposta, que o espetáculo da vida, vê-la desfiar o seu fio, que também se chama vida”. Frágil, soa o ensinamento de João Cabral de Melo Neto. Onde estará o poeta-embaixador de Pernambuco neste 31 de julho? Na Espanha? Na sua amada Sevilha, carregada de lembranças árabes, na Catedral onde anos depois é comprada pelos dois de Caxambu a imagem da Virgem de Macarena? E a noite de Caxambu fica para trás no tempo. Continua o sentimento da mesma pequenez. Não há dúvida: um dos parceiros supera em muito o outro. A medida deve ser pela alma e pelo coração. *Miserere nobis.* Nos subterrâneos da mente continua sempre menor porque tem nítida no-

ção da grandeza do outro. A esquecida virtude da renúncia, a totalidade concreta do “eu”: 31 de julho marca o fim de uma época. E o começo. Não se escreve com o auxílio de diários e arquivos. Os dias e as noites brotam espontaneamente da memória que pervaga, memória que volta com ímpeto nesse 31 de julho, sem Mário de Andrade, sem João Cabral de Melo Netto, sem Doris Day, sem os turistas americanos, sem as roupas do Tirol, sem Munique, sem Sevilha, sem o Hospital Alberto Eistein e talvez com a Virgem de Macarena. O perdido norte da felicidade nasceu da bondade de quem suportou durante 25 anos a parceria com o marido que, segundo o profeta João Batista, não era digno de desatar-lhe as correias das sandálias...

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XVII

Na antessala, Maria Passos Vinhas e Benedicto Cyrillo de Oliveira aguardam. São os Professores “honoris causa” que a Universidade de Alfenas considera. Dono da Farmácia Rosário, em Poços de Caldas, Benedicto Cyrillo de Oliveira graduou-se em Farmácia pela EFOA, e Maria Passos Vinhas dirigiu por muitos anos o Grupo Escolar Coronel José Bento. Ela se despede do Grupo Escolar com artigo citando Plínio Marcos, o teatrólogo mais falado da época. Na linha do romantismo literário, Benedicto Cyrillo publica seus poemas. Estão ali, diante da jovem Universidade que os vai reconhecer como seus docentes e proclamar a todos que Maria Vinhas transformou a escola primária em uma verdadeira universidade e Benedicto Cyrillo, vitorioso na Farmácia, deixou sair de lá versos românticos: “Homem... eterno e errante peregrino, sem meta, sem roteiro e sem destino, que vem do nada e para o nada vai”. A noite é de domingo. Sozinho, na churrascaria “Menina Moça”, pensa que amanhã partirá para Belo Horizonte. Não tem vontade de partir. Chega o professor Sebastião Mariano Franco de Carvalho. Belo Horizonte fica para depois: vem convite trazido pelo professor Sebastião para ser chefe de portaria do Colégio Estadual que se inaugurava. Parece ouvir os primeiros acordes da Quinta Sinfonia. Sempre dizem que esses acordes primeiros da Sinfonia de Beethoven representam o sinal do destino batendo à porta. E o destino começou naquela noite, começou ali

longo período que o leva ao Colégio Estadual e chega até a Universidade que recebe Maria Vinhas e Benedicto Cyrillo. “Num galho seco ouvi cantar um passarinho...” São muitos no rancho. Mas Raimundo Banhos canta: “Adeus, filhinhos, minha vida pouco resta, adeus florestas, que não posso mais cantar...” Todos escutam Raimundo Banhos: só ele sabe essa música. Todas às vezes se pede que ele cante. Diante do corpo de Dona Alzira, Raimundo Banhos atende: “Mas ela, morta, já não pode mais voar”. Ouro Preto, Medalha da Inconfidência: paira e reina naquelas montanhas Olavo Bilac: “O ouro fulvo do ocaso as velhas casas cobre”. A moça da televisão pergunta. Responde: “Esta medalha pertence a Alfenas”. Ah, Vila Formosa de São José e Dolores de Alfenas, o amor me faz estreitar-te como se fosses corpo feminino! Não sei por que vem a frase de Carlos Drummond: “Se algum dia eu rasgasse os meus versos, por desencanto ou nojo da poesia, não estaria certo da sua extinção. Restariam os Arquivos Implacáveis de João Condé”. Implacáveis. E o aviãozinho traz, na mesma noite, a pequena família que vem de Ouro Preto sob protestos porque é na mesma noite, volta rápido porque nada se pode entender como desconsideração para com Alfenas, nem o recebimento da Medalha da Inconfidência, nem a resposta que tanto espantou a moça da televisão. Reabre o Evangelho de São Lucas: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados, quantas vezes quis juntar teus filhos, como a galinha abriga a sua ninhada debaixo das asas, mas não o quiseste”. Confessa Luiz Fernando Veríssimo que, no começo da carreira, escrevia até horóscopos. E não se preocupava com o seu próprio signo. Na última segunda-feira, ensina o horóscopo: “Se o mundo insistir em manter seus padrões grosseiros, então talvez seja a hora de buscar lugares melhores onde desenvolver seu destino”. Onde desenvolver o destino?! Novamente estarão soando os primeiros

acordes da Quinta Sinfonia?! No rancho, Raimundo Banhos continua sua cantiga: “Cadê você, cadê você? Você passou, o que era doce, o que não era se acabou”. E João Evangelista Fiorini, no mesmo Rancho das Cachoeiras, responde com a música italiana consagrada pelo espanhol José Feliciano: “Eu vou partir mas sei que volto um dia, pra ver de novo a terra onde eu nasci, pisar os mesmos campos em que pisei quando criança. Eu vou partir, mas sei que volto um dia”. Folheia livros, não encontra nada. Na Internet há texto de Menotti del Pichia. Exponente da Semana de Arte Moderna, Menotti del Pichia escreveu “Juca Mulato”, poema que permaneceu: “Não vás. Aqui serão teus dias mais serenos que na terra natal, a própria dor dói menos... E fica que é melhor morrer (ai, bem sei eu!) no pedaço de chão em que a gente nasceu!” Ensina o horóscopo de terça-feira que “o jogo da vaidade é refletir espelhos com espelhos para que a infinita ilusão tome conta”. Queiramos ou não, quem escreve horóscopo filosofa com competência. Quando, depois de tantos anos, ainda é preciso provar e comprovar, explicar e explicar-se, detalhar e detalhar-se, há sensação de que espelhos com espelhos se refletem, procurando transmitir imagem distorcida ou repelente. Balançando ainda, há o amargo sabor dos lábios que comeram no mesmo prato e beberam no mesmo copo. Há junto com eles pássaros negros ensaiando voos sem altura que dão vontade irresistível de desmentir Menotti del Pichia: “Aqui não são os dias mais serenos, na terra natal a própria dor dói mais...”

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XVIII

Os portugueses, em trajes de sua região, dançam e bailam. No Jardim da Colina, os dançarinos da Casa de Portugal, de São Paulo, lembram o antigo programa de televisão “Caravelas de Saudade”. Larissa e Viviane, vestidas de portuguesinhas, esperam com impaciência a hora de usar roupa normal. E os portugueses trazem para dentro da noite músicas e danças do Minho, dos Açores, do Alentejo, das regiões longínquas e distantes de Portugal. Dona Chiquinha Moura Leite aprecia tudo. No palco, o cantor espanhol recorda os tempos do Cassino de Sevilha, em que atuou. Sarito Muñoz ensaia com o aniversariante, no palco, os passos da dança espanhola. Dona Chiquinha Moura Leite não deixa por menos: com o aniversariante, acompanha os gestos e os trejeitos da dança de boate, não se cansa, deixa, sim, seu par cansado. A noite prossegue. Alguém de terno de linho branco é chamado para dançar porque é anunciado como exímio na dança. Manoel Silveira e Castália participam de tudo. O médico Antonio Edson Rabelo e Miralda, os médicos Alexandre Oliveira e Vera Cerávolo tudo observam com simpatia. Na sacada do alpendre, Carmen e Yolanda Dias veem do alto o conjunto português, o cantor espanhol, o homem de terno de linho branco: os casais, as pessoas que se divertem no Jardim da Colina. De propósito, surpreendendo, o rapaz tira a cadeira onde iria sentar-se o homem de terno de linho branco: ele vai para o chão, cai na grama, fica muito zangado.

Se pudesse, brandiria palavrões. O rapaz que puxou a cadeira foge. Dércio Silveira olha de longe. Dona Chiquinha Moura Leite domina a quadra com sua dança. Nos seus oitenta anos, impassível, sem se fatigar, acompanha o dono da casa em todos os seus passos musicais e gestos inventados. No prédio da União Operária, o sol da tarde obriga a abaixar o toldo da Avenida São José. Renovando a assinatura do jornal que funciona no prédio, Dr. Francisco Moura Leite e dona Chiquinha conversam com Francisco Navarro Prado. Chove, chove muito. Não chove sobre a minha infância, como no título do romance-memória de Miguel Sanches Neto, mas chove quando Dona Chiquinha, de capa contra chuva, percorre os labirínticos corredores do edifício do Dr. Othon Dias Swerts. Na sala precária da Diretoria, bem lá no fundo do prédio, fala a favor do sobrinho que fez vestibular para Engenharia Civil. “Vou voar feito um passarinho”, confessa no final de outra tarde, diante do corpo da irmã, descrevendo como vai fazer na hora final. Na creche, a menina Cinthia Maria de Carvalho é velada. Dona Chiquinha revela os tremores que a aproximam demasiado da mediunidade. Mas na noite do Jardim da Colina, seu pequeno corpo se retorce acompanhando o parceiro nos compassos malucos e imaginados; sem fadiga, não demonstra esforço. Aos que vieram de longe e de perto, o aniversariante usa o microfone, transmite a todos que tem o prazer de vê-los ali, lembra quando o conjunto da Casa de Portugal esteve em Alfenas no Centenário, aponta para o ex-prefeito Hesse Luiz Pereira. Na escada, Rui Martins dos Santos conversa carinhosamente com a filha Julieta. “Não vai morar mais na Colina?”, o dono da casa pergunta à vizinha, que tem casa ao lado. Ela e o marido estão na festa. Ela responde que não, não vai morar na Colina. No fim da noite chegam José Maurício Moreira e Antonio Cambraia. Depois, de madrugada, após estada na

Rodoviária, mergulham o carro na represa de Furnas, pouco antes de chegar a Fama, e morrem. A noite é de 26 de setembro: murmúrios, vozes roucas, água, desespero. O trombone de Antonio Cambraia revela no dia seguinte tentativa de quebrar o vidro do carro onde estavam José Maurício Moreira e Antonio Cambraia. Ninguém, na noite de 26 de setembro, ouvindo o cantor espanhol e o conjunto português, pensa na eternidade e na tragédia que iria acontecer na madrugada. Dona Chiquinha Moura Leite deixa a marca de sua alegre energia naquela noite. O aniversariante deixa traços de sua alegria e de seu contentamento naquela noite. Em alguma semana seguinte, no Rancho das Cachoeiras, diante da maldosa observação de que o aniversariante deveria ter mais votos em razão do número de pessoas presentes na noite de 26 de setembro, ele responde aos seus dois inquisidores: “Não reuni todos para obter votos. Alguns que estavam presentes até eram candidatos!”. O homem de terno de linho branco está lá, sem o terno. O dono do Rancho pode perceber o inconformismo dos dois com a alegria que transbordou naquela noite: tentam disfarçar, nem sempre o conseguem. E, num lampejo de franqueza rude, acrescenta para os dois: “Vocês não conseguirão diminuir o brilho de tudo”. E parte para dentro do rancho, e bebe no mesmo copo com eles, e come no mesmo prato com eles: tenta esquecer que há torpeza e vilania naquelas palavras ouvidas, que há vontade de desforra na comparação, que o êxito e o sucesso, para os dois, é como ofensa pessoal. No livro “Chove sobre a minha infância” Miguel Sanches Neto narra situação semelhante: “...quero ficar com as paredes, com o velho ladrilho e os vidros sujos – eles doem menos que a humana ruína”. Procura esquecer a revelada ruína humana, a pequenez tão próxima, a escuridão que brota; procura cantar, reger o improvisado coral do Rancho, inventar acordes e arranjos para o Alecrim, alecrim dourado,

que caiu no campo, sem ser semeado e reviver as sequelas do prazer puro, que não é minguado, trazido por dona Chiquinha Moura Leite ao som do cantor espanhol, dos portugueses e suas cantigas e danças folclóricas na noite de setembro, límpida e clara. Torna mais longa a melodia do Alecrim, quer apagar tudo, enterrar para sempre a miséria humana que recusa reconhecer e aceitar. Quando a cachoeira desce do barranco, vê a tarde inteira se encolher de espanto: o coral do Rancho entoia a música de Jessé; João Evangelista Fiorini e Geraldo Ferrinho, com violão e bandolim, tentam acompanhar os sons daquelas vozes que fazem sumir por momentos a tristeza de ter ouvido os dois inquisidores. Foi na fronteira, lá longe, do sul, que ela surgiu, trazendo no olhar, o sonho azul. Fiorini dedilha, o coral silencia, o dono do Rancho olha para os dois que quiseram fazê-lo infeliz e que, agora sorriem, entremeiam, de graça, goles de chope e uísque que descem céleres por suas gargantas. O dono do Rancho afasta a amargura e prefere tentar esquecer que quatro coisas não retornam: a seta desfechada, a água que caiu no moinho, a oportunidade perdida e a palavra proferida.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XIX

O Ministro da Educação escuta e chama o Dr. Edson Machado. O seu Chefe de Gabinete atende, lê os papéis. Prossegue a batalha pela continuidade da Faculdade de Ciências Médicas. De um lado, a classe do ensino médico. Do outro, quase solitários, os que pensam que Alfnas merece ter curso de Medicina. Semanas antes, ao redor da mesa, no câmpus, com tensão indisfarçável, responde-se ao interrogatório da Comissão do MEC: “De onde são os alunos, quem ministra aulas de Anatomia, que é do hospital para dar suporte ao curso?” Sem maldade, com espontaneidade, o Dr. Adelino informa que o docente de Anatomia é médico-veterinário. Os olhos do presidente da Comissão brilham de satisfação. Como presidente da Comissão do MEC, mais tarde, irá relatar que as aulas de Anatomia são ministradas por médico-veterinário. Para ele, não importa se o docente é excelentemente titulado, respeitado nos meios científicos. Não é médico. (Hoje o ensino da Anatomia em Medicina cada vez mais é reduzido a ser desimportante como ele devia sempre ter sido.) Propõe o presidente da Comissão em seu relatório que os alunos recentemente matriculados sejam transferidos para Itajubá e a Faculdade de Alfnas seja fechada. Outro da Comissão, este de Itajubá, ao ver o laboratório de Microbiologia, não consegue disfarçar sua surpresa pela qualidade e indaga outras coisas: “Quais os cursos a que atende este laboratório, quantos alunos?” Em Brasília, Edson Machado

examina o documento da Comissão do MEC e outro relatório diferente, “com o qual a Comissão não contava”. Da Escola Paulista de Medicina, o Dr. Antonio Carlos Lopes; da Faculdade de Ciências Médicas de Belo Horizonte, o Dr. João Agostini; da Faculdade de Pouso Alegre, o Dr. Claudinei Leôncio Beraldo e o Dr. Mário Benedito Costa Magalhães são chamados e relatam o contrário. Visitam o câmpus e elaboram relatório em desacordo firme com o parecer da Comissão do MEC. Diante dos dois documentos, o MEC hesita. O Ministro hesita. E a Faculdade está aí, até hoje. O Dr. Clementino Fraga, nome lendário nos meios médicos, ao ver, no Rio, na mesma época, que o Dr. Antonio Carlos Lopes tem um carro com placa de Alfenas (adquirido com seus próprios recursos, diga-se de passagem) esboça censura sobre a nova Faculdade e ouve dele resposta: “Sua Faculdade, Dr. Clementino, também tem deficiências sérias”. Não há como questionar – nem o lendário Dr. Clementino o pode – a autoridade médica do Dr. Antonio Carlos Lopes. Sem resposta, o Dr. João Agostini não dá importância à carta do presidente da Comissão. Não toma conhecimento de suas queixas e de sua verve. Mais tarde, vendo e visitando tudo, outro membro retifica sua opinião e reconhece publicamente o bom trabalho feito. Foi o único da Comissão do MEC a se desdizer. E os empenhados por Alfenas nessa luta sem cessar, tentando convencer e vencer! Ninguém visava à recompensa financeira. Com o talento e a capacidade dados por Deus, os que resistiram e enfrentaram tudo seriam vitoriosos em qualquer outro campo. Teriam, até, mais facilidade financeira, sem um décimo de preocupações e perturbações, se atuassem plantando batatas, ou explorando um motel, ou exercendo qualquer atividade. Mas amam Alfenas, gostam de Alfenas, lutam por Alfenas. A linha da perfeição não fez o contorno dos que quiseram e conseguiram que Alfenas tives-

se escola médica. Não se julgam perfeitos. Não esparramam suas virtudes. Reconhecem com sincera humildade que não são os melhores. E lamentam seus defeitos. Deploram sua face sombria e não a exibem nem a alardeiam. Pode ser que ingenuamente acreditem que tudo lhes será perdoado porque muito amaram. Ao longo de episódios como esse da Medicina, provam amor à terra natal. Amor que alguns que os hostilizam não conseguem e nem se preocupam com fingir que têm. Ou que proclamam ter, mas não têm. Ou os que entendem amor à terra natal como exclusivo deles, do modo deles. Não é esse o entendimento e não é essa a situação de Isnard Manso Vieira. Em carta, diz que “ao longo do tempo, para mim, Alfenas foi se tornando na melhor e mais encantadora cidade do mundo. Sinto-me cada vez mais sensível com as coisas que mexem com os “símbolos” que estão vivos dentro de mim.” Um desses símbolos, para Isnard, é o Cine Alfenas: “marco do progresso e da magnitude, criado por Juscelino Barbosa, tornou-se um ícone”. Nas suas bodas de prata, Juscelino Barbosa presenteou sua esposa Sylvia Silveira Barbosa e sua cidade com a construção de um luxuoso prédio para cinema. Nos anos 40, fretou um trem e trouxe do Rio a sociedade da época para conhecer Alfenas. Não pagavam nada onde quer que fossem: tudo seria pago por Juscelino Barbosa. Filmou com vista aérea a cidade, inaugurou o aeroporto, o prédio do Orfanato Santa Inês. Durante anos, a música “Sempre no Meu Coração” lembrava a festa da inauguração do Cine Alfenas e o destaque que a cidade adquiriu. Mas não faltaram os que, nos anos seguinte, fizeram quase o mesmo dos anos 40. O fiscal da Prefeitura azucrinou tanto Juscelino Barbosa, hostilizou-o tão ostensivamente que Juscelino, depois de gesto de explosão, foi processado, levou “sursis” e voltou para o Rio, em silêncio. E fechou o Cine Alfenas. “E ao chegar aí em Alfenas – escreve Isnard – e ao

vê-lo transformado num “pardieiro”, a tristeza se abate feroz sobre mim.” A cidade de onde Isnard Manso Vieira saiu “com ódio” nos anos 50, “pela curteza de pensamento de figuras mesquinhas, tacanhas e de costas para o futuro”, não pode gerar novamente a sensação que silenciou, entorpeceu e paralisou Juscelino do Prado Barbosa. Os que estão de costas para o amanhã não podem ser ouvidos e seguidos como, parece, não estão sendo. Os que são mesquinhos e tacanhos ficarão reduzidos à sua pequenez, ao seu mundo sombrio, sem auroras.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XX

Novamente, depois de 11 anos, em Pirassununga. Outro enterro. No centro da nave, o corpo de Ângelo Cardillo D'Ângelo. Mais um velho que morre? Na esquina, no bar, tonteando nas escadarias da Casa Paroquial, Ângelo cada vez mais se aproxima dos homens na terra dos homens. Talvez seja seu grande segredo e sua grande força. Mostra visivelmente a todos a fraqueza da carne sem deixar que a carne fique corrompida. Mostra francamente a todos o sofrimento, sem deixar que ele macule a pureza ou manche a dignidade. Terêncio, no século II antes da era cristã, escreve: “Sou homem: nada do que é humano me é estranho”. Não, não morre mais um velho. Nos campos paulistas, a terra que recebe Ângelo no seu seio identifica que ele é situado nela, não se separa e nem permite que seja separada dele. Todos o amam, talvez por isso. Todos por dentro choram porque sabem que ele, igual a todos, com a fraqueza, quem sabe, maior do que a de muitos, não sucumbe, não se arrasta, mas não se esconde. Em uma noite, em certa casa, lembra-se que Ângelo faz 50 anos de vida religiosa. Há sacerdotes da região, muitos vêm de longe, alguém faz derradeiro apelo: “o que Deus uniu o Conselho Provincial não separe”. De nada vale. Tempos depois, o Conselho Provincial decide arrumar as malas e abalar desta Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas e manda Ângelo Cardillo para Pirassununga. Onde morre. Com saudades de Alfenas. E o livro sobre a vida de Ovídio tem título

magistral: “E Deus nasceu no exílio”. Penso que Ângelo, apesar de toda atenção dos confrades, morreu no exílio. Frágil, pequeno, de baixa estatura, nos tempos de incertezas há com ele certezas em quem o procura. A tolerância – é do livro de Edgar Morin – supõe sofrimento ao suportar a expressão de ideias negativas. E, dentro dessa fragilidade, Ângelo Cardillo foi o campeão, o expoente máximo da tolerância, da compreensão que não desculpa nem acusa. O povo gosta dele, ele gosta do povo; ele tem medo e não o esconde do povo; ele ora e o povo vê que ele reza. Os degredados filhos de Eva sabem que, nele, encontrarão sempre o homem que pode ouvi-los sem censurá-los, que pode compreendê-los sem pedir reciprocidade, senão o sinal que o choro deles é igual ao dele, que os lamentos deles são como os dele, que o tremor de todos tem os mesmos gemidos do dele.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XXI

O último dia do ano não é o último dia do tempo. Recebe com simplicidade este presente: mereceste viver mais um ano! Alguém dorme no sofá, o ano passa como o verso de Drummond. A música de Edu Lobo, do festival da canção, jaz inesquecida na casa: “Ver a morte sem chorar. A morte, o destino, tudo, estava fora de lugar”. O “réveillon”, no sofá, em meio ao sono que vai e vem. O ano se foi e seus mortos na rodovia. “Delícia do antes do humano”, frase da crônica classificada no concurso de Natal do jornal de Poços de Caldas. É “réveillon”: Yvone Martins conversa, na tarde, com suas amigas Mara Costa Engel Vieira, Elisa Silveira Rabelo e Vera Pimenta Duarte. Não conversam porque hoje é sábado, como ensina Vinicius de Moraes, mas porque hoje é “réveillon”. Yvone Martins coloca a vida bem exposta e recebe tantas visitas. Mereceste viver mais um ano, e tantos anos vive mais Yvone Martins que o último dia do ano passa a ser para ela o primeiro dia da vida. Recebe, na tarde, alguém que vai cumprimentá-la. Falam da barroca, dos diálogos, do tempo e espaço de ambiente medieval onde reinava a barroca, que só ela, Yvone, sabe quem é. E seu aniversário escorrega como o ano que se escoia, calmo e sereno. Em outro instante, há a missa, o ritual, o desejo saltando no coração de que o próximo ano não traga tantas surpresas ásperas. Como conciliar o momento de contrição da missa noturna, todos os anos repetida, com o compromisso de colocar os discos para

Maurício Lomonte na mesma hora? É meia-noite, coloca o disco, corre rapidamente à igreja, volta para a Churrascaria Menina Moça. Ali mesmo, no mesmo local, em outro tempo distante, está diante de adultos. É “reveillon”: Hélio Silva queima incenso, Nerito Landre financia a cerveja, Luiz Roberto Lopes tenta ensaiar discurso, o ambiente é pequeno e quase familiar. Todos no bar sabem que é o último dia do ano. Em outra circunstância, no bar do japonês Bunji Nonoyama, servem leitoa para os empregados da Tipografia. Durval Xavier Leite acompanha o menino até a casa. Vômitos no dia seguinte: “o menino não está acostumado com leitoa”. Desta vez, há fogos de artifício que enfeitam a Praia de Copacabana. Fogos, muitos fogos. O ano se vai, o século se vai, o sonho se vai. Da sacada do hotel, vê que alguma coisa morre ao redor. Olha com redobrada angústia os presentes. Percebe que a alegria e o entusiasmo com os foguetes de Copacabana escondem a sensação de abandono completo e o mundo que para um dos dois se acaba. Não se falam. Na passagem do ano, se abraçam: os dois sabem que, na verdade, é o último “reveillon” naquelas circunstâncias. O próximo não será assim: haverá alguém cruzando o caminho. Ela nasce para outra vida, ele parece não nascer para nenhuma. “Não mereces-te viver mais um ano”, repete para si em silêncio. De longe se lembra de Yvone Martins, pensa que é possível telefonar, dizer-lhe algo no seu aniversário. Vem a imagem da barroca que ela descreve com sabor, a descrição engraçada, feita por ela mesma, dos contornos do corpo da aniversariante de fim de ano, as frases originalíssimas de sua coluna social. O maior elogio que a colunista pode receber vem de Waldir de Luna Carneiro, citando a descrição dos fatos narrados por ela, de um churrasco no Grupo Coronel José Bento. Waldir, em artigo, cita o trecho e chama a atenção para o talento de quem consegue transformar em literatura de valor o banal

acontecimento social de um churrasco. Alguém fala de Mário Melo de Souza. Na sala de aula, de charuto, as aulas de filosofia. De longe, procura-se saber. Lincoln Westin da Silveira conta: o professor Mário Melo jocosamente definiu em sala: O casamento é como aquela oração, a Salve Rainha: começa em “vida, esperança nossa, salve!” e termina em “chorando e gemendo neste vale de lágrimas”. Risos. Há vontade maluca de conversar com o Dr. Mário Melo. No Grupo Escolar, há Rubem Mário, seu filho. Todos o chamam assim. É colega de sala. Ou será o mesmo nome de Ruben Dario, o escritor? Nunca mais se consegue ver o filho de Mário Melo. Em seu recente artigo, Arnaldo Jabor, referindo-se a outra pessoa, escreve que “ela mostra a nós mesmos o que temos de mais singular, humaniza nossos defeitos, nossos ridículos e nos oferece a própria vida reciclada com carinho, virando-nos em viajantes de nós mesmos.” Não conheço, não tenho alcance para conversar com o Dr. Mário Melo, mas não é ele também nesse momento uma pessoa assim? Ao lado do Bar Brasileiro, na praça, o Banco Financial da Produção. Alberto Azevedo é o gerente. No Clube XV, Orpheu Bapttiston, presidente, acompanha o trabalho de instalações eletrônicas de Antonio Baisi e Isnar Manso Vieira. Alberto Azevedo está agora no Restaurante Mestre Cuca. Francisco Carlos exhibe seus dotes de cantor e de galã em baile do Clube XV. No dia seguinte, fala na Rádio Nacional sobre sua viagem a Alfenas. No avião da “Real”, no voo de Belo Horizonte, dona Lili Correa puxa conversa com a passageira bem vestida, nunca fica sabendo que ela vai se apresentar mais tarde no balé. José César de Almeida vai até o restaurante Mestre Cuca; o almoço é para ele: a fábrica de tratores que ele pretende trazer arrebatada. Para esse almoço, o motorista de praça – que hoje é denominado taxista – transporta refrigerantes. O rapazinho no carro rasga a calça de terno. Roberto Godfrei diz que lamenta. E só.

Outra vez, Yvone Martins enxerga o rapaz, sentado no banco da praça da Bandeira com a farda do Tiro de Guerra. Percebe que essa farda para ele é como um fardo. E os révellions vão passando. Sempre haverá acolhida no regaço de Yvone Martins. Ela encara a vida e a cidade de frente. Na prefeitura, no grupo escolar, no colégio estadual, na escola de farmácia. Consegue nas 24 horas do dia conciliar tudo, todos os empregos. Consegue sobreviver às paixões e dissabores que, naturalmente, mulher inteligente desperta. Se há fraqueza, faz do mesmo jeito, como ensina Manuel Bandeira: “Procura curtir sem queixa o mal que te crucia”. Antes, o poeta Augusto dos Anjos também ensina: “Tome, doutor, essa tesoura... e corte minha singularíssima pessoa!” Yvone Martins passa por cima disso tudo sem se resvalar. Mais do que isso: gera atitudes da palavra tão esquecida chamada exemplar. Jamais quer ser exemplo, modelo. Não se curva, não professora. É exemplar dentro da aparente incoerência. E vive. Vive e trabalha para tantos, para tanta gente, para tantas tias, para tantos irmãos. Não permite que o passado reine absoluto. Domina o passado, comanda o presente. Sabe que às vezes a gente se empresta, às vezes a gente se doa. E faz com que no révellion distante, na praia de Copacabana, alguém sinta vontade de ouvir sua voz e repartir com ela o mágico instante que traz aquele fim de ano e aquele fim de século. O último dia do ano não é o último dia do tempo. O tempo, os dias, as noites, o longo abraço que veio junto com a lembrança inevitável da grande amiga de sua mãe que se foi no começo dos anos noventa, os 15 anos da menina-moça no jardim da Colina no dia desse abraço. Com Yvone Martins virão finais de dezembro, plenos de calor, plenos de simpatia, plenos de compreensão. E sem soberba descobriremos que, com ela, deixamos de ser uma vírgula para ser um ponto.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XXII

Nas grades de parlatório, veem-se os olhos azuis de Irmã Anamir. Carmelita, ouve notícias vindas de Dirce Moura Leite e Rachel Prado de Carvalho. Irmã Anamir recebe muitos pedidos de preces. Longe, irmã Beatriz continua na sua opção de missionária do Sagrado Coração. Ambas foram amigas na mocidade, ambas tiveram chamamento religioso. Cada uma seguiu seu caminho. Antes da vida religiosa, tiveram convivência com Francisca do Rosário Maia, a professora primária que partiu cedo. No dizer de Antonio Tibúrcio: “Partiste cedo, tão cedo, ficaste acaso com medo, do amargo que a vida tem?” Anamir e Beatriz posam em velhos retratos ao lado de Francisca (Petita) e Bia, em bicicletas. De onde teria vindo essa bicicleta? No retrato, veem-se claramente os pedregulhos da praça principal. Elas estão paradas no tempo. Bia se prepara: há brincadeira dançante na casa de Geraldo Thiers Vieira. Veraldo coloca o disco que de longe a meninada escuta: “Juazeiro, juazeiro, me arresponda por favor, juazeiro, juazeiro, onde está o meu amor?” Vem de Campinas, de carro, Francisca do Rosário. Os meninos correm à praça para recebê-la. Mas Francisca já voltou, está em casa. O nome – Campinas – dá ideia para aqueles maltrapilhos garotos que é lugar distante como da Terra à Lua. Na praça, Gil Coutinho olha e duvida que será lembrado. Espanta-se quando escuta: “Você é sobrinho da Dra. Eugênia, que hospedava em Belo Horizonte a Petita”. E Gil Coutinho conta

da ânsia que Petita tinha de se aposentar por saúde e não deixar sua velha mãe ao desamparo. E Gil Coutinho recorda-se de tudo, dos últimos dias de Petita. Na fotografia publicada, Petita contempla tudo com os olhos distantes. Ao lado da futura irmã Beatriz, talvez já saiba que para ela o futuro não existe. E Bia ainda é criança, a vida ainda não lhe acena com a tragédia. Na conversa com irmã Anamir, ela observa que Bia também morreu cedo. Novamente Antonio Tibúrcio: “um sonho perdido ao léu”. Na inauguração da Arquitetura ou da TV Educativa, irmã Beatriz é escalada para dizer a mensagem de São Mateus: “Por seus frutos os conhecereis: pode a árvore má dar bons frutos?” E irmã Beatriz – que ainda não é freira -, ajuda e é madrinha de batismo de alguns daqueles garotos que nascem anualmente em fila. Não coloca nenhuma barreira social em conviver com aquela gente pobre. Irmã Anamir recebe sozinha o visitante. No mesmo parlatório, os mesmos olhos azuis. E o visitante repete Steinbeck, deixando com ela seu desespero. “As Vinhas da Ira”, o romance de Steinbeck, termina com essa frase. Irmã Anamir, irmã Beatriz... Como diria o velho locutor da rádio: “Abrem-se as cortinas do passado”.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XXIII

Lembranças de um domingo em Goiânia. Não são ligadas a Hélio Moreira: ainda não se sabe que Hélio Moreira vai medicar e lecionar naquela cidade. É crônica de Rubem Braga, recortada de “Manchete” antiga. Lembranças de um domingo em Goiânia pretende mostrar, aos alunos do colegial, exemplo de gênero literário exercido com talento e maestria. O jovem professor, na aula, fica imaginando Goiânia e conta aos seus alunos que já não era mais assim: a crônica está envelhecida. E pergunta: “Essa crônica não poderia chamar-se ‘Lembranças de um domingo em Alfenas’”? Termina a aula, todos vão para a cantina. Lá está dona Maria Aparecida da Silva e seus sanduíches de carne moída. Lá estão Áurea Lex Engel, Lincoln Westin da Silveira, Iracema Esteves. Todos conversam com dona Maria, todos tomam café com dona Maria, todos comem o sanduíche de dona Maria. Na tarde de setembro, no minuto final, diante do túmulo, a sobrinha, ainda criança, lê sua despedida. Em família, tratam-na como “Tia Lia”. No Colégio Estadual, todos a conhecem como dona Maria. Integra aquela família do Estadual, onde reinam as grandes “cabeças” da cidade e onde, às vezes com afoiteza, pontilham outras cabeças, como a do jovem professor que procura espaço, recorrendo à “Manchete” envelhecida, pedindo socorro a Rubem Braga e a suas Lembranças de um domingo em Goiânia. Este cronista de Cachoeiro do Itape-merim descreve suas noturnas e soturnas horas dominguei-

ras nos sertões de Goiás, os canteiros, as moças passeando, concluindo: “O forasteiro volta para seu triste hotel”. A tristeza predomina agora ao ouvir a despedida final da criança para “Tia Lia”. O filho mais velho vem perguntar se o “forasteiro” está passando mal. Não, o forasteiro não passa mal: sabe, apenas, que estão enterrando naquele momento uma grande mulher. Enterram as “lembranças” de Rubem Braga junto dela e com ela também se vai um mundo. Por que “forasteiro”? O mundo que dona Maria Aparecida Silva leva consigo deixa alguns como estrangeiros, com a perfeita nitidez de que não pertencem ao ambiente, sós e diferenciados cada vez mais, estranhos, estranhos. Vem a antiga canção: “Debaixo dos caracóis dos teus cabelos...” Não, dona Maria não tem caracóis nos cabelos, mas sabe conciliar seu trabalho com as queixas daqueles jovens que se lançam no magistério como meio de sobrevivência e como instrumento de ascensão social. Não pegam em armas. Nem em fuzis ou metralhadoras: não são terroristas. Debruçam-se nos livros e recortam velhas “Manchetes” para provar a todos sua capacidade de lutar e sua competência. E para oferecer o que entendem haver de melhor para seus alunos. Dona Maria também luta com competência. Depois de seu trabalho na cantina, trata da filha doente e dos filhos pequenos. Escuta com paciência os jovens e velhos professores com seus jovens e velhos ressentimentos e os adolescentes com seus planos e suas perplexidades. Tanto para uns como, sobretudo, para os alunos, ela é refúgio. Como se fosse repetir o salmista: “mais que o vigia pela aurora”. Na escuridão, onde é deixada, leva junto uma época, um tempo, o projeto que se realizou ou não. Dona Maria Aparecida da Silva testemunha tudo. Tem morada garantida no coração de tanta gente. “Nada poderá trazer de volta o esplendor que ficou na relva, glória de uma flor”. O poeta de língua inglesa ensina bem. Nada poderá tra-

zer de volta aquela época do Colégio Estadual. Mais do que a nostalgia do “amar o perdido”, a música popular e caipira soa, soa e ressoa: “Lembrança, por que não foges do mim?”

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XXIV

“Não se arrisque a voltar ao passado se não estiver bem seguro dos riscos que neste caminho irá enfrentar. Aquela paisagem que habitava nossa infância e que, por algum motivo, conseguimos reter em nossas reminiscências foi sobrecarregada de outras emoções durante a existência e desfigurou o colorido que idealizamos durante todo este tempo. Volte devagar, pé ante pé, pise o chão com cautela, não procure encontrar antigas ‘margaridas’ e até ‘onze – horas’: elas murcharam e não foram replantadas”. O trecho acima, de singular beleza, é quase o final do livro do Dr. Hélio Moreira. A busca do tempo perdido, ensinada por Proust, vem repetir a lição do poeta de língua inglesa: “Nada poderá trazer de volta o esplendor que ficou na relva”. Nada poderá trazer de volta a Pensão Santo Antônio, de Gaspar Lopes. Nada poderá trazer de volta as nuvens observadas quando deitado na grama de Gaspar Lopes. Nada poderá trazer de volta o próprio lugarejo de Gaspar Lopes. Nada poderá trazer de volta a desconfiança e o medo do desconhecido naquele abril de 1957, quando o Dr. Hélio Moreira se despede, de madrugada, da sua irmã Lucy, de seu cunhado Netinho, para abrir a porta do futuro. Nas ruas silenciosas e sombrias de Alfenas, depois dos conselhos mansos do sr. Zequita Barbosa, naquela madrugada, o Dr. Hélio Moreira mergulha nas invisíveis montanhas do amanhã. E parte para Curitiba. Nada poderá trazer de volta o *Kyrie eleison* da Igreja de Gaspar Lopes e a

figura do Padre Afonso Van de Graaf, ladeado pelos coroinhas, um dos quais, o Dr. Hélio Moreira. Como ele mesmo diz em seu livro, “é impossível repetir o mesmo retrato depois que se disparou o ‘click’© do tempo”. No entanto, o livro do Dr. Hélio Moreira consegue traçar os contornos do retrato, sem rasgá-lo. E traz alguma coisa de volta, com outra roupagem, mas traz. Da maneira como ele ensina em seu livro, pé ante pé, com muita cautela, se pisa também no seu chão. Tranca-se no quarto numa tarde de outubro, lê-se de uma vez quase todo o livro. Não se é mais rápido porque ocorreu a mesma coisa que ele teve naquela madrugada de 1957: “caminhada tornou-se mais difícil”. Seu livro inevitavelmente traz comparações. Pode ser visto como contínuo do Banco Nacional. O outro menino, trabalhando desde muito cedo na tipografia do jornal “O Alfenense”, algumas vezes vai ao Banco Nacional, a serviço. Pensa-se em Curitiba, em viagem que ele descreve com maestria em seu livro. Foi ao encontro de seu Destino. Seis anos depois de sua formatura, quando se vai a Curitiba, na graduação em Medicina do amigo Dr. José Marcos de Paiva Costa, desce a lembrança de que, naquela mesma Universidade, se forma o Dr. Hélio Moreira. Seu livro, além de tudo, comove porque há várias passagens de Moscou, da mesma Moscou incendiada por Napoleão Bonaparte e que faz parte dos sonhos do moço Hélio Moreira. Deixa-se de lado qualquer aspiração juvenil e a própria Rússia; também deixa de lado qualquer aspiração para realizar os projetos descritos na obra do Dr. Hélio Moreira. Dois anos depois, em Moscou, na praça Vermelha, na frente do túmulo de Lênin, na mesma paisagem de capa de seu livro, junto, outra tribo, desta vez com os turistas de Alfenas e criança de apenas quatro meses de idade. Olha-se a catedral de São Basílio. Alguém comenta: “É a primeira vez que uma pessoa nascida em Gaspar Lopes está em Moscou!” O co-

mentário refere-se ao José Carlos Banhos, o Batuque, companheiro de viagem do grupo alfenense pelas estepes russas. Contesta-se: “Não! Um filho de Gaspar Lopes aqui esteve primeiro, aqui contemplou primeiro o palanque onde presidem grandes e demorados desfiles Stalin, Brejnev, Kruchev, Gorbachev, onde o povo aplaude o astronauta Gagárin. Há dois anos esteve aqui o Dr. Hélio Moreira, a convite da Academia de Ciências de Moscou.” A alma eslava encanta nos livros e nas canções. Na velha eletrola, as músicas relatam os feitos de Stenka Rasin, no Coral da Dona Carmen; em russo, entoam-se os acordes dos “Barqueiros do Volga”; chega-se a estudar um pouco da língua russa com aulas particulares de um nativo da língua que apareceu na Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas. Na praça Vermelha, ou no Kremlin, ou no prédio do balé Bolshoi, nas fotografias ou nos relatos do livro do Dr. Hélio Moreira, nas noites de Moscou, é possível comparar com a dele a breve estada do grupo alfenense. Leva-se, nesse grupo, esposa, genro, filha, neto, um pedreiro pintor de paredes, um dentista-docente, um farmacêutico-laboratorista e o segundo gasparlopense a conhecer Moscou, conhecer Moscou depois do Dr. Hélio Moreira. “Entre o sonho e a realidade” – o livro do Dr. Hélio Moreira, que, na noite de outubro, a cidade de Alfenas e sua Universidade – a UNIFENAS – Universidade José do Rosário Vellano – levam a todos, traz o Dr. Hélio Moreira às suas origens. Escreve ele: “Não quero renegar meu passado de sonhos”. Mais do que isso, ele traz seu passado como consequência de sua vida. Do menino que nasce e cresce – como conta na introdução – “em um vilarejo provinciano”, vence tudo, torna-se grande médico. “Não é uma autobiografia”, ressalta ele. Reverencia o passado e a condição humilde sem colocar, no válido orgulho, lição que deve ser imitada e repetida. O sabor prazeroso advindo da recordação dos fatos e das

peças, quase todas conhecidas, dá o timbre autobiográfico inigualável ao livro “Entre o sonho e a realidade”. Muitos fatos comuns, embora em épocas e locais diferentes, aproximam-nos. Assim como ele, leem-se alguns livros do escritor-político, mas, diferentemente dele, só se vê de longe Plínio Salgado. Assim como ele, é-se membro da Juventude Católica. Assim como ele, é-se empregado desde cedo. Assim como ele, vive-se durante algum tempo empolgado com transformações sociais. Assim como ele, ouve-se certa vez com estranheza o hino chamado “Bandiera Rossa”. Assim como ele, sorve-se o “Confesso que vivi”, de Pablo Neruda, de quem se sabe, pelo livro, amigo dele. Assim como ele, conhecem-se algumas pessoas citadas no livro, como Heitor Taylor do Prado, Zequita Barbosa, Carim Elias Donato, Dr. Paulo Barbosa da Costa, Benedito Tercetti. Pertence-se de certo modo à sua geração. Inegavelmente, foi mais longe. Quando Astrogildo Pereira pega a barca da Cantareira rumo à Praça 15, no Rio, e visita Machado de Assis em seu leito de morte, dois dias depois, em artigo de jornal, Euclides da Cunha escreve: “Qualquer que seja o destino dessa criança, ela nunca mais subirá tanto na vida”. O médico da noite não é do tempo de Machado de Assis nem de Euclides da Cunha, mas sobe bastante na vida. Numa certa noite, os primeiros acordes da Quinta Sinfonia de Beethoven – que muitos dizem ser o símbolo do Destino – estabelecem que não se faça a viagem programada a Belo Horizonte para a manhã seguinte. Desfaz-se a mala pronta e pobre, e não se repetiu a madrugada de abril do Dr. Hélio Moreira. Prevalcem com essa mala desfeita os versos de Menotti del Pichia: “Não vás, que aqui serão teus dias mais serenos”, e até hoje, sobretudo hoje, se interroga se na terra natal a própria dor dói menos ou dói mais. A porta do futuro mostrou ao Dr Hélio Moreira que o seu caminho não é o da mediocridade orgulhosa. No campo

da Medicina, mais especificamente da Coloproctologia, cria técnica, respeitada mundialmente nos meios científicos, técnica cirúrgica que leva o seu nome. A estreita ligação do Dr. Hélio Moreira com suas origens e sua gente motiva que mande sua única filha mulher estudar Medicina em Alfenas. Aqui, em Alfenas, ela se gradua, aqui se forma, encontra aqui seu esposo e parceiro de vida. Em 1600, antes de ser queimado vivo na fogueira pela Santa Inquisição, Giordano Bruno escreve a um amigo: “Que ingenuidade a minha”. Não se quer pintar com tons cinzentos a noite. Contudo, não se deve calar. A estreita e íntima amizade com o Dr. Hélio Moreira dá o direito, talvez, de carregar o pronunciamento com timbre de mais franqueza. De público se pode falar como o ex-dominicano Giordano Bruno: que ingenuidade a minha! Que ingenuidade, no final desse curso mencionado de Medicina dessa moça, em respeitar decisões que não primavam pelo bom senso. Que ingenuidade nessa hora em não caminhar além dos limites do território julgados eticamente intransponíveis, mal sabendo que a decisão que vem, como escreveu o poeta romano Ovídio, “mora no fundo do vale, onde o sol nunca é visto.” Que ingenuidade a espera de equilíbrio daqueles que entendem a vida da mesma maneira confessada pelo escritor norte-americano Gore Vidal: “Quando um dos meus amigos tem sucesso, algo dentro de mim se apaga”. Navegam nas águas descritas na fala de Sápia, na Divina Comédia de Dante Alighieri: “Maior ventura provei ao saber da infelicidade alheia do que gozando a minha própria felicidade”. Que ingenuidade, antes desta graduação, em acreditar que prevalece a razão e que o celeiro de vaidades não é tão grande como no tempo de William Thomas Green Morton, o criador da anestesia, sua descoberta com éter sulfúrico. Ele, Thomas Green, vítima de infâmias, aleivosias e adversidades entre os seus próprios companheiros de profissão. O êxito e

o encontro feliz com o Destino machuca aqueles que Nietzsche escreveu que têm “a emoção que envenena”. Quando a pessoa passa a ser mais inalcançável ainda, mais se agrava a hostilidade, ensina Emanuel Kant. Há, ainda fechado, lacrado, o envelope da carta de então, da época daquela formatura. Não há coragem de abri-la, porque se descobre tardiamente o triunfo da insensatez, do fato consumado. Mais uma vez, querem volver os tempos e vicissitudes do médico Willian Thomas Green Morton. A carta lá está, intocável, mas guardada, testemunhando, com sofrimento, que o mal secreto do livro de Zuenir Ventura sai vitorioso diante da hesitação e da perplexidade de quem se recusa a contemplar em tempo o “fardo trágico de sua obra”, como Ludovico se dirige a Iago, no “Otelo”, de Shakespeare. Cantores, violão, bandolim, no início da noite. Tudo isso procura enterrar o “fardo trágico da obra”. O “antigo mundo”, que, segundo o livro, “não desperta aos atuais viventes nenhuma emoção”, todos o entendem e o sentem. O autor pode dizer com a mesma força narrativa do seu amigo Pablo Neruda: “Se, algum dia, à minha terra eu voltar, quero encontrar as mesmas coisas que deixei, Quando o trem parar na estação, eu sentirei no coração a alegria de chegar. De rever a terra em que nasci, E correr como em criança, pros verdes campos do lugar, Pegarei novamente a sua mão, E revivo os momentos de alegria, nos verdes campos do meu lar”. Gaspar Lopes em nosso coração e em nossa mente ainda vive, e isso basta. Com discrição, bem baixinho, na madrugada de abril de 1957, o Dr. Hélio Moreira pode dizer que “vou partir mas sei que volto um dia, pra ver de novo a terra em que nasci, pisar o mesmo chão onde brinquei quando criança; eu vou partir mas sei que voltarei. Os meus amigos vão pra não voltar; levados pelo sonho, vão buscar a fantasia. Não vou ficar aqui para esperar”. O livro trouxe ao alcance da mão as colinas do

ontem e as invisíveis montanhas do amanhã. O livro trouxe a paixão estonteante do passado e a prova irrefutável de que a pessoa mesma pode traçar os caminhos de seu próprio futuro.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XXV

No confessionário, Padre Pedro Digenouts escuta as misérias e falácias humanas. O pré-adolescente fica rubro. Padre Pedro, implacável, com voz serena: “Infelizmente a honestidade fica cada vez mais ausente...”. O pré-adolescente interrompe. Precisa do dinheiro encontrado por acaso no banco do jardim, tem necessidade dele. Padre Pedro, no meio da penumbra, com seus olhos de holandês, flutua e contempla o pecador-menino. Interroga. Pergunta com doçura: “O que pretende ser, o que estuda?” E sentencia, depois: “Quando crescer, quando tiver dinheiro, dê tudo aos pobres”. Antes da “Teologia da Libertação”, o vigário da Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas manda que se faça opção preferencial pelos pobres. Na Cruzada Eucarística, o alto-falante, aos domingos, inevitavelmente, traz a voz e os cantos de Tereza Carvalho. A missa é da Cruzada. Ninguém imagina que no século seguinte surgiria Osama Bin Laden. E que a Cruzada – histórica – abandona a inocência da missa matinal para ser discutida nos comentários da mídia. Os garotos vestem roupas brancas e trazem faixa escrita “Cruzada Eucarística”. Os que não têm recursos financeiros não ousam se aproximar dos “cruzados”. Pertencem a outra casta social. O Bazar Alfenas, ao lado da igreja. Almir Azevedo sempre sozinho à frente. Mais adiante, o bar do Marinho e as figurinhas. Balas, prêmios. Alguns compram caixas inteiras das figurinhas. Os meninos olham de perto. Há frenesi quase coletivo quando

os bem-aventurados abrem as figurinhas. E nada do prêmio, e as balas doadas já enjoam. Geraldo Paulino Ferreira aparece vestido de Rei Momo. Traz e come massa de abacate em um urinol (evidentemente limpo) e, para a criançada, é uma graça. Na sua coroa, escrito: “Lasquei fogo!”. Gíria da época; não se consegue traduzir até agora. Mas todos sorriem. Lasquei Fogo!. Poucos carnavalescos. Não há multidões. De repente, correria. O Rei Momo está detido, pode ser visto no carro. Os meninos entendem que Carnaval é festa de alegria e os gestos não são nada alegres. Mais tarde compreenderiam tudo. Os demais dias de Carnaval ficam sem Rei Momo. Há somente vagas notícias da briga que resulta na detenção temporária do Rei Momo. Outro Carnaval, outro tempo: quem é o Rei Momo? Jairo do Zé Damas. Os três dias e as quatro noites são de Sua Majestade Primeiro e Único, Jairo do Zé Damas. E mais uma vez sem multidões ululando, alguns meninos, algumas famílias, poucos foliões. Só que 100 pessoas em uma cidade pequena dão a impressão de milhares. No sábado, o Rei Momo é recebido sempre no Bar Brasileiro: discurso de Maurício Lomonte. Sobe a uma cadeira, saúda o Rei Momo. Maurício, este ano, está atarefado: pede que o adolescente escreva a resposta do Rei Momo. Quem é? Albino Borin, pai? Ex-funcionário da Nacional ou da Real Transportes Aéreos? Quem é o Rei Momo? O discurso vem empolado, anticarnavalesco: o adolescente pensa que está praticando a fina flor da literatura. Com paciência, ao responder, Maurício Lomonte com jeito explica que faltou ao discurso jocosidade. Outro Rei Momo: Helly Siqueira. No Tribunal de Justiça do Rio, o escritor Ruy Castro é absolvido. As filhas de Garrincha querem indenização porque Ruy Castro pôs em seu livro que Mané Garrincha mostra nos vestiários anatomia íntima muito maior do que a dos mortais. Com humor, o desembargador emite seu voto: “...neste país é motivo de orgulho, não

provoca qualquer dano moral à sua pessoa”. Com 55 anos, o escritor Mário Prata investiga a palavra “sexagenário”. Recebe cartas de quem já tem 60 anos: “Decorre uma paz serena, que não tem comparação com nenhum de outros prazeres antes conhecidos na vida. É a ausência do sofrimento antes causado pela ansiedade, pela vaidade e pelo espanto, porque nada mais surpreende nem molesta um sexagenário”. Mário Prata descreve as cartas que recebeu. Quando tiver 60 anos, o leitor sugere que ele use a palavra *sexigenário*; outro prefere *sessentual*, um cita Oswald de Andrade: *sex – appeal – genário*... Como ensina Fernando Pessoa: “Não haverá enfim, para as coisas que são, não a morte, mas sim uma outra espécie de fim, ou uma grande razão – qualquer coisa assim como um perdão?”

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XXVI

Nas ruas e praças bailam Maria Silveira Ferreira e Juscelino Ferreira. É carnaval. Dona Maria vem fantasiada. Ele também. Quase se canta como Chico Buarque: “Você era a mais bonita das cabrochas desta ala, você era a favorita, onde eu era mestra-sala...” A multidão (agora sim, realmente é multidão) aplaude e admira o cadenciado de dona Maria. Seu esposo, Juscelino Ferreira, sempre secundando para que seu bailado fosse visto por todos. Ela consegue naquele Carnaval, nas ruas da Vila Formosa de São José e Dores de Alfeñas, transmitir ao povo sua alegria carnavalesca pura. Ao som do violão, Juscelino Ferreira faz serenatas que empolgam a moça Maria Silveira. Com voz bonita, vê-se pelo retrato antigo sua bela aparência física. Juscelino Ferreira conquista Maria Silveira e se casa com ela, que, agora dança no Carnaval. O povo delira. Os que estão nos cordões de isolamento dos dois passeios da praça parecem contagiados com a espontaneidade e a alegria que vêm do casal. Dona Maria repete Manuel Bandeira: curtir sem queixa. Jamais, os que estão longe pelo menos escutam dela lamentos e amarguras pelas ásperas curvas que o Destino nos traz ao longo da vida. Amou, casou-se com quem amava. Quando sente que é preciso, percorre o trajeto do distante grupo escolar em Belo Horizonte e ali leciona, como normalista, embora não tenha mais os 18 anos, quando começam no mundo do trabalho as normalistas, quando havia normalistas. Apesar de tudo, como na

música de Néelson Gonçalves, tocada na Rádio Cultura de Alfenas: “vestida de azul e branco, trazendo um sorriso franco...” Vejo-a de longe: agora, ajoelha-se em silêncio, encosta-se no corpo inerte de seu pai, fecha os olhos e fica nessa posição longas horas, segurando suas mãos. O que pensa ela? Onde ele está, o que escuta? Ninguém sabe. Outra vez, na despedida de Juscelino Ferreira, amparada por sua irmã Lúcia Silveira Guedes, ouve-se apenas ela dizer adeus com voz entrecortada. Nada de lamentos altos: a dor fica silenciosa no fundo do coração. Do alto da janela de seu apartamento, ela acena com simpatia para a caravana política que desfila nos carros. Expõe faixa. O candidato a vice entende o gesto de dona Maria. Ela não sabe que ele se julga muito pequeno diante dela, não sabe que sua fortaleza diante de tudo traz a ele noção exata de sua pequenez. Mulher forte, luta a favor do filho médico veterinário, luta pela transferência do neto, está preparada para enfrentar com altivez os reveses. Nunca se julgou com “sangue azul”. E parece que sempre soube que as portas do futuro vão se abrir e não virão coisas suaves. Porém não se pode esquivar dessas portas e do que virá: tudo tem que ser enfrentado com galhardia, sem soberba, sem perder a alegria. Nem quando faltam os ares, nem quando a memória castiga lembranças... O governador de Minas vem a Alfenas. Kubistchek, na casa do Dr. Emílio, participa de banquete. Não há restaurantes, não há bufês, mas todo Governador deve participar de banquete. Maria Paulino Ferreira, cujo nome verdadeiro é Maria da Conceição Ferreira, conta tudo: o governador comeu pouco, Juscelino Ferreira cantou para ele “Peixe Vivo”. Maria Ferreira, também conhecida como Maria Candinha, relata aos vizinhos atentos à trajetória, em Alfenas e na casa do Dr. Emílio Silveira, do Governador Juscelino Kubistchek de Oliveira. E os vizinhos escutam a outra Maria: ao redor dela ouvem todos os detalhes do que, para

eles, é a Ilha da Fantasia. E imaginam a voz de outro Juscelino, o Ferreira, cantando para o Governador que depois seria Presidente da República. E a visita de um Governador, para todos e para a cidade, era como se estivesse aqui um Rei. E para todos da rua Tiradentes, Maria Silveira Ferreira e Juscelino Ferreira pertencem à família real, fazem parte da realeza. Admirados, não invejados. A inveja vem neste momento porque há certeza de que dona Maria Silveira Ferreira pertence à realeza da coragem e da alegria.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XXVII

O balcão de Julieta, onde namorava Romeu, é apresentado. Alguns o veem com mais emoção, outros com menos, outros com nenhuma. Para alguns, vêm de imediato as imagens do filme de Franco Zefirelli: a figura doce da Julieta de Zefirelli desenhada por ele e os traços juvenis de Romeu, escolhido pacientemente por ele entre atores ingleses. Todos estão em Verona, quase no extremo norte da Itália. Haverá, à noite, espetáculo de ópera no Coliseu de Verona. É a Aída, de Verdi. Dos confins da Europa chegam turistas aos montes: não há mais ingressos à venda. Os alfenenses tomam sorvete ao lado do Coliseu de Verona. Anoitece na Itália. Chuva fina começa a cair, depois fica forte: corre-se em busca de táxi. No hotel, por que não ligar para o Brasil? Teria sido mais venturoso não ligar. Mesmo no quarto do hotel, pelo telefone, segunda ligação: Padre Lázaro Assis Pinto consola: “Você convidou todos para a valsa de sua filha, apresentou todos, apresentou-o à sociedade, trouxe-o de Goiás para seu Hospital: não há lamentos, pois sua consciência deve estar tranqüila”. A chuva serenou. Em Verona, a um barzinho ao lado do hotel, vão chegando alguns alfenenses que já sabem do primeiro telefonema. Não o de Padre Lázaro, mas as coisas ruins que vieram do Brasil no primeiro, e que agora carregam de amargura a noite de Verona. Os alfenenses querem ser solidários, estar juntos. Mais uma vez sente na pele a sentença irresponsável: a vida que poderia ter sido e que não foi. Vero-

na, Itália, o hotel, tudo reproduz estranha sensação de culpa e remorso. Por que ele não está aqui, se é muito mais competente e culto? E a noite envolve Verona, Shakespeare, Romeu e Julieta, Zefirelli, o balcão, a atriz inglesa Olívia Hussey, a ópera de Giuseppe Verdi, os amigos alfenenses ao redor; cobre com escuridão a vida e traz acre sabor de abandono e usurpação. Se não pode, ou não quis antes, deveria presenciar tudo até a hora derradeira, no Brasil. Baila a usurpação de ocupar lugar e espaço que pertence, por direito e por mérito, a quem olhou pela última vez a paisagem sem sabor da UTI de um hospital, mandando mentalmente a doída mensagem: a vida que poderia ter sido e que não foi. Em outro tempo, Zé da Nega assa leitoas e biscoitos. Por encomenda. Nessa noite vai estrear na “vida” donzela em flor. O romantismo, queiram ou não, prepondera. Discursam saudando a donzela que “caiu na vida”. Não havia aids. Todos os que se atiravam à boemia noturna não temiam nenhuma doença mortal. Não havia doença apanhada ali que não resistisse a uma boa penicilina. Ficou o registro da saudação, dos discursos laudatórios dos melhores oradores e boêmios da cidade em regozijo pela entrada solene da donzela naquele mundo que, na época, muitos julgavam imundo e pecador, e hoje nos soa puro e limpo. E romântico. E a donzela saudada com discursos realçados pela leitoa do Zé da Nega continua viva até hoje. Claro que não é mais donzela, claro que não é mais juvenil. Talvez ainda permaneça no ramo e talvez alguns dos que comeram a leitoa e os biscoitos do Zé de Nega e ouviram os inflamados discursos ainda estejam vivos e possam se lembrar de que a Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas carregava de romantismo e transformava em ritual o oferecimento “ao respeitável público” de um belo corpo de mulher.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XXVIII

O programa “Cine-Rádio” anuncia o cinemascope. Na voz de Camilo Neto se escuta, por mais de uma vez, que a Cidade vai ter no Cine Alfenas o cinemascope. “O Manto Sagrado” o inaugura. Victor Mature na grande tela deixa todos deslumbrados, depois que enfrentaram enorme fila, aguardando ver as imagens na técnica do cinemascope. Os irmãos Moutran, donos do Cine Alfenas, trazem fileira de filmes, e as filas crescem cada vez mais. “Suplício de uma Saudade” – todos se emocionam com Debora Kerr. A voz do locutor Camilo Neto continua bonita na Rádio Cultura com o Cine-Rádio. A cantora Ângela Maria se apresenta no Cine Alfenas. Na saída, estudantes se alvoroçam, o policial militar atira, todos correm. A multidão volta, agressiva. Há tensão no ambiente. O Delegado Paulo Leite Naves é chamado, acalma todos, dialoga com aquele povo exaltado. Alguns estudantes de Odontologia e Farmácia estavam presos. A multidão se dirige para a Delegacia que fica perto dali, na praça da Bandeira. Agora, o advogado Lincoln Westin da Silveira, recém-formado, lidera campanha porque o Cine Alfenas aumentou o preço de seus ingressos. Os estudantes de Odontologia e Farmácia estão, também, à frente. A cidade é ligada, na sua diversão, ao cinema: todos vão ao cinema. Há pessoas que vão ao cinema todos os dias. A maioria vai aos domingos. Outros, segunda-feira, depois de garantir o ingresso respondendo corretamente no “Show do Milhão”,

de Benedito Avelino, na Rádio Cultura. O que faz hoje Sílvio Santos com todo aquele aparato já era feito na Rádio Cultura de Alfenas, há 40 anos, por Benedito Avelino de Lima. Em uma segunda-feira, a loura Kim Novack apaixona os adolescentes no cinemascope com suas *Férias de Amor*, cujo título em inglês é simplesmente Pic-nic. Outro tempo: Cine Carlos Gomes, antigo Cinema do Zé Resck. Sessão de quarta-feira: há prêmio acumulado. O cinema fornecia cartões, e às quartas-feiras os felizardos recebiam prêmio em dinheiro. Não há loterias esportivas, superssenas. Há as sessões de quarta-feira, interrompidas pelos passos do gerente Rubens, sorteando ilusões para os que desesperadamente precisavam delas. O jornal local faz campanha contra o cinema. Várias semanas trombeteia contra o pardieiro da rua do mercado, alardeando o estado de conservação do prédio. Em vão. Todas as quartas-feiras o povo estava lá aguardando os passos de “seu” Rubens e sua lata de manteiga carregada de números e de sonhos. *Nyoka – a Rainha da Selva*, *Marcelinho Pão e Vinho*, Sarita Montiel. E as filas numerosas viravam quarteirões! Vicente Celestino, no Cine Carlos Gomes? O velho cantor, no palco: canções que mais pareciam operísticas. Ah, O Gordo e o Magro: quando se vê na televisão a Sessão da Tarde, vem inevitavelmente à lembrança o Cine Carlos Gomes. De tudo fica um pouco, ensina Drummond. O programa radiofônico Cine-Rádio ficou. Suas músicas, o clima despertado, a voz sempre modulada de Camilo Neto dizendo que havia outros mundos, outra vida, nomes de artistas que soam mágicos: quanta paixão nascida nas imagens daquela tela! Às onze horas da manhã, alguma coisa desperta. O horário do Cine-Rádio. Hora em que se pode sonhar, e ainda nem se havia lido “A hora depois do Sonho”, de Clarice Lispector.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XXIX

Com certa dificuldade, caminho até a UTI. Não gosto de lá. Ex-usuário de lá, não me agrada estar perto dos que estão nesse estupor. Lá está um estudante de Odontologia da UNIFENAS: tem vinte por cento de chance de não sucumbir, ele que acreditava em seus conflitos, que queria partir e que, ao chegar à UTI, mostrava com desespero que não queria a viagem definitiva, pedindo aos médicos que não permitissem a vitória da sua insensatez. Seus 20 anos fazem com que ele resista à chegada da morte. Lá está Luiz Gonzaga de Moraes, de quem ensaiava crônica lembrando o tempo em que era dono da cantina da EFOA e, nos bailes, me colocava no caixa, cuidando da receita e da venda das fichas. A crônica, não publicada a tempo, talvez não o seja mais. Nela falaria da viagem que fizemos até Itaú de Minas, o jantar em sua casa, a ida, depois, a Ribeirão Preto, em um Aero-Willys branco e reluzente. Evidente que esse carro não era meu. Caroneiro, usufruía daquele carro branco em companhia de seu proprietário. Voltamos até Itaú de Minas. Fomos até a pequena farmácia de Luiz Moraes. O alto-falante da igreja de Itaú de Minas anunciava a hora do ângelus. A ave-maria cantada se esparramava pelas ruas daquela terra que ainda nem município era: pertencia a Pratápolis. Lutador, Luiz Moraes liderava a luta pela emancipação do distrito de Itaú de Minas, que viria mais tarde, muitos governos depois. Agora, nessa UTI, tudo é tarde. Nada pode fazer com que ele leia a crônica,

nada adianta o lamento por não tê-la escrito! Nesta segunda-feira, quando ele ainda vive sua solidão hospitalar, forçoso é reconhecer que Luiz Moraes pode ser chamado de lutador. Alguns equívocos, algumas posições extremadas – mas quem não os tem? Recompensa: recorde que falei em tom de discurso, em campanha eleitoral, perante razoável número de pessoas, citando seu nome e lembrando os bons tempos de bailes no Grupo Escolar Cel. José Bento, quando ele era dono do bar e eu, o seu caixa de confiança, apesar de ser ainda menor de idade. Em outro local, em outra hora – encontro de fim de ano – Eugênio Cabral observa que citei, no jornal, Edu Lobo como autor de *Disparada*. Com segurança e propriedade informa que o autor é Geraldo Vandré, o mesmo de *Prá não dizer que não falei de flores*. Penitencio-me: realmente Geraldo Vandré deve receber os créditos. À noite, vou consultar a Internet e descubro que a melodia é de Théo, o violonista, somente a letra é de Vandré. Não tira a beleza da música nem a importância da informação de Eugênio Cabral. O filho de José Resck vem falar comigo. No Clube XV, estavam José Resck, Samuel Valadão, Gilberto de Sousa, Voltaire Sério, todos em volta da mesa de bilhar. Resck conta: “Quando fui candidato, quase todos me falavam: Vai, Zé Resck, você é muito popularr...” Ele arrasta os erres de propósito. Todos esperam o desfecho, segurando o riso. “Quando se abriram as urnas, o resultado. Primeira seção: Zé Resck, um! Segunda seção: Zé Resck, um! Aqui, ó, popularr...” E fazia gesto obsceno com as mãos, zombando do insucesso eleitoral. Todos riam. O senso de humor de José Resck não se curvou a nada, nem às lembranças amargas que a vida nos traz. Cito letra de música. Experimentado, desta vez confiro antes: não corro o risco de ser novamente corrigido. O verso é da música de Luiz Vieira, e a Internet não registra nenhum co-autor. É da *Guarânia da Lua Nova*, música tão canta-

da no Rancho das Cachoeiras. Para compensar, ninguém na mesa de Eugênio Cabral ouviu ou sabia que Geraldo Vandré compôs também *Pequeno Concerto que virou Canção*, música que eu ouvira, havia tempos, em um pequeno gravador sob o embalo do “pálido encanto da noite de luar”. A citação entre aspas, confesso logo que é de Eça de Queiroz. De “Os Maias”, as palavras vêm à memória. Não são exatas. Quase. Ouço, então, os acordes de Viola *Enluarada*: vem a reminiscência de ter acordado de madrugada, o rádio ligado com o som e a mensagem sonora de Marcos Valle e seu irmão. A madrugada indormida não predomina no quadro. Vence a amarga lembrança daquela manhã na UTI: a médica e a enfermeira mostrando o jovem corpo do estudante pelejando contra a morte, em coma induzido, sua agonia, as limitadas chances de sobrevivência que ele tem e, doendo para o visitante, o castigado corpo de Luiz Moraes em uma luta muito desigual para ele, mas sempre lutando, lutando...

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XXX

Durante a formatura do curso de Medicina se ouviu: “O pai não é aquele que gera, mas aquele que ama”. Nesta hora falo como pai, e sinto iguais as pontuações que acontecem no coração de todos os pais que estão aqui. Eles me compreenderão e aceitarão essa quebra na sequência formal desta solenidade, pois uso a mesma linguagem deles.

Falo, agora, como o pai que gerou e o pai que ama. Quando Larissa veio para o mundo, contemplei aquela pequena criança no seu berço e, desde logo, compreendi que, embora eu lhe tivesse dado a vida biológica, embora eu, nos anos seguintes, tivesse que lhe dar o sopro da vida psicológica, Larissa, a criança que nascia e de cujo nascimento eu levava a alegre notícia da madrugada para Dona Alzira, não era a minha vida: vida que surgia para o mundo não era de minha propriedade, não me pertencia.

E não há melhor resposta que o espetáculo da vida: vê-la surgir como Larissa surgiu naquela época, em nova flor explodida; ver agora Larissa desfiar esse fio, que também se chama vida, ver agora, no momento final, a nossa Larissa, no final dessa fábrica paciente em que ela mesma se fabrica.

Como sempre fez, Larissa vai continuar percorrendo os campos e as montanhas, as cidades e as serras – sempre com os seus passos, pois os caminhos pelo mundo ela mesma os traça.

Bem o sabem os que se aproximaram, ou se afastaram, ou nunca chegaram perto em razão de sua origem genética.

A lembrança do berço, os tempos da escola fundamental, o encanto dos seus balbucios iniciais, as aventuras formosas e fagueiras das viagens pelo mundo afora, a tênue, inexpressiva e apagável passagem dos primeiros e equivocados amores, para o pai que ama, essas coisas todas ficarão amortecidas e esmaecidas; resistirão tão somente como evocações, algumas mais demoradas, outras rápidas e fugidias; outras nem lembranças serão porque, para ela também, serão esmaecidas e amortecidas, rápidas e fugidias, e nem lembranças serão.

O pai que ama sabe que a vida não é a dele. Os contornos da memória guardarão que a pequena e frágil criança hoje se torna médica, seguindo o seu destino e o rumo que Larissa quis que o destino tivesse.

Quando Larissa tinha onze anos, no primeiro ato solene dessa Faculdade de Ciências Médicas, fez publicamente a leitura do mesmo trecho do apóstolo São Paulo sobre a língua dos anjos, que todos ouviram na missa de ontem, na voz de outra formanda.

Viviane, com nove anos, nesse primeiro ato, leu em público o capítulo de São Mateus sobre o “Pedi e recebereis..”

Estava ela e estávamos todos ligados estreitamente a essa Universidade que também nascia.

Hoje, a vibração vem da alma e do coração, porque o pai que ama recebe esse final como ato de amor.

E tem a felicidade de confirmar que o fruto da árvore veio bom e saboroso. Larissa não veio como a árvore à beira da estrada, não veio envergonhada por não dar frutos nem flores.

As leituras daquela noite, vindas de Larissa e Viviane, se realizam no tempo. Uma falava sobre sino de bronze, outra

falava sobre o ato de buscar e achar.

Hoje estou sentindo dentro do peito que a resposta da Larissa é maior do que a linguagem dos anjos e o som dos sinos de bronze. Sinto que a busca ressaltada por Viviane resultou no achado.

Muitas coisas deixei de dar aos meus e deixei de dar à Larissa, ao longo da implantação desta Universidade e de seu curso de Medicina. Muitas coisas!

Junto com o diploma que a Larissa hoje recebe, procuro entregar também um pouco disso, do que deixei de dar.

Nesse diploma de médica, vai tudo o que poderia ter sido e que não foi: os anos e os momentos que poderiam ter sido dourados, os anos e os momentos que poderiam deixar de lado as mágoas e os espantos; os anos e os momentos que poderiam reduzir o trabalho e o seu volume; os anos e os momentos que poderiam fazer esquecer a vilania e a maldade; os anos e os momentos que colocavam a importância e a preferência a esta Universidade e a seu curso de Medicina bem no topo.

Mas Larissa aí está, médica, graduada, igual a todos os homens e mulheres na terra dos homens e das mulheres, dando razão à origem etimológica de seu nome grego: fortaleza, beleza, retidão, vida.

O pai que gerou e ama continua aqui. Permanecerá aqui apesar de tudo ou por causa de tudo. Permanecerá com seus poucos cabelos ou com seus cabelos que a névoa do tempo vai marcar, não importa se claudicante, seu coração biológico ferido e costurado; com desencantos fustigando a alma; às vezes mal conhecido, não importa se mal explicado ou mal entendido, não importam seus acertos e erros, importa que permanecerá às vezes cheio de felicidade como hoje, pleno de alegria, mas permanecerá. Com a ajuda de Deus, acre-

ditando que a luz da verdadeira vitória nasce da paciência de cada dia, permanecerá ao lado da filha porque sabe que, embora a vida seja dela, ela, a filha Larissa, a médica Larissa, também o ama.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XXXI

As cartas não mentem jamais, trecho de valsa antiga cantada por Carlos Galhardo. O cantor vem a Alfenas. Peço a Lilcíades Landre (Nerito) que o receba, pois vai descer direto no Bar do Casemiro. Assim foi. Na sua simplicidade, Carlos Galhardo veio de ônibus, cantou à noite no terraço do hoje Colégio Atenas. Mas não é sobre Galhardo que vamos escrever. Há tempos, ele veio a Alfenas; depois, mais três vezes. A evocação vem de verso de sua valsa, que hoje pode ser dito assim: Os e-mails não mentem jamais. Na véspera de fazer 50 anos, Soloni Chagas Viana apresenta pequeno e rápido balanço e manda mensagem: “Passar pela revolução de 64, pelas guerrilhas, pelos anos 70, pelo psicodelismo, pela descoberta da lua, pelas tortuosas torturas, pelo movimento hippie, pela paz e amor, pelo tropicalismo – sem lenço sem documento – pela unidad latinoamericana, pelo amor livre, pelas diretas já, pelo PT, pelos partidos políticos, pelas religiões e regiões, pelas legiões de amigos e anjos de todas as seitas, pelos amores e pelas dores, pelos filhos e muitos encantos.” Quinquagenária, Soloni passou por tudo isso e sente que “a vida é bela”. E remete em espanhol: “las fotos no mientem jamás”, recebendo como resposta: “Yo no creo en brujas, pero que las hay, hay”. E as fotos testemunham o êxito de seu projeto de trazer um pouco mais de felicidade à gente do Hospital Universitário Alzira Velano que, de dia e de noite, lidam com a morte muito próxima e se sentiram importantes (ai de mim!)

por dançar minutos com alguns diretores. Outra carta. Esta veio de maneira tradicional. Aliomar dos Santos Viana foi um dos alunos das primeiras turmas de Engenharia Florestal. Com sensibilidade, tocava violão e cantava. Não estava longe e distanciado de sua geração e de seus colegas. Sobre eles tinha liderança. Infelizmente a juventude universitária acreditava (ou pensava que acreditava) que os dirigentes também deveriam ser combatidos como os militares que na época mandavam no país. Tais dirigentes representavam o Poder, e o Poder estava nas mãos dos militares: em consequência, eles, dirigentes, comungavam com os militares, “se não fossem da mesma laia”. E Aliomar veio estudar em Alfenas nessa época e presenciou as primeiras greves, as intermináveis reuniões e as festivas assembleias estudantis. Mas, “sin perder la ternura jamás”. Soma-se a tudo o ruído das “hienas”, de que sempre fala Normando Trindade de Moraes. Muitos conterrâneos maldosamente doutrinavam os alunos afirmando que a UNIFENAS não iria para a frente. Outros falavam: “Foi para frente: deve haver alguma mutreta... É a escola mais cara do Brasil”. Outros, vaticinavam gratuitamente: “Vai fechar”. Na construção do câmpus: “Parece granja (que cria frangos)”. Quando cheia de alunos: “Os estudantes de fora usam o nosso esgoto; as famílias tradicionais de Alfenas não são beneficiadas; os estudantes, com seu sotaque baiano, estão alterando a prosódia alfenense”. Ou chafurdando à procura de documentos cartoriais ou episódios que possam servir de “calcanhar de Aquiles” e destruir alguém ou alguma coisa. Ou “O dono está ficando rico”. E Aliomar conseguiu manter a sensatez dentro desse perturbado contexto. Impôs o bom senso encerrando greve de 40 dias que alguns, com irresponsabilidade, desejavam prosseguir. Chamando este autor de “meu amigo”, na carta cita Adélia Prado, a poetisa de Divinópolis: “O que a memória guarda e ama é a morada

eterna”, acrescentando, de autoria dele: “Alfenas é uma das minhas prediletas!” Duas cartas, duas sensações diferentes. Com jeito de jornalista – que ela sempre foi – Soloni Chagas Viana faz uma retrospectiva total dos últimos tempos. Vivenciou quase diretamente tudo. Enquanto o “pequeno escrevente feorentino” permanecia ouvindo Caetano Veloso e “Soy loco por ti, America”, Soloni, “com o corpo cheio de estrelas, nos braços de quem me queira” continuava minuto a minuto sorvendo os seus contínuos e riquíssimos cinquenta anos. Poderia dizer, como escreveu Manuel Bandeira: “lira dos cinquenta anos”. Já Aliomar lembra época em que havia plena convicção de que “estava entre os seus, e os seus não o conheceram”. Mas ele tem lembranças fortes do guerreiro que enfrentava as “hienas” e as maledicências. Agrada saber que Aliomar Santos Viana guarda também com cuidado e afeto a lembrança da vitória de sua sensatez.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XXXII

A tarde não começou a chegar à praça e o dia corre suave. Suave e mansa vem a voz de Isabel Bruzadelli Borges. Há alguns anos, tomou-lhe as mãos e orou. A memória muscular fugia do cerebelo. Visivelmente, o equilíbrio do corpo ludibriava. Segurando-lhe as mãos, Isabel Bruzadelli orou para que a memória dos músculos voltasse logo. Agora, neste meio-dia de domingo, fala de outras coisas, da eventual mudança para longe. Faz apelo à razão e interpreta alguns comportamentos. Deixa, por dentro, o tolo mais apalermado e inseguro. Pois que às vezes teima em partir, às vezes teima em ficar. Isabel Bruzadelli quer que ele fique. Partir, *c'est mourir um peu* – partir é morrer um pouco: a língua francesa chega à boca, com gosto de losna na suave tarde que ainda não se inicia. No jornal, Oliveiros Ferreira comenta o pensamento do Cardeal Ratzinger, do Cardeal O'Connor, do Padre Brown; rememora Chesterton. Todos os vivos defendem mais ou menos a tese de que houve o esvaziamento da figura histórica de Jesus Cristo. A “esperança vazia” – a consequência – define o cardeal alemão. Oliveiros escreve que “convivemos com aqueles que estão possuídos pelo Mal e que, timbrando em afirmar a todo instante que Deus morreu e não há mais perdão, pretendem impor sua vontade, tresloucada que seja, a quantos não se aperceberam de que os tempos são difíceis”. Os tempos são difíceis, os tempos são difíceis...repito. Fico imaginando se não há gargalhar ao re-

dor, no tremor da angústia, vindo de onde o Cardeal alemão e o Cardeal O'Connor dizem que “há um relativismo, no qual cada um tem sua verdade”. Ou a sua mentira, acrescento. “É um mundo sem pai” – continua o cardeal inglês – um mundo onde não há mais ninguém que possa dizer “Isto está certo, isto está errado”; um mundo onde não há mais ninguém que possa dizer “Estás perdoado”. Nesse cenário, a voz mansa e religiosa de Isabel Bruzadelli Borges oferece timbre claro e limpo. As investidas dos que vêm de perto ou de longe trazem os contornos descritos pelos cardeais: sofrem com o sucesso, sofrem com o bom gerenciamento, fingem felicidade e defesa da pobreza e da miséria. Se pudessem, do alto das montanhas, tentariam, oferecendo o mundo. Como não podem, buscam destruir, arrasar. Dias e noites, sem cessar, procuram fatos e acontecimentos que poderiam servir para destruir e arrasar. E, se há ouvidos para escutar o gargalhar, com certeza há impurezas que maculam e permitem que o ruído do Mal seja percebido com tanta nitidez. E o coração fica mais perturbado. “Mancha o Ministro, mancha o soldado”. Só que desta vez, no baile dos lêmures, se ouve o rapaz no Bar do Maurício declamando Manuel Bandeira. Cobra de mim e de Lincoln Westin da Silveira coerência e fidelidade a não sei mais o quê. Veio de Campos Gerais, estudou algum tempo no Colégio de Alfenas e na época, já fora da Vila Formosa de São José e Dolores de Alfenas, procurou aqui fundar “Os Alcoólicos Anônimos”. O poema lembrado foi escrito quando o General Lott ganhou espada de ouro por ter assegurado a posse do então presidente da república eleito. Daí, a pomposa expressão do poeta pernambucano: “Mancha o Ministro, mancha o soldado”. Ninguém mais se lembra do General, quase ninguém fala do Presidente eleito. Lincoln Westin da Silveira está, há tantos anos, morto; nunca mais vi o rapaz de Campos Gerais. Vem agora a lembran-

ça deste episódio, quando os cardeais tratam do predomínio do Mal. “Breve o tempo esqueceu minha incerta medalha e a meu nome se ri”: é de Drummond. A certeza de que as coisas são passageiras e fugazes traz a “esperança vazia”, tão mencionada pelo Cardeal Ratzinger. O Dr. Emílio Silveira, o médico, também enfrentou os aventureiros que aqui aportavam e queriam usar as tribunas para desmoralizar as pessoas e as coisas de Alfenas. Citava Voltaire: “Sempre ficará quelque chose.” Outro, também lembrando Voltaire: “É sol de inverno, que (pensa que) brilha mas não aquece”. Nas “Sombras”, ao se formar, Luiz Antônio de Souza Bruzadelli manda presente de gratidão. No cartão, agradece e reconhece que, sem a ajuda recebida, não se teria graduado. Carlos Galhardo canta no terraço do Colégio Atenas. Há reitores e diretores de todo o Estado reunidos. Olham para Alfenas com certo desdém. Para eles, a cidade é inexpressiva e pequena. Jonas Leite Vilela, José Rabelo, Lílciades Landre, Waldomiro Passos e Silva, Aristides Vieira de Sousa sobem a escada. Da janela de sua casa, ao longe, Gil Horta com prazer escuta Carlos Galhardo. Na casa ao lado, certamente com desprazer, João Bastos resmunga: não gosta de música, não gosta de Galhardo, não gosta de festa da qual ele não seja o homenageado. Dura três dias e três noites o encontro. Em uma dessas noites, João Bastos sobe, sôfrego, a escada, de pijama, protestando. No concerto de Galhardo, meu amigo Sanico me avisa que estavam servindo uísque de qualidade duvidosa. Galhardo, no dia seguinte, mostra seu lado liberal e generoso: canta em algumas casas. Ao lado de Lílciades Landre – o Nerito, canta para Luzamir Landre. O terraço do Colégio Atenas ganha decoração improvisada. Alguns coqueiros são cortados no mato e colocados lá. Não havia, ainda, preocupação severa com o meio ambiente. Tempos depois, volta Carlos Galhardo. Estando na região, aproveita

e dá um pulo ao rancho. Lá, come o frango ensopado feito por Dércio Geraldo da Silveira. Em outra vez, apresenta-se na casa da rua Bias Fortes. Alguns estudantes, sem serem convidados, invadem ostensivamente a casa e querem se servir. Saem, logo depois do recado. Não há nos rapazes e moças que lá foram nenhum pejo e nenhuma consideração. Creem que a casa particular é deles, e ponto final. Fica, no entanto, a indelével marca. Somadas, as marcas que marcam, “se introducen destramente”, no dizer do “libreto” da ópera. Dominam ao longo do tempo o que definiu Gonçalves Dias como o percurso existencial que “os fracos abate”. O poeta pensava em percurso curto, ou o escrevente é realmente fraco? O gargalhar que hoje perturba o guerreiro se traduz no que Fernando Pessoa desabafou como “cansaço da própria imaginação”. Medita o escrevente no que dizem os cardiais: estará ele fazendo o jogo perverso cujas regras são ditas pelos donos do Mal? Estará reagindo e até agindo longe, distanciado-se do Bem? Estará com toda essa sofreguidão se erguendo e afirmando que o Mal venceu? Aos cantares de Carlos Galhardo, ao terraço, à Rua Bias Fortes, vem de longe o aroma da pureza perdida, agora trazida de volta na voz suave e fagueira de Isabel Bruzadelli Borges.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XXXIII

O avião sobrevoa. Todos acompanham o DC-3 nos céus: vai chegar Zizinho, o futebol que ainda vive. O time da Cruz Preta empolga. Romeu Paulino reúne grandes jogadores e lança equipe de futebol que, nos dias atuais, estaria no mesmo nível do São Caetano. O frenesi toma conta da multidão em frente ao Hotel Paraíso. Nelson Curitiba, do Cruz Preta, comenta em voz alta com o encantador sotaque carioca: “O homem está de bigode”. Realmente se pode ver do ônibus que Zizinho deixara crescer o bigode. No domingo, Waldir de Luna Carneiro publica no jornal da terra “A Perna do Zizinho”. Com o humor de sempre e com muita verve, Waldir descreve em sua crônica a hipótese de que alguém enterrara a perna do Zizinho em Alfenas. Na porta do Hotel Paraíso, Miguel de Carvalho, o Miguelaço, que é garçon do hotel, impede a entrada dos meninos e curiosos que querem ver Zizinho mais de perto, o mesmo Miguelaço que, mais tarde, fritará cabeça de traíra como ninguém, em um bar perto do trevo. Há mais jogadores, mitos vivos que todos olham com admiração, quase que com contrição: Níveo, Calazans... tantos nomes ouvidos pelo rádio. Como se fosse obra mágica ou milagre, estavam em Alfenas, ao alcance de todos. No campo, no velho campo do América, nervosos, os jogadores do Cruz Preta. Visivelmente. Não era para menos: frente a frente, cara a cara com os deuses do futebol e o deus maior que é Zizinho. De calcanhar, quase que do meio do campo,

Zizinho marca um gol sobre o time da Cruz Preta. Hoje quase não se vê em futebol jogada de calcanhar: parece que o calcanhar não integra mais o corpo quando se joga futebol. E Zizinho marca o gol de calcanhar! Minutos depois, bastante nervoso, Jairzinho, o grande beque do Cruz Preta, não deixa a bola sair de campo; perto do gol, vira o corpo e dá chute para trás... e a bola vem cair exatamente nos pés de Zizinho. Mais um gol contra o Cruz Preta. Sem televisão, com lances rapidamente vistos nos jornais de cinema, sem a alternativa de outros esportes e com comunicação precaríssima, o futebol pelo rádio envolve a geração. A foto publicada na revista “O Cruzeiro” mostra Zizinho chorando no final da Copa do Mundo de 1950. Os que viam a foto também, como Zizinho, lamentam a derrota para o Uruguai e alguns choram. Ver e tocar em Zizinho, agora, 7 anos depois! A emoção deixa muita gente engasgada. A crônica de Waldir de Luna Carneiro reflete bem a comoção. Alguns chegam a pensar que a perna do Zizinho ficara realmente nesta Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas. Mais uma vez, Waldir de Luna Carneiro retrata a sociedade, seus costumes e valores, com perícia inigualável.

A época é outra, os tempos são outros, a rua Tiradentes retorna. Trazer de volta o esplendor que ficou na relva, as lembranças que ficam atoladas em uma infância distante! Veio coleante o eco longínquo de alguém que, na visita, não se importava com a pobreza da casa. Os meninos comentavam baixo: “Está aí a Irmã Gertrudes.” Todos se esgueiram para ver de perto a moça que, agora, se chama Irmã Gertrudes. Todos se envaidecem com a visita. “O tempo passou na janela”, como ensina a canção. Irmã Gertrudes voltou a ser chamada pelo nome laico, de nascimento, encontrou seu verdadeiro caminho; “o mundo rodou num instante”, como ensina outra canção, e a vida foi andando para a frente. Pode ser

que o preço pago pela família do aluno cujo nome é trazido pela antiga Irmã seja muito caro. Shakespeare escreve: “Ri-se da cicatriz quem nunca foi ferido”. Na tarde, os que vão ao antigo Campo do América sabem que vêem alguns deuses. Em outra tarde, o Cruz Preta continua enfrentando outros deuses. Pela primeira vez o time de Três Pontas – o TAC – se apresenta. Todos os times da região que se dispõem a enfrentar o Cruz Preta trazem reforços ocasionais. Só para o jogo contra o Cruz Preta... Tantos foguetes, tantos ônibus lotados! E, também pela primeira vez, vi com os próprios olhos o gol olímpico. Contra o TAC, de autoria de Esquerdinha. Gol olímpico? Sim, o ponta cobra o escanteio, a bola faz curva e vai direto ao gol. “Sem chance para o goleiro Davi Mudrik defender”, grita o locutor da Rádio Cultura. O locutor é Paulo Marques? “Meninos, eu vi!”, como no “Y-Juca-Pirama” de Gonçalves Dias. Aos sábados, Leyr Singi grava o programa “Serenata”, “as lembranças que voltam nas asas da canção”. Sua bonita voz de tenor anuncia o programa em frequência modulada, as músicas escolhidas com paciência entre as mais antigas ou as mais melodiosas. E isso traz surpresa e felicidade. Vi, depois, Miguelaço no hospital, o garçon, o barman, cuidando dos rins.

Agora, a mídia anuncia que Zizinho morreu. O deus vencido? Para os que imaginavam suas jogadas nas vozes dos locutores será difícil considerá-lo vencido. Na Ponte das Amoras, Glenan Singi para a velha caminhonete e socorre o jipe de engenheiro de Furnas. Não há luzes nas ruas de Campos Gerais: a CEMIG chegou tarde lá. Isso parece lembrança muito antiga. Mas não é. A iluminação pública da bela cidade demorou. No Clube da cidade – este sim, iluminado – Glenan Singi e Alaor de Carvalho Moura procuram se entrosar com as “gentis senhoritas”. Mas que chances de sucesso tem o tímido adolescente que se julga feio, naquele clube, naquele

lugar? E “John dos Passos” carrega essas sombras na Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas com sua técnica da simultaneidade: vários fatos e pessoas ao mesmo tempo. Essa simultaneidade, às vezes, espanta alguns, às vezes confunde outros. Pretende-se só imitá-lo, melhor dizendo, usar sua técnica, tão bem manejada por Sartre nos “Caminhos da Liberdade”, romance que se lê várias vezes. E a perna do Zizinho marca uma época, um tempo, o talento do cronista que se utiliza do dia a dia tão bem quanto Machado de Assis e João do Rio. Vai recado para Waldir de Luna Carneiro: Deus leva mais cedo os mais doces. Neste momento, como avô, bem sabe que essa frase é profunda e cheia de significados.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XXXIV

“O presente das coisas passadas é a memória”. A frase não é minha. O religioso de Hipona arremata: “O presente das coisas presentes é a contemplação; o presente das coisas futuras é a expectativa. A esperança fundada em promessas é o sinônimo de expectativa”. Entende Santo Agostinho que o tempo é tempo presente: presente das coisas futuras, presente das coisas presentes, presente das coisas passadas. Estas Sombras são, na linguagem agostiniana, memórias no tempo presente das coisas passadas, e, talvez por isso, deixem de revelar a atmosfera das relíquias da casa velha. No Centenário da cidade, no balcão da casa, Olavo Freire e Silva e sua mulher, Maria José Libânio da Silveira Freire, veem passar o desfile monumental. Estão em frente ao palco. Antonio Tibúrcio, ao microfone, é um dos que descrevem os carros que passam enfeitados, alegóricos. Todos contentes porque a cidade faz cem anos. Olavo Freire se formou em Farmácia, em Alfenas; Maria José (Zeca) aqui foi professora. No ar se evola emoção estranha. Todos nós ficamos com o peito apertado, julgando que o presente das coisas passadas nos cem anos cai sobre as nossas costas como presente das coisas futuras. Os carros alegóricos desfilam, a família Munhoz homenageia a cidade e o animal simbólico relembra as touradas de Espanha. Dirce Moura Leite introduz suas meninas do Madre Maria Luiza Hartzer. Como sempre, arrebatada. Por que depois deixaram a Dirce tão triste e se esqueceram, em alguns mo-

mentos, de que em todos os desfiles havia seu toque mágico e o esplendor de suas meninas desfilando, trazendo alegria para o povo?! Por que a pequenez de uma inoportuna greve, o “saia” da Casa que ela tanto prestigiou, o furto simbólico do nome de Madre Maria Luiza Hartzler, a velada ameaça de tirá-la do cargo que a levou a se despedir de nós, meio atabalhoada, meio zonza, por acidente tolo, debaixo do metrô paulistano?! O presente das coisas presentes torturou o coração e a mente daquela Diretora. Privou de grande Diretora a cidade e as meninas da escola e reduziu bastante a alegria do povo. Dá vontade de repetir Mário de Andrade: “Garoa, sai dos meus olhos!” As fotografias no jornal relacionam os prováveis candidatos a Prefeito. Uma foto é riscada, o ódio sobe. O dono da banca de jornais protesta contra o rabisco. “Este é o único de quem não gosto”, ouviu. Anos depois, o jornal com a relação dos vereadores eleitos. O rabiscador revela seu descontentamento: “De todos os eleitos, só não gostei que este fosse”. “Eu não acho”, respondeu de pronto Dirce Moura Leite. Assim, franca, em ambiente hostil e áspero, Dirce Moura Leite anunciava a fidelidade às pessoas: “Votei nele, trabalhei para ele”. O rabiscador recolheu-se, meio sem graça, silenciado. O triunfo dos ressentidos não é o timbre destas “Sombras”. Contudo, a memória de Dirce Moura Leite justifica o relato. De manhã, porque hoje é sábado, na praça ninguém se lembra do refrão repetido com beleza no poema de Vinicius de Moraes. Inquietaram-se – não porque hoje é sábado – mas porque o escriba ficou em casa, indiferente à política, na quinta e na sexta-feira. A convenção dos partidos políticos se encerra neste sábado. Quase à força, levam-no até à Câmara Municipal, incensam-no, apelam para seu amor à terra natal, dizem que só ele conseguiria convencer Hesse Luiz Pereira a ser candidato. Sai o candidato, mas o escriba não tem aspiração nem vaidade de ser alguma coisa

na política. Não pode negar, depois, a colocação que lhe faz o escolhido: “Você me indicou. Queria agora que você fosse o vice”. De nada adiantaram os argumentos contrários que ele invocou: “a chapa estava pronta”. Como se fosse um dever para casa, aceitou. Não ia aos comícios porque queria ser um vice silencioso e apagado. Começaram, então, os primeiros comentários e discursos em palanque: “Não vai aos comícios porque não recebe ninguém”, “É orgulhoso e não dá importância ao povo”. A partir daí, compareceu a todos, discursava em todos, levou suas filhas e sua mulher e as exibiu nas carrocerias dos caminhões. O povo se aproximava, mandava cartas, bilhetes, recados. A porta da esperança nascia de novo naqueles corações ressecados. Chamado às casas, convivia com crianças excepcionais, com doentes: parecia que todos queriam vê-lo de perto e tocar no homem que só aparecia na televisão local, distante e distanciado, e de repente virou para o povo alguma coisa sobrenatural. “Misereor super turbam” – “Tenho pena do povo”, é a frase do Evangelho – e as multidões se aproximavam cada vez mais. Não queriam coisas materiais e presentes, como insinuavam alguns. Queriam o conforto de poder tocar em alguém que lhes parecia mítico, queriam retorno em forma de atenção e carinho. Alguns queriam prótese em uma perna para poder andar, outra desejava cadeira de rodas para que pudesse ser cabeleireira, ilusões e sonhos que julgavam poder alcançar no momento eleitoral. Tinham ao seu alcance o inatingível. Não se vendiam votos, não se pediam votos, não se pensava em votos. E o povo acalentando, na sua miséria, a esperança de se livrar por alguns minutos dela. O povo se julgava com razão os atores principais daqueles minutos de felicidade. Eram felizes, ouviam as músicas das duplas e aguardavam, na poeira ou no asfalto, com paciência e com deslumbramento crescente, a fala, o discurso que os tirava do mundo sem retirá-los do

mundo. Alguém escreveu e publicou carta, reconhecendo, no *Jornal dos Lagos*: “Você tem mais importância do que pensa na chapa do candidato a prefeito”. Mais tarde, repetiu-se o ensinamento do poeta Augusto dos Anjos: “A mão que afaga é a mesma que apedreja”. E o articulista, o autor da carta que elogiava, apedrejou para valer. Em todas as esferas, em folhetos públicos, em programas de televisão, em cartas pelo correio, no fórum, em outdoors, nas rodadas de cerveja do bar do Gordo, estimulado pelos eternos revoltados e invejosos, junto com muitos que beberam no mesmo copo e comeram no mesmo prato do escriba: todos os instrumentos eram úteis às pedradas alçadas com o auxílio dos que pensavam ser a hora da desforra. “Escarra nesta boca que te beija”, conclui Augusto dos Anjos. Que falta fez Dirce de Moura Leite. No seu desabafo, Teillard de Chardin grita como a voz do que clama no deserto: “Mas o outro, meu Deus, não somente o ‘pobre, o coxo, o torto, o idiota’, mas o outro simplesmente, o outro apenas, aquele que, por seu universo aparentemente fechado ao meu, parece viver independente de mim, e quebrar por mim a unidade e o silêncio do mundo, seria sincero se vos dissesse que minha reação instintiva não é a de repeli-lo? E que a simples idéia de entrar em comunicação espiritual com ele não é um desgosto?” Prossegue o desfile do Centenário. As crianças de Dirce Moura Leite bailam tontas na manhã de outubro, no presente do tempo passado. E ela também abala, tonta, provando que a existência não se resume no terror e no tremor. Como ensinou Kirkegaard, Dirce se tornou, naquele momento, contemporânea da eternidade.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XXXV

Aristides Vieira de Souza repousa. Ele e dona Lucinda, Aperto da meia noite, aquietam-se no silêncio alfenense. A calma, o repouso. No fundo da rua Direita, surge o grupo de notívagos. Quem dedilha, quem canta? A melodia noturna acorda Aristides e dona Lucinda. Ele chega até ao alpendre, esboça sorriso lembrando que vive os seus anos mais simpáticos. A noite alfenense se arrasta não mais tão silenciosa, porém agora, bela, inspiradora. Maurício Lomonte lidera os notívagos. Ali mesmo, da rua, começa o discurso para Aristides: “Senhor Vice-prefeito”. Todos estão nas festas iniciais do Centenário da Cidade. Maurício Lomonte usa seu talento de orador entusiasmado. Aristides desce, abraça com ternura o orador, a música se espalha pelos telhados, ninguém na vizinhança se incomoda com o alarido que vem da serenata. Não há pivetes, não há temor a marginais. O Centenário começa com o agradável discurso de Maurício Lomonte e o enternecido abraço do Vice-prefeito Aristides Vieira de Souza, sob o olhar complacente e comovido de dona Lucinda Tamburini de Souza. Na mesma rua, antes, há queixas de gatos que miam: “Ai, Antônio! Ai Antônio!” – parecem dizer isso com seus miados. Nessa mesma casa de Aristides, na noite do Centenário, ninguém se lembra mais de Allan Kardec de Campos, o inteligente advogado que morreu tão cedo. Morou ali. Dessa janela, de onde hoje dona Lucinda contempla a serenata, ele talvez tenha imaginado a respos-

ta que iria dar através de seu jornal – A Voz de Minas – ao juiz Lopes da Costa, na célebre polêmica pela imprensa. O juiz viria depois a ser Desembargador. Escreveu em Alfenas seu famoso “Código de Processo Civil”. E o advogado Allan Kardec de Campos investia com seu espiritismo contra as defesas intelectuais do católico Lopes da Costa, juiz por mais de dez anos em Alfenas. Na época, as religiões ou as doutrinas se feriam. Na época? Na mesma rua está a casa de Orpheu Bapttiston. Dona Maria, sua esposa, não mais vive. Orpheu Bapttiston há tempos está longe: veio a falecer por volta do ano de 94. Em frente, Waldomiro Passos Silva. Culto, intelectual, dentista, compadre de Aristides Vieira de Souza, não fazia nenhum alarde de sua cultura. Como Maurício Lomonte, às vezes discursava. Vi-o uma vez no “Recanto do Meninão”. Na fala, respondia à saudação de Maurício Lomonte. Para ouvir Waldomiro Passos Silva ninguém se importava com que a música parasse e o disco deixasse de rodar. Estranha e agradável boate, essa, que permitia discursos entre danças. Maurício Lomonte colocava sua casa comercial com timbre de sessão lítero-musical, talvez mesmo sem o saber. Sua alma de italiano impregnava o “Recanto do Meninão” com atmosfera mediterrânea. Quanto a Waldomiro Passos Silva, confessou: “O melhor cigarro que fumei na vida foi o que, nessa mesma esquina, ganhei de “Mogango”, porque, naquele dia, tinha vontade enorme de fumar e não podia comprar nem um cigarro”. Ao longe, a residência do suíço Ernesto Magnin. Fabricava cerveja que tinha no rótulo o significativo nome de “Se sobrar”. Se sobrasse, depois de sorvida por ele e seus amigos, venderia. A verve de Ernesto Magnin ficou bastante conhecida. Os menores de idade, os outros que não gozavam da sua convivência imaginavam a aventura do suíço que nunca mais voltou às montanhas de seu país em troca de um recanto do sul de Minas. Havia

Hermínia Carvalho Magnin, sua esposa, excelente professora de francês. “Jeanne, la lorraine”, a canção sobre Santa Joana D’ Arc que quase todos seus ex-alunos até hoje guardam de cor — letra e melodia. “Allons, enfants de la patrie” — o hino nacional da França, a beleza dessa música que trouxe emoção e lembranças quando a amiga brasileira mostrou: “Ali ficava o prédio da Bastilha”. Em Paris, pela primeira vez, com um taxista de Mercedes Benz (que é comum, por lá) forneci o endereço do hotel e respondi a suas perguntas, mas não era eu quem falava, era Dona Zizinha quem falava por mim. “Sua pronúncia é de um francesinho” — e o menino ficava vaidoso e feliz com o comentário público de dona Zizinha Magnin. Depois, veio Verlaine, os versos que foram a senha para a invasão da Normandia na última Grande Guerra: “Les sanglots longs des violons de l’automne” — traduzidos por Guilherme de Almeida: “Os lamentos graves, dos violinos do outono”. Mais adiante, a residência de Lucas Bento da Fonseca. Perto do prédio da União Operária, o cortejo fúnebre estanca: Pedro Martins de Siqueira, Diretor da EFOA e Prefeito, com discurso se despede do estudante de Campanha que falecera com sua moto, debaixo de um caminhão. Em Campanha, Lucas Bento da Fonseca, também professor da EFOA, reafirma sua posição de orador inigualável, à beira da sepultura do estudante campanhense. “Ai, palavras, ai, palavras, que estranha potência a vossa” — é do livro de Cecília Meireles. Diante da casa de Aristides Vieira de Souza, com o discurso de Maurício Lomonte, os donos da noite iniciam o Centenário da Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas. Nenhum clarão de aço no céu. O Centenário traz a cidade para os corações. Amam Alfenas. O canto desvirtuado do trovador anacrônico não empalidece o discurso ouvido ao lado, o encanto dos cantores da noite enluarada, a serenata urbana, o abraço de contentamento, os 100 anos que trazem

em seu bojo o doce pássaro da juventude.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XXXVI

“Quando a cachoeira desce dos barrancos, vem a tarde inteira recolher seus prantos – e a saudade lembra – de lembranças tantas, e por si navega, nessas águas mansas.” Copa do Mundo: todos na mesa discutem a vitória do Brasil. No “Rancho das Cachoeiras” não cai a tarde, tristonha e serena, como na antiga canção. A euforia domina: o Brasil venceu, falta só uma partida! Mas vem depressa o carro, fala depressa o cavaleiro do apocalipse, cessa a roda, cala a mesa. Pesa do silêncio. A notícia da morte chega com as palavras do cavaleiro do apocalipse e ainda ecoam: “Você tem que ser forte!” O segundo, o minuto passam. O que foi? Não foi? O companheiro da mesa rola para o carro do cavaleiro do apocalipse. Começa o companheiro que estava na mesa a enfrentar o Destino. Boquita toca e canta: “Vendo a turma lhe dar parabéns, compreendi que era hoje meu último adeus”. “Boquita”, tratorista, toca, canta e chora por causa da mulher que o abandonou. E todos bebem cerveja. E todos riem. Seu Geraldo Ferrinho come peixe cru, à moda japonesa trazida pelo Dr. Célio, o ortopedista. Dr. Célio lhe dá de presente o seu cavaquinho. O ortopedista vai embora, de partida para Araçatuba. Geraldo Ferrinho começa o “desafio”: com facilidade dedilha o violão e com mais facilidade rima as palavras em versos espontâneos e criados na hora. Seu opositor responde como pode. O “desafio” dura bastante tempo. No fim, já cansado, seu opositor joga a toalha, pede paz e encerra

o “desafio”. Todos riem. Anos mais tarde, numa conferência em Campinas, a professora da CAPES lembra o episódio que testemunhou em outra noite e o relata de público. E todas as sextas-feiras eram noites do “desafio”. Em uma noite, colocam a foto do sorridente e cordato Hugo Marteli na parede. Numa montagem, aparece o rosto de Hugo Marteli e o corpo de outra pessoa, do outro sexo, em roupa de natação. Todos riem. José Taveira Barbosa chega e destampa as painéis para conferir o cardápio da noite. Bravo, irritado, Carlinhos, o cozinheiro, resmungo. Nerito Landre, para outro, usa de toda franqueza: “Você é metido a intelectual, mas não é!”. E o “metido a intelectual” coloca sua intelectualidade contestada entre as pernas e sai de fininho. “É hora do Alecrim!”, reclamam. E o Coral do Rancho principia o “Alecrim, alecrim dourado” e faz variações extravagantes, obedece plenamente às invenções de compasso e de melodia do “maestro”. Todos riem. Em outra noite, vem um verdadeiro Coral, o de Varginha. Canta no Rancho das Cachoeiras. Há um tenor com voz encantadora. Todos riem naquela noite. Véspera de Carnaval. “É dos carecas que elas gostam mais...”. Quase todas as músicas dos carnavais antigos são cantadas até à exaustão. Véspera de Natal: “Noite Feliz” não podia faltar. Véspera do Dia das Mães: João Evangelista Fiorini começa, invariavelmente: “Ela era a dona de tudo, ela é a rainha do lar...” Outros incentivam: “‘Dia das Mães’, de Ghieronil!”. O dono do Rancho tira lágrimas de todos e dele mesmo: “Mãe, eu volto a te ver na antiga sala, onde numa noite te deixei sem fala...” Na Itália, no Restaurante do Alfredo, na Piazza Imperatore Augusto, o poema de Giuseppe Ghierononi foi declamado até o fim. Naquela noite italiana, todos ouviram, com emoção, que o novelista da Rádio Nacional termina o poema assim: “Dia das mães é o dia da bondade, maior que todo Mal da humanidade...” Ao mesmo Restaurante Alfredo chegam vio-

lonista e cantor. Rodam, cantam as músicas tradicionais da Itália e chegam até nossa mesa. E começam “Santa Lucia”: “...barchetta mia”. O sangue do Rancho das Cachoeiras revive tudo, e o brasileiro à mesa começa a cantar com o tenor italiano, prolongando as notas musicais, como fazia no Rancho. O tenor italiano deixa a exibição para os pulmões saudáveis do brasileiro: “Venite a l’agile, barchetta mia, Santa Lucia, Saaaaaanta Lucia.” Todos no Restaurante do Alfredo batem palmas, aplaudem o fôlego. Mal sabem que no Rancho, quando o Coral do Rancho começa o “Deixa a cidade, formosa morena”, na parte das “águas a rolar”, “chuá, chuá,” empolgam as notas musicais prolongadas do dono do Rancho. Todos riem. Quantas pessoas havia naquelas sextas-feiras? E onde estarão agora?! Por que não se ouvem tantos risos, agora? Estariam alguns, ali, apenas com o compromisso da cerveja gelada e da carne assada gratuitas? Bastavam-lhes os goles do álcool que descia pelas gargantas? “Não atireis as vossas pérolas...”, ensina São Mateus. Mas, muitos dos que receberam pérolas lhes deram valor e as transformaram em belíssimos colares de afeto, gratidão, amizade e respeito.

SOMBRAS DA VILA FORMOSA

XXXVII

“Como podem conversar, o homem na sua insônia, a mulher no seu sonhar?”, pergunta Vitto Rafael dos Santos no seu livro de poemas. Gerente do Banco do Brasil, Vitto, onde estará? Assina jornais do exterior. O menino se encanta ao ler jornais deixados no lixo da bonita casa da rua Rui Barbosa, onde mora Vitto Rafael dos Santos; “Le Monde”, “Washington Post”. Que privilégio para o ingressante no ginásio conhecer isso tudo tão cedo! Na noite de autógrafos do Dr. Hélio Moreira, dona Zilda Paiva Costa deixa a fila e revela ao interlocutor com ternura: todas as noites reza para quem a abraça. Na manhã, em sua sala de trabalho, o escrevente ouve atentamente o relato do sonho de dona Margarida Costa, no qual era personagem. Compreende que, além de contar o sonho, dona Margarida Costa deseja o contato pessoal para mostrar que está ao lado dele. Ele pensa que fez tão pouco, ela proclama que ele fez muito. No velório de dona Margarida Costa, o dentista, que se apresenta como seu filho, emocionado, sem que ninguém pergunte, sussurra que a mãe, que agora descansa serena, lhe pediu: “Enquanto você for vivo, reze por ele”. E aumenta a emoção de quem ouve, de quem sempre desejou ir a casa de dona Margarida e Roberto e dizer-lhes que, tornando mais acessível o diploma de dentista para seu filho, não foi feito nada demais. No hospital, Daisy Fabris de Almeida Singi responde e conta detalhes da doença de sua mãe. No painel humano descrito, a dedicação de Daisy

Singi para com sua mãe só é comparável ao amor de Rachel Prado de Carvalho nos longos anos de imobilidade de dona Rosina Prado de Carvalho, ou a de Ignês Leite Vilhena, servindo e amando até o último momento dona Gilhermina Vilhena Leite, ou de Nice Monteiro de Barros, zelando por dona Maria Rosa Monteiro de Barros! E por que não dizer de Wanda Velano Salles e Marta Velano Prado, que abandonaram suas casas e passaram a viver na casa de dona Alzira, nos últimos e doídos dias dos seus derradeiros seis meses de vida. Dona Daisy, com serenidade e silêncio, se posiciona nos reveses da vida a que todos estamos sujeitos. Sem esconder ou disfarçar inevitáveis sofrimentos, sem alardeá-los, não os escamoteia na capa aparente de um estoicismo tibetano e não deixa que se transformem em grito de dor, amargura e desespero. Haveria razões de sobra – penso – para que a lição de “curtir sem queixa o mal que te crucia”, de Manuel Bandeira, fosse esquecida e ficasse sempre gosto de fel na boca. Não! O sofrer “sereno e de alma sobranceira” do mesmo Manuel Bandeira ponteia a “resposta, que é o espetáculo da vida”, como ensina outro pernambucano, João Cabral de Melo Neto. E dona Daisy passa pelos anos sempre servindo à mãe, às irmãs, às filhas, aos netos, e provoca nos que trabalham com ela admiração pelo seu bom senso e sua cultura. Passa pelos anos? Parece que não: enriquece os anos. A geração atual teve muitos privilégios. Mergulhar muito cedo no vasto mundo da cultura e do conhecimento pelas mãos de Waldir de Luna Carneiro, Sebastião Mariano Franco de Carvalho, Lincoln Westin da Silveira. “O louco perdeu tudo, menos a razão”, a frase é de Chesterton, ensinada por Waldir de Luna Carneiro. Quem era esse Chesterton? E então vieram “O Homem que foi quinta-feira”, a informação da conversão ao catolicismo do inglês e anglicano Chesterton. Bernard Shaw, quem era? E se procura saber alguma coisa do teatrólogo

inglês, ateu e materialista, mas grande teatrólogo, que importa?! Nas conversas ouvidas de Waldir de Luna Carneiro chega a informação. Havia um austríaco que aos dez anos compôs sinfonia e que se chamava Mozart. Gustavo Corção e seu “Três alqueires e uma vaca”, Plínio Salgado – “um intelectual que se meteu na política”, na opinião do jovem advogado Jorge Moisés, ou “quem lê a “Vida de Jesus”, de Plínio Salgado, reconhece que é a história de seu exílio em Portugal”. Já esse era o parecer do próprio Waldir. A invasão da Normandia: que significava isso? Mergulha-se na Segunda Guerra Mundial e se põe em contato com as obras do francês Verlaine, autor do poema que foi a senha para a invasão da Normandia: “Les sanglots longs, des violons de L’ automne”. Naquela manhã de junho, todos os rádios da França e da Inglaterra irradiavam os versos de Verlaine anunciando a invasão das praias da Normandia e o começo da reversão das sucessivas vitórias de Hitler. “Essa foi a sua hora mais bela”, o famoso discurso de Churchill, ainda nos primeiros anos da Guerra. Noutra manhã, Sebastião Mariano Franco de Carvalho inaugura o Ginásio Inconfidência citando Voltaire: “que este ginásio não seja como um sol de inverno, que brilha mas não aquece”. O formando do científico já tinha ouvido falar de Voltaire. Não sabe, contudo, que o pensador francês havia escrito algo de tão bonito, agora citado por Sebastião Mariano Franco de Carvalho. A profundidade dos conhecimentos e da cultura de Sebastião impressiona, dá gosto ouvi-lo falar dos romanos, dos gregos, da cultura clássica, das línguas que ele tão bem domina. Como dá gosto usufruir do humanismo e da impecável postura de Haroldo Engel. Renunciando à ciência biológica, Haroldo Engel dedicou-se inteiramente à estruturação de uma empresa e a administrou com o que havia de mais moderno na ciência de gerenciar. E sem cuidar de se sobrepôr ou de se aproveitar, de retirar para si o que de

fato deveria ter sido seu. Haroldo, de convivência tranquila e afável, outro privilégio, em outro campo, dessa geração. Não agrada gratuitamente, aliás, não tem nenhuma preocupação em agradecer. Sua tranquilidade e afabilidade não nascem do desejo de obter simpatia. Nascem de seu modo de ser e de entender as pessoas e as suas circunstâncias, como ensina Ortega y Gasset. O mesmo espanhol Ortega y Gasset citado em um discurso por Ney Gonçalves Dias, em comício na praça principal de Alfenas, para Jânio Quadros. O presidente eleito – Jânio Quadros – tomava posse, depois, com discurso que ouvimos no rádio do Bar do Maurício: “Transitórios somos nós os governantes, transitórias e efêmeras as nossas pobres divergências”. Também no rádio do bar de Maurício Lomonte ouvimos a partida final da Copa do Mundo de 58. Para nós, as vozes de Oduvaldo Cozzi, de Jorge Curi, essas vozes descreviam à sua maneira os lances de Bellini, Garrincha, Vavá, e todos se extasiavam e faziam imagens mentais das jogadas. A passeata foi inevitável, não tantos como agora, surpresos alguns porque, apesar de o rádio incentivar no povo o falso conceito de que os jogadores brasileiros de futebol eram os “melhores” em todos os tempos, não havia muita crença de que a Copa para aqui viesse. Vindos do interior de São Paulo, dois químicos chegam ao portão distante da casa, na rua Direita. Em busca de socorro, amparo e ajuda. Não desejavam deixar a cidade onde estavam. E tinham sido transferidos. A amizade vem da mesma raiz da palavra amigo. Montou-se um laboratório para realizar análises químicas do solo. Acreditavam – ou faziam acreditar – que o *boom* do cultivo da terra nos anos 70 justificaria a existência de análises do solo com alta tecnologia. As lideranças da Faculdade de Engenharia Civil criticaram – velada e abertamente – os investimentos nesse laboratório, que sacrificavam seu curso. O *boom* não pesou: deixada de lado a oposição da

Engenharia Civil, valeu só a origem etimológica da palavra amizade. A razão e a lógica não prevaleceram nem venceram: instalou-se o laboratório, única e exclusivamente para atender às agruras de um amigo. Na realidade educacional do momento, não havia nenhuma necessidade nem do laboratório nem dos seus serviços pedagógicos. Mas um amigo pedia. Repetia-se de algum modo D. Diniz com suas Cantigas de Amigo. Primeiro grande equívoco no gerenciamento. Agora, em Brasília, o médico Virgínio Cândido Tostes de Souza (e depois grande amigo) põe em votação a criação da Universidade de Alfenas. Muita emoção. Presentes dona Alzira e alguns amigos, companheiros da primeira hora e outros de outras horas. Engraçado é que alguns, de outras horas, passados o tempo e o vento, anunciavam que foram das primeiras horas. Atores coadjuvantes tentam mudar a peça teatral para serem atores principais, mal sabendo que se pode substituir com muita facilidade os atores coadjuvantes, porque nas peças o coadjuvante tem papel secundário. E na verdade foram mesmo coadjuvantes? Bem, não se está acima do Bem e do Mal, não é razoável e nem do estilo de quem escreve olhar tudo de cima sem resvalar nessa espuma de que são feitos nossos pensamentos diários. A soberba e a superioridade não são vencedoras. “Rien n’est parfait”, nada é perfeito, diz a raposa de Exupéry. O mesmo escritor francês que pilotava pelos céus da América do Sul, autor de “Voo Noturno” e que sumiu para sempre em um voo e nunca mais foi localizado. Certo mesmo é que essa geração teve o privilégio de conviver com essas pessoas todas acima citadas, para não dizer os que vêm agora na memória, como dona Chiquinha Moura Leite, cuja alegria contagiava e cuja energia reanimava. O privilégio de viver quase no mesmo tempo de Iolanda Dias, sincera, criativa e cujo vulto aparece e consola nos crepúsculos da

Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas. No leito do Hospital, Padre João José de Almeida recebe a filha adolescente e o pai dela, e comentam as coisas da vida. Padre João José de Almeida logo sairá dali. Ensina e sabe que – além do que dizia o Presidente da República que se empossava – não só os governantes são transitórios. A inconstância das coisas humanas – tão literais para o bispo Bossuet – é evocada naquele leito transitório do Padre João José de Almeida para a filha adolescente e seu pai. E outro privilégio – no sentido de sorte ou felicidade – foi o de ser paroquiano do Padre João José de Almeida, homem como os outros na terra dos homens e que, todas as vezes que a família da adolescente e os companheiros levados iam anualmente atravessar o Atlântico, na Casa Paroquial, junto com essa família e para ela, colocava seus corações ao alto.

SOMBRAS DA VILA FORMOSA

XXXVIII

O parque fica na praça Minas Gerais. É pobre: latas, gangorra e, o mais importante, alto-falante com músicas. O rapaz entra e recebe as mensagens: “Alguém oferece a alguém e esse alguém sabe quem”. Desfilam na voz do pré-adolescente as declarações de amor e carinho com as músicas de então, que, quase todas, são dedicadas aos “flertes”. Pagam ao dono do parque que, por sua vez, paga ao “jovencito” locutor. E lá vêm Cascatinha e Inhana, *Cana Verde* (“Abre a porta ou a janela, venha ver quem é que eu sou, sou aquele desprezado...”), *Boneca cobiçada* (esta o locutor infiltra)... O subúrbio pobre, o parque pobre, o locutor pobre, as músicas pobres. Há, no entanto, tanta coisa de romântico nos inocentes oferecimentos musicais, no disco arranhado, um de cada vez, 33 rotações, agulha gasta. No “Recanto do Meninão”, mais tarde, no centro da cidade, quem mais dança (e dança bem!) é Márcia Vilela. Há total mistério sobre quem seria a cronista social July, novidade jornalística da época. Uma equipe, diziam. O mocinho, que vê de longe a bela dança de Márcia Vilela, é suspeito de ser da equipe. Ficam sabendo, depois, quem era July. A cronista que mistura literatura e acontecimento social. Com talento. Corre o tempo e o vento. Às vezes se vê Márcia Vilela em Belo Horizonte, às vezes se sabe que os pais estão “encantados” com seu trabalho em alfabetizar crianças. Fica, entretanto, a lembrança inapagável de que Márcia Vilela “conquistou o respeito das pessoas in-

teligentes e o amor das crianças” e de que amou e foi amada. Os poucos anos de sua convivência íntima são o desenho do poeta Raul de Leoni: “Nascemos um para o outro, dessa argila de que são feitas as criaturas raras. Tens legendas pagãs nas carnes claras, e eu tenho a alma dos faunos na pupila.” Não será preciso dizer nomes como – creio – não será preciso corrigir para Maria Rosa Monteiro de Barros o nome que saiu com grafia equivocada na última Sombra. Basta o fato. Saber e lembrar que Márcia Vilela pode cantar a canção que poucos podem, a música que marca a inauguração do Cine Alfenas e se tornou o seu símbolo: “Sempre no meu coração, o teu nome guardarei, e, ao ouvir esta canção, jamais de ti esquecerei...” Minha tia, a professora primária Francisca do Rosário Maia, sempre que ouve os primeiros acordes da música, corre para o quintal. Domina o silêncio da cidade o alto-falante do Cine Alfenas. Os meninos todos sabem. Petita – como era conhecida – ouve ao longe “Sempre no meu coração”. Que pensava ela? De quem se lembrava? Márcia Vilela pode transbordar sua saudade todas as vezes que ouve essa canção. “...e se um dia não voltares, para por fim aos meus penares, guardarei teu vulto então, dentro do meu coração”. Chega a certeza plena e absoluta do longo amor de Márcia Vilela, sorvido em todas as gotas pelos dois envolvidos e, de manso, a coleante saudade da Petita – que pouco conheci – todas as vezes que olho para dentro do meu coração.

SOMBRAS DA VILA FORMOSA

XXXIX

Vale a pena transcrever fatos reais e imaginários de 30 anos, ainda que se percebam alguns tons pueris na crônica, na sua poeira trintenária:

“Na vilegiatura de julho, chego a Congonhas do Campo.

Lá não vi nem os resíduos da grandeza de Arigó, nem me comoveu o espírito que emana das obras de Aleijadinho. Vi Leila Diniz e sua saudade. O pequeno guia julga-me turista de São Paulo, toma-me pela mão e vai repetindo o texto decorado: ‘Eis a estátua de Daniel’, ‘Neste túmulo está enterado Arigó’. Os profetas de pedra e o túmulo encravado na colina deixam de ser importantes. Vale a lembrança da atriz que, um dia, na Galeria Metrópole, num inesquecível encontro, me sussurrou: ‘Uma noite eu te direi coisas suaves...’ Vale a lembrança da crônica escrita, o chá e o desnorteamento do incauto rapaz diante das coisas da vida. Leila, viçosa, frágil, repetindo: ‘Uma noite eu te direi coisas suaves...’

A paisagem lunar que brota enviesada nesta tarde de julho provoca estertores juvenis: aqui não quero o histórico, os contornos barrocos das pedras moles, a religiosidade e o folclore, os milagres, a glória reduzida ao túmulo azul da colina; quero lembrar-me, com descanso, dos filmes, da ‘Madona de Cedro’, de alguém que, após encontrar Leila Diniz no ‘Chá Moon’, escreveu uma crônica hoje relida com desgosto.

Meu pequeno guia, não me fale de Francisco José Lisboa, de José Pedro de Freitas, das capelas, das figuras de pedra-

-sabão, do centro espírita agora vazio, do hotel inacabado, da essência turística da cidade, da História calcada nessas ladeiras. Podes falar do poema que Drummond escreveu sobre ela e tens o direito de repetir o lugar-comum: aqui ela viveu, dormiu, viu madrugadas e crepúsculos, ouviu a chuva caindo nos telhados seculares. Leila caminhou sobre as pedras e sobrevive à mineralogia, ao turismo. Aqui viveu, numa faixa de tempo, e isto basta.”

Para Machado de Assis são “reliquias de casa velha...” Para o cronista de agora não são reliquias. Casa velha? Talvez.

SOMBRAS DA VILA FORMOSA

XL

A Família Lima canta. Como pode uma família inteira ser tão voltada para a música!? Recomendada pela Dra. Vera Helena Cerávolo de Oliveira, que a ouvira em Porto Alegre, a Família Lima faz ecoar nos céus do Jardim da Colina a alegre música que embala aquela noite de setembro. Ainda não famosa e ainda não descoberta pelos marqueteiros e publicitários, foi possível adquirir intimidade com os jovens e com o casal da família. Naquela noite de setembro, participantes chegavam, ouviam a família Lima, bebiam, comiam, desejavam felicidades ao aniversariante. Alguns dissimulavam, mas tempos depois se via cumprimento insincero. Lucas, o mais novo da Família dos músicos, ainda garoto. E, como todo garoto, sentiu sono no rancho, não suportou a noitada em seguida e dormiu placidamente. Lucas, aos seus dez anos, cantou ária do repertório de Pavarotti e a canção que estava em moda na ocasião, parece que *Iolanda*. O aniversariante foi à frente e agradeceu a todos. E pela oportuna e feliz lembrança da Dra. Vera Helena Cerávolo de Oliveira. Anos depois, no aeroporto de Roma, lá estava a Família Lima, já com a fama bafejando, mas não se havia esquecido dos alfenenses. Deixou-se fotografar e contou que viera para cantar para o Papa. Uma vez em Alfenas para festa de quinze anos, outra vez para casamento, outra vez em Belo Horizonte para Dom Serafim, outra vez em sessão da UNIFENAS especial para Dona Rachel Prado de Carvalho, Dr. Antonio Silveira e

Dr. Gilberto de Sousa, no Clube XV. Mais uma vez para todos e para os da terceira idade: sempre a Família Lima a criar laços com Alfenas, o que Antoine Exupéry apelidou de “cativeiro”. Numa noite, a pedido, o patriarca da Família cantou *Edelweiss* no palco do Clube XV, a flor que é o símbolo da Áustria e que ficou mais conhecida com o filme “A Noviça Rebelde”. E *Edelweiss* e o bandolim de Zeca Lima envolveram o salão do Clube XV com o incenso da saudade. Quem sentia saudades?! No arquivo velho, em outro momento, na foto, no Clube XV antigo, homens de terno e gravata e mulheres supostamente bem vestidas. Deve ser festa do Rotary. Na foto, reconheço Tony Moutran. Proprietário do Cine Alfenas, acaba de deixar a Têxtil Alfenas, que resultaria na Tecelagem Saliba. “À barulheira incessante da cascata...”, à voz de João Batista Fiorini, o Rancho das Cachoeiras se extasia: “Bênça meu pai, bênça minha mãe, bom dia, irmão.” A música de Cascatinha e Inhana também traz incenso, traz alegria: respira-se paz com as cordas vocais de Fiorini e o dedilhar de Geraldo Ferrinho. Alguém grava uma fita: é João Batista Franco. Registra o som de algumas noitadas, alguns murmúrios, alguns discursos. No Rancho das Cachoeiras, o território parece pertencer a todos. Agem como se todos estivessem em suas casas, cantam, bailam, conversam. Não se enxergava, ainda, a baba do amargor. Agora, na Praça Vermelha, em Moscou, perto do túmulo de Lênin, Aécio José da Silva, José Carlos Banhos, João Batista Franco e Jorge dos Reis observam a História. Quantas vezes se escreveu sobre aquela Praça Vermelha, quantas vezes se ouviu no rádio que, naquele balcão, estavam Kruchev, Brejnev, Gagárin; quantas vezes nas aulas de História se descreviam os monumentais desfiles militares e a presença sempre assustadora de Stálin! Naquela tarde de outono poucos guardas, poucas pessoas passavam pela Praça Vermelha, mas havia indescritível sen-

sação de se estar no mesmo palco onde pontificaram tantos... Agora, em Londres, Álvaro Jaime Rebelo despreza o chão e a catedral onde estão os restos de Churchill. Não consegue renegar seu passado e o sonho integralista e nazi-facista. Seu gesto é o reconhecimento com o partidário do Eixo, de que a ação de Churchill foi fundamental para os aliados vencerem a Segunda Guerra. Meio sem graça, seu Álvaro testemunha os companheiros reverenciarem a memória de Churchill. Certa vez, durante a Guerra, o Primeiro Ministro inglês disse em discurso: “É a hora mais bela da Inglaterra!”. Penso que a Segunda Guerra Mundial foi a sua (dele, Churchill) a hora mais bela. Com classe e altivez, nas memórias, descreve derrota eleitoral, logo depois da vitória bélica: “O povo inglês resolveu dispensar os meus serviços...” Realmente, depois de vencer a Guerra, Churchill não obteve votação para se eleger para o Parlamento. Duas horas da tarde em Barcelona. Na estação, romena conta em francês as dificuldades para visitar a irmã na Espanha. A Romênia ainda era governada por Ceseacu: “visto” obtido com suor e suborno. Na mesma Espanha, em outra época, na Catedral de Sevilha, compra-se a imagem da Virgen de la Esperanza Macarena. Alguém quer ver o “Vale de los Caídos”, o túmulo incrustado na montanha que Franco construiu com a força muscular dos prisioneiros da Guerra Civil. Foi desta vez ou da outra? Fica a imagem do Vale dos Caídos, a vontade do ditador espanhol de se perpetuar e vencer a morte. O Hotel se chama Afonso XIII. É belíssimo. O calor da noite do sul da Espanha não impede as lembranças. Durante muitos anos, foi cônsul na Espanha o poeta João Cabral de Melo Neto. Aqui, durante muitos séculos, os árabes estiveram e deixaram a marca de sua arquitetura nas igrejas, deixaram contornos na música e nos trajes. Durante muitos séculos. Não foram alguns anos fugidios e rápidos. Permaneceu, contudo, a frase de Miguel

de Unamuno: “El sangre de mi spirito es mi lengua.” Duas horas da tarde em Lisieux, na França. No alto, a catedral de Santa Teresinha do Menino Jesus. Claudicante, impreciso na caminhada, vence a pé a subida. Em baixo estão o antigo convento, os aposentos conservados de Santa Teresinha, simples, pobres, mas vazios. Onde estará Santa Teresinha que morreu de tuberculose aqui, escreveu “História de uma Alma”, e parece não dar socorro a quem ensaia agir como São João Batista, comendo gafanhotos: “Eu sou a voz do que clama no deserto”. Fica para trás o inverno desse descontentamento na paisagem onde viveu Santa Teresinha do Menino Jesus e o desejo de pelo menos sentir o cheiro das suas rosas. O poeta de Cataguases, Ascânio Lopes, no seu poema, brada contra o peso inútil das recordações. Não foi inútil a caminhada em Lisieux. Ali, no coração da França, repetindo o mesmo Ascânio Lopes, houve o sentimento e “a confiança das coisas que não mudam bruscas...”

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XLI

“Inúmeras vezes você foi o instrumento da Providência Divina para favorecer a mim, a meus filhos, a meu irmão e a minha sobrinha. Elas (as preces anexas) nos relembram a necessidade de não nos deixarmos sufocar pelo que é acidental e transitório, como a vaidade, as incompreensões e as privações...” Vem com a mensagem o pensamento de Santo Agostinho: “Senhor, que eu me conheça, que eu Vos conheça”. E a profunda lição neste final de setembro: “São preces impregnadas de temor a Deus, como tal entendido, não o pavor egoístico frente à justiça divina, mas o amoroso respeito filial à Perfeição Absoluta. São súplicas que partem da humildade como postura única admissível do homem frente à Grandeza Infinita, que jamais se conquista pelo merecimento mas seguramente se alcança pela busca amorosa, sincera e humilde.” Junto remete textos de Santo Agostinho, para ele, o remetente, o homem mais inteligente da Antiguidade, “um dos mais possantes cérebros que a humanidade já produziu”. Sem querer repetir o texto evangélico, realmente não me sinto digno, à altura de ser instrumento. Valer-se Alguém superior a mim, de mim! Mas neste setembro recebo presente de Sebastião Mariano Franco de Carvalho, a lembrança de Santo Agostinho de que a inquietude será permanente enquanto não descansar o nosso coração naquele que nos criou para Ele. O estrangeiro chega ao Rancho das Cachoeiras, amparado. Alguém começa a cantar em espanhol. Está

arrasado: é peruano, alguém na rua insultou o quase doutor em Matemática por ser peruano e o time do Peru por ter perdido para a Argentina de 6 a 2, tirando as chances do time do Brasil de ir para o final da copa do mundo. “Yo quiero ter um million de amicos...”, começa a canção de Roberto Carlos. O estrangeiro sente a solidariedade. Alguém prossegue, em língua espanhola: “Quiero llevar o meu canto amico a qualquer amico que precisar...” A última notícia é de que o peruano, doutor em Matemática, dá aulas na UNESP, em Presidente Prudente. Terá lembrança dessa noite e do seu desespero? João Lemos Salgado reúne alguns jovens no escritório de Furnas. Cantarão na festa do Lions: “Fiz a cama na varanda, me esqueci do cobertor, deu um vento na roseira...”. E, com paciência e simpatia, João Lemos Salgado espera terminar o ensaio. Em frente, o prédio da Prefeitura. O silêncio da noite alfenense. Há silêncio na memória? O cantor continua na língua de Borges: “yo quiero ter un million de amicos para así más fuerte poder cantar...” e o professor peruano se sente amparado e protegido no meio daquela gente. Estamos em Santiago de Campostela? Perto da igreja, perto do hotel, estudantes de Medicina organizados em tuna cantam quase sempre em galego. Cantam horas e horas, muito jovens. Estudam em Salamanca? Lembro-me do teatrólogo Júlio Diniz e do texto que narra episódio. E da Universidade de Salamanca, alguém no fundo do tempo declamando: “Se não matei todos em verdade, foi para não fechar a Universidade.” Na sala de aula, dona Ângela Leão expõe sobre Eça de Queiroz: “Os Maias é obra de transição” – e decididamente Eça de Queiroz, para ela, pertence ao Romantismo. Encerra a discussão que mal se começa. Noite de Natal: bem de perto se escuta. Quem rege e canta é “Paixão”. Matriz de São José e Dores da Vila Formosa de Alfenas. Quem ainda traz na memória o nome de Maria da Paixão Carvalho? No coro,

onde se assiste à Missa de Natal, o ritual ainda era o do Papa Pio V. O Coro da Igreja exuberante: “Gloria in excelsis Deo.” Antes, duas holandesas, parentas de uma freira da Congregação do Sagrado Coração, em francês, mal balbuciam alguns sons articulados e nenhum em português. Há barraquinhas. Como sempre, presentes Carmen e Yolanda Dias. O rapazinho conta com afoiteza e orgulho para as duas o que não era verdade. Havia conseguido – pensava – bolsa de estudos para estudar em Belo Horizonte. Carmen e Yolanda Dias, noite de Natal, o coro da Maria Paixão, cantos... Era uma beleza! Policarpo, você é um ressentido... Não, não é essa a palavra: Lima Barreto termina seu livro “Triste Fim do Major Policarpo Quaresma” com a expressão “visionário”. “Policarpo, você é um visionário” – é a frase final do Presidente da República quando o Major Policarpo propôs que o Governo obrigasse o país inteiro a falar usando a língua tupi. Ressentido! Corre depressa ao Dicionário. “Magoado!” – está satisfeito com o sinônimo ensinado pelo Dicionário. Logo será setembro em Santiago de Campostela. Vieram de avião: não fizeram “o caminho de Santiago”. Paulo Coelho, que comete em seus livros horríveis erros de concordância, hoje pertence à Academia Brasileira de Letras e baseia seu mais vendido romance no Caminho de Santiago de Campostela. Logo será setembro em Santiago, logo será setembro mais longe. Chove, chove muito! Padre Hernandez, debaixo de lonas, celebra, agora em rito pós-concílio. Padre Hernandez logo depois, na estrada de Curitiba, encerra tudo, andará por outro Caminho de outra Santiago de Campostela. Não andará mais o caminho para Alfenas, nunca mais. E vêm bruxoleantes os traços do rapaz. “Onde se inscreve no Festival da Canção?”, pergunta. “Rumo a Alfenas” – sua música. Seu nome? Luiz Nassif. Sim, o mesmo Luiz Nassif que escreve hoje em jornais das capitais e que na época vinha de Poços de Caldas

– era o Centenário de Alfenas – rumo a Alfenas. Sua música foi classificada, recebeu prêmios? Formavam-se os Odontolandos. O Coral de dona Carmen Vieira de Souza recebe os formandos com Händel, o Aleluia. Dona Helena Ribeiro olha para cima para ver com os olhos os belos acordes que vinham do coro. Muitos também olham para cima. O Coral de Dona Carmen, naquele distante ano, coloca Händel no princípio. Logo domina o rito latino da missa de Pio V, belo, beleza trocada pela comunicação a mando do Concílio Vaticano II. O *Introibo ad altare Dei* é a palavra inicial do ritual que ultrapassa várias gerações. Agora muitos descobrem como eram bonitas as cerimônias. Ao passar diante da Concha Acústica, dona Helena Ribeiro comenta com seus convidados: “Quem construiu tudo isso foi Pedro Siqueira, Prefeito”. Seus olhos azuis mostram orgulho disso. Que ano foi este e que odontolandos são esses? Tudo está longe no tempo. Naquela época se aguardava setembro chegar? Bar do Maurício, o tabuleiro introduzido, as bebidas a prazo, em volta da mesa alguns da mesma idade ou pouco mais velhos. Olhavam para o futuro como algo vago e indefinido, sem dar importância a ele, sem preocupações com ele. Abriu-se o tabuleiro, vem de novo no fundo a voz que repete supostamente JG de Araújo Jorge: “Este copo vazio, enquanto lá dentro a alma do vinho canta nas garrafas...” O silêncio das noites alfenenses. E setembro chega, mais um, mais outro, a roda gira e o vento sopra. O escritor inglês Thomas Moore suspira: “Tão breve eu vá, quando os que amo fugirem, e do anel do amor as joias caírem, caídos os que amo em sono profundo...” E chega mais um setembro!

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XLII

O silêncio, a pausa, o repouso. Imperturbável, a praça Getúlio Vargas espera a noite acabar. Pela praça vem o ruído dos chinelos do Padre Marino Power. Vai celebrar missa no Colégio das Irmãs. Caminha no silêncio da madrugada e, em breve, estará com a cabeça baixa rezando: “Ao Deus que alegra minha juventude” ou, na língua latina, “Ad Deum qui laetificat juventutem meam”. Padre Marino tem mais de 80 anos! Debruçado, na janela do sobrado, Francisco Leite Amaral vê a passagem final da noite. Sempre estará ali nessa hora, esperando a luz verde da aurora. Vindos de outra casa se ouvem passos, ruídos de quem desce a escada. Logo as pessoas que descem a escada tomarão o ônibus. Farão parada em Varginha? Logo acabará a noite: a longa jornada começará para o que espregueia. “Logo virão os pássaros negros”. Logo terá finalizado a missa Padre Marino; Francisco Leite Amaral fechará a janela; a noite alfenense se encerrará e não poderá mais esconder quem vigia os passos dos passageiros do ônibus, confundindo-se com a escuridão. A praça está triste, está amarga. A noite termina sem aurora, sem luz verde, sem tons, antecipando os longos anos cinzentos que viriam. Em frente à Conferência Vicentina, numa casa nova, o ex-padre Joseph Raam se casa no civil. Solene, José Resck declara marido e mulher o holandês e a brasileira. Não há no matrimônio civil as palavras de fidelidade – “na alegria e na tristeza, na saúde e na doença” – da cerimônia religiosa. No quarto, ao lado,

uma criança de vez em quando grita. Joseph Raam explica que se trata da filha excepcional de sua mulher. É também noite. O holandês Joseph Raam começa nesta noite a colher machucados gravetos de seu equívoco. Na Holanda, ao telefone, já separado, Joseph Raam responde sem entusiasmo a proposta de visitar o Brasil. Trabalha em Haia. Ao passar o trem na estação de Haia, chega a imagem do Águia de Haia, Ruy Barbosa, tão badalado na escola primária. Quem, hoje, da nova geração, ouviu falar de Ruy Barbosa? Padre Aloísio Pereira Pinto anuncia a Missa da Juventude. Apesar de ter havido Juventude Universitária Católica, a “Missa da Juventude” causa reboliço como novidade. “Aqui não há lugar para curiosos” – repete Padre Aloísio na Igreja de São José e Dores. E seus jovens cantam bonitas músicas populares da época, com letras modificadas, alteradas para o fim religioso. “Ah, se a juventude que essa brisa canta, ficasse aqui comigo mais um pouco” – registra o artigo no “O Alfenense”, em crônica que tenta comentar a Missa. Ao telefone, Padre Aloísio fala com Iracema Esteves: “Li o artigo e não entendi nada”. Ambos estão mortos, Padre Aloísio, Iracema. Alguns jovens daquela missa dominical de dez e meia. Mortos por dentro, outros não tão jovens que também ali estiveram e ouviram as vozes juvenis cantarem as músicas de Roberto Carlos. Uma delas: “Olha dentro dos meus olhos!”. Estas “Sombras” se prendem mais uma vez à “padraizada”, expressão usada pelo distante parente de Poço Fundo, que tem um sobrinho padre. Que fazer? Estão eles altamente presentes na memória e no passado. Como os hinos cantados vindos do alto-falante da Igreja Presbiteriana, na avenida São José. Os hinos dos Adventistas deveriam ser silenciosos: não permaneceram na memória que pervaga. Todos – crentes ou católicos – se extasiam diante do belo carro americano preto do prebisteriano reverendo chamado Mister Davis. Ele ex-

põe seu sotaque e seu grande carro. Ao entardecer, em alguns dias da semana, prevaleciam os hinos presbiterianos. No alto-falante, no intervalo das músicas presbiterianas, antes dos Cultos, Waltrudes Emrich (este era brasileiro) lê trechos da Sagrada Escritura e convida pelo som para atos religiosos. Waltrudes Emrich, pastor? Não sei. No colégio sei que todos admiram a beleza de sua filha Raquel, beleza que deixa os meninos inquietos e rubros. De sua imagem, do pai, sai do nosso coração o hino que ele sempre seleciona nas irradiações: “Foi na Cruz, foi na Cruz, que um dia eu vi meus pecados castigados em Jesus”. As “Sombras” nascem sem o auxílio de arquivos. Trazem o artigo de sua esposa, Josefina Fernandes Emrich. No Dia das Mães, publica terna censura aos que usavam expressão muito corrente na época, com o título de “A Velha lá de casa.” A velha lá de casa, David Nasser chamou-a, numa bonita canção, de “a rainha do lar”. Dizem que os Emrichs se mudaram para Juiz de Fora. Nunca mais foram vistos. Pelo menos eu nunca mais os vi. Os Adventistas dividiram espaço com Batistas, Igrejas do Evangelho Quadrangular, Transcultural, Presbiteriana Independente, Sarah Nossa Terra, Cristã do Brasil. Não sei seus hinos, infelizmente. No quarto do hotel, em Verona, a noite italiana cai pesada. Do outro lado da linha e do mundo, brotam palavras chamando à razão. São palavras de Padre Lázaro de Assis Pinto. Ao mesmo tempo consolam, deixam impregnado de conforto o viajante que se desespera com a notícia vinda do Brasil. Aos poucos, o desespero se esvazia. Padre Lázaro coloca os fatos que ele tão bem conhece, e a notícia recebida da morte apresenta os desenhos da tristeza sem o fardo amargo do remorso. Homem de vasta cultura, o sacerdote católico conhece e lê os principais livros que se publicam. No estudo da estrutura de seus discursos, descobre-se com facilidade a erudição, que não é fruto de aprendizado enver-

nizado, mas de luta, que não é vã, com as ideias e palavras. Usa e domina a técnica da oratória – fato hoje tão raro. O mais fundamental em sua história é que Padre Lázaro faz da vida religiosa missão de servir. No amplo sentido de se doar, de se desprender (sem descuidar de sua profunda atualização intelectual). Às vezes, no ato de servir, ultrapassa fronteiras de convenções e isso causa incompreensões. Mas ele continua servindo. Veio para cuidar dos outros, cuidar de suas feridas e cuidar dos que olham a vida como aventura inconsequente e vazia. Os que o conhecem e convivem com ele não se sentem sozinhos. Sempre se sentirão amparados pelo Padre Lázaro: sabem que ele cuida de todos. E dormem mais tranquilos porque seu ressonar está sob os cuidados de Padre Lázaro de Assis Pinto. Mesmo quando alguém o abandona – fazendo avaliação injusta porque pensa com egoísmo que ele veio para cuidar exclusivamente de quem se queixa – este que debanda sabe, no fundo, que Padre Lázaro de Assis Pinto cuidará dele. Não sei se a Igreja Católica tem ou terá muitos sacerdotes com este carisma. Conheci alguns que já se foram. Não sei se Deus permitirá que venham outros. Padre Lázaro de Assis Pinto é um homem como os demais. Mas é um homem que cuida dos outros homens. Como cuidou de alguém que, em uma noite na Itália, derramou no telefone seu desespero. Saltando do passeio, Raquel Sabóia cumprimenta Jânio Quadros, que passa célere, no carro de Adolpho Engel. Sim, Raquel Sabóia, do Grupo Madre Maria Luiza Hartzer, uma das únicas pessoas que está na praça e consegue o cumprimento na mão de Jânio Quadros. Vindo do velório do culto dentista Pedro Silveira, pai do Diretor da EFOA Paulo Passos da Silveira, Jânio Quadros, se recusa a falar para o povo. “Engel, já disse que não falo”, e manda que o carro siga rápido. Antes, cumprimenta Raquel Sabóia com entusiasmo. O povo é dominado pelo frenesi. Todos quase se

esquecem de Juscelino Kubitschek. O nome da hora é Jânio. Seu símbolo é a vassoura: vai varrer as “ratazanas”. O povo vibra! Não se fala em marqueteiros na época, mas Jânio sabe usar como ninguém os recursos e gestos de cena. Fala o que o povo gosta de ouvir: “Se eu guardar cinco cruzeiros na gaveta e daqui a seis meses for retirá-los, a nota valerá apenas quatro cruzeiros.” Todos conhecem o soneto que dizem ser de sua autoria: “Glorioso São Martinho, das montanhas peruanas, vem varrer as ratazanas...” Não se comenta outra coisa senão ”Jânio vem aí”. Realiza comício em Alfenas depois da recusa de falar. Multidão incalculável. Contudo, na eleição, o povo alfenense, ressentido, não foi no delírio do Brasil inteiro e não dá vitória municipal para Jânio Quadros. Não compreende porque renunciou à fala em Alfenas. Dá triunfo eleitoral a seu companheiro de chapa para Governador mas, em maioria, não vota em Jânio. Ninguém claramente assim endossa este raciocínio. Ninguém se preocupou com as razões da derrota eleitoral no município. Estou convencido, contudo, de que foi uma resposta de Alfenas à recusa de Jânio. Com sua vitória o Brasil trepida, o povo canta e desmaia, alguns choram de emoção, o “Estado de São Paulo” publica em manchete: “Desta vez fomos; os alegres e esperançosos bailarinos das ruas aguardam com euforia as mudanças, o país diferente, a vida e o cotidiano de cada um elevados à terra do encantamento e da felicidade”. O novo Presidente, com 43 anos, é adorado e temido, mas os habitantes da Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas, como os ingleses, ficam impassíveis e fleugmáticos, não aderem ao cordão de estremecimento, de trepidação, de cintilação da estrela que luzia em vão para os alfenenses, chamada Presidente Jânio da Silva Quadros.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XLIII

Dona Rosa sobe a rua Ruy Barbosa com seus burrinhos. Carregam verduras em balaios. Frutas, marolos, produtos da terra que dona Rosa vende pelas ruas. Dona Rosa mora no Bairro dos Aflitos, chamado agora Santos Reis. Por que o nome dos Aflitos? Dizem que para aquela região da cidade encaminhavam os moribundos, os pobres sem eira nem beira apanhados pela gripe espanhola, mortos-vivos que se affligiam deixados ao léu, até morrer, porque os não infectados tinham medo do contágio. Dona Rosa mora ainda no bairro dos Aflitos. A febre espanhola não passa de uma lembrança triste. Clara, ruiva. Seu marido – João Saraiva – português com vasto bigode, viera do Rio de Janeiro para ser mestre-de-obras da construção do Cine Alfenas. E seu filho Betinho “haverá de estudar” – fala dona Rosa diante da assembleia dos meninos da rua de baixo e da rua de cima. E Betinho – Carlos Alberto Saraiva – graduou-se em Odontologia e nunca mais apareceu. A chácara de dona Rosa e João Saraiva tem a torre da Rádio Cultura por muitos anos. Ele permanece por aqui depois de pronto o Cine Alfenas, não volta para o Rio. Chove sobre minha infância. Quase todas as noites, dona Rosa desce a rua Ruy Barbosa com seus burrinhos, carregando suas verduras, seus marolos e nossa infância. E a meninice se vai com ela. Infância que se agita com a notícia de que será inaugurada a Granja-Escola, construída com verba do deputado Lycurgo Leite Filho. O deputado dá

nome ao instituto. Dizem que é advogado da Antártica. Os moleques, reunidos, veem um pequeno avião nos ares. Um pequeno clarão de aço. Dentro dele residem muitos sonhos da meninada. O deputado chega, os empregados da firma Engel Irmãos distribuem guaraná com fartura e abundância. Nem a terra encantada do Mágico de Oz pode competir naquele instante com a Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas. Há guaraná, um mar de guaraná que o advogado da Antártica manda entregar ao povo, aos meninos da rua de baixo e da rua de cima, que nunca tinham visto tanta fartura. Mais tarde, quando lia Gabriel Garcia Marques, pude compreender seus personagens que tomaram água do rio sentindo nela sabor de ambrosia e mel. Os meninos, quando bebem guaraná, furam a tampa da garrafa com um prego, fazem com que o líquido espume, tendo, com isso, a esperança de aumentar seu volume. Naquele momento, não. Bebem guaraná à vontade, mais do que à vontade: o líquido desce com sofreguidão. Padre Afonso Van de Graf dirige a Granja-Escola. Aos domingos, senta-se em frente ao prédio e contempla o jogo de futebol dos meninos internados. Com ele, o irmão Francisco, também holandês. Não é depósito de meninos. Padre Afonso coloca amor e carinho na casa. A Granja-Escola não se assemelha em nada à FEBEM. Abriga garotos miseráveis e pobres que não resvalam para a marginalidade. Recebem do Padre Afonso o afeto que não se encerra. Um deles – Onofre – hoje seria chamado “menino de rua” – forma-se em contabilidade e trabalha muitos anos na firma Engel Irmãos. Onde estará Onofre, hoje? Padre Afonso morre nas praias de Portugal e sua Holanda permanece apenas um quadro no navio em que viaja. Na “Embaixada do Congado”, canta alto o Calafatinho: “Não avistei terra, não avistei nada, meu Capitão General; avistei as três donzelas debaixo do parreiral”. A FEBEM encampa a Gran-

ja-Escola. Depois de muitos pedidos e muitas audiências, a FEBEM leiloa somente a metade do terreno da Granja-Escola, graças a um governador amigo. Ia leiloar tudo, deixando só a lembrança do Padre Afonso e Irmão Francisco e seus passos nos corredores. O dinheiro fica para a FEBEM. Irmão Francisco mora uns tempos na Casa Paroquial e hoje repousa no mesmo túmulo de Grimminck e Nieuhuis, até que o Conselho Provincial dos MSC decida levar seus ossos para o Cemitério da Congregação, em Pirassununga. Então nem seus ossos guardarão memórias desta Vila Formosa de São José e Dolores de Alfenas, e as velas, agora sempre acesas, vão se apagar lentamente no túmulo compartilhado com Grimminck, Nieuhuis e outros da mesma Congregação. Dos que leem, quem pode se lembrar de Dona Rosa, João Saraiva, Padre Afonso, Irmão Francisco? E dos Aflitos? Aflitos ficam os meninos da rua de cima. Juntam meias rasgadas e rotas. Enroladas, as bolas no futebol de meia triunfam. Dois tijolos marcam os limites do gol. E todas as tardes, na rua, o alarido dos meninos indica o futebol de meia. A pobreza não permite bola de borracha. Dentro de pouco, o campeonato que agita: o time dos meninos da rua de baixo contra o time dos meninos da rua de cima. E viva o futebol de meia! Os cães bravios, buscados pelo Preto, levados no começo da noite, zelam com rancor pelos armazéns e escritórios da firma Engel Irmãos. Durante o dia, ficam em terreno próximo e, à noite, Preto vai buscá-los para vigiarem. Soltos no pátio, de madrugada se ouvem ao longe seus latidos. Frio, muito frio! As chapas de ferro esquentadas no fogão à lenha, colocadas nos pés, nas camas duras e compartilhadas, aquecem até fazer os meninos adormecer. E a noite alfenense cai. Do posto do senhor José Macedo, chega Ronaldo Coelho inundando a pobre rua Tiradentes com sua bela voz e suas canções. Na casa ao lado, Gentil Pereira Dias distribui as cartas do bara-

lho. Mais adiante, Luiz do Prado Ramos e sua esposa Aparecida. Mais adiante ainda, Lílca Garbini conversa com o Perna, seu esposo. Perna Torta, o nome pelo qual todos o chamam com naturalidade. Na esquina, João do Prado Horta, seus relógios, a lente que coloca para enxergar as minudências das peças e que tanta curiosidade desperta nos meninos. A esposa de João do Prado Horta, dona Luiza, seu coração pleno de afeto, ouvindo e dando atenção ao menino que a visita, aguardando a prata que recebe do padrinho. E sai rápido o menino, mal ganha a prata. A segurança que dá a todos morar na mesma rua em que vive o senhor Astolfo Lemes. Para nós, pobres, ser vizinho de Astolfo Lemes dá proteção. E – porque não dizer – dá orgulho e desperta as ainda tênues linhas da vaidade. Do outro lado da esquina, Joaquim Lázaro Gomes, o “seu Quim”, conhecido de todos. Sua educação e delicadeza desmoronam um pouco a rispidez dos meninos que reverenciam a calma e o extremo comedimento de Joaquim Lázaro Gomes. Eleito várias vezes vereador, “seu Quim” deixa, nos dias que o veem, os contornos de homem bom e o retrato da ponderação e do equilíbrio. Modesto, nunca teve pretensões senão graduar os filhos. Do fundo da noite, os cães bravios continuam latindo. Há silêncio agora na rua Tiradentes. O recolhimento torna a barulhenta rua como um monastério. Não há infelicidade, parece vir a própria consciência da miséria não tão aguda. Aceita como coisa passageira, a miséria não entristece e nem joga aqueles meninos nos largos e indecifráveis limites do crime. Há silêncio na rua Tiradentes. Chove sobre a minha infância. Silêncio na casa de Maria Paulino, silêncio de “Mãe Cândida”, silêncio de Paulino José Ferreira. “Mãe Cândida” não enxerga. Consegue sozinha atravessar a rua Tiradentes para conversar com a vizinha e alegrar um pouco sua velhice. As conchas pintadas de Antonio Carlos Ferreira: “Ponham no

ouvido. Escutaram? É o marulho do mar!” Extasiados, os garotos todos colocam aquelas conchas no ouvido e sonham com o mar. Escutando o mar! As vozes do mar! A noite alfenense cai ainda mais, “Mãe Cândida’ atravessa a rua, vai enfrentar as longas horas de sua velhice na longa noite. “ É a vela que passa, na noite que fica”. (Como se chama o poeta português deste verso?) A Rua Tiradentes, no entanto, tem o rosto de sofreguidão misturado com contentamento. Dona Santa começa a trabalhar na casa de Maria Paulino. As glândulas dos meninos começam a borbulhar, o corpo parece tremer diante da jovem Dona Santa e sua beleza. Os meninos nunca tinham visto mulher assim tão bonita. E Dona Santa sacode o crescimento glandular dos semiadolescentes e da meninice, e todos passam a odiar os namorados dela, pessoas mais velhas que eles e que têm o privilégio que os garotos não têm: tocar Dona Santa. Não é “coberta de ouro em pó”, como na canção, mas pega naturalmente o avião da Real e vai passar o carnaval no Rio. Ao lado, Olympio Corsini. Revoltados e invejosos, além de curiosos, os infantes chacoalham, chacoalham, chacoalham, sempre com o vulto de Dona Santa na cabeça, enlevados e embriagados com a fantasia no bojo das mãos. Rosário e sua irmã Rosária Caroba moram logo ali, em uma casa de tijolos sem reboco. Ele, aposentado, não sai da janela. Ela reúne-se na esquina com os vizinhos, invariavelmente, todas as tardes. Do outro lado, José Barbosa Elias. Bancário, para os meninos tinha ares de artista porque era o leiloeiro nas festas da igreja. Quando o viam gritando que estava em sua mão um cartucho cheio de doces, ou quando um “brinde de honra” anuncia uma leitoa assada envolvida em papel celofane, do lado de fora das barracas os meninos apreciam o espetáculo, conformam-se, e sabem que alguém vai arrematar o cartucho e que o “brinde de honra” inevitavelmente será arrematado, seja a que preço for, pelo

homenageado. E chove sobre minha infância. Agora, Milton Nascimento vai fazer 60 anos. Não o via naqueles dias. Apenas, como “crooner” no WBoys, anos depois. Sempre está nesse grupo Bonifácio Cabral. Estão longe desta infância pobre e feliz. Os vultos, os fantasmas, as imagens embaralhadas – a meninice permanece. Ao longo dos anos, suas marcas acompanham, seguem, seguem. A chuva, que se acinzentou, lembra o cantar do rei D. Diniz: “ai flores, ai flores do verde ramo”. O verde ramo de pé, diante das fortes tempestades, com a obsessão nascida na meninice. “Betinho há de estudar”, a voz de dona Rosa surge límpida e clara. A rua Tiradentes – ou a cidade toda – tem ares de subúrbio, aconchego de subúrbio. “Estou de volta ao meu aconchego” – a música tocada no rádio, depois. O “verde ramo” do trovador e rei, D. Diniz, não é apenas uma fotografia na parede, e a rua Tiradentes, muito mais que linda, esta ficará.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XLIV

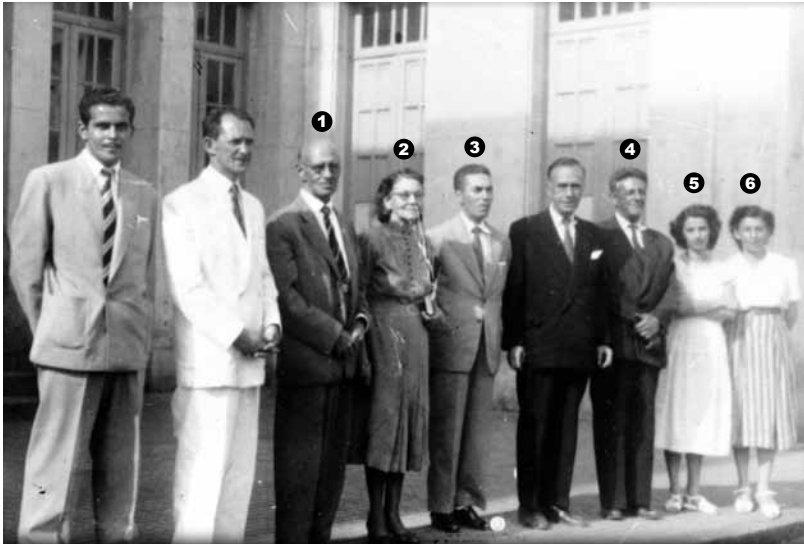
Festival da Record: dona Dorothei Adami de Oliveira Amaral, de manhã, fala sobre “A Banda”, a canção do desconhecido Chico Buarque de Holanda, classificada em segundo lugar. Na hora do café, os jovens professores do Colégio Estadual escutam dona Dorothei. Alguns tinham visto o Festival, outros falavam na “Alegria, Alegria”, de Caetano Veloso. No programa de Flávio Cavalcanti, um tal de Mister Eco revela depois que o verso da música quando Caetano canta – “O Sol na banca de revistas” – é referência ao jornal “O Sol”, onde, segundo Mister Eco, trabalha a namorada de Caetano Veloso. Há o sinal da campainha que chama: todos se dirigem às suas salas, onde os espera geração curiosa e sincera. Ninguém os engana. Com clareza sabem distinguir quando a aula é fruto de criatividade ou quando produto banal de mera repetição. À frente, livro de Teillard de Chardin. Pensa com orgulho: quantos já ouviram falar neste nome? Não os estudantes, é claro! Por um segundo, a sensação de superioridade intelectual domina, afaga, envaidece. Por um segundo. Logo o exercício da razão traz de volta os limites. Por que deveriam ter ouvido falar? E vem de imediato a citação do poeta português Fernando Pessoa: “Que delícia ter um livro para ler e não o fazer. Feliz foi Jesus Cristo, que não tinha biblioteca”. Há uns dois anos, Dona Dorothei desapareceu, impregnando seu gesto final de valor e brilho em sua Santa Rita do Sapucaí, na rua com árvores floridas onde morava. Em outra época,

José Ricardo Barbosa e José Reinaldo Vieira da Silveira entram em Santa Rita de Sapucaí à procura de um hotel. O prédio silencioso, noite: ninguém atende. Em baixo o rio Sapucaí, suas águas, bem em baixo. A juventude, os verdes anos, a doce inconsequência dos atos e, no mesmo instante, o quadro de chaves dependurado mergulha nas águas do rio Sapucaí como uma chalana que bem longe se vai. Partem os três na camionete e deixam para trás Santa Rita, o rio Sapucaí, o hotel e seu silêncio; para voltar nunca mais. E as chaves, como fizeram? Os “protestantes” têm, ao lado de sua igreja, salão social. Dos meninos, só Plauto Bornelli adota o protestantismo. No jogo de pingue-pongue esperado com ansiedade todas as noites, os meninos da rua de cima desfrutam do salão protestante com ecumenismo. Dona Lourdinha é quem abre o salão. Virá hoje? Fechará mais tarde? Pontos de intenso sofrimento para quem não sabe direito quem foi Lutero, Calvino e nunca ouviram falar da longa noite de São Bartolomeu, quando em 24 de agosto de 1572, 20 mil huguenotes (protestantes) foram mortos em dois dias pelos católicos, a mando da rainha Catherine de Médicis. Plauto Bornelli traça o caminho de seu futuro ou se deixa levar por ele. Ausente, faz outras experiências, novas vivências. Sumiu do convívio. Jamais ninguém de nós retorna à pureza daquele jogo de pingue-pongue na avenida São José, onde ninguém sabe da história das religiões e o único sofrimento existente é a frustração quando não vem dona Lourdinha ou quando ela fecha o salão antes da exaustão que parece inatingível, dos meninos da rua de cima. No sofá, as Memórias de Maria Callas, a cantora lírica grega. O livro está no meio. O corpo pede repouso, cama, as memórias de Maria Callas deixadas de lado. Acordado, em um instante, o quarto avermelhado. Percebo que gira, sombras deixam identificar o guarda-roupa girando, girando. Acordo a esposa que dorme

ao lado. Sinto que balbucio, ela custa a entender. Hospital! hospital! dificuldades em balbuciar. E o que estarei tendo, meu Deus? Não, não posso morrer agora, não agora: penso nas adolescentes que ficarão indefesas, penso nas filhas que ficarão órfãs. No mesmo instante, vômito, vômito e o pensamento obsessivo, fixo: Não posso morrer agora! A “dama branca” não assusta e nem angustia. O agora, sim. Há correria ao redor, dois guardas me colocam no carro. Novamente, no hospital, vem o vômito, a náusea, o grito que fica na garganta e a vontade que não se quebra: Não posso deixar as meninas agora! As enfermeiras me seguram, de novo vem a ânsia, colocam vasilha apropriada para recolher meus vômitos e a súplica mentalmente transborda, forte, transpondo desconhecidos horizontes e dimensões impenetráveis: Meu Deus, não posso morrer agora! No mesmo momento cessam as convulsões, os vômitos, o tremor, o terror; há silêncio, calma, repouso, o paciente, no pronto-socorro, encerrou seus estertores. Conduzem-me até o quarto, não vejo mais olhares de desespero. Só de preocupação. O paciente fecha os olhos, sabe que doravante grandes mudanças acontecerão no seu trabalho, no seu físico. Virão confrontos e misérias: algum tempo, grande parte de seus músculos não cumprirão os comandos de seu pensamento. Muitos amigos vão querer ver, de perto e sem disfarçar o desaponto, as sequelas que permanecem. Queriam mais sequelas O paciente – que não era o “Paciente Inglês” do filme – deve suportar com calma e resignação, pois não imagina como lhe foi dado saber disso tudo, que tudo aconteceria assim. Sabe que outras coisas ruins virão, que pequeno grupo dorme e acorda querendo permanentemente conhecer qual o mal que lhe pode ser atribuído ou que gesto ou ato seu possa ser “vendido” como fracasso, ou se aconteceu algum fracasso realmente que possa ser alardeado e trombetado e se o pequenino norte da

felicidade realmente lhe está bastante longe. Mas sobretudo o paciente sabe que não vai sucumbir nos próximos anos porque sente que seu confiante diálogo mental recebeu resposta positiva de Quem o criou. Um manto estranho o protege. Sim, virão caminhos tortuosos e ásperos, na alma muitas dores doídas. No entanto, não virão tão cedo os caminhos para transpor “o passo ou umbral da vida”, como instrui Teilhard de Chardin. A conversa naquela noite não foi com o Senhor dos Anéis: foi com o Senhor que está acima de todos os Anéis e que, sempre, no íntimo, “desperta claramente em mim uma grande paixão: a paixão pelo Absoluto.” Em um instante desaparece a impressão de esmagamento e de inutilidade. A garantia do êxito e de não ser tragado e bloqueado por um muro inseparável veio do fato de que foi gerado um homem para ter a possibilidade de levar até o fim a obra empreendida. A fuga do mundo não se justifica porque o mundo não é o reino do Maligno. Segundo mostra Teilhard de Chardin, Deus vive nele e nele se move. “É parte do plano divino que o homem dê sua contribuição à transformação do mundo.” Creio que por isso fui retirado do vale sombrio naquela noite. Nenhuma jactância nesse reconhecimento. Nenhuma tola vaidade ao recordar os sufocantes momentos desta noite de 1997. Foi-me dada a oportunidade de saber que aguardam (quem?) o fruto do meu trabalho – “não somente a intenção da minha ação, mas também o resultado tangível da minha obra.” E, para que eu não me encha de orgulho e soberba – como ensina São Paulo – foi-me dado um espinho na carne que me esbofeteia. Vem de formas diferentes: às vezes resposta e ação traiçoeira de quem foi regado com açúcar, com afeto, e de quem se espera o cultivo de verdes campos; às vezes a face peçonhenta e rugosa do maligno deixa aparecer em atos e palavras sua feiura; outra vez, o maldoso balbucio que chega aos ouvidos com hálito de

quem passa muitas horas em mesa de café e cigarro; de vez em quando, a sugestão soprada de que os ruídos e balbucios são fruto de paranoia; ocorre, de quando em quando, a vitória das fraquezas, os ventos frios arrefecem as resistentes fortalezas e abrem passagem para a permissividade e o permissivismo, e principia a luta para rejeitá-los; vez por outra telefonemas de lugares distantes, prometendo cura para doenças encomendadas e dirigidas; surge e se repete, para tentar magoar, o maledicente zumbido de quem recebe há muitos anos, de seu empregador o pão e o vinho de sua casa; vêm os que trazem lembranças do passado na vã tentativa de embutir, dentro delas, escondido, aço cortante e afiado; e, para que eu não me encha de orgulho e soberba, enfrento o jogo de palavras misturado. No fundo, sei que, no final da peleja vocabular a regra prevalente será a moeda corrente no país. Tremula a bandeira da lendária espanhola Dolores Ibaruri, “La Passionara”, na guerra civil de seu país: *Non passaron!* Sempre permanecerá em cima de tudo a resposta ao apelo daquela noite de abril. Teillard de Chardin doutrina – e eu creio nas suas palavras – que “caminhar na direção até o fim em que se encontram as linhas da evolução tem a possibilidade de levar a obra empreendida.” A evolução separada profundamente por Teillard de Chardin do que entende como evolução o transformismo de Darwin, evolução substancialmente diferente da evolução espiritista, evolução que para ele e para mim passa necessariamente através do cristianismo, luz que aclara todos os fatos, curva que todas as linhas devem seguir.



Prof. Ismael Brasil Correia (1), Dona Lili (2), Dr. Roque Tamburini (3), Prof. Esaú Prado (4), Profa. Maria José Leite Correa (5) e Profa. Domingas Tamburini (6)



Dr. Roque Tamburini, Francisco Navarro Prado, Dr. Geraldo Cardoso e Lincoln Westin da Silveira



Francisco Navarro Prado e José Macedo



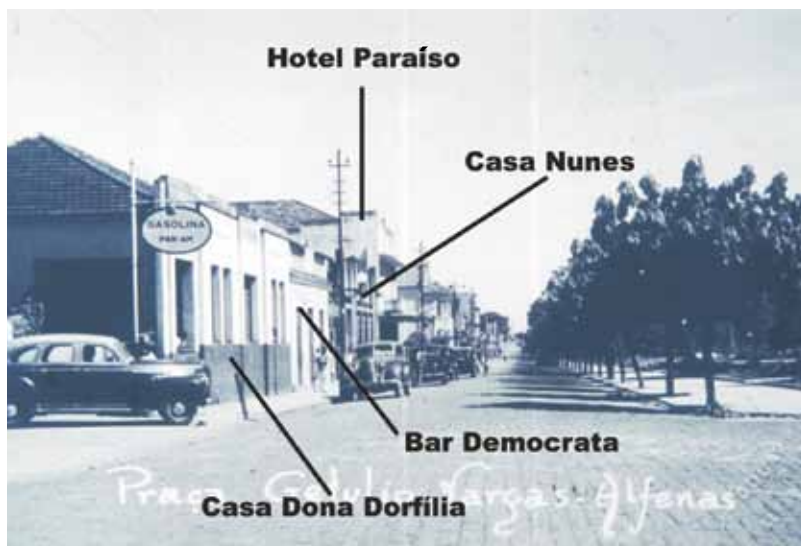
Hotel Joca, à direita



Vista parcial da praça central de Alfenas mostrando os prédios (indicados): à direita, de Edmundo Pereira e, à esquerda, de Antônio Carlos de Carvalho; logo em frente, o alpentre citado



Quadro ofertado pela família Moura Leite, hoje no Centro de Pastoral da Matriz de São José e Dores



Região central de Alfenas - Praça Getúlio Vargas



Márcia Vilela e Alaor de Carvalho Moura



Pedro Nunes e Leozinda Coelho Nunes



Gilberto Souza



José Resck e dona Maria do Carmo Resck



Zita Engel Ayer e Elísio Ayer



Ilma Manso Vieira Mansur



Esterzinba



Fumanchu



Mário Gira-Mundo



Tarará



Ida Vieira Luppi



Lucinda Tamburini de Souza



Edmundo Pereira



Antônio Carlos de Carvalho



Miguel Emídio de Carvalho



Jaime Laudares Pereira



Carmem Tamburini Orofino



Dorfilia Moura Leite



Geraldo Gomes



Benedito Rocha



Vilma Pereira Bastos



João Coelho Nunes



Walter Rocha



José Carlos Banhos, o Batuque, com sua esposa Iracy e a neta Isadora



Célia Sabóia



Isnard Manso Vieira



Carlos Valadão



Celso Goyatá



Samuel Vilhena Valadão



Sebastião Rios Pinto



Adolpho Engel



Elisa Engel



Fany Engel Macedo



Rosa Engel Vieira



Hécio Maia



João Luiz da Silveira



José Antônio Marques



José Ornelas de Melo



Telmo Magalhães Fernandes



Adelardo Franco de Carvalho



Raquel Prado de Carvalho



Sônia Boczar



Zélia Amaral Carneiro

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XLV

Vozerio. Cheiro bom que vem da cozinha. Nerito Landre fala sobre Humberto de Campos. Poucos conhecem Humberto de Campos: até hoje muitos estudantes de Letras nada leram dele. Nerito Landre tem coleção completa de Humberto de Campos. Um tanto rejeitado pelos críticos literários, também porque o escritor fez proseletismo da doutrina espírita, Humberto de Campos repousa, psicografado ou no original, na estante de Lilciades Landre ou, melhor, Nerito Landre, como é conhecido. Nerito agora lembra Nietzsche: poucos ligam a música do filme “Odisseia no Espaço” ao texto de Nietzsche, autor, não da música, mas do “Assim falava Zaratustra”, talvez seu livro mais famoso e que inspirou a música. Sem estudos regulares, o universo de leituras de Nerito Landre supera o pequenino espaço cultural de muitos que ficaram tantos anos em colégios e faculdades. “Declama aquela!”, é o pedido. O vozerio silencia. Outro pedido: “Declama aquela!” Ele começa: “Na hora extrema em que eu deixar a vida, vem, mãe querida, me assistir morrer: foste a primeira que meus olhos viram, serás a última que eles hão de ver”. Muitos aplausos. Outro fala de longe: “Faz aniversário no mesmo dia que a professora Fulana: 18 de novembro!” Ao que ele responde com calma: “E nascemos no mesmo ano!” A cidade ficou bem mais pobre depois de sua morte. Nossa geração – privilegiada em muitos aspectos, inclusive pelo fato de conhecê-lo – não avaliou bem, na hora, a gran-

deza de que estava sendo privada. Respeitado e admirado pela cidade toda, Nerito Landre dá lições diárias de humildade, sabedoria e hombridade. Conta histórias da inauguração do Cine Alfenas e de sua atuação como tintureiro, que o atrai para os festejos; fala sobre atitudes e comportamentos de juízes e promotores ao longo de quase 40 anos de trabalho no fórum; fala sobre a cidade que viu crescer e as tardes distantes de domingo, horas e horas; no banco do jardim da praça, anos e anos, fica respondendo sobre as pessoas que viveram e fatos que ocorreram nesta Vila Formosa de São José e Dolores de Alfenas. No Natal, o caminhão e o ônibus repletos de presentes e balas para as crianças. Pinheirinho, Santa Luzia, fundo do cemitério, tudo catalogado, varriam as ruas desses bairros o caminhão e o ônibus, de cima a baixo. Presentes para as crianças. Nerito comanda a distribuição. Ninguém se candidata a cargos políticos: não é esse o motivo. Não se anuncia a distribuição e nem se alardeia que o caminhão e o ônibus trarão ilusões natalinas. Todos junto com ele imaginam que o Natal dessas crianças assim poderá ser mais feliz, e a miséria por uns tempos será afastada. “Agora, música!” – sobressai uma voz. Para fazer ritmo, Nerito Landre arrebatava duas colheres; João Batista Franco, Celso Fernandes e Aécio José da Silva se enfileiram; João Batista Magalhães mostra seu tamborim; Aguinaldo Araújo prefere música que o fazia dançar em Itapeverica; Boaventura Passos Vinhas tira os primeiros acordes e luta com Nerito Landre por causa das colheres; Paulo Afonso Cambraia é solicitado a cantar “O Uirapuru” ou “Meu Endereço”; Raimundo Banhos esquece a surpresa desagradável que lhe deu o Banco Itaú e se prepara mentalmente para cantar o inevitável pedido de “O Passarinho”: “Num galho seco vi pousar um passarinho/ Aos seus filhinhos vem cantar uma canção/ Um vagabundo que anda sempre em festa/ Corre depressa, vem

armar um alçapão”. Alguém sugere “O Destino Desfolhou”, e lá vem “Saudades de Matão”. Todos pensamos que a música é o hino de Matão, cidade hoje carregada de indústrias, no estado de São Paulo. Por acaso, hoje, sabemos que a música ganhou letra em 1938, mas foi composta em 1904. Recebeu o título de “Francana”. Como foi gravada pelo sanfoneiro Antenógenes Silva, este passou a ser beneficiário dos direitos autorais. Sozinho, agora, João Evangelista Fiorini canta “Meu Cariri”. Ninguém ousa coparticipar porque a canção, na voz e no violão de João Fiorini, faz todos atravessarem o país e, com magia, estamos no nordeste, no Ceará: “No meu Cariri/ quando a chuva não vem/ não fica lá ninguém/ somente Deus ajuda/ se não vier do céu/ chuva que nos acuda/ ma-cambira morre/ xeque-xeque seca/ juriti se muda.” Alguém lembra que Zé Ramalho, o cantor do Nordeste, já esteve aqui, já viu o luar do rancho, nas cachoeiras e nos barrancos. E, depois – por que não? – “Peguei um Ita no norte”, com o bandolim de Geraldo Ferrinho e cítara de Haroldo Araújo. “Zé Coco do Riachão” não vai ao rancho. Badalado e promovido pela imprensa de Belo Horizonte, o homem da rabeça nasceu perto de Montes Claros, na vila Riachão. A plateia tem muitos alunos de engenharia civil nascidos em Montes Claros. A apresentação é no Sindicato Rural. Alguns estudantes de Odontologia da EFOA. Poucos sabem que rabeça é um tipo de violino rudimentar, de timbre mais baixo que este, com quatro cordas de tripa, utilizado em diversas manifestações folclóricas. Mas a mídia cria muita expectativa em torno de Zé Coco do Riachão, expectativa que não é acolhida pela gente do sul de Minas. Sinceramente, não admiram a música folclórica que vem daquela rabeça. Só a imprensa be-lorizontina noticia, no ano passado, a morte de Zé Coco do Riachão, o rabequeiro que não fez sucesso em Alfenas. Cine Alfenas, abertura da Jornada Científica dos estudantes da

EFOA. O professor Salles Cunha, da Universidade Federal Fluminense, conta em seu discurso que, na primeira vez em que aqui esteve, pede ao motorista de táxi que o leve até os arredores da cidade e ali fica, admirando, extasiado, o crepúsculo, por mais de uma hora. Ao chegar, ao pedir a conta, recebe a resposta: “Então o senhor vem contemplar o pôr do sol da minha cidade e acha que vou cobrar? Em Belo Horizonte, no Palácio dos Despachos, caravana aguarda o governador do Estado, Francelino Pereira. Entra sorridente e alegre o governador. De Alfenas, muitos. E começam as reivindicações. O governador pede que esperem. Sabendo que há alguém na delegação da área da educação e, como enfrenta, no início dos anos 80, pesada greve de professoras, o governador Francelino Pereira quer informações: “Em Alfenas há agitação? As professoras recebem visitas incentivando a greve?” Todos olham para o interrogado. “Tranquilize-se, Governador, não há agitação, não há visitas, nada!” Todos respiram aliviados e se voltam para o Governador, que, à noite, faria um pronunciamento e talvez anunciasse aumento de salários para as professoras. O interrogado suspende a mão, quer concluir: “Governador, as professoras esperam com expectativa sua fala hoje à noite!” Olham – menos o Governador – com pavor, para o interrogado. Parecem dizer: “Como ousou falar com essa franqueza para o Rei? Como teve coragem?” Repete com timbre mental: “Vou-me embora pra Pasárgada: lá sou amigo do Rei?”. E o governador Francelino Pereira dá sonora gargalhada! A delegação não pode fazer nada: acompanha o governador na gargalhada! Mais tarde, em uma espécie de manual, funcionários leem: “Sempre servir e nunca ser servil; sempre elogiar, mas nunca bajular”. E o governador Francelino Pereira – suspeita-se – deixou a audiência mais contente porque, ao indagar, não foi bajulado nem enganado. San Francisco, novembro de 1972.

No quarto de hotel, sente o fardo da inexperiência e da solidão da primeira viagem internacional. Completamente só, no quarto do hotel da Califórnia, vem o peso de outras coisas que deixou para trás no Brasil. Sai, vai para a rua, está no bairro chinês, o Chinatown, e continua a mesma opressão. Duas jovens americanas, sentadas no passeio com violão: canções e chapéu para arrecadar moedas. Susto. Nunca tinha visto nada semelhante. A americana, com bela voz, canta “Summertime”, “Tempo de Verão”. São bonitas. Quem disse que nas ruas só havia americanas feias? “Há quanto tempo está na América?” – perguntam. Revolve mentalmente os discos ouvidos da língua inglesa, pula o coração e a resposta sai em uma língua inglesa trêmula e fraca. Na mesma avenida, desfilam americanos mais velhos e parecem que vão a uma convenção. As americanas bonitas partem. Percebe que mitificou a viagem à América. Percebe que a emoção de estar na América, de viajar pela América, é elevada a um grau bem maior. Sempre sonhou: está vivendo o sonho. O mundo mítico, infantil e juvenil, regado nas sessões de cinema, está a sua frente, ao seu alcance. O gesto infantil de querer dizer que vê os Estados Unidos, que enxerga o sonho, palpável e palatável, faz com que, num frenesi, mande cartões postais ao Brasil, que só chegariam após sua viagem de volta. Em Washington, diante da placa e do teatro onde Lincoln foi assassinado por John Booth, repete como leitor de “Seleções”: “Sic semper tyrannis” – as palavras que, no momento de atirar, teriam sido ditas. No grande Cemitério de Arlington, em frente ao túmulo de John Kennedy; depois, perto do lugar onde está enterrado Robert Kennedy, sente estar pisando terra sagrada. Há encontro com Lya Costa, a alfenense que reside na cidade. Jantam em Washington em um restaurante grego, onde é exata a verificação de sua (dele) inexperiência internacional. Não sabe manusear sequer o telefone america-

no, porque a discagem direta sequer havia chegado ao Brasil, à sua terra. Lya Costa, que tão bem trata o jovem e inexperiente viajante, onde estará?! Parece hoje que a viagem internacional para os jovens nada tem de emocionante: as distâncias desapareceram. E, para o moço que parte, a chegada a terras estrangeiras é banal e insossa. Não podem imaginar que, para o menino da rua de cima, na casa dos 20 anos, é auge das emoções conhecer o rio Mississipi, a cidade de Saint Louis e o grande arco que cerca a sua margem, desenhado de propósito como se fosse o contorno de uma carroça do velho oeste. Nostalgia? Não. Desejos que foram lentamente sendo sedimentados para se transformarem ao longo dos anos em vontade irreversível. Geração moldada pelo cinema, pelos filmes americanos. Não havia estudos críticos. Sempre ao lado do mocinho, contra os índios e bandidos. Wichita é nome mágico; John Wayne, Gary Cooper, heróis de todas as batalhas. A geografia americana tão conhecida como a nacional: Tucson, Arizona, rio Missouri, o Grand Canyon. Na adolescência, livros de John Steinbeck, filmes de James Dean, Debora Reynolds, Marlon Brando. Foi, então, com os ossos tremendo, que, antes dos 30 anos, conhece e está dentro do que cultivara ao longo do tempo, pensando ser ali a terra encantada do Mágico de Oz. Falta maturidade? Talvez. Mas quem da geração não fica impregnado dessa ambivalência e – quem sabe? – com essa obsessão? O momento mais desejado pelos meninos das ruas de baixo, de cima e de todas as ruas é a matinê de domingo: “Nyoka, a Rainha das Selvas”; Tarzan, Rock Lane, Hoppalong, Cassidy, John Macbrown, os famosos seriados comentados, toda semana, nas frias noites da rua de baixo ou da rua de cima. O momento mais desejado pelos adolescentes é a segunda-feira à noite, quando repetem o filme de domingo: Kin Novack, Jane Mansfield, Allan Lad, Elvis Presley, Catherine Hepburn, Elisabeth Taylor,

Burt Lancaster, Doris Day. O momento mais desejado pelos jovens é, semanalmente, trocar, com a namorada, adoráveis murmúrios no cinema com o embalo na tela de algo como *Era uma vez* o oeste, ou, então, *Becket*, *o Favorito do Rei*. Quem, fruto de tudo isso, produto de tudo isso, ainda vintenário, não teria a delícia profunda de andar nas mesmas ruas, caminhar nas mesmas cidades, contemplar as mesmas planícies e prados? A sobrevivente alma do menino da rua de cima está literalmente encantada. Ou infantilmente encantada. Mas está encantada. No rancho cantam Nerito, Boaventura, Celso Fernandes, Aécio, Paulo Afonso, Aguinaldo, João Batista Magalhães e João Batista Franco, Raimundo e Batuque Banhos, Haroldo Araújo, Geraldo Ferrinho, e o comando é sempre de Fiorini, dócil, paciente, atendendo à preferência musical de cada um. A noite continua, a lua nasce e morre entre as nuvens, e os cantores do rancho vazam colcheias, semicolcheias, fusas, semifusas, breves, semibreves, sustentidos e bemóis e deixam a alma bailar. No momento, ninguém se sente infeliz. Afastam o aboio para chamar Demônio – é assim que Guimarães Rosa conceitua a tristeza. Felizes, o sorriso da vida brinca dentro de cada um. A mancha escura não encontra brecha para entrar na roda. Os que acompanham os acordes de “O nosso amor traduzia”, ou “Ouve esta canção/ que eu mesmo fiz/ pensando em ti”, não fundamentam sua presença ali pelo prato e pelo copo. São momentos felizes – e basta! Vão ali porque ali se sentem felizes. O estupor maciço do contentamento indisfarçado amassa o amargor de tantos outros que cantam, porém estão em busca da alimentação da sua amargura e da sua inveja, a neve escondida no inverno de seu desgosto. O círculo se fecha para eles. No íntimo, se remoem porque há tanta gente alegre. Esses outros estão ali, mas não estão ali. Porque há tanta gente feliz, silenciosa raiva por dentro lhes corrói o coração. A or-

questra, em vários locais. Em vários locais alguns nunca ouviram contar a história de Maria Bernarda. Sua companheira de trabalho e gerente lhe dá os mais pesados e difíceis serviços. Sem nada esconder, pergunta-lhe com inveja e revolta: “Por que Ela só aparece para você? Sou mais virtuosa, meu comportamento é mais irrepreensível: você, por que você foi a escolhida?” Um cardeal brasileiro(?) com rancor indaga de Karol Voitila: “Por que você e não eu, que sou mais competente?” A orquestra continua tocando. Alguns, com contrariedade, veem muito júbilo e muito destaque na noite que escorre. “Por quê?”. Se alguém pudesse, leria seus pensamentos florescendo naqueles salões. Maria Bernarda recebe o nome de Santa Bernadette de Soubirous. E a gruta de Lourdes é recanto de peregrinação e de cura. Karol Voitila recebe o nome de Papa João Paulo II e comanda a Igreja Católica já há mais de 25 anos. E a orquestra continua tocando. Alguns não ouvem mais a orquestra de perto. Já estiveram ao lado, ou no mesmo teto, ou nas mesmas inaugurações, ou nos mesmos cumprimentos, ou nos mesmos aplausos. Permanecem em estado constante de zelosidade, perguntando, perguntando, como a gerente a Maria Bernarda, como, ao Papa, o cardeal que não fora eleito: “Por quê? Por quê?”.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XLVI

Releio o relato publicado há 30 anos: “1972, Ouro Preto, Festival de Inverno. Quero repetir Bilac: “O ouro fulvo do ocaso as velhas casas cobre.” “Estou na minha”;; integro-me aos falares dialetais dessa moçada que se espraia pela Praça Tiradentes numa vigília diuturna, entremeada de canções. Há descontração, torpor invadindo as relíquias das casas velhas. Peço informação, a jovem me olha tranquila: “Vai legal, bicho”. E sigo. Adiante, na igreja de São Francisco, a música barroca brota da flauta doce, do cravo, da viola de gamba. O professor chileno, ao meu lado, lembra Garcia Lorca: “Huessos y flautas suenan em su oído a las cinco en punto de la tarde”. O contralto inicia ária, a melodia flutua pelo adornos da Igreja, penetra nas linhas sinuosas do rococó, na poeira dos jazigos que tenho sob meus pés. Lá fora a feira dos hippies e o burburinho dos turistas apressados em comprar. A francesinha examina o artesanato e me sussurra: “Plus cher que Copacabana, mais très beau.” Mais acima, a praça em tecnicolor, os moços e meninas se deitam ao sol, os trajes coloridos encantam as máquinas fotográficas que trabalham sem cessar. Uma ladeira, a relva entre as pedras, jovem casal amando. O alto-falante da Polícia Militar mostra o zelo pela tranquilidade de todos. No curso de Literatura não faltam os pretensiosos. A universitária paulista toma coca-cola enquanto afirma com segurança: “Macunaíma é o anti-herói!” e pede mais uma coca-cola. Outra universitária

se queixa do professor que se engraçara: “Só não me cantou porque sou a garota do Cleber”. E repetia, triunfante: “Porque sou a garota do Cleber”. E a noite chega a Ouro Preto, a mesma noite que envolveu as idéias e poemas dos incondientes que repousam, impávidos, sob o olhar dos alegres meninos. Uso o dialeto: “é preciso transar!” E me abalo pelas ruas calçadas. Vejo a juventude dominando a cidade, nas tavernas, nos pequenos bares, nas vielas escuras, nas escadas de pedra. Novamente o professor chileno ao meu lado: “En mis ojos, sim querer, relumbran cuatro faroles. Cierra la porta, hijo mio, acaban de dar las once”; mas, diante de garrafas vazias, meio-soprano e violão fazem nascer velhas cantigas brasileiras.

Em qualquer canto da cidade se ouve alguma música; da janela vem o som do oboé, tristonho; a melancolia parece embriagar os lêmures que vagueiam em Vila Rica. Em outro bar, o samba de roda contagia: “Cadê Miquelina, cadê Miquelina!” Experimento procurá-la e me aproximo da turma: “Genial, bicho. Falou!” Então, nigeriano, que depois descobri ser professor de expressão corporal, começa a entoar melodia africana.

Todos param: são quatro horas da matina. Ouro Preto inteira desperta, o negro continua, os lêmures deixam de bailar, o negro continua, o turista abre apressado a janela do hotel, o negro continua, o turista escuta as notas melódicas na língua estranha e grita meio rouco, meio emocionado: Mariazinha, vem depressa: há um negro cantando, é uma beleza!

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XLVII

Caminho na Alfenas dos tempos idos. Na rua da Pedra Branca, batizada mais tarde como Avenida São José, alguns quilos de carne de vaca são carregados em cesta no pescoço do belo cão criado por Josué Alvarenga. Qual será a raça? Perdigueiro? O cão leva com decisão sua encomenda até a casa de Josué. Não mexe nela: a cesta fica intocável no seu pescoço. É manhã; a rua da Pedra Branca, isto é, a Avenida São José apresenta seu painel humano. Adiante, a casa pertencente a João Gaspar Lopes. Mora nela Luiz Gonzaga de Carvalho, ou Luiz Angelim, ou Luiz Pipoca. Ao lado de sua esposa, Tita, atende à freguesia da venda enquanto ela vai guardando o troco em grandes vidros de bala. Ninguém percebe nada, nem a grande surpresa que vem. Quando Luiz Gonzaga de Carvalho decide comprar a casa na esquina, na mesma rua, dona Tita tira, de debaixo do balcão, o grande vidro e conta os trocos guardados. Em uma época de pouca inflação, o dinheiro poupado quase é suficiente para Luiz Pipoca pagar a casa dos herdeiros de Vicente Lomonte, na rua da Pedra Branca. Bem perto, o Hotel Tóquio, do Joaquim Japonês, cujo sobrenome é Nonoyama, o emigrante que plantava tomates e agora atua em hotel e posto de gasolina na “Fernão Dias”. Em frente, a casa austera de dona Camila Esteves. Ao lado, a empresa vendendo caminhões e tratores Ford. Não era por aqui a casa comercial dos italianos? Não era por aqui que cerraram seus destinos os italianos que vie-

ram de Salerno, perto de Nápoles? A rua da Pedra Branca nada responde. Alguns desses italianos foram para Gimirim (agora Poço Fundo); outros se perderam na poeira do tempo, que não perdoa ninguém. Outros seus descendentes interrogam em vão a rua da Pedra Branca. Mais embaixo, mora uma senhora. Todos a chamam de dona Lata. Qual seu nome verdadeiro? Acima, há o bar do Zé Damas. Não é o bar do Josué Alvarenga? Não, não é: o bar do Josué é na praça. O Zé Damas não é o taxista, o pai do Jairo, o Jairo do Banco Hipotecário, o Jairo Rei Momo? Sim, é o pai da grande figura humana que se chama ou deveria se chamar Jairo Damásio de Oliveira, porque Zé Damas é apelido de José Damásio. Outro Rei Momo. O carnaval da pequena cidade invade tudo. Irene Rocha triunfa no baile e canta; Irene Rocha gasta sua beleza e exhibe sua formosura nos festejos de momo. No seu cantar, envolta pela serpentina e com os confetes caindo ao seu redor, Irene Rocha encadeia na música carnavalesca o ritmo da vida, as contradições da vida. E o Clube transmite ruídos agradáveis do Carnaval e Irene Rocha volteia no salão. É noite. A praça Getúlio Vargas não tem a concha. Tem coreto, árvores altas. Tem quermesse. Que é a designação dada, nos Países Baixos, às festas paroquiais e às feiras anuais celebradas com grandes festejos. Não é à toa que à frente da quermesse estão os padres holandeses. Ivo Landre Barbosa, o Ivo do Birunga ao microfone com a orquestra do Coquinho. O cantor solta as notas com sua bonita voz de tenor italiano: “Trago uma dor no meu peito e não tenho direito de reclamar”. Surge uma cantora, a quermesse continua passiva e alegre. É Stella Maris Magalhães. As árvores são altas. O coreto se ilumina. A vida não parece cansada. Stella Maris Magalhães: quantos mistérios despertados em músicas que o menininho não entendia bem, mas bem dentro sentia. Na casa da praça, bem perto, João Soares da Gama conversa

com sua irmã, a professora Maria Soares da Gama. Logo virão outros amigos, logo virão outras amigas. Pela praça vagueiam as professoras Carmen e Yolanda Dias. Vão à casa de dona Abigail Valadão Monteiro? No coro da Igreja, dona Abigail expõe sua bela voz de soprano: “Eu quisera, Jesus adorado, Teu sacrário de amor consagrado. O desejo de ver-Te adorado tanto invade o meu coração”. Vem recordação de Santa Tereza de Ávila: “No me mueve, mi Dios, para quererte el cielo que me tienes prometido”. A única Doutora da Igreja era Tereza de Ávila: depois é que veio Santa Terezinha do Menino Jesus. No bar do Zé Netinho, bem longe, na “chapada”, só se falava no Atlético da Chapada. A “chapada” nada mais é que um planalto, agora cheio de casas. O bar do Zé Netinho na verdade é uma venda. Sempre com palito na boca, ele coça o vão do dente que falta. Sua angústia toda está centralizada no Atlético da Chapada. A União Operária na rua da Pedra Branca continua com Braz Mandarano. Há bailes ali. O 1.º de maio ali é festejado. Sempre falam solenemente os mesmos, discursam saudando os trabalhadores os advogados Geraldo Cardoso e Antonio Marcial Faria, o operário Lázaro Gerino dos Santos, este com a menção do “Massacre de Chicago” – o episódio, não se sabia o que foi. Mas estava tarde, hora de ir ao bar do Marinho comprar figurinhas. Torcer para que viesse a figurinha do goleiro Oberdan, a mais rara de todas. Ou, antes, comer pastel no bar do Licas, o bar que tem uma japonesa sempre trabalhando, trabalhando, sem olhar para ninguém, rodando a massa de pastel. Ou experimentar o Tiro ao Alvo do senhor Alvim, no terreno do Clube XV, bem ao lado da sede antiga. No bar do Cine Alfenas (como Alfenas tem bares!) – o senhor indaga com sinais de que já fora elegante: “Helena, você é brasileira? Então, fala alto!” – e dona Helena, em meio aos doces, ouvia com paciência o esbravejar de Mico. Com os tempos, aumentando a

decadência física e a embriaguez falaciosa da cachaça, Mico é chamado pelos estudantes de “Fala alto, caboclo”. E ele dispara poema em que os personagens são Getúlio Vargas e os fazendeiros que sofreram falência plantando café. No bar do Maurício, Francisco Erasmo de Carvalho desabafa: “Há no seu olhar um brilho natural, há na voz um sonho tropical”. Erasmo canta, não se acanha com a voz que tem. Em um aviãozinho, fazendo companhia, o advogado João Carvalho singra os céus rumo a Belo Horizonte. No colo de seu companheiro, os papéis da primeira raiz da Universidade de Alfenas, que nasce no aeroporto de Carlos Prates, onde desce-mos. Aeroporto? E João Carvalho dá cobertura ao devaneio juvenil e enfrenta o pedaço de terra com ladeira ameaçadora a que chamam “aeroporto”. Vendo-o inerte no velório, repeti de novo os conceitos do privilégio dessa geração. Convivemos com João Carvalho, usamos da sua lhanza e da sua inteligência. Às vezes, à noite, ao estudar debaixo da velha paineira da Praça da Bandeira, vejo João Carvalho conversando com seu sogro, no passeio. As poltronas aumentam, vêm as mulheres: a vigília na casa do sogro de João Carvalho refresca a todos, embalada pelo vento. Depois, ao paraninfar turma de três normalistas, soube de seu célebre discurso: “São três as virtudes teológicas...”, numa erudita dissertação sobre o número três, que esgota todos os exemplos comparativos. A cultura humanística fica bem diminuída com a ausência para sempre de João Carvalho desta Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas. Paraninfo da primeira turma de Engenharia Civil, Aureliano Chaves comparece. O bufê “Maison de France” põe à mostra seu jeito de servir. Alguns ficam admirados porque o vice-presidente da República vai à casa do Presidente da Fundação e é recebido pelo “Maison de France”. Outros, revoltados. Os formandos, inconformados porque a festa para eles é em outro lugar. Algo está mu-

dando. Como diz a canção, “o mundo está mudando”. Aureliano – segundo os revoltados e inconformados – deveria ter ido e sido recebido em outra casa: afinal, as “lideranças” e “as famílias tradicionais” da cidade seriam mais legítimas para receber o vice-presidente da República. E esta silenciosa luta prosseguiu tantos anos e se refletiu na sombra rancorosa que perseguiu por longo período a Universidade. No Cine Resck, ou Cine Carlos Gomes, Oscarito, o grande comediante, presença, antes do show, a habilidade de Antonio Paulino Ferreira em dizer quantas letras tem qualquer palavra dita. Passada a nuvem e a fumaça do tempo, no mesmo Cine Resck se ouve Vicente Celestino, sem microfone, sua potente voz inundando tudo: “Acorda, patativa, vem cantar”. De longe a gente cobiçava a “Laranjada Márcia”, “Sanduíche Miguelzinho”, nomes de seus filhos com que José Resck batizava as delícias, para nós impossíveis, de seu bar, dentro do cinema. Parte direto para Holanda o padre Bernardo Ditters, um dos vigários mais cultos mandados para cá pelos Missionários do Sagrado Coração. Os Missionários saem de Alfenas, inaugura-se uma placa com os nomes de todos, lembrando que o espírito da cidade foi moldado por eles. Presente, Padre Vítorio de Almeida. A placa, inicialmente colocada numa parede ao lado do altar, repousa, agora, na saída do prédio da igreja, em um lugar, como entendem, de acordo com sua desimportância, para os atuais conselheiros da paróquia, lembrando a todos que “partir c’est mourir un peu”. Caminhando, a Casa Nen, na esquina. Esmeraldo Ayer, o Pacote, o gerente pacioso e sempre alegre. Há a loja do sr. Ady e de dona Esmeralda. Vão de mudança para o Rio. Os vestígios de sua passagem e de dona Esmeralda deixam no Clube XV lembrança. De outros, há memória, no Clube XV, da mesa de sinuca, da bandeira nacional, dos gemidos de amor povoando as madrugadas. Estacionado em frente ao hotel Paraíso, o

elegante táxi do senhor Ângelo. Solteirão, o senhor Ângelo veio de Ponte Nova. Zela pelo seu carro Mercury e não deixa que nenhum menino se aproxime do carro: fica com o mesmo carro à vida inteira, conservado, limpo, bonito, carro que sobrevive a ele e o vê morrer, solitário como chegou e como viveu. De repente, o barulho de um tiro, mais um. Ninguém se assusta. Todos sabem que está na cidade Henrique César de Almeida. Com sua winchester, Henrique atira nos urubus. Nunca erra. A vizinha Maria Nhambu esbraveja, brava. A vizinha tem filhas bonitas que crescem, são altas. E às vezes um aviãozinho estremece as torres da igreja matriz. Todos querem ver, por curiosidade, mas todos sabem que é o tenente da Aeronáutica Henrique César de Almeida e suas acrobacias aéreas. Os meninos começam a jogar bolinha de gude. Outros, finca, porque quase não havia calçamento. Ao lado da igreja matriz, dois famosos bares: Acadêmico e Democrata. Qual é o de Benedito Rocha? E o bar do Hotel Paraíso, com João Araújo? A Alfenas dos tempos idos adquire velocidade para tornar-se imprecisa, efêmera, e fugidia e guarda tanto espaço na memória garça! As imagens e a descrição não são em sequência, cronológicas. Talvez um “Big Brother” às avessas, sem simultaneidade, sem ser em tempo real. Imita a fumaça, não “fumus bonus” da ciência jurídica, mas a envolvente fumaça que leva ao voo rasante ou ao voo noturno. São desenhos, perfis, paisagens, frases, palavras que voltam. Esse quadro de pintura cinzenta traz contentamento. Não apenas nostalgia. Não só saudade. Várias vidas são resuscitadas e as pessoas aparecem à nossa frente. Parece que são nossas, de nossa propriedade. Parece que as vemos e as tocamos. Parece que as sentimos. Parece que as beijamos.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XLVIII

A bicicleta motorizada, a batina amarrada nas pernas. Padre Cornélio Hans sai da casa paroquial e vai ao Correio, desce a rua Ruy Barbosa, segue pela avenida São José. Na caixa postal repousam imagens e notícias da Holanda. Envelopes via aérea retirados, mais dois jornais e a bicicleta motorizada fazem seu caminho de volta pelas mesmas ruas, trazendo correspondência que será distribuída para seus confrades holandeses. Padre Cornélio não é dotado de rara inteligência nem se destaca por qualquer conhecimento mais profundo de filosofia ou de literatura. Mas o povo adora Padre Cornélio. Vejo-o, à tarde, no corredor lateral da casa paroquial, breviário aberto, rezando, rezando. No corredor central da igreja caminha horas e horas com o breviário aberto, rezando, rezando. Quando ouço dizer que os muçulmanos oram muito tempo, lembro-me, com disfarçado sorriso, de Padre Cornélio Hans. Nada de grandes predicados, nada de grandes avanços filosóficos: o povo rompe os limites da distância entre o estrangeiro que fala com sotaque e o povo que fala outra língua dialetal, rompe porque o traz bem para dentro de peito. Não prega, não tem o dom de fazer memoráveis pregações. Certa vez – é inevitável – não pode ignorar a homilia. Começa: “Meu coração” (aponta com as duas mãos para a testa) “trouxe um pensamento para minha cabeça” (e põe as duas mãos em direção de seu peito). E assim faz e mais o povo o ama. Será que o povo sabe que padre Corné-

lio, na verdade é um anjo que desceu à terra e que se sente incomodado quando, na hora da agonia, o levam para longe de Alfenas onde pensa ser o paraíso?! “O fim da vida é triste, quero morrer no grito” – a sentença de intuição e vontade do seresteiro Geraldo Paulino Ferreira é realizada. Dormindo, morte suave e rápida, perto de Carmo da Cachoeira, no ônibus rumo a Belo Horizonte, no encontro definitivo com quem sabe que ele grita macio como o canto dos sabiás e que da sua garganta saem sons e acordes de prata: “És tu balalaica...” 1960, “Cai a tarde tristonha e serena”, Geraldo Paulino Ferreira, acima dos rouxinóis e dos acordes de prata – não sei se vai ficar sabendo ou não – sua cidade comparece em peso ao seu enterro para mostrar que o ama. Não há para o povo outro modo de expressá-lo. Fiquei profundamente impressionado nos anos 60 com aqueles gestos: sem poder, sem dinheiro, sem cultura, nada nos bolsos ou nas mãos, eles têm o amor do povo! Não será que padre Cornélio e Geraldo Paulino têm o amor do povo porque têm o amor de Deus?! Passa um homem de chapéu pela praça. Ninguém – talvez nem ele – saiba dizer quantos afilhados tem. É Chico Lobanco. Algumas mulheres o cumprimentam com reverência. Dona Isabel, sua esposa, logo chega. João Manoel se acerca da roda. João Manoel é chamado de “curandeiro” ou “curador”. Recebe as pessoas angustiadas ou adoentadas em sua casa, às quartas-feiras. Reza com elas em um quarto, de janelas fechadas. Levam depois um vidrinho de ervas. Não cobra de ninguém. Ao seu lado, dona Ana Cândida de Ávila, sempre humilde, com reza forte, encarando com coragem e tranquilidade o seu futuro e o dos outros que ela tão bem prevê. Alguém lembra que Chico Lobanco se candidata a vereador, e suas centenas de compadres e mais de 100 afilhados de batismo não dão voto para elegê-lo. É um sinal? Mas os afilhados continuarão a lhe pedir a bênção e os compadres a lhe

pedir aval, até que Chico Lobanco “quebre”. Vai para os outros, de vagar, tudo o que é seu: sua fazenda, suas casas, seus móveis, sua honra. Dona Isabel só se lamenta no canto da sala: não compreende bem. Chico Lobanco não tem mais compadres, nem afilhados. Parece que todos morreram. Com tristeza, num certo dia, Chico Lobanco esquece sua tropa que só existe na noite do sem fim, sua boiada que se esconde nas nuvens. Permite lentamente que a tristeza o leve para junto do lugar onde ele acredita estar seus compadres e afilhados, para que todos pareçam para ele que estão mortos juntos dele. A matraca (peça de madeira com uma plaqueta ou argola que se agita barulhentosamente em torno de um eixo, como instrumento litúrgico em substituição da sineta durante a quinta-feira e a sexta-feira da Semana Santa) gira em torno da igreja: é quinta-feira santa. Amanhã virão velhos homens de branco com longas vestes. Carregarão o esquife na procissão. Amanhã levarão nos seus ombros frágeis o corpo pesado de Cristo. A banda, atrás, toca música fúnebre, de preferência peça de Mozart. Eurico Heyden cuida dos sopros, Esaú Prado, Jorge Abel, o Cravo com seu bombardino sempre com a Rosa, sua esposa, ao lado, invariavelmente. Ela não toca nada, só acompanha o marido em todos os lugares em que ele sopra o bombardino. Com timbre mais doce do que o saxofone, o bombardino não consegue quebrar os dramáticos sons da música do enterro. No coreto da praça, não é mais Semana Santa: Luiz Gonzaga, em pessoa, com sua sanfona, prende a atenção da multidão. O Rei do Baião canta para Archanjo Toledo Lion, João Darzira, Joaquim Vilhena da Silva, Frutuoso Baião, Ildeu da Lata, Nicolau Dentista, Anália Franco Landre. Relembra “Assum Preto”, dedilha a sanfona que parece mais acordeom, veste roupas que para os assustados alfenenses são de cangaceiro. Pena não estar junto Vanja Eurico: “Sôdade, meu bem, sôdade, sôdade do meu

amor: foi-se embora, não disse nada, nem uma carta deixou.” De novo, na frente da igreja: as crianças querem jogar pedras em Alaor de Carvalho Moura. Há encenação da Paixão ao vivo. Alaor faz (e bem) o papel de Judas e o furor infantil se lança sobre ele. “O que tens de fazer, faze-o depressa”. E Alaor de Carvalho Moura ouve essas palavras de Waldir de Luna Carneiro (Cristo) e se embrenha pela sacristia afora, levando a pesada atmosfera dos meninos e meninas que passam a odiá-lo. Na porta de entrada, Antonio Barbosa Sansão, o homem que fundou o jornal “O Alfenense”, quer entrar aos brados e estar bem localizado, quer incenso apesar de ser quase bispo da Igreja Brasileira em Santos. Não consegue. E a “Verônica”? A procissão para. Sobe a uma cadeira Maria Eunice de Oliveira. Nicinha desenrola devagar uma réplica da mortalha que está em Turim e, com voz de mezzo-soprano, canta lentamente. O povo não entende bem as palavras. É latim? Mas, à medida que solta a voz, Nicinha vai emocionando o povo: alguns choram. Em outra esquina está Tereza Machado. Penso que ela só guarda a melodia: suas palavras cantadas são ininteligíveis. No entanto, sua voz de ternura invade os telhados e ela consegue aquecer frios corações que enterram Cristo em procissão. E adiante, Nívea, com voz diferente das outras, cumpre o papel de “Verônica”, cumpre o papel de quem leva os homens e mulheres a pensar, através da música, que aquela caminhada não pode nos levar a ser as mais desgraçadas das criaturas. O ano é de 1951: Padre Albertinho lidera as Missões. Tem dons de fala, de orador: impressiona e agrada ao povo. Ao se despedir, Padre Albertinho tira um frenesi da multidão que o ouve: “Adeus, Alfenas. Ah! Ia me esquecendo. Adeus, homem mais pecador de Alfenas, quero vê-lo entrando no Inferno.” E muitos tremiam, como se dissessem: “Serei eu, Mestre? Serei eu?” Padre Albertinho se foi com os Redentoristas. Marcou várias gerações da his-

tória local. Os gêmeos Antenor Franco de Carvalho e Agenor Franco de Carvalho descem a rua Marquês do Herval, hoje Amélio da Silva Gomes. Na esquina, no cruzamento da rua da Pedra Branca, mora o outro irmão, Acácio Franco de Carvalho. Os gêmeos são talvez as pessoas mais corteses da cidade. Cumprimentam e saúdam a todos, ninguém para eles é rico ou pobre: o cumprimento é de todos. Não são afetados, simplesmente educados. Na cadeira de balanço escutam, nas noites de domingo, as valsas no rádio. “Seu” Agenor afina as cordas de seu violino com os dentes, utilizando o piano e superando a surdez precoce com gargalhadas e inteligência. “Seu” Antenor, sem receber nenhum salário, foi secretário da EFOA muitos anos, antes da federalização. Angelicais – talvez o adjetivo não tenha força suficiente para traduzir o perfil que eles tiveram a vida inteira: sem inimigos, mansos, socorrendo e ajudando sobrinhos, agregados, pobres. Quem passa na rua ouve suas valsas, suas canções. Filomela, raptada por seu cunhado Tereu, é transformada em rouxinol – ensina a mitologia. Os gêmeos Antenor e Agenor conhecem a história de Filomela, mas seus pensamentos quase centenários voam no compasso ternário: aonde irão? Na mesma rua, mais embaixo, Helena Cunha, professora do Grupo Cel. José Bento. No alpendre, vê um descer, conversa com outro, sorri para o que passa. No fim da noite, leva para dentro da casa suas lembranças e sua solidão.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

XLIX

“Faça dele um Homem” – do outro lado da rua, dona Yayá Corrêa dá o recado. Surpreso, fio de preocupação começa a se tornar grosso. “Faça dele um Homem” – a mensagem encerra a rápida conversa sobre o menino ginásiano Luiz Augusto Alves Correa Neto, do Colégio Estadual, eventual discípulo escolar, no momento, do transeunte no outro lado do passeio. Compreende o transeunte, logo, o peso que a frase traduz. Aos 20 anos, maduro pela metade, partidário da prevalência de redações sobre estruturas gramaticais, sente-se bastante impotente para cumprir o desejo de dona Yayá Correa, dona Maria José Alves Correa, veneranda professora primária. De que maneira poderia o jovem professor, obstinado pela aprendizagem através de redações, atuar na formação de Luiz Augusto Alves Corrêa Neto? Muitos anos depois, encontro dona Lya, a mãe de Luizinho. Nos papéis antigos, redação do filho com alguns comentários de seu professor. Vai mandar para o filho. Luiz Augusto Alves Correa Neto age e vive como um Homem, como queria a avó, mas nada deve ao eventual transeunte que certo dia se encontrou com ela. Não sei a quem deve, mas seguramente é fruto de dona Yayá, dona Lya e de Sebastião Rios Pinto, o Tião Faixa Branca, que dá exímias exhibições de bilhar nas noites do Clube XV. Com os olhos fechados, vejo o ano de 1962, vejo Roberto Régis Magalhães Pinto, irmão de Luiz. Escreve um conto cujo final-surpresa revela todas as passagens de um envelope

até chegar ao seu destino. Roberto Régis participa do concurso de conto dos colegiais. Ainda tem esse conto? Nunca mais – por esses caprichos da vida – o transeunte consegue ver e conversar com Roberto Régis desde 1962. Nunca mais. Em 1962, na sala de aula, Roberto analisa e emite opinião sobre passagem da vida do então estudante do 3º ano científico. Ligado à personagem do caso, faz prevalecer, no seu julgamento, a justiça, e isso agrada o adolescente. Este, está saindo da adolescência e é visivelmente pobre. Roberto Régis procura aplacar a bastonada que lhe enviam para que o golpe chegue suave e machuque menos, pois conhece quanto é sensível o colega de classe. Hoje o episódio seria risível. Naquele ano de 1962, não havia defesas: tudo era virtual; o futuro, um ato em potência. Na ocasião, o terceiranista escuta, escuta, tenta outro relacionamento, não permite que o seu descontentamento fique exteriorizado, à mostra. Esconde lá dentro seu coleante desgosto. Mas reconhece que Roberto ficou feliz quando o transeunte partiu para outro relacionamento. Ele não sabe, entretanto, que, 30 anos depois, o desgostoso adolescente de 1962 recebe correspondência da personagem do bastão. Vem pedido de socorro. Pede socorro no mesmo território que em 1962 teria sido o motivo central da bastonada: a falta de dinheiro como defeito maior, usado para aniquilar e matar, à luz verde da aurora, todos os devaneios. Patacos, mufunfas, nartas, numerário: quantos sinônimos esquisitos a língua portuguesa registra para esta palavra. Mais tarde, recebeu visita da personagem. Chegou e permaneceu no mesmo campo escorregadio do socorro original, dos sinônimos esquisitos, do zergulho, da tusta, do unto, da prata! Não mencionou nada de 1962 e nem lhe foi perguntado. Isso não humilha ninguém. Mostra só a crueldade do ditado popular ensinando que não há como um dia depois do outro, ainda que se aguarde por 30 anos para que ele venha. São

privilégios desta geração: receber respostas ao vivo, mesmo após 30 anos. Ou seria carma pessoal o retorno reparador? No hinduísmo e no budismo, carma é lei que afirma a sujeição humana à causalidade, de tal forma que toda ação (boa ou má) gera uma reação que retorna com a mesma qualidade e intensidade a quem a realizou, nesta ou em encarnação futura. Estas respostas que chegam – mais cruéis, pois são ao vivo – não chegam disfarçadas ou simuladas. No entanto, não provocam sensação de desforra. Ao contrário, entristecem porque a situação à frente mostra que as coisas poderiam ter sido diferentes. E entristecem também porque a outra parte está frágil e franzina. E mais entristecem porque não há mais nenhum torpor ressuscitado ou revitalizado. O ano de 1962 deixou sequelas, mas acabou. Tutto fininito. Nada mais trará de volta o esplendor que ficou na relva, glória de uma flor. Mas uma das cativantes e sinceras figuras que existem em 1962 é Roberto Régis Magalhães Pinto. Os leitores podem ficar incomodados com tanta exposição de fatos particulares. Talvez tenham razão. Mas, como diz Sartre, ninguém pode se conhecer se não se contar. Eu ainda quero me conhecer mais. Tranquilizem-se: advirto que o requestar não chegou a acontecer, se limitou ao projeto do vir-a-ser; nenhuma suspeita ou desconfiança pode ser confundida porque essa pequena desilusão juvenil ocorreu no primeiro semestre de 1962. Nada de enganos e conjeturas para os leitores de Tititi e para os que, por curiosidade natural ou por afeto ao escriba, poderão misturar os fatos. O que é descrito acima, poucos o sabem. E, já que agora muitos o sabem, que fique claro que começou e terminou em 1962. Pretensiosamente, como Sartre, “tendo perdido a oportunidade de viver desconhecido, gabo-me, às vezes, de viver mal conhecido.” As memórias são toleradas mesmo quando resvalam para os labirintos escondidos da intimidade. Qualquer memória tangencia o pensamento ínti-

mo. Não revelo os nomes? “What is a name?”, – o que é um nome? – indaga Sheakespeare. “A flor a que chamamos rosa” – prossegue – “teria outro perfume com outro nome?” O prato que se come frio não depende de quem o deseja. Ou de quem pensa que o deseja. Ele virá, a vida o trará, ainda que se passem 30 anos. E esse prato nem sempre será engolido com prazer. Para esses jantares não estarão convidados os menos nobres, os que aspiram à vingança. O prato que se come frio após 30 anos não traz alegria, nem contentamento, nem o suspiro vitorioso de quem exclama: “Eu não disse?” Quase sempre traz melancolia! Vem à luz meridiana o pretérito mais que perfeito com a agudeza descrita por Edgar Allan Poe: “Never more”. Vamos saborear, com Roberto Regis Magalhães Pinto, se os labirintos da vida o permitirem, o encontro, após mais de 30 anos (muito mais!), o prato quente da amizade que resistiu a quatro décadas de ausência e silêncio. E a frase de dona Yayá – “Faça dele um Homem” – vale a lembrança da premonição de que todos corresponderam ao desejo da avó, e muito! Finalmente, o quase-acontecido é coisa da adolescência e assim deve prosseguir com seu timbre infanto-juvenil.

Com indisfarçável prazer, alguns leitores vieram corrigir uma das últimas crônicas. Dão impressão de vencedores. Têm razão, ou devem tê-la. Faço as retificações da crônica: quem se pronuncia no bar da dona Helena – “Fala alto” – não é a mesma pessoa do “Fala alto, caboclo.” Este é Dengo – embaralhou-se a memória; o do bar é Mico. O dono do tiro-ao-alvo é Delfim, e não Alvim. Este era irmão de João Gama. O senhor Agenor Franco de Carvalho afina com os dentes as cordas de seu violino. Com galhardia, e não como saiu publicado. Outro alega que, quando não conhece as personagens, perde o interesse pela leitura. Então – pergunto – quando escrevo sobre a viagem a Sintra e menciono Fer-

nando Pessoa, há perda de interesse, pois quem não conhece nem Sintra nem Fernando Pessoa? Enfim, o leitor, como o freguês, tem sempre razão. O escriba deve vagar pelas ruas da cidade e, da mesma maneira do filme “De volta para o Futuro”, tentar trazer de volta as pessoas conhecidas. O vagar sem cadência por esta zona obscura deve se ligar a um acontecimento pessoal. Sem isso se corre o risco de virar narrativa insossa porque não tem o elã da memória autêntica, por ser descompassada. Afinal, falo da minha cidade e de mim. Se os relatos afastam as duas coisas, vão perder todo seu sentido. E, perdendo todo seu sentido, a paisagem rasante e crua desaparece: não ressuscitarão para nós as pessoas, os relatos não farão com que muitas fiquem perto de nós. E a quebra dessa ilusão retira grande parte de nossa felicidade...

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

L

A sinuosidade do estilo destas “Sombras” causa estranheza, mesmo confrontada com os recursos usados por John dos Passos e Sartre. “Passa de um assunto para outro”, “não há sequência” – são as queixas principais. Tudo indica que, para muitos leitores, a flexuosidade, o ziguezague, as curvas irregulares das palavras na tentativa de aproximação ao estilo cinematográfico dos livros do romancista norte-americano John dos Passos e a tanto talento presente na estrutura da trilogia “Os Caminhos da Liberdade”, de Jean Paul Sartre, não foram eficazes nem movimentados com a devida maestria nestas “Sombras”. Um amigo tenta explicar à queixosa: “É como um versículo da Bíblia, em pedaços”. O versículo também não é muito preciso, permite cortes que não correspondem sempre às divisões do sentido. Outro procura explicar que “são escritos como os trechos do Alcorão, sempre breves e rápidos na passagem de um tema. São cortes, cortes cinematográficos, imitando o cinema”. Estou em boa companhia. Estou até no mesmo nível dos livros sagrados do judaísmo, do cristianismo e do Islã! No livro-mestre do islamismo, a sura – palavra que penso ser equivalente a versículo – é a seção que divide os capítulos. Embora também haja versículos no livro dos muçulmanos. A memória das coisas presentes, a memória das coisas passadas, a memória das coisas futuras – é a explicação de Santo Agostinho conceituando o tempo. Ninguém pode falar sobre memórias

sem cuidar do tempo passado. Talvez seja por isso que me mandaram um livro – “Quando o Passado que não passa” – na expectativa de que fosse lido. Não, não creio que me agarro ao dia de outrora, querendo que tudo me seja devolvido ao cêntuplo. Não estou preso – penso – ao amontoado de vultos e paisagens que se perdem nas colinas do ontem. Mas as “Sombras” não poderiam se quedar na expectativa, pois que nasceram da e para a memória do tempo passado. Em uma visão de quem se lembra rapidamente das coisas acontecidas e tenta descrevê-las como as vê e as sente, irregulares, flexuosas, ondulantes, porém um tanto meneantes diante das invisíveis montanhas do amanhã. Outra leitora avança mais: “Para o meu gosto, você está escrevendo cada dia melhor, delineando com sua memória incrível os perfis da gente da cidade que já se foi, cujos nomes ouvimos na nossa infância, em um estilo muito original. Não são gratuitas a admiração e a inveja que desperta”. Epa! No Brasil, já dizia com toda força Tom Jobim: “Sucesso é como se fosse ofensa pessoal!” Zuenir Ventura publica um livro de capa vermelha – título: “Mal Secreto”. Investiga tema tão complexo com o nome, em seu livro, do famoso soneto de Raimundo Correa (Se a cólera que espuma...) “Coinveja” é o nome da fusão, porque inveja e cobiça raramente operam em separado. “Um dos expedientes” – escreve Zuenir, referindo-se a Iago, personagem shakespeariano – “é lançar a suspeita contra a reputação e a fidelidade de Desdêmona, o grande amor de Otelo, à qual dirige também sua inveja.” Chove sobre a minha infância... Na Rádio Nacional do Rio, o programa esportivo traz os comentários de Antonio Cordeiro e Jorge Curi. “O Mundo da Bola” fala de Flávio Costa, o famoso técnico do Vasco e da Seleção de 50. Se for partida futebolística, em “O Mundo da Bola” cada locutor se encarrega da metade do campo para narrá-la. Se a bola “atravessa a linha divisória do gramado”,

imediatamente outro locutor assume. No rádio do Bar Brasileiro – proprietários: Leonardo e Maurício Lomonte – Frutuoso Baiano, Ernestinho Abreu, Jonas Pipoqueiro escutam atentamente os locutores da Rádio Nacional. Está quase na hora do trem chegar. Se atrasa, a sessão de cinema do Cine Carlos Gomes também atrasará, pois os rolos de filme vêm com ele. Algumas vezes nem sessão há, pois o trem não chega, ou vem muito tarde. Os meninos correm para a estação. Por duzentos réis carregam a mala até o Hotel Joca. Dona Amélia, esposa do chefe da estação, oferece aos que chegam as “quitandas”, o conjunto de iguarias doces e salgadas feitas com massa de farinha. Os viajantes as compram: alguns estão viajando há muitas horas. A meninada saboreia a sobra das quitandas. O trem da Rede Mineira de Viação se exhibe na noite do sem-fim. É a noite alfenense. Os cães nos grandes terrenos vazios começam a latir. Há quintais enormes, há muitos espaços vazios. Junto com o trem, chega o jornal “A Noite”, do Rio, distante alguns dias da data de sua edição. Os seus leitores se conformam: estão ávidos pelas notícias jornalísticas. O trem ainda vai para Machado: apita. Egléa Lopes, filha do chefe da estação, segura o menino pela mão, na entrada do trem, e finge que vai levá-lo para Machado. O terror toma conta do menino: Machado sugere distância, lonjuras, o desconhecido, a escuridão. O garoto abandona o encanto de estar em um trem e tenta se livrar da mão firme de Egléa Lopes. Em vão. E se chorasse? E se gritasse? O trem está só fazendo manobras, volta: a aventura de Peter Pan de ir para a terra do “nunca” morre com o regresso do trem e com o sorriso de Egléa Lopes. Chove sobre a minha infância? Nunca mais recebi sorriso trazendo tanta felicidade e me tirando tão profundamente do desconhecido! Nunca mais cheguei a ver Egléa Lopes. Fernando Pessoa, o poeta português, acena com as linhas emocionais da paisagem do

trem de que Egléa ameaça não me deixar descer. “O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia, mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.” Não mais existe o trem, não mais existe a Rede Mineira de Viação, não mais existe dona Amélia, não mais existe “seu” Lopes... Existirá, ainda, Egléa Lopes? As pessoas saem da cena e, para nós, estão como que perdidas, mas numa noite limpa. A noite alfenense rasga suavemente o tempo. Não mais existe a inocência e a pureza de imaginar que algum trem vai levar a um país distante que se chama Machado, ou a uma terra longínqua que também se chama Machado, onde ponteiavam algumas coisas que podem ser lindas, porém não são mais lindas do que a miséria material de nossa casa, imperturbável na superlotação do quarto onde dormem todos, amontoados, mas lindos e felizes!! Para que Machado? Para que o trem? Para que a viagem às terras para além do rio que corre pela minha aldeia? E a noite alfenense vem mansa e mansamente domina as árvores altas da praça, as palmeiras do sobrado, a paineira da Praça da Bandeira. Fazendo um corte no tempo, mostro outra cena: às terças, sábados, quartas e domingos, voa rumo a Belo Horizonte a “Nacional”; às segundas e sextas, para São Paulo e às quartas-feiras, para o Rio. O ano? 1955. Maria Pereira de Carvalho se envolve tanto no trabalho e com aqueles passageiros que adquire o nome de “Maria da Nacional”. Por muito tempo todos associam a companhia aérea que navega nas nuvens sul-mineiras com o nome de Maria Pereira de Carvalho. Muda-se para São Paulo. Maria da Nacional aluga um apartamento e o transforma em pensão para moças. Anos depois, surge no câmpus com dona Carmen Dias. Digo à dona Carmen Dias que a aprecio muito, mas que estou ali para receber Maria da Nacional, a quem devo muitos penhores. Acrescento: “Quanto mais pagar a ela

mais deverei a ela”. E dona Carmen fica olhando meio atônita, sem entender o que se passa e sem atinar por que é tributado tanto reconhecimento e tanta ternura à Maria da Nacional. Dona Carmen nunca soube por que tanto empenho, por que tanta comoção! O escriba, no encontro com dona Carmen e Maria, apenas fala dos aviões da Nacional, do céu do sul de Minas cruzado pelo transporte aéreo. E Maria da Nacional fica sabendo que, para ele, nunca vai acabar a memória daquele voo para São Paulo e a memória do bilhete conseguido por ela para ele. As nuvens cercam o avião, o paraíso tangencia as asas. O futuro às vezes parece tão sem futuro – o horizonte perdido – e, em meio aos ares, o apoio forte de Maria da Nacional ao desconhecido que voa torna esses ares respiráveis e salvadores: não há o asfixiante final sem oxigênio... Além do caso da “Nacional”: em 1955, Wandy Rey muda-se para a rua Tiradentes, com seus sonhos, sua garra e suas ilusões, a rua que, se eu pudesse, mandaria ladrilhar com pedrinhas de brilhante. Mas a rua, literalmente, não é minha: não posso fazê-lo. Nesse ano, Angelina Marlene Tibúrcio fica noiva do jovem Milton Luiz Cavalcanti de Souza Moreira. Uma das avós dela se chamava Angelina Pradollini. Testemunhei o quanto Angelina – a neta – se atirou ao amor de seus filhos ao longo da vida e, agora, acompanho sua dedicação ao marido. As esponsálias de 1955 e seu encanto varam o tempo. Preservam para ambos a fidelidade e a estima, o afeto que não se encerra. Olhando os lados do nascente, creio que Alfenas, com a migração de Angelina Tibúrcio Moreira para uma fazenda em Machado, não perdeu apenas as nuvens brancas sobre a serra. Alfenas é presenteada, de 1955 para cá, com latente castigo de saber que poderia ter uma figura extremamente humanista nas suas ruas. A alma alfenense, na imensidão, poderia se situar com mais segurança porque Angelina Tibúrcio Moreira, neta de Angelina Pradollini,

sente “saudades da sua terra, saudades da sua gente”. Angelina Tibúrcio Moreira contempla as montanhas, diretas, diárias, silenciosas. Mas olha os lados do nascente...Olha para Alfenas, onde repousa o autor de muitas palavras cadenciadas, que misturo acima, de propósito e que tornam estas “Sombras” menos sombrias e menos prosaicas.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LI

“Pelota” – depois de encerrado o trem e extinta a linha, ele fica muito tempo. Toma conta dos trilhos que não transportavam mais nada, toma conta da estação, da casa do agente, dos restos da Rede Mineira de Viação como se ela, a qualquer tempo, fosse renascer. Alguém também se recorda da estação de Gaspar Lopes e do agente Joaquim Braga, do funcionário Mário Braga. E lembra para que seja registrado. “Pelota” sempre vive ao lado da linha, constrói sua casinha bem perto da estação e ronda, dia e noite, os pedaços da ferrovia. Na praça da Bandeira, Gustavo Crowet e sua agência de carros. Ou é oficina? Madame Louise Crowet – sua esposa – passa a ser conhecida como Madame a vida inteira. Moram na rua coronel Laurindo Ribeiro. Os amantes da língua e da cultura francesas fazem de sua casa durante muitos anos seu ponto de encontro. Na mesma rua, há o Hotel Melo. Que mistérios tem o Hotel Melo que a lembrança bloqueia sua imagem? Sim, é casa térrea, avermelhada, hotel onde se hospeda gente famosa, caixeiros-viajantes de grandes firmas do Rio: por que não vem sua imagem com nitidez? Uma farmácia na esquina. Joaquim Alves algum tempo permanece ali. Voltando, há a casa de dona Judith Magalhães Faria, ela com pronúncia perfeita das palavras, as sílabas com sons integrais em sua fala. Dona Judith dá mostras de grande cultura. Irmã do fundador da EFOA – João Leão de Faria – mãe de dona Tânit Magalhães Duarte, a mulher conhecida dos precoces

infanto-juvenis sem efeito pelos artigos brotados no jornal local com o pseudônimo de A. Dei. Os infanto-juvenis pensam que A. Dei é Agnus Dei – e muito mais tarde descobrem que é Ancilla Dei, a serva de Deus. Um tiro na praça: fuga em direção ao aeroporto. Ao tentar tomar o táxi de José Orsi – Gabiroba – no domingo, o jovem bandido dispara, a bala se encrava na porta da Casa São Judas Tadeu. Quase todos se dirigem para a praça da Estação para ver a captura em local privilegiado, pois que o atirador corre para o pasto. Do aeroporto até a estação, não há nenhuma casa. O bandido se esconde atrás dos cupins e dispara. A polícia e populares apertam o cerco e a perseguição. O bandido se rende. Vem na carroceria de um caminhão, sobe a rua da casa de César de Almeida, coronel da guarda nacional e chefe político do Partido Republicado Mineiro. Algumas mães choram. Por que choram? “Ah! temos filhos”. O domingo se esvai nesse episódio, alguns ainda falam no bandido, lentamente a tarde cai. Onde estará e o que fez esse rapaz nesses 47 anos? Continuou assim e, se vivo, tem lembrança do disparo numa tarde de domingo em Alfenas? Tem lembrança de que sua bala ficou cravada na loja de Joaquim de Carvalho Moura, o Quinzinho, e que, a semana inteira, muitos iam ver o buraco na porta? Pelo alto-falante chega a música da Cruzada Eucarística Infantil. É a missa das oito. Do lado de cá, na Matriz de São José e Dores, Teresa Carvalho comanda; do outro lado, na Igreja Nossa Senhora Aparecida, o comando da Cruzada está entregue a Geraldo “Faz-favor”. Os hinos sibilam e zunem nos alto-falantes. Os meninos que não pertencem às “Cruzadas” ficam olhando de longe os outros, de branco, uma faixa amarela que parece com a do Vasco – só que a do Vasco é branca – descendo o tórax. Pertencer à Cruzada indica certa classe social? Seguramente, na Matriz, sim. Os muito pobres não conseguem comprar aquelas roupas

brancas, a faixa amarela. Dificilmente também têm convívio social com os cruzados. Só lhes resta vê-los de longe em sua roupagem cintilante. Estão mais perto de Deus? Os meninos pensam que sim, pois que Deus não deve gostar muito de gente que usa roupas que não cintilam. Deixam, em silêncio e com olhos cheios de vida, os cruzados passarem. Mas não querem que Deus também passe. Um faz menção ao nascimento em uma manjedoura. Não consola. Não querem o desprezo de Deus. Não querem roupa sem densidade e opaca. Ficam olhando até sumir a cintilação daquelas roupas brancas. Vem o sentimento de estar muito longe de Deus porque não podem, sinceramente não podem se vestir com garbo para agradar a Deus. E começam a sentir saudades de Deus. Antes da missa das oito, os cruzados entram em fila na igreja. Impecáveis, roupas brancas e alvas, parece que vão conquistar as terras santas que estão nas mãos dos mouros e, depois disso, ficarão impecáveis e alvos como entraram. Os outros – que não são cruzados – não são barrados: assentam-se mais atrás. A locução, as músicas, os ritos, tudo visa aos cruzados. Eles são vistos com admiração. Mesmos os que não o são se envergonham um pouco de não o ser, se incomodam por estar distantes e apartados daqueles campos elísios. O jeito é ir até a rua 13 de maio: “seu” Elói Quintino deixa as réstias de alho para secar no passeio. “Seu” Elói é o maior comprador de alho da cidade. Os meninos, escondidos, colocam na boca alguns dentes de alho. Um comenta: “Será que os cruzados também comem alho?” Ninguém responde. Há sentimento coletivo de culpa por estarem comendo alho e por terem desagradado a Deus com suas roupas que não brilham. A Festa é dos Reis. Na fazenda da Laje, Eugênio Esteves recebe. Todos dizem que é a maior festa de Reis. O fazendeiro coloca os leitões, os frangos assados, o macarrão vermelho que esperam a chegada da Folia de Reis.

“Senhor Dono da Casa” – assim começa a música cadenciada da Folia, repetição de versos, sons demorados, às vezes rebeca, às vezes violino, pandeiro, viola de sete cordas e a melodia cadente que ultrapassou séculos. Alguns sons remontam até a Idade Média. Afirmam que os acordes da Folia nasceram na noite dos mil anos, como é chamada a Idade Média. Há toque de chegada e de despedida. A melodia de folia (‘dança’) se tornou célebre como tema para um grande número de variações no período barroco. Na atual Folia, seus integrantes – só homens – chegam com fitas no chapéu e na blusa, saem tocando e cantando de casa em casa ao som de violões, cavaquinhos, pandeiros e tantãs, pedindo esmolas para a festa dos Reis Magos ou do Espírito Santo. Eugênio Esteves caminha entre aquela gente, satisfeito, a promessa cumprida, os horizontes de sua fé plenos de agradecimento e regozijo. O Bastião sacode, escondido em sua máscara. Na Folia, o Bastião representa a figura do Maligno, que quer impedir os Três Reis Magos de alcançarem o Sagrado Recém-nascido. Entendem com ingenuidade os meninos e com pontada de mágoa que é fácil, basta buscá-Lo, o sagrado recém-nascido está invariavelmente com a Cruzada Eucarística Infantil! O enredo da Folia lembra a viagem que os três reis magos – Baltazar, Belchior e Gaspar – fizeram a Belém para encontrar o Menino Jesus. Os palhaços, vestidos a caráter e cobertos por máscaras, representam os soldados do rei Herodes, em Jerusalém. Os foliões abrem alas com uma bandeira, que – dizem! – é abençoada e protege das más influências. Para a Igreja Católica é a primeira manifestação de Cristo aos gentios. Tão importante é a Epifania que em alguns países é costume trocarem-se presentes, abraços. E a Festa dos Santos Reis de Eugênio Esteves tem a tradição de ser a maior na região. Vêm sons no fundo, os róseos desenhos formam cenário que tonteiam: “Mais que a aurora surgistes, formosa/

doce luz espargindo na terra/ entre os astros que a noite descerra/ nenhum há mais bonito que Vós/ sois mais alva que a lua/ mais do que o Sol sois brilhante/ mesmo o céu fulgurante/ perde em brilho perante vós.” Surgem retratos neblinosos de dona Carmen Vieira de Souza, Neusa Ávila Barbosa, Sílvio “Passo Preto”, Joãozinho Horta, Amélia Soares Fonseca, Yvone Magnin, Lygia Borin, Joaquim (estudante de Farmácia, de Pouso Alegre) e outros mais que, ao redor de dona Carmen, sobem ao coro da igreja, à concha acústica, aos palcos, e cantam. Toda segunda-feira há ensaio. Os salmos, musicados, são cantados na missa das dez-e-meia: “O Senhor é meu pastor/ nada me há de faltar”. Se surge alguém mais formosa que a aurora, por que tanta tontura ao voltarem as imagens e os rostos com essas melodias? Não sei. A atmosfera dessa fase como um cordão cerca as linhas divisórias. Ninguém entra, ninguém sai. Há os contornos de uma ilha permitindo apenas a fuga de algumas notas musicais e poucas imagens. A impressão é que o subconsciente não permite o partilhamento desse espaço: quer que ele permaneça intocável e incontável. Talvez não haja pureza suficiente para desvendar e contar épocas e anos sagrados demais. Os relatos do tempo do Coral de dona Carmen são adiados para quando haja escriba mais digno de percorrer e narrar as avenidas da misericórdia, nascidas ali, que vieram dali. “Non sum dignus” – o conceito mais adequado para essa estranha paralisia que impede a visão e a narração dos fatos e pessoas dessa ilha agora inacessível. Vejo-os, sinto-os, mas me perturba o excesso de torpor que impede a visão com luz tão difusa. O belo som dessas gargantas prossegue sem registro de memorial à altura. A boa lembrança de Dona Carmen Vieira de Souza não arrefece. Permanece neste mês de junho os doces acordes da canção religiosa que a televisão uma ocasião mostrou: “Coração Santo, Tu reinarás.”

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LII

Da América do Norte recebo atencioso cartão com a fotografia de Lya Costa. Sente-se contente por ser lembrada. Nos anos 70, percorro ao léu bairro de Washington e consigo, por acaso, ao bater na primeira porta, apesar do endereço incompleto, encontrar-me com Lya Costa. Cuidava de alto funcionário aposentado da companhia elétrica de Washington. Levou-me até à Washington University, onde estudava à noite. Conheci com ela, por acaso, o edifício “Watergate”, mais tarde bastante famoso por ser o pano de fundo da renúncia de Nixon. E Lya Costa, agora com cidadania americana, mostra mais uma vez sua gentileza: remete amável cartão. Repete a cortesia dos anos 70, quando, dentre outras coisas, encaminha ao hotel o perdido brasileiro na sua primeira viagem à América. Foi lembrada: isto lhe trouxe algum prazer. Lembrou-se? Acredito que não, e isso não traz nenhum desapontamento sobre ela. Outro conhecido me chama a atenção para o nome completo de Madame Louise A. F. Crowet. Outra conhecida me diz que a casa de Madame era também lugar de reunião frequente dos emigrantes que habitavam a Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas. Em torno da estação do trem de ferro, impressiona a marca que ficou nos que moravam nesse território. Dona Neném Chagas, no alpendre de seu casarão, cumprimenta todos os passageiros que partem ou chegam. Na rua Ruy Barbosa muitas famílias vêm até a porta ou às janelas para

espiar o desfile dos que abalam e dos que se aproximam. Dona Neném “hablaba con los espíritos”. Com os duendes? Não, com os que habitam além das nuvens, com as almas que vagueiam, como as que trazem mensagens ou com as que desejam e têm permissão para ouvir as vibrações da voz humana. Não existe medo. Um diálogo com o apito longínquo do trem, às vezes áspero, às vezes macio... Porém ela conversa com os espíritos. Na dimensão do lado de cá, a energia forte de dona Neném Chagas consegue dominar o calado silêncio dos espaços siderais, onde não existem palavras, e trazer ao seu redor vozes inteligíveis que argumentam com ela, ou choram para ela ouvir. Não só domina a misteriosa extensão sem limites, onde habitam, bem como sua voz forte e firme coordena o diálogo sobrenatural. A poucos metros da praça da estação, os espíritos gozam da permissão concedida de entrar na frequência de dona Neném Chagas enquanto o trem vai ao longe. Mas o time de futebol do Têxtil mantém-se invicto em 1955, e um dos seus principais craques é Paganelli. Quando joga no Alfenense, Jorge de Souza se empolga com Paganelli: “Ponta é o Paganelli: joga com uma perna dentro e outra fora do campo”. Quem apita os jogos, o juiz, é Newton Lasmar. Quem dá aulas de latim no ginásio é, também, Newton Lasmar. Mais tarde, foi várias vezes Prefeito de Ribeirão Vermelho, perto de Lavras. A Têxtil Alfenas fornece a base inicial do famoso time da “Cruz Preta.” Corre o ano de 1955. O Grupo Escolar “Minas Gerais” anuncia sua famosa festa: “Spring Night” – um “grandioso baile de gala”. Não poderia estar ausente a professora Toninha Correa. Alegre e sorridente, a professora transmite outra imagem no Clube XV: não é mais a rigorosa mestra temida nos corredores do “Minas Gerais”. Nesta escola, imagino que carrega para sua sala a fina flor dos alunos que precisam de alguém vigoroso e rigoroso. E são encaminhados para a sala de dona Toninha

todos aqueles alunos reprovados constantemente, indisciplinados, barulhentos em demasia, descrentes, para que ela consiga dar algum sentido às suas vidas. Só entendem a linguagem e os gestos de quem evidencia autoridade com base no rigor. Não fora assim – quem sabe? – talvez nem conseguisse entrar naquela sala escolar. Nela, nessa sala, só se podem aguardar violência e rancor, que não explodem porque se defrontam com a forte e firme energia de Toninha Correa. No “Spring Night”, dona Toninha Correa, livre daquele pesado encargo social e didático, é uma das moças mais belas e mais alegres. Nas “brincadeiras” dançantes do Clube XV, demonstra ser excelente dançarina. Paciente, ensina a dançar os tímidos rapazes: passos na cadência, dois pra lá, dois pra cá... Uma vez a vi, de longe, dançar um tango. Quando fui a Buenos Aires, vendo aquelas argentinas elegantes dançando tango para os turistas, imediatamente pensei comigo mesmo: “Dona Toninha nada fica a dever para elas.” No dia 12 de junho, ela se foi, levando consigo a imagem do Grupo Escolar “Minas Gerais” e o hino cantado com emoção por todos os alunos no fim do ano: “Adeus, colegas e boas mestras”. Também levou um pedaço de época. Levou embora. Pintou com mais tons de cinza as colinas do ontem. Deixou alguma coisa, alguma memória, lembrança para aqueles meninos que a achavam severa e para aqueles rapazinhos sôfregos que a consideravam prazenteira e jubilosa? Sim, a violência contida naqueles quase adolescentes sem limites que respeitavam somente quem os convencia de que tinha dureza e era inflexível. E a alegria de quem bailava e fazia bailar como se o chão fosse macio qual flocos de algodão.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LIII

Os velhos quietos procuram se esquentar ao sol de inverno, no alpendre ou no corredor, a felicidade ausente dos olhares mortos ou amortecidos: não haverá amanhã para eles? Procuo conversa com Tina Botina: “Sou uma visita.” Ao que ela responde, irritada: “Que que eu vou fazer com visita?” De baixa estatura, alcoólatra em fase de recuperação na Conferência Vicentina, Tina Botina diverte a moçada na praça e se mete nas rodas, pulando, cantando, fumando sempre. “Que que eu vou fazer com visita?” – pergunta que não sei responder a Tina. Por alguns anos suporta a abstinência da bebida e do cigarro na tranquilidade da Conferência, longe da algazarra dos rapazes ao seu redor. Por alguns anos, suporta. Mas se deixa ir. Desaparece e ninguém mais se lembra de Tina Botina. Foi-se em busca de aguardente e cigarro que pudessem sufocar eternamente a angústia que a faz beber e fumar, beber e fumar... De Gaspar Lopes, ele vem a pé todos os dias. Com sandálias feitas mais do que modestamente. Surdo, Rosendo – ou Rosendinho, porque de baixa estatura – vende canecas fabricadas com fole. São latas de óleo ou querosene em que põe alça para se transformarem em canecas. Às vezes, traz tachos de cobre. Diariamente sua rotina é vir para Alfenas à tarde e fabricar apetrechos de manhã. Assim faz, até seu corpo não mais o permitir. E depois também se vai de uma vez para sempre. Para onde? Para onde houver latas com fartura e fregueses em profusão querendo

comprar canecas e tachos. E som, ah!, muito som, pois que o silêncio perturba vender: a surdez cansa o velho e pequeno Rosendo, de Gaspar Lopes. Sapatos não precisa ter: suas sandálias nunca lhe deram calos. E a felicidade parece nunca ter sido preocupação existencial do velho e pequeno Rosendo, de Gaspar Lopes... “Deixa a cidade, formosa morena/ deixa a cidade e vai lá pro sertão/ rever a água da fonte que canta/ na cachoeira fazendo escarcéus.” A voz é de Hermínia Mesquita. O salão não é grená, não há nenhum Coli Filho, mas todos a admiram e procuram cantar ou solfejar com Hermínia Mesquita. A simpatia, aliada à sua bela voz, por instantes domina a reunião particular, quando surge outra voz agradável, a de sua filha Jussara Mesquita. E os pensamentos voam para paragens que ninguém consegue descrever. Hermínia Mesquita talvez saiba que seu nome designa a orquídea nativa das regiões temperadas da Europa e da Ásia. É o que ela sempre foi. Leva ao ambiente que adentra a tranquilidade e a formosura da orquídea. E, na noite descrita, não há nenhum exagero em afirmar que ela, com sua entrada, repete tranquilidade e formosura. Como a cambalear pelo tênue fio do tempo, a praça Getúlio Vargas fica lotada dos fantasmas, com os traços indefinidos: é sempre noite. As imagens voltam com cores noturnas. Todos caminham, passeiam, e as árvores assistem, indiferentes, aos que passam debaixo delas. Tereza Amélia Leite Amaral vai para o convento. Passa pela praça Getúlio Vargas. Antigamente, a praça tinha o nome de Largo da Matriz, depois foi batizada de Floriano Peixoto, mas, sem nenhuma ofensa à memória dos dois, o nome mais bonito é Largo da Matriz. Mas, este Largo, ou esta Praça, testemunha a partida de Tereza Amélia Leite Amaral para a clausura do convento. E testemunha também sua volta. Os sinos não batem mais, somente os sinos de dentro do coração. Parece que bimbam alegremente quando ela parte e repicam, álares,

quando volta. Por um período se dedicou a uns, por outro período se dedica a outros. Faltam sinos a badalarem mais forte para lhe dizerem o verso de Santa Teresa de Ávila e o contentamento que trouxe seu retorno: “No me mueve, mi Dios, para quererTe / el cielo que me tienes prometido/ Mueveme al verTe, clavado in una cruz y escarnecido/ mueveme Tu afrentas y Tu muerte/ Aunque no hubiera cielo yo Te amara / aunque no hubiera infierno Te temera / no me tienes que dar porque Te quiera/ lo mismo que Te quiero Te quisera.” E a praça continua testemunhando os anos que vão e os anos que ficam. Há o “Esquinão”, o bar que nos anos 80 reúne os jovens nas noites de quintas e de sábados, cada um à procura do tempo perdido, como fala Proust, ou a canção: “Por onde for quero ser seu par.” Carlinhos, Pindola, Nenzico, os irmãos, trabalham até ao amanhecer para alimentar a ilusão da multidão juvenil que permanece naquela esquina movida pelo álcool ou sem nenhum álcool, nos embalos de sábado à noite. Ali foi posto de gasolina de Paschoal Petrocino, foi de Jorge de Souza. Agora, em baixo, é o “Esquinão” de Carlos Roberto de Carvalho, o Carlinhos, bar eleito pelos estudantes como o lugar onde se encontram às quintas e aos sábados. Pela praça caminha a aparência do dono, artista e palhaço do circo, chamado Pelado. Leva, em outra época – em que não havia “Esquinão” – a cidade inteira ao seu circo, que, anualmente, visita Alfenas. Encerrado seu ciclo de vida, terminado seu destino, desmonta sua lona, vem de longe e deixa seu corpo descansar nas terras da Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas. Pelado não provoca mais risadas; talvez ria ao ver alguns agir como imbecis esperando dinheiro, obcecados pelo dinheiro que não têm e que acreditam – agindo assim, de modo imbecil – que terão. Pelado, do alto de sua superior posição, ri dos que colocam a possível sobrevivência material com maior valor do que o socorro à mãe. Ri

bastante dos que fingem esquecer-se de tudo: que, dentro de pouco tempo, estarão juntos na mesma dimensão em que está Pelado, mas não poderão dar a mesma risada gostosa dele. Quando Dante Alighieri escreve a “Divina Comédia” com impressionante simetria matemática baseada no número três, encontra-se no meio da vida; vê-se perdido em uma floresta escura: sua vida havia deixado de seguir o caminho certo. Vê o sofrimento dos condenados, os rios infernais, suas cidades, monstros e demônios, até chegar ao centro da terra, onde vive Lúcifer. “Nel mezzo del cammin di nostra vitta...”, assim começa Dante a descrição do lugar onde, com toda certeza, não está rindo Pelado – pois lá, onde ele não se encontra, só há “choro e ranger de dentes”. Pelado ri porque enxerga o abraço felino, a espúria aliança, as enganosas atitudes, a incoerência e a desfaçatez e, sobretudo, o fingimento de quem “sabe/ não sabe” que tem os dias contados na terra. “Deixai toda esperança, ó vós que entraís” – o célebre verso de Alighieri – ensinado na risada incontida de Pelado, porque tudo será cobrado de quem tem tão pouco tempo. O dono do circo entende bem que “o dia do benefício é a véspera da ingratidão”. “Lasciate ogni speranza, voi ch’intrate”... enquanto Pelado ri dos que querem entrar, querem entrar nesta “selva escura” e deixar toda esperança desvanecer. Estimado, respeitado, Pelado contempla a praça de Alfenas, olha as plantas, querendo dizer: “É pelo fruto que se conhece a árvore.” Continua Pelado caminhando pela praça, pensando em prestação de contas: “No dia do juízo os homens prestarão contas de toda palavra vã que tiverem proferido”. Falando sozinho, dando a impressão de que vai desaparecer do palco e do picadeiro, olha penetrantemente para a cidade sem serras e arremata: “Ao contrário, aquilo que sai da boca provém do coração, e é isso o que mancha o homem. Porque é do coração que provém os maus pensamentos, os homicí-

dios, os adultérios, as impurezas, os furtos, os falsos testemunhos, as calúnias. Eis o que mancha o homem.” E sumiu da praça com esta citação de São Mateus, perdoando os que não têm escrúpulos e se lembrando dos versos de Manuel Bandeira: “Mancha o Ministro, mancha o Soldado”. Desaparece, não quer que seja confundido com pregador, padre ou pastor evangélico. E nem com certos pintores antigos que nas pinturas colocam seus desafetos nas multidões, sem mencionar seus nomes. Na Rua 13 de Maio, duas a três vezes por semana, a boiada passa lentamente. Nem depressa, nem devagar. Lentamente. Para onde vai? Para o matadouro? Para outra fazenda? A boiada passa, os meninos sobem aos muros para vê-la. Os bois caminham sem manchas, quietos, mansos, mesmo que a caminhada os leve à morte. Qual o ano? Anos 50, talvez anos 40. Na Rua 13 de Maio moram os Poncianos, Rosário Ferreira e Carmélia Maida Ferreira, Rodolfo Alves Madeira e Nicolina Madeira, Geraldo Macedo, José Afonso, Sinésio de Souza, tanta gente boa, tantos, tantos que estão hoje ao lado do artista Pelado, no alto elísio, sorrindo de quem pensa que a vida se encerra aqui e que tudo é permitido aqui, até a repetição da inverdade; para quem age aqui como em estado feral, como se estivesse maticando, maticando, cuincando, cuincando...

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LIV

“Jamais a madrugada traz nos braços/ relíquias de uma lua que adoramos”. O verso é de Mário Faustino, que, em 1962, morre em acidente aéreo. Nascido em 1930, Mário Faustino falece com 32 anos. Ao morrer, o Cravo nunca ouviu falar em Mário Faustino nem em sua lírica politonal e reflexiva. Muito menos a Rosa, sua companheira, jamais ouviu nem tinha noção deste poeta. Em compensação, ninguém sabe os nomes verdadeiros do casal. O Cravo e a Rosa, assim todos os conhecem, ou a designação nasce daqui. O casal de repente surge na cidade. Ele, alto, sempre com bastão de ferro, com barba comprida, botas elevadas. Ela, pequena, de baixa estatura. Ambos maltrapilhos, ambos pedintes, mendigos, percorrem as ruas da cidade em uma peregrinação sem palavras. Não se falam, não falam com ninguém, há desconfiança de que não se banham. Os habitantes às vezes brincam: “Vou me casar com a Rosa”. O Cravo ergue seu bastão de ferro, fica nervoso, vê sua posse ameaçada, coloca-se em defesa da sua companheira com ardor. Percebe-se que são mentalmente retardados. Onde dormem? Ninguém o sabe. Comem o que lhes é dado nas casas. Os venenosos de sempre comentam que os viram em terreno baldio e em região escura, o Cravo em cima da Rosa fazendo amor sob o pálido encanto da noite enluarada. “Vitória do caos sobre a vontade” – teria comentado Mário Faustino. Ouvindo-se a música de Gilberto Gil – quando ele fazia boa música

– “o sorvete e a rosa, é José”, vem fácil a comparação: o Cravo imagina que a sua Rosa pode virar sorvete, isto é, desaparecer, esgotar-se, se alguém tomá-la. E seu sentimento de posse ultrapassa qualquer sentimento de medo e ele ergue seu cajado de ferro como se fosse sua espada... Saindo do Banco Moreira Salles, pega sua bicicleta Eugeninho Swerts. E sua máquina fotográfica. Se alguém ainda possuir alguma fotografia de Eugênio Swerts poderá avaliar como ele via o mundo. O mundo, para Eugeninho Swerts, não pesa mais do que a mão de uma criança. Pedro Dandão também gosta de tirar retrato. Frequenta muito a Casa Paroquial. Aos jogos de futebol, Pedro Dandão vai a todos, com sua máquina fotográfica a tiracolo. Na maioria das vezes, a máquina não tem filme. É muito caro carregar a máquina com filmes. Mas estar com a máquina lhe assegura entrar no campo sem pagar e vê tranquilamente, de graça, jogar América, Alfenense, Marianos, Atlético da Chapada, Bangu, Estrela Vermelha... Do tamanho de um menino, baixinho, vem caminhando pela praça quem a meninada chama de Galo-Apanhou. Surge o apelido porque traz sempre ao colo um galo de briga e ele se encoleriza quando os meninos correm e gritam: “Seu galo apanhou”! Galo-Apanhou percebe, no seu pequeno pensamento, que sempre é objeto de curiosidade – que ele julga ser ato de afeição – quando ele caminha sem calças, com nudez total. Com mentalidade de criança, passa a reagir aos insultos de “galo apanhou” tirando as calças, entrando na Igreja Matriz, exibindo ao povo sua nudez, escandalizando as donzelas, as viúvas e os católicos presentes à missa. Nos anos 50, causa escândalo um baixinho, com cara de adulto e olhos de menino, mostrar a todos os fiéis a inocência da sua nudez, que desfila pelo templo agora horrorizado. “Toda nudez será castigada”: Galo-Apanhou não sabe quem é o teatrólogo Nelson Rodrigues. É levado para o castigo físico, longe dali.

Mas continua, até morrer, exibindo de vez em quando sua flacidez e seu corpo sem roupa. No seu pequenino cérebro, a qualidade de sua personalidade, para ele, o que tem de melhor é a nudez. O Programa, no folheto envelhecido, convoca a sociedade e “exmas Famílias” para o “Grande Concerto”, de Feliciano Janotti Pinto. Anunciado como “conhecido violonista”, Feliciano Janotti Pinto tem o discípulo José Theodoro de Andrade, proclamado seu auxiliar. São dez músicas. A última – valsa executada em uma só corda de violão – tem o nome de Ósculos e Amplexos, dedicada à senhorita Amanda Amuêdo. Quem foi Amanda Amuêdo? Por que, nesse concerto Feliciano Janotti Pinto lhe oferece esta música, esses beijos e abraços musicais? Lembro-me de Feliciano Janotti Pinto com a casa sempre fechada, na rua da Pedra Branca, ou avenida São José. Lembro-me de seu instrumento musical, inventado por ele mesmo, denominado Torpedo, bastante parecido com harpa. Mas nunca o vi tocar. O folheto não fornece nenhuma pista sobre o ano, a década em que o “Grande Concerto” foi apresentado. Traz clichê do músico quando bastante jovem, de óculos, com instrumento de sopro, talvez uma clarineta?! No repertório há uma valsa – “Saudades de Alfenas” – e os títulos das outras indicam que as composições são de autoria de Feliciano Janotti Pinto. Sua amada, quando morreu? Que fazia Amanda Amuêdo? Foi ao concerto? Ouviu a valsa dedicada pelo músico? De Feliciano Janotti Pinto há curiosa lembrança no cemitério local. O túmulo seu e de sua família é parecido com uma capela barroca, diferente dos outros. Estará ali o que resta de Amanda Amuêdo? Escrevendo sobre Josemaria Escrivá, o fundador da “Opus Dei”, o jornalista César Tácito Lopes Costa evoca um aspecto de vida do moderno santo espanhol que lhe parece marcante: a lição do perdão. “O Espírito Santo havia dilatado tanto o seu coração que nele cabiam folgadoamente

todos, mesmo aqueles que em algum momento não lhe quiseram bem e promoveram duras contradições, campanhas denegridoras e calúnias incríveis em torno de sua pessoa e de sua obra” – diz o jornalista. O perdão, sim, o perdão, como é duro! O poeta português Fernando Pessoa sofre com o dilema: “Não haverá, enfim, / Para as coisas que são, / Não a morte, mas sim / Uma outra espécie de fim / Ou uma grande razão – / Qualquer coisa assim / Como um perdão? Outra espécie de fim... grande razão... por enquanto se agarrar ao contato imediato de terceiro grau em busca do perdido e procurado perdão. Da sacada do Hotel Paraíso, Geraldo Benedito, o garçon mais educado e elegante da cidade, contempla a praça. Nasceu e viveu em Boa Esperança; acompanhando a família de Juquinha Pereira, presta serviços no Hotel Paraíso. Durante a década de 60, Geraldo Benedito cuida de seus compromissos no Hotel e faz muitas amizades. Dez anos antes, o auge da empresa de João Ferraz, o Joquinha. Tradição no transporte de cargas de e para o Rio e São Paulo, em uma época em que não havia estradas asfaltadas, Joquinha possui frota de caminhões Ford. Trabalham na empresa Paulo Torto, Sebastião “Maça Bruta”, Nelsão, Juca Garbine e tantos outros que testemunham que seu estabelecimento é um dos mais possantes. Na praça, a loja de Edmundo Pereira tem merecidamente a fama de ser a mais barateira da cidade. Ele não reajusta o preço da mercadoria. Estável, desce da prateleira pelo mesmo preço com que subiu. Sério, mas afável, “seu” Edmundo Pereira por muitos anos mantém tradição de venda de ferragens e tantas coisas mais que sua loja se perpetua na visão “das coisas findas, muito mais que lindas: essas ficarão”. De novo desce o manto que cobre a cidade. É noite? Antiga e calma, parece que já desceu a noite alfenense. Um vago vento erra. De trás das cortinas aparece um vulto que espreita. Será a amada de Feliciano Janotti Pinto esperan-

do uma canção? A névoa ligeira cobre as grandes árvores da praça. Vem chegando Taylor Pereira Sério, vem chegando Voltaire Pereira Sério. A amada de Feliciano Janotti Pinto sacode as cortinas. É ela? Não é ela? Alguém diz que “os forasteiros”, os que não nasceram em Alfenas e vivem aqui há poucos anos são bem-vindos. “Os forasteiros” são os ádvenas, os forâneos que permanecem com este perfil ao longo dos anos. Longe de mim qualquer referência, acima ou abaixo, aos que, aqui vivendo, embora por pouco tempo, integram-se à cidade e, apesar de não nascidos aqui, servem a Alfenas, não se servem de Alfenas. Não incluo esses nos “forasteiros”, não os misturo e nem os denomino com este qualificativo. Mas jamais saberão e sentirão os “forasteiros” quem foram Taylor, Voltaire, Cravo e Rosa, Galo-Apanhou, Eugeninho, Pedro Dandão, Edmundo Pereira, Joquinha, Feliciano Janotti e Amanda Amuêdo. Estarão sempre como hóspedes e, como hospedados, não têm raízes fincadas. Não conheceram e nem sentirão a loja de “seu” Edmundo Pereira, nem as sombras e luzes desta Vila Formosa. Então fica bastante ridículo o palpitem sobre as coisas da cidade porque, no fundo, eles não são da cidade. O “espírito” de Alfenas lhes é estranho e distante por mais que não o queiram e, por mais que se esforcem ao contrário, continuarão sendo de outra tribo, até vizinha, mas de outra tribo. Seriam cidadãos do mundo, mas não são cidadãos de Alfenas. Faz-se como em outras cidades perto, que isolam os que não são seus filhos. Acham-se, em estado de permanente e contagiosa “gripe”: ninguém se aproxima muito deles porque não quer ficar gripado. São tolerados. Não ajudaram a enterrar os nossos mortos: continuam sendo “forasteiros”. Não são errantes, mas erráticos. As nossas conquistas estão acima deles, nossas instituições não estão ao sabor de suas avaliações, simplesmente porque não lhes pertencem, apesar de eles

quererem desvalorizá-las. Xenofobia que mais cedo ou mais tarde os “estrangeiros parasitários” sentirão, porque não têm os anos seriados de vivência aqui, convidados a se recolherem ao silêncio, sem direito a voz e voto, deixando que os filhos da terra, naturais ou adotivos, e seus amigos decidam o destino de sua terra e comentem e julguem as coisas de sua terra, destino e coisas que são só deles e das quais os “estrangeiros, os multívagos, os ádvenas” têm apenas o usufruto passageiro.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LV

Taipa é um processo de construção de paredes que utiliza barro amassado para preencher os espaços criados por uma espécie de gradeamento de paus, varas, bambus, caules de arbustos. Os moços, com toda certeza, não conhecem o processo. Nem conheceram Geralda Taipeira. Perto do antigo campo do América, ela reina com seus gatos, sua gordura, estimulando a vida boêmia. Não é uma roda de intelectuais, bebendo, filosofando. A “vida boêmia” se limita aos discutidos encantos de um “rendez-vous”. Geralda Tapeira gerencia uma “casa de tolerância”, um “rendez-vous”, com moças que, por serem perdidas, são as mais procuradas. A frase é de Pedro Aleixo em famoso júri. Já velha e acabada, Geralda Taipeira, tratada com toda distinção pela cidade, encerra sua vida boêmia e biológica naquele canto de cidade, perto do campo do América, perto do Cemitério. Vem chegando Chicuta, com seu grande relógio de pulso com correias largas. À procura do motorista de praça Roberto Godfrey? Descalço, correia larga na cintura, dinheiro amassado no lenço, ligando diariamente Fama a Alfenas com seus passos cadenciados em uma só velocidade, Zé Pintinho traz geralmente um dourado nas costas. Vem e volta a pé. Vence os 26 quilômetros, passa pela venda do sr. Samuel Engel e encomenda as mercadorias dos famenses. Vai, então, pelas ruas, vendendo o seu dourado. Na volta, recolhe as encomendas. Anos e anos, faz esse trajeto. O povo já sabe que o melhor meio de trans-

porte Fama-Alfenas – porque mais seguro e infalível – é Zé Pintinho. Por ironia, lidando a vida inteira com o rio e as águas, morre afogado. “São as águas de março?” Não. Essa é canção de Tom Jobim. Não havia, ainda, no Festival da Canção do Centenário, “as águas de março”: havia Manuela, o primeiro lugar conquistado por Gileno Tizzo. O segundo fica para Heleno Loyola, que passa a vencer quase todos os festivais da região. Às noites de sábado acontecia o “Projeto Sagittarius”. Semanalmente, no auditório do Colégio Atenas, apresentam-se instrumentistas, corais, cantores. O “Projeto” se prolonga por todo o semestre ou quase um ano. Simpática e afetuosa leitora manda recado escrito: “De memória prodigiosa, apesar de sua juventude, você tem “ressuscitado” tipos originais, histórias inéditas da cidade, de sua gente, para as gerações mais novas que, de um modo ou de outro, estão ligadas ao passado por parentesco, amizade ou afeto. Você tem feito um bem enorme a todos nós. Nas suas crônicas você escreve uma história de Alfenas que ninguém escreveu antes. Você está eternizando pessoas, fatos e coisas da terra amada. E, como é ilimitada a sua prodigalidade, está nos deixando participar da sua história pessoal e nos levando juntos. É maravilhoso estar em sua companhia, usufruindo e compartilhando as “Sombras da Vila Formosa”. Chamo alguém na multidão, na cega noite ambulante. Chamo alguém na Vila Formosa, na mal estrelada memória arfante. As abundantes terras rolam no pasto vazio. Juntos, Francisco Leite Vilela, Voltaire Pereira Sérico e George Michailides veem a máquina acertar o platô onde se pretende construir o primeiro prédio da Universidade. Procuram animar. Admirados, não deixam transparecer nenhum sinal de que não creem no final da obra que começa. Veem a terraplenagem e talvez não possam imaginar prédios brotando daquela terra vermelha e vazia. Mas procuram animar, procuram transmitir entusiasmo. No fundo, no

fundo, esforçam-se para não pensar assim, que tudo ainda não passa de quimera, devaneio, sonho. Voltam para o centro, para a praça, Francisco Leite Vilela, Voltaire Pereira Sérico e Georges Michailides. Amigos que não ousam dizer que o caminho para se construir um prédio sequer é longo, muito longo. Torcem para que seja construído. Contudo, pode-se perceber sua justa dúvida. “Nada me faltará” – é o segredo, pois que “ainda que eu atravessasse o vale escuro, nada temerei, pois estais comigo”. O salmo revela o segredo. E veio um prédio, depois outro, e mais outro, porque “o Senhor é meu pastor: nada me faltará.” Colocam reflexão: não haveria nesse passado revolto queixas afloradas? Onde estão os alegres momentos, essa mescla de alegria e contentamento que permeiam as memórias escritas pelos homens? O excesso de pudor de não revelar em público o prazer e o gáudio, o júbilo e o regozijo lembra Chesterton, o escritor inglês convertido ao catolicismo: “havia alguma coisa que Ele escondeu quando foi orar no alto da montanha; e eu quero imaginar que não era mais do que o seu contentamento”. Sim, há contentamento ao longo de todos esses anos. Sobretudo há contentamento porque quase sempre se cumpre a vontade, a tarefa que foi dada. Muita pretensão em pensar assim? Talvez. Na primeira “Sombra”, citei Paschoal Carlos Magno e suas memórias: “Não me acuso nem me perdo”. O título revive o paradoxo cultivado por Chesterton. Mas há fuga para outros lados ao se relatarem fatos que possam ser entendidos como autopromoção desenfreada quando, na verdade, o esparramado dos acontecimentos descritos não pode deixar de estar sombreado, mais desolador e aflitivo do que jubiloso. É o timbre da vida. É a mescla da vida. O tom realmente reforça a ideia de que há ausência do “dom divino” que é a alegria, como poetou Schiller, o alemão, cujo poema foi consagrado na 9ª Sinfonia de Beethoven. E as pessoas lembradas tiveram

presença e história na Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas. Quase sempre são histórias alegres. Quase sempre legaram às novas gerações o contentamento de viver em Alfenas, contentamento que não pode ser retirado, amortecido, expurgado. Toda amargura, por mais rara, se queda diante da felicidade de conviver com os alfenenses naturais ou naturalizados. O Hino da Cidade – cuja letra é da professora Zinica Carvalho – repete que Alfenas tem doçuras, tem feitiço. Se, algumas vezes, nestas “Sombras”, surge tom cambiante, irrisado, depois dessas quedas ressurgirão as doçuras de Alfenas. Repetindo Shakespeare, “The rest is silence”.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LVI

Ao apresentar seu livro de reminiscências, o chileno Pablo Neruda diz que “estas memórias são intermitentes e, por momentos, me escapam porque a vida é exatamente assim. Muitas de minhas lembranças se toldaram ao evocá-las, viraram pó como um cristal irremediavelmente ferido. Talvez não tenha vivido em mim mesmo, talvez tenha vivido a vida dos outros”. O autor de “Confesso que vivi” conclui que sua vida foi feita de todas as vidas. Fumanchu veio para Alfenas, segundo dizem, com um sargento, e por aqui ficou. Distribuí folhetos das Casas Pernambucanas; anuncia, numa espécie de volante oral, hipotéticos acontecimentos esportivos ou comerciais e termina irremediavelmente assim: “Alô, e mais uma vez, alô!”. Dorme uns tempos ao ar livre, na beirada do Cine Alfenas, até que é recolhido à Conferência Vicentina. Fumanchu não é capaz de elaborar frase completa. Muito popular entre os estudantes da EFOA, consegue reconhecer, sem saber personalizar, as turmas que vêm comemorar os anos de formados. Jamais brigou ou agrediu alguém. Certa vez, “alma caridosa” o internou em Barbacena, no hospital de loucos, mas conseguiu safar-se de lá e retornar para Alfenas. Elogia a Conferência, mas deixa vazar queixa contra a freira que controla seu horário de entrada e saída. Às vezes puxa a barra das calças dos transeuntes e pede “um cigarrinho”. Nada mais do que isso. Deve ser avançado em idade porque todos dizem que “quando eu estava no ginásio

já tinha aquela aparência”, ou, “quando fiz o Tiro de Guerra ele já era assim”. Fumanchu ainda vive tranquilamente na Conferência Vicentina. Lá come, bebe e dorme regularmente. Deve ter saudades, no entanto, mesmo dentro de sua limitação mental, dos tempos em que vivia entre os estudantes de farmácia e odontologia e anunciava jogos de futebol com sua longa corneta sem música. “Quem vem lá? Sou eu, morena, o estudante ‘gostoso’ de Alfenas”. Com música que, talvez, seja dele mesmo, o estudante de Medicina comanda a “tuna”. Raimundo Célio Pedreira veio de Goiás e, quando surge a Faculdade de Medicina de Alfenas, matricula-se e é o orador da primeira turma. Sua veia poética e musical não é amortecida pela Medicina. Acaba de editar livro em Palmas, onde é Secretário de Saúde. No discurso, em que se despede do curso, realça o sentimento maternal que um hospital certamente terá quando leva o nome inspirador de uma mãe exemplar. Converso com Dante Martelli Silva: “Vivi muitos anos em Campinas, conheço muitos hospitais de Campinas e São Paulo. O hospital daqui não tem nada a dever aos grandes hospitais daquelas cidades. Ao contrário, é melhor do que muitos”. Não há velório, os mortos são velados em casa e quase todos passam pela igreja. Em outros anos, os sinos tocam, fúnebres, tristes, compassivos. Quando morre criança, o badalar é diferente. Dizem: “Morreu um anjinho, o toque do sino é para criança morta.” O compositor Ravel tem música admirável chamada “Pavana para uma criança morta”. Pavana é tipo de dança renascentista, de origem italiana, em andamento lento, e a composição instrumental com as características dessa dança, integra as suítes. O cortejo passa pelas ruas, quase todos sabem quem morreu. Os comerciantes deixam as portas cerradas, ou as fecham depressa: há respeito pela morte. Os que usam chapéu homenageiam a morte e, por longo tempo, enquanto não some de vista o

enterro, não permitem que os chapéus voltem à cabeça. Em todos os enterros, está presente João Gostoso. Alto, com o nariz morbidamente achatado, talvez lhe tenham dado este nome porque o achatamento o torna muito feio. João Gostoso não é pedinte, não é trabalhador regular: o mistério cerca seu mundo, que ninguém se interessa em desvendar. Mas, invariavelmente, acompanha todos os enterros, sobretudo dos pobres, sobretudo os enterros menos concorridos. Não discrimina, contudo. Quando falecem ricos, ou “remediados”, lá está João Gostoso. Há tradição na cidade. João Gostoso não falta a nenhum enterro. Como fica sabendo? Ninguém imagina. Com as mãos viradas para trás segurando o chapéu, lá está João Gostoso ao lado do caixão, solidário com os parentes, constante, sem falar nada, reverenciando, à sua maneira, o morto que é levado até ao cemitério com a força das mãos e dos braços – dos outros é claro -, quase sempre a pé. Não conhece nem o morto, nem seus parentes. Mas é um morto, não mais pertence à seara dos vivos. Isso lhe basta. João Gostoso acompanha o cortejo da morte até a sua cidadela. No seu enterro, disseram que ocorreu muita gente, em sua maioria pessoas pobres e gente humilde. Disseram que houve discurso à beira túmulo. E, nesta Vila Formosa, não apareceu mais ninguém como João Gostoso, infalível nos enterros, ensinando a todos, sem falar nada, que a morte deveria ser respeitada e colocada no seu pedestal, com ou sem alaúdes, sem desespero, com todo seu mistério resplandecendo. Todos comentamos a morte dos outros. Quase ninguém medita sobre a própria morte, pois a “dama branca” nasceu para os outros, para terceiros, não para nós. A filosofia de Sartre de que a angústia humana nasce da condenação inevitável de que o ser humano deve morrer, faz com que a nossa morte seja assunto escondido atrás da porta. O livro de Simone De Beauvoir – “Todos os Homens são Mortais”?

procura trazer os limites e a perplexidade dessa situação a um personagem que, no romance, seria imortal. O poeta pernambucano, Manuel Bandeira, há muitos anos escreve sobre fato idêntico: “Quando o enterro passou / Os homens que se achavam no café / Tiraram o chapéu maquinalmente / Saudavam o morto distraídos / Estavam todos voltados para a vida / Absortos na vida / Confiantes na vida. / Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado / Olhando o esquife longamente / Este sabia que a vida é uma agitação feroz sem finalidade / Que a vida é traição / E saudava a matéria que passava / Liberta para sempre da alma extinta.”

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LVII

Corre o ano de 1969. Crônica imaginativa relata a estada na noite carioca, verdade, metade falácia, criação. Sobrou uma metade! Com três partes, o texto inclui personagens da intelectualidade da época e a evocação do conhecido restaurante “Antonio’s” e sua mística, onde, para um papo ou desafo, se encontra gente do meio artístico, musical ou literário. Sem nunca ter ido ao “Antonio’s”, o escritor traça o painel de suas leituras e angústias da época.

“No ‘Antônio’s’, depois de três uísques, a solidão da noite carioca cai como um fardo. Eis que chega até minha mesa o teatrólogo Nelson Rodrigues.

-Viu minha última peça?

Hesito, demoro a responder e balbucio que preferi ver “Galileu Galilei”, de Brecht, com a turma do Teatro Oficina.

-Mas esta é minha última peça!

Julgo não entender bem. Ele explica: não gosta da turma do Oficina, odeia o suposto talento do jovem diretor José Celso Martinez Corrêa, o elenco lhe é indiferente, mas se sente apaixonado pela pureza do texto de Brecht.

Mais uísque. Nelson fala, comenta, exaure-se. Importante: fala como escreve, virtuoso e elegante. Conto-lhe que usei o título de uma de suas peças numa crônica, com veleidades subreptícias.

-E qual foi o resultado?

-Acertei em cheio no alvo.

-E qual era a peça?

-“Toda nudez será castigada...”

Nelson desata a rir, é tomado de um frenesi de euforia. Lembro-me de Malraux contando o riso nervoso de uma prisioneira diante do coronel SS. O mesmo riso de Nelson Rodrigues. Meu irrequieto e desconfiado espírito mineiro examina o ambiente ao redor. Felizmente ninguém no Rio presta atenção em quem ri. Eis que chega uma mulher que não conheço e o carrega ainda rindo, rindo... Mais álcool. Novamente me punge a noite quente.

-“A la soledad me vine

por ver se encontraba el río
del olvido

Y en la soledad no había

Más que soledad sin río”.

Quem me sussurra isso é Rafael Alberti, o efusivo poeta espanhol que acaba de vir de Buenos Aires. Com duas argentinas em cada mão, D. Rafael traz nos olhos o fulgor dos amores de Andaluzia. Sai, lépido, e o ‘Antônio’s’ se enche: gente por todos os lados. Na mesa ao lado, Clarice Lispector, bela demais. O cronista José Carlos de Oliveira, em silêncio, ouve a menina das pernas de fora. Que contará ela? José Carlos a abandona e vem em minha direção. Preferia que viesse com sua amiga.

-Me escreve uma crônica...

-Mas...

-... que não fale em amor, angústia, paixão, morte, política, vingança, tristeza, álcool, tempo perdido, tempo futuro...

E abala. Do outro lado, uma universitária dialoga com o coleguinha:

-Na avenida N. S. de Copacabana tem uma livraria novíssima. Chegou da Europa a “Polimorfia Sexual”, de Marcuse, regada com angústia azul.

-Ótimo!

-Mas o que comprei foi o “Irracionalismo-Racionalismo” de Bertrand Russel, regado com angústia roxa.

-Excelente!

Assim abandono o ‘Antônio’s’, esse mundo que não me pertence. Atravesso bem devagar o largo da Glória e, no aterro do Flamengo, diante de um poste enorme e de um mar pequeno, balbucio: *La eternidad bien pudiera ser el zuero de una paloma perdida...*”

Arrulho de uma pomba perdida no ano de 1969, o Rio de Janeiro fica perdido entre os livros, os autores, a coleção de jornais trazendo o registro da crônica acima, também perdida. Rafael Alberti foi inspirado poeta espanhol, amigo de Pablo Neruda e, para ele, a eternidade bem poderia ser o arrulho de uma pomba perdida. Clarice Lispector, romancista de primeira linha. José Carlos de Oliveira escreve crônicas no “Jornal do Brasil.” O dramaturgo alemão Bertold Brecht baseia sua peça de teatro na vida de Galileu. Marcuse é o filósofo da moda. Bertran Russel, britânico, escritor, matemático, inclina-se em seus livros de prosa fortemente para a esquerda revolucionária. O francês André Malraux, autor do romance “L’ espoir”, ministro da Cultura de De Gaulle, expoente da literatura e da filosofia francesa no século. Os soldados da SS são os mais frios, cruéis e preparados de Hitler: exercem função de polícia secreta, às vezes têm mais poder no nazismo do que o vencido exército dos alemães. Aqui, em um recanto de Minas, o médico Paulo José Marques de Carvalho, muitos anos depois dessa vilegiatura carioca, desmaia no Rancho. Ao voltar, amigos ao redor, confia em voz baixa sua experiência: lá aonde fora, estava tão bom, havia sido recebido

por sua mãe, não queria voltar. Uma semana depois, Paulo José Marques de Carvalho vai ao encontro definitivo com sua mãe. Do outro lado da linha telefônica, está Padre Aloísio Pereira Pinto, falando comigo. Ainda não chegou ninguém da família àquela casa batizada agora pela tragédia: sou eu quem o atende. Ele está em Atibaia. Alguém ligou: quer saber notícias dali. As pessoas humildes se põem em frente às suas casas, reverenciam o corpo do médico que passa liderando o comprido séquito. As pessoas que vêm de carro do Jardim da Colina podem ver a longa e respeitosa fileira. O povo fica nas portas em todas as ruas por onde passam os que vêm da Colina. Estão contritos, estão com os semblantes cerrados, mas não há estertores. Apenas querem silenciosamente tributar gratidão ao médico, mesmo sabendo que o cortejo conduz alguém que não fala e nem ouve mais. A memória marcante que fica de Paulo José Marques de Carvalho é o adeus que o povo lhe dá. Na porta da igreja, uma semana depois, Guido Ivan de Carvalho pergunta: “Qual foi sua maior virtude?” “-Penso que foi a tolerância.” Libertado de suas angústias, Padre Aloísio Pereira Pinto se foi, depois, para sempre, deixando alguns cadarços na alma de quem atendeu ao telefone. Não mais veio rever a paróquia de São José e Dores de Alfenas, em que fora vigário. No mesmo pequenino recanto de Minas, no mesmo ano de 1969, o italiano Mário Dante Gibbin tenta coordenar um Acordo de Colaboração Econômica com a Itália e quer fazer uma sociedade intermunicipal, objetivando o desenvolvimento integrado do sul de Minas. Reúne, no Clube XV, prefeitos e deputados; anuncia na Churrascaria Menina Moça uma Autarquia Internacional Sul-Mineira e a cidade sonha, sonha, e não quer despertar. Todos, depois, vão ao Governador do Estado e a cidade continua a sonhar, embriagada com a ideia de ser a sede da Autarquia e de ver as liras e dólares rolando interminavelmente, a região sendo

modernamente desenvolvida com dinheiro italiano. Sonho de uma noite de verão? Ao longo do tempo, o que fez Mário Dante Gibbin? Voltou para a Itália? Onde estará? Na época, estando a cidade agitada com o programa de televisão de Sílvio Santos – “Cidade contra Cidade” – nas poucas conversas informais revela que na Itália havia programa semelhante, chamado na língua italiana “Campanile Sera”. No Colégio Estadual, após licença do titular, a congregação elege o substituto provisório do Diretor. Começa, neste instante, longa e demorada trajetória do substituto nos meandros e volteios da administração escolar. Nesse instante se inicia a dimensão imaginada e planejada do Alto, muito além de quem a executa: desde o princípio foi esse sinceramente o entendimento do substituto. Nos diversos cenários em que atuou, notadamente o último e que dura mais tempo, nem sempre houve correspondência entre o fadário e, do lado de cá, os atos do dia a dia. Tangenciar a linha divisória da ventura e ser, às vezes, empurrado para ultrapassá-la, provoca sensação de se esquivar ao mando. Assim se vão anos e décadas, com a oscilação pendular do cumprimento da fidelidade ao fado e o descumprimento da fidelidade ao fado. Esse entendimento – de executar encargo ou incumbência, ainda que vinda do Alto – não revela certa vaidade e faz resvalar para esse campo escorregadio as derrotas e vitórias? Diariamente o substituto se consulta intimamente sobre isso, nesse cenário que se prolonga: há o perigo de se julgar “iluminado”, “aquele que veio mandado”, messiânico, indivíduo capaz de propiciar um estado ou condição desejável numa sociedade. A meditação não conduz para o resultado paranoico, o do delírio sistematizado. Mas não retira a crença de que alguma coisa comanda seus pensamentos e atitudes, alguma coisa o envolve com manto protetor quando o querem dilacerar e alguma coisa sussurra que sempre devem ser prevalentes a paciência e a

humildade. Sobretudo a humildade que, sempre, lembrará ao substituto que suas obras não são suas obras. Na expressão paulina: “Para eu não me encher de soberba...” E, quando se afasta ou escorrega do seu Destino, ou quando outros, com gentileza ou sem nenhuma, estimulam afastamento do território escorregadio, alguma coisa faz penetrar “um espinho na carne, um esbordoamento” – outra vez usando a linguagem do Apóstolo São Paulo – para que não tenha orgulho das grandezas. As inconstâncias e incertezas das coisas humanas são precisas e literais: longe, de nós distantes, Paulo José Marques de Carvalho, Aloísio Pereira Pinto, Guido Ivan de Carvalho, talvez Mário Dante Gibbin, com certeza Clarice Lispector, José Carlos de Oliveira, Nelson Rodrigues, Malraux, os Coronéis da SS, Charles De Gaulle, Bertold Brecht, Marcuse, Bertrand Russel, o exército alemão, Rafael Alberti. O “Antonio’s”, também, de nós, distante. Permanece, sem distância, o eco, cristalino e puro, de “el zureo de una palomba perdida”.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LVIII

As memórias do tempo passado – que não são as do tempo presente nem a expectativa, ensinada por Santo Agostinho, das coisas que virão – em todo esse tempo passado percorrem a trilha existencial. Exibem-se fragmentos de cenas, pedaços de pensamentos, enfim, tudo parece chegar com a nitidez da paisagem lunar, com suas montanhas e crateras. As retrospectivas são de coisas vividas. Todas as lembranças aportam: não há sequência. Os contornos fustigam o claro-escuro que envolve a natural defensiva. Como chegaram? Como vieram os contornos? Indagações esquecidas: não se cultivam as memórias do tempo passado como se fossem tragadas do modo que está no resíduo do verso de Fernando Pessoa, como pão de fome sem tempo de manteiga nos dentes. Chegaram e vieram. No ritual criado pelos seres humanos no calendário, entramos ou somos introduzidos na década do caminho final. As memórias vêm lépidas e rápidas. Todas querem seu espaço no coração apalermado. Algumas vezes há espanto: Nossa! eu fiz, eu falei! Outras, há defesas e explicações veementes: Eu fiz porque... Eu falei porque... No entanto, nada poderá trazer de volta nada. São coisas pretéritas que não podem ser modificadas, muito menos reparadas. Outras vezes, chega a dúvida: Não deveria ter feito?! Não deveria ter falado?! Ou deveria!? O que impressiona é a variedade com que chegam as memórias. Não se limitam ao estreito território da afetividade e vão mais

além. Vão aos contornos do quotidiano, vão às linhas divisórias da tolice e da desimportância. Tudo é exibido como se a pessoa que chega ao raiar da década final estivesse nas sombras do Juízo Final, tudo vendo, tudo ouvindo, sentindo de novo os doces e os acres sabores. Há sofrimentos? Não: há perplexidades, há acontecimentos que reluzem agora e não mais permanecem guardados e esquecidos. O tom que predomina, contudo, é o de um “lamento suave de violino”, igual ao do poeta francês Verlaine, que escreveu este verso. Há o “encantamento” no desfile das pessoas, vivas ou mortas, que passeiam ao longo dos pensamentos, encantamento descrito por Guimarães Rosa, quando sente que “as pessoas não morrem, ficam encantadas”. Têm cores diferentes e surgem com suas falas e gestos, as mesmas falas e gestos que fizeram e viveram nas cenas de outrora. Incomoda um pouco a entrada na década nova – que, na verdade, não tem nem o brilho do novo, nem a esperança do que é novo! Incomoda o balancete constante lançado com as décadas que agora fazem parte da memória agostiniana e não hesitam em voltar aos poucos? Incomoda. Saber que agora tem sentido profundo e mais verdadeiro o verso escrito na juventude de que “só é se sentir e orar, sobretudo sem ‘miserere nobis’” traz incômodo, traz a melancolia que é duramente combatida. Não há tremor e terror. “Os dias passam e outro se encadeia”, e então aparecem, finalmente, os 10 anos que deverão inevitavelmente diferir dos outros. Millôr Fernandes canta em seu haikai: “A verdade, a verdade, é que sou um homem da minha idade”. Não é o “pé na cova”, conforme pensarão alguns. Haverá muitos amortecimentos, tolerâncias: em tudo deve responder à senectude aos apelos da vaidade e dos prazeres, conforme o que se ensina. O mais insuportável é a indiferença que se confunde com o torpor. Fica aos poucos mais claro, cada vez mais claro, que havia especial e contorneada missão, roteiro,

os talentos bíblicos, que não são moeda antiga e que não poderiam ser escamoteados. Os desvios dessa rota é que serão cobrados. Por quem? Por Quem tem poder para cobrar. E esse alguém não vai cobrar. Mas a vida, os acontecimentos, as falas e os pensamentos dos outros, esses o cobraram: “O inferno são os outros” – doutrina Sartre. Os outros que, de longe ou de perto, aparecem no cenário de balanços e nas projeções cinematográficas ou televisivas existenciais, captados pelas antenas que não sei de onde vieram. Aqui estão todos os outros, no limiar da década que entra e no crepúsculo da década que sai. Fazendo, falando, olhando, todos na memória das coisas presentes, que deveriam ser o tempo das coisas passadas. Simplesmente, são. Não acusam, não perdoam, “pensam, logo existem”. Não dançam o baile dos lêmures, dos fantasmas. A ressurreição da carne se torna o sinal que iguala vivos e mortos. Se se fosse usar imagem kardecista, a gente seria levado a um lugar e poderia ouvir e sentir a todos os acontecimentos, “acontecidos” ou pensados. Porém, com total indiferença. Talvez isso se confunda com serenidade – quero crer – ou com fatalismo. A atmosfera árabe do “maktub” produz fumaça. Todavia, a menção é da serenidade que advém dos sexagenários, dos que mergulham nas águas profundas dos anos que não deverão ser mais dourados, tendo plena consciência do que dizia Sartre: “O homem é o único animal que sabe que é condenado à morte”. As “Sombras na Vila Formosa” vão continuar um pouco mais. Têm o fim de resgatar o passado, as pessoas, vidas anônimas; trazer o relevo dos que em vida aparentemente foram irrelevantes. De vez em quando, voltar ao cotidiano e sua mescla, descrevendo-os, de forma passional, talvez emocional, bem diferente da deste momento e dos dias prévios à inauguração dos anos que virão. Virão? Não se proclama a felicidade nem se engrandece a ventura, para que venham ou não. Duras, as

imagens voltam reais, as palavras retornam reais.

O setembro de 2003 se esvai, lentamente, carregando a expectativa de quem vai abrir uma porta; melhor ainda: é desígnio de Alguém que vai abrir uma porta para ser transposta e realmente não se sabe o que se espreita atrás. Os rostos, as imagens e as palavras de outrora indicam linha divisória. Parece que, após setembro de 2003, “cessa tudo quanto a antiga musa canta”. E a vida que poderia ter sido e que não foi? E o claro-escuro? E o ato de escrever um “Confiteor” como Paulo Setúbal? Não há pensamentos secretos que agora necessitem soçobrar. Não há gestos que agora necessitem ser explicados, atitudes que agora devam ser justificadas. A indiferença talvez seja passageira e fugidia. Transitória, quem sabe seja como uma chuva de verão?! Neste final de setembro de 2003, segunda-feira, 15 de setembro de 2003 – insosso – ela, a indiferença, faz com que a gente não se perturbe mais com a vela que passa, na noite que fica. Deixando tudo seco e ressecado, traz o aceno do setembro que se acaba, do “-enta”, sufixo que muda de raiz e da forma tão realista com que os romanos grafavam numericamente “ele mais xis” – LX – para indicar que assim começava outra década. “Sem lenço, sem documento, nada nos bolsos ou nas mãos”, eu vou para outra década. “Por que não?” A porta, com seus mistérios, para ser aberta e escancarada junto com a contagem regressiva que produz regressão mais rápida! Risos e soluços brotarão, “um precipício de luzes” que não cintilam. Com dignidade, adeus às ilusões, adeus ao decênio. A caminhada do amanhã tem o trotar que não sabe a hora da chegada, como os outros decênios também não sabem. Porém faz conhecer bem que haverá mais tropeços nos buracos e mais sequelas pela frente. O horizonte risonho e franco realmente estará perdido. Eu vou para essa porta. Por que não? Eu vou porque não depende de mim abrir ou não, não de-

pende de mim entrar ou não por essa porta.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LIX

A cidade agitada, as pessoas no corre-corre, o povo indagando, o povo participando, o povo aflito, o frenesi nas ruas e praças. “Campo Belo tinha ficado sem sinal de televisão, não puderam ver o programa” – falam e se angustiam com medo de o mesmo ocorrer aqui. “Cidade contra Cidade” – Silvio Santos aceita a inscrição de duas comunidades, os produtores cotejam as comunidades pela população e outras coisas, e Alfenas foi disputar contra São Joaquim da Barra, do Estado de São Paulo. “Na Itália há programa igual, chama-se ‘Campanile Sera’”, informa o italiano que visita Alfenas com plano para explorar o potencial da represa de Furnas. Os verdes anos animam o jovem alfenense do Colégio Estadual a se apresentar na televisão. Também não há quem tenha coragem – e, os que a têm, não estão preparados para responder a perguntas na TV. Quase todos reconhecem, alguns têm vontade de surgir na tela, mas que é da coragem? Do outro lado, o representante da cidade paulista de São Joaquim da Barra. Ambos devem responder perguntas de Silvio Santos. “Qual o nome da célebre cantora lírica grega?” – Maria Callas. “Qual foi o capitão da seleção brasileira de futebol na Copa de 62?” – Mauro. (Lúcio Leite Amaral confessa que neste momento pulara da cadeira, pois achava que era Bellini). “Como se chama a Veneza Brasileira?” – Recife. E assim o jovem e corajoso alfenense ganha muitos pontos, coloca Alfenas na frente. À última pergunta Sílvia Santos

manda escrever em um papel a resposta, e os que disputam podem apostar quantos pontos querem que valha a pergunta final – a última pergunta, e indaga: “Quem descobriu a penicilina?” – Fácil demais: Flemming, escreveram os dois, o ex-seminarista e o alfenense. Os papéis recolhidos, vitória garantida para Alfenas. Os pontos de Alfenas superiores no decorrer da sabatina. Também a aposta final assegura vitória. De surpresa, Silvio Santos pergunta para o da Vila Formosa de São José e Dolores de Alfenas: “E o primeiro nome?”. Tomado de surpresa, tomado de perplexidade diante da inquisição inesperada, o primeiro nome que veio à mente do alfenense foi Gustavo e a cidade de Alfenas perdeu, o ousado alfenense perdeu. Silvio Santos anuncia que está errada a resposta e, logo em seguida, calmamente, o representante de São Joaquim da Barra recebe a mesma pergunta oral e acerta dizendo ser Alexander, sabendo que o outro não dissera. Tivera mais tempo para acionar a memória. Mais nada. Dois dias depois, Oswaldo Orsi, o pai, defronte à sua loja que possuía enorme letreiro anunciando que “Orsi não faz propaganda”, encontra o jovem alfenense e o abraça efusivamente, dizendo ter sido brilhante seu desempenho. O moço chega tímido. Pensa que a atuação no programa de Silvio Santos aborreceu a todos, como aborreceu a ele. “Não sabia que você era tão competente em Conhecimentos Gerais” – continua Oswaldo Orsi, e seus conceitos saboreados com gosto de mel e suas frases soam como sinos sonoros, que bimbam com alegria. O abraço de Oswaldo Orsi resgata a dedicação, o destemor, a demonstração firme e a disposição e energia diante das situações difíceis ou críticas, a ousadia do esforço. Vem também a lembrança da tarde em que Elba Laudares Pereira Moreira fez revisão geral de Geografia com o respondedor de Alfenas. De Camilo e José de Souza, da Rádio Cultura, os que inscreveram a cidade na peleja na TV

contra outra cidade, tudo volta. Orsi faz saber que quase todos de Alfenas reconhecem que o equívoco final não pode tirar o brilho da sabatina do representante de Alfenas. O amargor daquela noite foi eliminado do coração do moço graças às palavras mansas e serenas de Oswaldo Orsi. Outras pessoas, depois, disseram quase o mesmo. Permanece na lembrança a cena agradável do encontro com Oswaldo Orsi e suas animadoras palavras. Naquele momento ele tornou a hora mais bela para o jovem sabatinado no programa de Silvio Santos. Depois houve outros encontros com Oswaldo Orsi no bar de Maurício Lomonte. O vinho italiano que chega e é experimentado, a língua italiana massacrada por um e as palavras dessa língua belamente pronunciadas por Oswaldo Orsi. O descendente da gente italiana, de pé, em frente à sua loja, recebendo com afeto e com alegria quem vinha cabisbaixo do programa “Cidade contra Cidade”. No programa de Silvio Santos, outros também brilharam. O menino das Bandeiras, o pequenino filho de Vicente de Carvalho, dando exibição de prodigiosa memória ao identificar todas as Bandeiras do mundo. A argumentação lógica e precisa de Lincoln Silveira diante de um Silvio Santos atônito, ao ver que os pontos dados ao homem que andava nas brasas de São Joaquim da Barra eram contestados de maneira tão vigorosa. A menina Petra Munhoz, hoje senhora Julio de Fátima Alves Pereira, cantando *Lampião de Gás*, o bailado, a banda musical das meninas da escola de Dirce Moura Leite. De outra vez, em outra noite – era 15 de dezembro – uma lua doente nos observa da estrada de terra. Em pequeno Volks azul vamos com Lincoln Silveira e Hesse Luis Pereira até Divisa Nova. Em frente à igreja, carregando as crianças em carrinho que rodava nos passeios, está José Wurtemberg Manso, que, com certeza, não pensa em política, cargos eletivos, disputas eleitorais, mas apenas no aluguel do carrinho da festa da pa-

droeira da igreja de Divisa Nova. E permanece tranquilo, estimulando as crianças todas em seu carrinho. Na janela da Casa Paroquial, a tudo contempla a mãe do Padre Homero Hélio de Oliveira. O prefeito de Divisa leva os alfenenses ao baile em uma casa velha, ao lado da igreja. De terno branco, com idade avançada, alto, dança sempre, todas as vezes, o último representante da geração dos Morenos de sobrenome. Como na música de Gilberto Gil, alguém grita: “Olha a faca! Olha a faca!” Como no romance de Érico Veríssimo, mais alguém grita: “Molestaram um homem!” Alguns se escondem debaixo das mesas, cadeiras empurradas, o terno de linho branco do senhor Moreno amassado na paisagem humana e desordenada. “Olha a faca!” Todos se precipitam para fora. Vexado, o Prefeito de Divisa Nova se desdobra em desculpas, age como quem tivesse dado e levado a facada. Sente-se envergonhado perante os visitantes. Consegue sair da casa o dançarino Moreno, dirige brados de lamento, dirige brados de conciliação, pede calma, não se conforma com o encerramento das danças que o fazem pontificar no salão de Divisa Nova. No Volks azul, diante de uma lua doente, avançamos na estrada de terra, cada qual com seus cuidados. Divisa Nova fica para trás, 15 de dezembro, – o ano era 67? Descendo a rua a pé, ouço o alto-falante irradiar as canções natalinas do Padre José Grimminck: *Adeste Fidelis*, *Tannenbaum*, Noite Feliz. O vigário lembra musicalmente que o Natal está chegando. Na igreja N.S. Aparecida, o alto-falante, interminável, continua com as melodias, as paisagens nevadas brotando ao som que vem de longe. Metade da cidade escuta o aparelho da igreja tocando *Mille Cherubini in Coro*. Agora, o silêncio desses alto-falantes massacra quem já ouviu seus ruídos, suas canções, a repetição anual dos contornos sonoros anunciando o Natal que chegava. “Todo vale será alteado, toda colina e montanha serão aplainadas, os cami-

nhos tortuosos tornar-se-ão retos e os ásperos aplainados”. O brado de São João Batista ecoa fraco, frágil. E o Volks azul prossegue na poeira. São Joaquim da Barra não chega a ser um retrato na parede. Continua na interminável e simpática dança o homem de terno de linho branco: ele rodopia pelo salão. Oswaldo Orsi sorri com amizade para o destemido respondedor da televisão. Sem responsabilidade ou culpa nenhuma pelo episódio, o prefeito de Divisa Nova chama para si o incidente dos seus conterrâneos e se abate. José de Souza lê poemas de J.G. de Araújo Jorge no *Sonho Azul*, programa da Rádio Cultura. Elba Laudares Pereira Moreira, surpresa diante da televisão, pensa que poderia dispor de mais horas e dias para ensinar Geografia ao ver de chofre o audacioso alfenense no programa *Cidade contra Cidade*. As músicas do Padre Jose Grimminck recordam que se devem preparar os caminhos. A lua, ainda doente, indaga dos que descem do Volks: “Os caminhos... onde estão os caminhos?”

SOMBRAS DA VILA FORMOSA

LX

Na livraria de Neder, conheço os livros de Jean Paul Sartre. No prédio da Padaria Central – ou perto dele – o Capitão Neder monta uma livraria-papelaria, logo fechada, pois seu dono é convocado às pressas para o Exército, que interrompe sua prolongada licença. Naquela estreita rua Cônego José Carlos, encontro “Os Caminhos da Liberdade” e a empolgação rega as noites brancas. Depois, “As Palavras”, “O Muro”, e o existencialismo sartreano ponteia tudo, mal sabendo eu que, naquela época, Jean Paul Sartre para muitos é considerado fora de moda. “Onde estão os negros?” – a pergunta insistente que Sartre fazia quando veio ao Brasil e foi rodeado pelos altos intelectuais paulistanos. Sua companheira, Simone de Beauvoir, fez conferência em Araraquara e as lembranças que relata em seu livro de memórias mal citam o Brasil, consideram a arquitetura de Brasília tão maçante quanto os arredores dos bairros modernos de Moscou. Nem por isso deixo de vasculhar a livraria do capitão Neder em busca de seus livros. O capitão veio para Alfenas na leva dos batistas que compraram o Colégio de Alfenas. E o chefe da equipe era o Pastor Adão, o líder da Igreja Batista que se lança na educação da Vila Formosa de São Jose e Dores de Alfenas. Onde estará, agora, o Capitão Neder e onde estará o Pastor Adão? Ninguém mais se referiu a eles e não tenho notícia do destino de cada um. Estarão vivos? Vivo e bom orador, culto e inteligente, como sempre, encontro-me

com João Marques. Deputado e vice-governador, cargos e funções que exerceu com notável brilhantismo, preferiu falar dos tempos de Muzambinho e Guaxupé, do professor Curi, de quem, quando estive em Sintra, Portugal, me lembrei ao dizer, inteirinho, o poema de Fernando Pessoa – “Na estrada de Sintra” – declamado por ele, Curi. Através dele também fui introduzido ao poeta José Régio – “Eu não vou por aí”. Luminares da literatura portuguesa, que Curi conhecia tão bem. João Marques também fala de sua viagem a Mato Grosso, do pouso forçado do avião, fala de uma antiga inspeção a um exame de madureza – ocorrida em Muzambinho – quando avaliou o comportamento deste escrevinhador. Só agora revela isto, longas décadas depois do exame de madureza, quando tantos paulistas vinham a Minas Gerais em busca do – imaginem – diploma de ensino médio! Agora o diploma de ensino superior está ao fácil alcance de todos. Não será preciso repetir o longínquo drama do exame de madureza de Muzambinho para se obter um diploma superior. Em Varginha, reverencio o corpo inerte do Dr. Tomé Guimarães. Promotor de Justiça em Alfenas, por muitos anos, Dr. Tomé Guimarães deixa marcas de sua retidão e de sua cultura. Deixa marcas que não passam. Sem jamais jactar-se, sem nenhuma ostentação, exerce suas funções com humildade e sem pusilanidade, como todos os Promotores que estiveram ou estão em Alfenas. Observador, certa feita considera a redação da então advogada militante Sonia Boczar como uma das mais corretas e escorreitas da Comarca. Dr. Tomé se foi aos 78 anos. Não foi uma sombra sombria na Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas. Não trouxe escuridão. Trouxe luz. Uma sombra, sim, que trouxe proteção e amparo, deixando sempre a luz passar, mas impregnando seu território com refrigério, calma e paz.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXI

Com um teclado eletrônico, o adolescente mexicano dá vida ao sonolento hotel. José de Ribamar Reis Soares escuta comigo: “De la sierra morena, cielito lindo...” O “joven-cito” do México canta *Cielito Lindo* e suas mãos passeiam pelo teclado. O maranhense José de Ribamar veio cursar a Escola de Sargento das Armas, de Três Corações. Gostou e não mais voltou ao seu Maranhão. Nunca mais? Não, muitos anos depois lá está, advogando, na mesma cidade onde é bispo Dom Ricardo Paglia, Missionário do Sagrado Coração (a Congregação que iniciou suas atividades nesta Vila Formosa), e na mesma terra natal de Sarney. Ambos voltamos dos Estados Unidos, do Texas, e, no México, curtimos o *Cielito Lindo* em um hotel triste e enfadonho, que mais aumenta as saudades do Brasil. No México sentimos na carne o ensinamento de Alceu Amoroso Lima. Para o escritor, Deus alimenta nossa crença nEle na fogueira das decepções humanas. Mas era muito cedo para avaliar as decepções humanas, muitas fogueiras ainda viriam e muita lenha haveria de torrar. No quarto do hotel, o incidente do Texas marcou com amargor os dois brasileiros. Parecem estranhos. Em um país estrangeiro, mais profundo se torna o afastamento, mais grave, mais incompreensível, mais dramático. Nem na praça onde tocam os mexicanos seus instrumentos de sopro, com seus grandes chapéus, nem neste momento arrefecem o constrangimento e o que parece ser infelicidade. Queremos

voltar para o Brasil; junto com Ribamar, não vimos muita coisa da cidade do México e renunciamos à visita a Lima. A ânsia de regressar para o Brasil preponderou. Estar longe da pátria causava sofrimento. E as lembranças de Austin, no Texas, faziam crescer as labaredas na fogueira descritas por Alceu Amoroso Lima. Depois, anos depois, ele, Ribamar, no Maranhão e eu falamos sempre pelo telefone: a EMBRA-TEL embala nossas conversas. Em outro momento, há um mágico: o homem nos espanta com os rodopios, seus voos; a mágica alada prende a atenção. José Carlos Banhos, presente, mais conhecido como “Batuque”, “o último a ser consagrado cavaleiro pelo Rei Artur e o último a deixá-lo”, para usar uma frase do filósofo inglês Chesterton. O que mais se admira em José Carlos Banhos é sua coerência com tudo. Às vezes o sangue espanhol o faz ruborizar de raiva, mas ela logo passa como nuvem passageira. Outra vez, está presente no show de Pavarotti, Plácido Domingo e Carreras, em pleno estádio de futebol, em São Paulo. Ao lado, admira os três tenores e suas canções. Em um longo decênio está presente, ouvindo, à noite, no Rancho das Cachoeiras: “No galho seco vi pouso um passarinho...”. Esta presença conforta como naquela tarde de dezembro, há 14 anos, quando o escrevinhador se julga desamparado depois do enterro da genitora. A presença de José Carlos Banhos é a certeza de que não vai acontecer o descrito por André Fouché, o camaleão da política francesa: “O ingrato sente necessidade de destruir seu benfeitor para, deste modo, fazer destruir o ônus da gratidão”.

Na prática diária, repete Aristóteles: não tem sofrimento pelo triunfo alheio, nem felicidade pelo fracasso alheio. Sua tranquilidade senhoril acaba conquistando todas as rodas, todos os esquemas. Dificilmente alguém poderá, como ele, proclamar que “conquistou o respeito dos homens inteligentes” e deu ao mundo o melhor de si. Todos disputam sua

companhia ainda que fique calado, mudo, sem voz, como de certa feita ficou, vindo de Campinas, em tratamento das cordas vocais. Alguns, prevendo a hora final, como já aconteceu, tentam desesperadamente falar com ele porque sabem que de José Carlos Banhos sairá o som que poderá levar as recomendações aos que ficam e introduzi-los serenamente no círculo misterioso que chega. A festa do gasparlopesense ausente vai perdurar no coração de tantos que nasceram e viveram em Gaspar Lopes, com suas ruas empoeiradas, suas manhãs de frio e suas moças bonitas. O espírito de Gaspar Lopes predomina na geração que viveu nesse distrito: a fala mansa, a cabeça baixa, a modéstia sem disfarce, os valores cultivados e sobretudo a grande alegria de viver. A vida é uma grande aventura – reconhecem – mas uma aventura alegre e divertida, espaço de tempo faceiro em que são mais importantes a beleza dos crepúsculos e o encanto das auroras indormidas do que o rugoso espetáculo da idade da razão. Não há nenhuma irresponsabilidade, nenhum “laissez-faire”, nada disso. Sempre alegres, mas sem a entrega à lassidão, à diminuição de forças, ao deixar passar. A conquista diária é um traço nessa geração de gasparlopesenses tão bem representada por José Carlos Banhos. Uma geração que é muito grande, no dizer de Nietzsche, “para não sentir nem ódio, nem inveja”, pois que, para o filósofo e professor alemão de línguas clássicas, para isso “é preciso ser muito grande”. “Nenhuma reação poderia ser mais desvantajosa para quem está corroído, exaurido” pelo ódio e pela inveja – conclui Nietzsche. E os homens e as mulheres de Gaspar Lopes, contemporâneos de José Carlos Banhos, se esquivam do que Unamuno chama de “morbidez psíquica”. Tantos dias e noites, tantas histórias, tantas viagens, mas parece pouco. Para todos é muito bom saber que ele fica às vezes rubro, às vezes calado, mas sua constância faz captar o sentimento de segurança de que

carece o mundo. De que carecemos quase todos. E as nossas carências são plenamente supridas pelo grande homem, pelo grande gasparlopense que se chama José Carlos Banhos, o “Batuque”.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXII

A técnica do romancista norte-americano John dos Passos do saltar de uma imagem para outra, muito usada no cinema e que antigamente se chamava “cortes”, motiva novamente estas “Sombras”. Vejo tudo embaralhado, sem sequência: as imagens chegam e saem, e lamento não dominar com destreza e virtuosismo a técnica de John dos Passos. Sinto vontade de criar um Prêmio Nobel pessoal, de dentro, do coração. Não estou invadido por um colorido que adquire os contornos da loucura, nem pela virtude da bondade que ultrapassa a razão. Sinto vontade, mesmo sabendo que tantos não serão citados, sinto vontade de, ao som de alguma canção do passado, deixar registros. Um deles é que, de bicicleta, a jovem Beatriz Magalhães da Silveira permite fotografia com Francisca do Rosário Maia: a praça tem pedras brancas. Há chamado religioso que leva a jovem Beatriz ao convento, à casa do silêncio, ao repouso, à calma. O garotinho não entende bem, sabe que a moça vai para um lugar aonde a tia não poderá ir. “Deus mora lá?” – a inocente pergunta que a conversa provoca. “Sim, Deus reside lá, é a casa de Deus...” e a voz da tia solteira ressoa agora como sussurro ao longe e dói bastante. Thomas Dylan, o poeta do País de Gales, na “Conversa das Preces” desabafa: “Na conversa das preces em torno do que hão de dizer/ a criança que se deita e o homem nas escadas!”. A imagem da bicicleta, do lugar onde morava Deus e a que a tia não poderia ir, tudo embaralha a

cabecinha cheia de cachos de cabelo do menino descalço. “Debaixo dos caracóis do teu cabelo” – a canção que Roberto Carlos fez para Caetano Veloso e que se ouve em um rádio, em Brasília, junto com Alaor de Carvalho Moura. Na Capital Federal, a turma só composta de matogrossenses. Os dois mineiros caminham nos corredores da Universidade de Brasília e sentem vontade de cantar: “Oh seriema do Mato Grosso, teu canto triste me faz lembrar...” Um deles – dentista – mineiro. Morava em Maracaju: então, vinha com ele o canto da seriema? Mas que fazia o dentista no Mato Grosso? Em Maracaju? Mistério que não preocupava nada os mineiros entediados com os longos fins de semana em Brasília. Uma alfenense lança espinho na conversa: “Então, fazem curso livre em Brasília?” Que diria ela hoje do ensino a distância, quando é possível obter dessa maneira o grau de Doutor em Harvard! Prêmio Nobel post – mortem contemplaria Alaor de Carvalho Moura. Não há necessidade de justificar nada. Faz lembrar Alphonsus de Guimarães: “E como um anjo pendeu/ as asas para voar.../Querida a lua do céu, /Querida a lua do mar...”. Outro iria para Irmã Beatriz. Reúne, agora, quase todos de seu antigo Coral Bem-te-vi e os coroinhas da época. Encontro que perdi – embora tivesse programado tudo para comparecer – porque, quase na mesma hora, meditava na vã filosofia que há entre o céu e a terra e levei à sepultura grande amiga de dona Alzira e embalava, à minha maneira, aquele que enfrenta seu Destino Inevitável de peito aberto e coragem desmedida. Então perdi o reviver que Irmã Beatriz provoca nos que renascem. Outro Prêmio Nobel entregue para Rachel Prado de Carvalho. No Clube XV, ao som da música da Família Lima, a Universidade publicamente reconhece e se curva diante da força cultural da cidade. Na platéia, Newton Prado de Carvalho, Madre Maria José e tantos que sabem que Rachel Prado de Carvalho, a vida inteira,

esparge luz e calor. A existência do prédio do Clube basta para se justificar porque é o local onde a comunidade pode demonstrar a ela o afeto que não se encerra. Se o Clube fosse destruído como o foi o templo de Jerusalém, já estaria plenamente legitimado porque é o local público da perfilhação à Rachel Prado de Carvalho. Culta e alta conhecedora da língua portuguesa, concilia de modo admirável o labor intelectual com a extrema dedicação e um amor filial que não tem fronteiras. Até o fim, é filha pela genética e pelo afeto sem limites. A cidade reconhece o valor cultural de Rachel Prado de Carvalho. Quando tantos se arrastam em um jogo baixo e rasteiro e arrotam ao seu minúsculo público a falácia de atitudes sem ética e sem pudor, dá gosto ver e conviver com o sólido norte cultural de Rachel e sua conduta limpa, reta, sem nódoas e impecável, deixando para longe o conteúdo do título da peça do teatrólogo Plínio Marcos – “Dois perdidos numa noite suja” – muito distante, sem conseguir chegar perto dela. Em noite de gala entregaria meu prêmio Nobel interior também a Waldir de Luna Carneiro. Em uma sala, à noite, diante de algumas pessoas, Waldir faz a leitura de nova peça teatral – “E habitou entre nós”. Não era uma comédia: ele transita com talento e maestria em vários campos literários. O mês de Natal chega, a Noche Buena vem nos timbres vocais dele. Nunca me esqueço da fala de sua peça e de seu diálogo: “Ouço, ao longe, vozes de pastores.” Os pastores estão no mundo imaginário de dona Célia Sabóia como vigilantes do nascimento do filho de Deus. Ajuda a todos, cuidou intensamente de sua mãe, vive fé inabalável e simples. Canta as músicas sacras das procissões e faz a “Adoração ao Santíssimo” como quem está sinceramente diante do Mistério, segura de encontrar a Verdade. Para ela, o Reino não é só algo florido no céu: transborda no interior. Tem o poder miraculoso da humildade, sente tristeza pelos outros, tem a bondade íntima

do coração: “Bem aventurados os que têm coração puro, pois verão a Deus”. Repete, desse modo, a resposta de Santa Teresa de Ávila citada por Elisabeth Reynaud que, por quinze anos, dedicou-se aos estudos da espanhola denunciada como neta de judeu convertido: “Não vejo Jesus Cristo nem com os olhos do corpo nem com os da alma porque a visão é sem imagem; mas constato Sua presença com maior grau de certeza de que se O visse com meu olhos.” E para ela e para muitos, Ele, Deus, está ali, no Santíssimo. Ela não sentiria nenhuma vaidade se recebesse esse Prêmio Nobel porque não é dominada pelas paixões. Nas montanhas de Petrópolis, em meio à cerração, cuidando de suas velhinhas e da Pousada que dá sustento ao abrigo, ali deve estar Irmã Martha Maria Monteiro Salles. Com tranqüilidade seria outra premiada. Culta, da Congregação de Sion, irmã Martha pertence a família de Piracicaba e pôde usufruir dos bons tempos em que as alunas e freiras dos Colégios de Sion podiam ostentar conhecimento da língua francesa. Abandonou sua família para viver a vida religiosa. Conhece bem Israel e a França. Quando a igreja católica aderiu ao *aggiornamento*, Irmã Martha deixou os tecidos de seu hábito de freira, vestiu roupa comum e montou aqui perto, em Machado, perto do cemitério local, uma casa para cuidar dos pobres e das freiras que a vida toda estiveram em um Colégio. Sustentava a casa com fábrica de doces. Um deles tinha o nome de “Meu Bom José” – referência certamente à música francesa da época, também de grande sucesso no Brasil – e Irmã Rosa, com o rosto rosado, era a cozinheira da fábrica de doces. Chegou a ser Diretora do Ginásio em Poço Fundo. Lembro-me de dizer que faria viagem a Brasília para pedir um ginásio para Poço Fundo ao poderoso general Isaac Naum. “Fui professora de sua parente, no colégio”. E consegue o ginásio. Cuidou, até a morte, de uma tia velha, em Juiz de Fora. Via-a, depois, em meio às

montanhas e serras de Petrópolis. Traz a mesma aparente secura que esconde alma generosa. Há mais de sete anos não a vejo. Nem tenho notícias dela. Sinto, no entanto, tanta admiração, tanto conforto em vê-la e em conversar com ela! O filósofo italiano Norberto Bobbio, falecido recentemente, parece estar desenhando o perfil de Irmã Marta: “O manso é o homem calmo, tranquilo, que não se ofende por pouca coisa, que vive e deixa viver, que não reage à maldade gratuita, não por fraqueza, mas por aceitação consciente do mal cotidiano. A serenidade é, ao contrário, uma disposição de espírito que somente resplandece na presença do outro: o sereno é o homem de que o outro necessita para vencer o mal dentro de si”. Espero que ela esteja lá ainda, na sua floresta serrana, no seu recanto perdido e amorável de Petrópolis. Com indisfarçável júbilo, anunciaria o nome de Ignês Leite Vilhena. Também está na minha lista de premiados. Autêntica. Sabia que nos permitem viver um espaço de tempo na vida sem as tintas brancas dos anacoretas. Mas, sabe, também, que a alma não pode perder o que sempre teve. Uma mulher de discernimento, tal como é, não se preocupa com isso. “Não há espada que a corte, fogo que a queime, água que a molhe, vento que a seque”, como ensina o iniciado indiano. “Ambas estão salvas” – na pregação de Krishna, em um episódio de sua vida – “pois esta tem a fé e aquela o amor”. Meu Nobel, de dentro do peito, contempla Ignês Leite Vilhena, a simbiose quase perfeita entre a fé e o amor. Crê n’Aquele que não muda: distribuiu e distribui amor aos pais, irmãos, sobrinhos, amigos e desamigos. Ela cintila na luz e quer sempre levar seu esplendor àqueles que vagam na escuridão. “Não caberiam no mundo os livros que seriam escritos” – imitando o evangelista, se eu conseguisse arrolar o nome de todos que receberiam meu Prêmio Nobel. São muitos. E muitos. E muitos. O iniciado indiano continua em sua doutrina, dizen-

do: “Não façam somente o bem, mas sejam bons”. Parece que ele descreve os agraciados acima. “Da mesma forma a terra suporta aqueles que a esmagam com os pés e lhe rasgam o seio trabalhando-a, da mesma forma devemos dar o bem pelo mal.” E nas florestas da Índia ou nos pés do Himalaia, o grande Krishna, há mais de 3000 anos, instruía seus discípulos. As vozes de pastores dizem o mesmo mandamento na leitura de Waldir de Luna Carneiro. E, em 2004, dia e noite, há tentativa de fazer coisa igual: reagir aos golpes dos maus perfumando o machado que tenta cortar, dar-lhes o frescor da vida.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXIII

No chevrolet preto, Pedro Martins de Siqueira vai até a Prefeitura, passa pela EFOA. Prefeito, Diretor da Escola de Farmácia e Odontologia, presidente da Vila Vicentina, Gerente da Cooperativa, Pedro Martins de Siqueira prepara a grande revolução urbana para a cidade. Manda cortar o bosque, a floresta da praça principal. No tempo em que não havia preocupação com as matas e nem serra elétrica, contrata machadeiros que derrubam numa noite as árvores centenárias da praça central desta Vila Formosa. Ato de coragem. A visão de Pedro Siqueira, no entanto, vai além dos estreitos horizontes de muitos de seus críticos. Contudo, mulher de amplos horizontes, uma de suas críticas mais contundentes foi Tânit Faria Duarte. Culta, professora de renome, escreve no jornal local contra o deserto que surge, revelando, na época, avançados e antecipados conhecimentos de gestão ambiental e ecologia. Com o pseudônimo de *A. Dei*, semanalmente publica sua crônica no jornal “O Alfenense”. *A. Dei* significa *Ancilla Dei*, serva de Deus. Desta vez batiza o gesto do então Prefeito como de uma alma de cangaço. Ele responde, em outro artigo, na semana seguinte, com o título de *Resposta de o dono da alma do cangaço*. Quem lê hoje esses escritos admira o nível elevado de cada um. O prefeito teve a felicidade de construir uma bela praça no lugar do bosque. Importa um jardineiro de Alpinópolis – José Pedro Couto – artista e de bom gosto, que dá aos canteiros e às

flores o encanto de um jardim que conquista os alfenenses. Mais ainda: instala fonte luminosa que passa a ser referência para o povo. O banco coletivo ao redor da fonte, na metade da praça, se torna local adorável para os namorados e suas carícias escondidas. Como Juscelino do Prado Barbosa, Pedro Martins de Siqueira ama a cidade e antevê feitos que vão diferenciá-la no seu futuro. Ainda no campo da arquitetura, construiu na praça uma concha acústica, bela, mas, infelizmente, nada tem de acústica. É acanhada também. Isso não retira o mérito de ter sido um grande alfenense e um talentoso administrador das coisas públicas. Não é de sua responsabilidade e nem obra sua a mutilação ou desaparecimento de relíquias arquitetônicas e urbanísticas, até hoje choradas por todos e que não se evaporaram na fumaça do tempo: o prédio antigo do Fórum (derrubado por grande equívoco político), o corte da Paineira (outro equívoco político-administrativo), a reforma da Matriz (desfiguramento de sua arquitetura colonial, atribuído ao vigário da época, mas cuja comissão foi co-responsável), construção de rodoviária e mercado na antiga Praça da Bandeira, (prédio e barracão feios, que engoliram metade do terreno da belíssima praça). Nada disso teve o dedo de Pedro Siqueira. Mesmo porque, quando aconteceram, ele não estava entre nós. Pedras não são jogadas nos que se equivocaram. Muita coisa útil certamente fizeram pela comunidade. Frequenta Pedro Siqueira todos os dias o Bar de João Araújo, no prédio do Hotel Paraíso. Verdadeira liderança, presente em quase todos os enterros, em quase todos os casamentos, seu relacionamento com a Igreja Católica é estreito. Cultiva sua condição de homem solteiro até o fim. E falece muito cedo, de surpresa, deixando a cidade espantada. “Não lhe posso dar um bom dia alegre e fagueiro”— a crônica no *Bom Dia para você, Alfenas*, lida naquela abafada manhã de domingo pelo Dr. Roque Tamburini, na Rádio Cultura. E

Pedro Martins de Siqueira parte para a Praça da Saudade no cortejo, seguido por tanta, tanta gente! Alguns anos antes, Juscelino do Prado Barbosa inaugura outro ponto referencial: o cine Alfenas. Não havia televisão: no auge do cinema, o mundo cinematográfico inunda as fantasias e ilusões. Antes das mais populosas e desenvolvidas cidades da região e até do país, Alfenas, graças a ele, exhibe prédio para cinema com arquitetura arrojada e acabamento luxuoso. João Caetano Saraiva era o português do Rio trazido como pedreiro principal, por Juscelino do Prado Barbosa; Constantino Marzullo, como pintor. A obra arquitetônica do cinema causa estupor na cidade pelo capricho e requinte: Como pode uma cidade tão pequena ter um prédio de cinema tão majestoso? O primeiro filme foi “Sempre no meu Coração”; o segundo, “A Rosa da Esperança”. Juscelino adquire várias ações do Clube XV para ajudar a transação e construir o cinema, tira o Clube do local onde é hoje o que resta do cinema: adquire mais terreno, compra outro e manda construir o Clube onde hoje está. Faz vários negócios para concluir tudo. Coloca sua inteligência e seu esforço para tornar realizável a transação e dar de presente à sua terra um belíssimo edifício, nas suas bodas de prata com dona Silvia Silveira Barbosa, irmã do competente e culto médico Emílio Soares da Silveira. Que ninguém se esqueça de que, na década de 40, não havia uma única rua ou praça calçada. Para inaugurar o prédio, Juscelino Barbosa mandou calçar a praça, em toda extensão da rua do cinema. O trem da rede mineira era o meio mais adequado para vir-se do Rio até Alfenas. Freta o trem inteirinho, coloca nele seus amigos cariocas e... rumo à Vila Formosa de São José e Dolores de Alfenas. Ninguém custeia nada, como também ninguém da comitiva paga nada em qualquer bar, em qualquer loja que entre, compre o que for, enquanto estiver em Alfenas! Tudo era pago por ele. Anfitrião inigualável, trouxe altas

rodas do Rio de Janeiro para as estreitas e poeirentas ruas de um recanto perdido em Minas. Não permitiu que tivessem qualquer despesa. Homem de visão, na década de 40 também colabora com a Prefeitura em suas obras e, dentre outras coisas, ajuda a acertar a íngreme topografia da antiga rua Cabo Verde, que hoje leva seu nome. Nos anos 40, sensibilizado com as causas sociais, imagina local exclusivo de entrada no cinema para os operários. Penso que para evitar constrangimento para eles porque, na época, a separação de classes sociais era pesada e com nitidez inegável. Até nas roupas havia distinção. Foi o que bastou para fazer aflorar mais antipatias. Confundiam sua preocupação em facilitar o acesso dos operários com odiosa discriminação. E tudo começou. O revide, a princípio surdo, aos poucos se torna audível. “É o cinema dos ricos!”, exclamavam, alguns com sinceridade, porém mal informados, outros com maledicência. E Juscelino, por amor à cidade, apenas desejou que ela tivesse um belo cinema. Seria muito mais vantajoso, para ele, aplicar seus recursos financeiros no Rio e usar sua inteligência, energias e perspicácia nos seus negócios na Velhacap. Quando o cine Alfenas passou a exhibir somente filmes franceses, com pouca frequência, em virtude, quero crer, de intrincadas questões de distribuição, a pouca frequência foi para muitos motivo de regozijo e contentamento. Torciam, os derrotistas de sempre, pelo insucesso. Na década de 40, como hoje, a questão nacional era comemorada como se fosse responsabilidade do cinema, para eles o primeiro fracasso do cine Alfenas. No entender do filósofo espanhol Miguel de Unamuno, a “morbidez psíquica” exibida pelos hispânicos e também pelos colonizadores portugueses do Brasil subverte o Primeiro Mandamento, do outro lado do Atlântico, lendo-o, assim: “Odeia o próximo como a ti mesmo”. Algum imbecil deve ter classificado Juscelino do Prado Barbosa como megalomaniaco. E as hienas,

tão bem descritas no furor nordestino de Normando Trindade de Moraes, gargalhavam ávidas pelos futuros despojos do cine Alfenas. Já naquela época, os fracassados não perdoavam os bem sucedidos. (Recentemente falecido, o teatrólogo Pedro Bloch escreveu peça muito encenada em Alfenas. Seu título: “ Os imbecis vão para o Inferno.”) Tudo termina quando Juscelino não suporta a hostilidade e a ingratidão, a humilhação do fiscal da Prefeitura, que conta acintosamente ingresso por ingresso, todas as noites, ano por ano, vigilante pelo imposto municipal. Condenado na comarca de Alfenas por ter soqueado o fiscal, condenação depois transformada em sursis pelo Tribunal de Justiça, Juscelino volta para o Rio e fica longos anos sem vir a Alfenas. Adeus hotel que ia ser construído, adeus aeroporto, adeus linha telefônica, adeus progresso material da Vila Formosa. Juscelino se curva aos medíocres, aos fracassados, aos que não fazem nada, aos que cuidam de destruir sua obra. Deixa para eles as tarefas de cuidar de Alfenas e seu povo – o que nunca fizeram, porque não são capazes de construir nada. Em “O Paraíso Perdido”, o poeta inglês Milton diz, em 1667, ser para Satã “intolerável o peso do reconhecimento”. As atitudes tipicamente ressentidas dos recipiendários de ajuda exercitam mecanismo de defesa psicológica que faz os doadores silenciar diante dessa perturbadora realidade – como tão bem ensina Zuenir Ventura em seu livro “Mal Secreto”. Alfenas, neste episódio, foi recipiendária, Juscelino do Prado Barbosa, doador. Ele partiu para o Rio. Deixou para trás sua invejada obra, ao sabor da mesma insensata fúria dos que seguiram o grego Cílon na sua investida contra a casa de Pitágoras. “O que é esse mestre, – discursa Cílon, sublevando seu bando – ‘esse pretendo semideus, ao qual se obedece cegamente e que só tem que dar uma ordem para que todos seus irmãos gritem: o mestre o disse!’. Teve infeliz sucesso a fala de Cílon para a multidão

tempestuosa, e o doce Pitágoras, na sua cidade de Crotona, na Grécia antiga, sucumbiu. Ao contrário, Juscelino do Prado Barbosa continuou vencendo, no Rio, longe de Crotona, longe de Cílon, longe das paixões desenfreadas, longe dos furores da demagogia. As memórias de Pedro Martins de Siqueira e Juscelino do Prado Barbosa são lembradas para que as novas gerações saibam que na história da cidade houve homens que amaram Alfenas e deixaram rastros luminosos, sem corrosão. Para que as novas gerações se aproximem dessa zona estrelada do passado. Casemiro de Abreu entoou: “Todos cantam sua terra: também vou cantar a minha.” Eles deixaram obras, nunca o gosto seco e amargo em uma nuvem negra, nunca o eco dos gritos e gemidos despedaçados. Quando se fala deles, os mais velhos, que os conheceram, imaginam um grande bater de asas, uma região solar, e nós, que os conhecemos pouco, ao ver a praça descuidada, os jardins que murcham, o prédio distanciado e feio, nós sentimos quanto esses homens gostavam de sua terra natal. Em outro tempo, em outro espaço, numa casa de fados, os alfenenses balançam ao som das melodias tristes: “De quem eu gosto, só às paredes confesso”. De xale, as cantoras portuguesas arrastam as notas musicais por influência árabe. Com suas guitarras portuguesas, os homens, velhos e engravatados, ponteiam a tristeza daquelas músicas: “Quando Lisboa canta”, o fado rega o bacalhau, que não pode ser mastigado enquanto cantam e tocam. Várias imagens colocam-se superpostas. Dona Alzira ali está, entusiasmada pela sopa de feijão, no país em que consegue entender grande parte do que o povo fala. Em outra mesa, parecem estar João Lacerda Jr, João Batista Franco, Aécio José da Silva, Luiz do Prado Ramos, Álvaro Jaime Rebelo. E outros. Ou foi em outra época, em outro momento? Despedida da última noite em Portugal naquela vez. Há uma curta fala: o escriba agradece porque vieram. Agora, em ou-

tra vez, as cantoras são jovens, são bonitas. A música continua triste e langorosa. O vinho desce nas gargantas carregando a melancolia do fado. Ao longe, o castelo de São Jorge, iluminado, outro vinho, mais um, descendo na garganta. O pianista não toca músicas portuguesas: prefere “Fascinação”. Vem a inevitável e leve lembrança de outro Juscelino, o Juscelino Ferreira, cantando essa música no cassino de Poços de Caldas ou nas noites indormidas de Alfenas. A chuva e o vento também entristecem a chegada a Fátima. Não há atmosfera de paz e de sacralidade. Os nômades não recebem de Fátima nenhum consolo, nenhuma tranquilidade do clima. “Non sunt digni” – e a raiva da natureza exterioriza desgraças e sofrimentos. O fado português cadencia a frequência da alma atordoada: “Coimbra do choupal / ainda és capital / do amor em Portugal”. Quantas vezes, o rádio ligado, quantas vezes se cantam esses versos e se solfeja essa melodia?! A portuguesa Esther de Abreu canta pela Rádio Nacional! Os alfenenses partem para mares nunca dantes navegados. “Fita, com olhar esfíngico e fatal, / o Ocidente, futuro do passado, / o rosto com que fita é Portugal.”

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXIV

O congresso da União Estadual dos Estudantes – UEE – traz o estudante Murilo Badaró. No final dos anos 40 ou início dos anos 50, poucas cidades podem ostentar título de Cidade Universitária. E a delegação da UEE chega à bucólica e pacata Vila Formosa de Alfenas e desfruta de nossas exuberantes e lindas praças, da paineira, das palmeiras do sobrado; namoram as nossas moças mais bonitas e, nos bailes, pelas madrugadas, esses estudantes exibem o doce pássaro da juventude. Agora, Murilo Badaró escreve simpática e amiga crônica em um jornal de Belo Horizonte, citando recente episódio sociopolítico que levou o nome de Alfenas para a mídia nacional. Elogia nossa gente. Não descreve, contudo, os amenos dias e noites do congresso da UEE nos anos 50. O mais importante: cita dois políticos locais, Emílio Soares da Silveira, médico, e Manoel Taveira de Souza, advogado. Ambos foram deputados, ambos ofereceram a Minas a imagem da seriedade e da nobreza da gente de Alfenas. Mesmo dentro de acirrada política partidária local, os dois mantinham elegância no comportamento público e distinção no comportamento político. Ouvi a história contada pelo esposo de professora então candidata a Diretora de Grupo Escolar: fez, ela, por dois anos, o curso de aperfeiçoamento em Belo Horizonte. Na época, nada valia isso se o chefe político local não concordasse com sua nomeação. Embora outra correligionária também pleiteasse o cargo, o médico Emílio

Soares da Silveira optou por quem tinha feito o curso, embora sabendo que seu esposo era ardente e histórico adversário político. Havia grandeza na decisão. Manoel Taveira de Souza, em outro momento, com lhanza concordou que uma repartição pública ficasse no âmbito familiar, permanecesse como bem de família, mesmo sabendo do contraparentesco do que se retirava e do pretendente com o médico Emílio Soares da Silveira. Houve generosa e desprendida decisão. O deputado Emílio Soares da Silveira sabia de cor textos de Medicina em francês. Manoel Taveira de Souza, advogado de prestígio, chegou a presidir a Comissão de Relações Exteriores da Câmara Federal. E sua cultura, reconhecida de todo o parlamento, sua lisura, reconhecida por toda Minas Gerais e, de outro lado, a cultura, a competência e a honestidade do médico Emílio Soares da Silveira mostraram ao Brasil a verdadeira face da Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas. Continuaram a tradição vinda de Gaspar Ferreira Lopes, também médico de renome, que chegou a ser Senador do Estado de Minas. Homens respeitados, como é Murilo Badaró. Certa vez, narra a história o Delegado Murta, a polícia de Belo Horizonte, ao qualificar uma mulher embriagada, presa, fez a pergunta de praxe: “Sabe ler e escrever?” Nesse instante, a depoente encara o policial, e com altivez e orgulho, responde: “Já disse que nasci em Alfenas!” As coisas da cultura, do conhecimento, são características da cidade. Esse substrato foi o que justificou, em 1914, a fundação de dois cursos superiores em Alfenas. Já nos anos 50, os congressistas da UEE assim sentiram. Como agora, no século XXI, quando pululam cursos superiores em cada esquina de cidade populosa ou em cada campanário de qualquer vilarejo, no limiar dos anos 20 também floresciam Faculdades e Cursos Superiores. Havia Odontologia em Ouro Fino, Veterinária em Pouso Alegre, Farmácia em São Sebastião do Paraíso, para

citar alguns cursos e algumas cidades. Os cursos de Alfenas sobreviveram a todas as lufadas. Graças, sobretudo, aos resíduos culturais da gente de Alfenas. O escritor colombiano Garcia Marques descreve em seu livro – “O Veneno da Madrugada” – a destilação da baba anticultural. O escritor gaúcho Érico Veríssimo em seu “Incidente em Antares” apresenta as irmãs Balmaceda, que passam a noite em claro escrevendo com a mão esquerda, para disfarçar o veneno de suas cartas anônimas. A música popular contempla o episódio na letra famosa: “Menina veneno, teu mundo é pequeno!” Sim, o mundo é bem pequeno para os que desprezam a cultura – no caso, a cultura como ponto positivo e força que não poderá ser esquecida ao se desenhar o perfil de Alfenas, como não a esqueceu Murilo Badaró. O próprio apelido da cidade – Atenas sul-mineira – bloqueia o veneno atirado. Antes de indicar liberalidade gramatical, comentário maldoso revela ojeriza aos que cultivam o saber e a erudição. As raízes da cidade estão ligadas visceralmente à cultura. O pequenino e minúsculo mundo dos que não a têm (e não a desejam nem a reverenciam) quer inutilmente reduzir sua importância na vida política da cidade. Esquecem-se, os carentes e inimigos da cultura, do médico Emílio Soares da Silveira e do advogado Manoel Taveira de Souza. Políticos e cultos. E cultura e erudição – perdoem-me a obviedade – não estão unicamente atreladas à escolaridade, ou vinculadas a formaturas. (Outra coisa óbvia: a cultura não é e nem pode ser garantia de retidão moral, o atestado de comportamento público irrepreensível.) Alfenas é sinônimo de cultura. Quando a abandonamos, quando a reduzimos, sofre a cidade e sofre seu povo. Só não sofrem os que, no seu liliputiano universo, se contentam com seu próprio veneno. Para eles, os que são veneníferos no seu limitado território existencial, o sofrimento da cidade e do povo estimula a fabricação de sua peçonha. Desprovidos

de qualquer visão histórica da cidade, mal enxergam o seu próprio quintal. A cultura a que nos referimos não é o instrumento para separar o político do povo. Nada de dandismo intelectual, nada de afetação livresca. Longe o campo das quimeras e fantasias. Mas distingue, com certeza, os condutores do povo que possuem reservas morais nascidas do conhecimento, da cultura. Quem não assimila ou não admira a cultura, ou não é capaz de ter visão profunda e geral do universo, no sentido de conhecer ou mesmo vislumbrar o vasto mundo das letras, das ciências, da técnica e das artes, não poderá sequer acompanhar o séquito, o cortejo, sem reconhecer que é conduzido e que não conduz. Há os que são incultos mas se cercam de pessoas cultas, ou admiram os realmente instruídos e há os que retiram da vida as experiências enriquecedoras. Ultrapassam a fronteira do desconhecido graças às salutares vivências do conhecido. Em certo, sentido também são políticos cultos. Não se imagina uma pólis grega em que somente os sábios podem ser eleitos. O que não pode acontecer é o desprezo aos sábios. Como escreveu Karl Marx, citado no último número da revista VEJA, as pessoas não são aquilo que pensam que são. Elas são exatamente como são enxergadas pelos outros. E os outros dispõem de antídoto quando os veem assim, ofegantes, mal respirando, arfando, seguindo e estimulando os que honestamente desfilam exibindo seu protesto. Esses que os acompanham e seguem ofegantes não são capazes de sozinhos alardearem seu pensamento e sua opinião. Preferem a capa e a proteção da multidão. Ou o segredo dos bares cercados de companheiros. Escondem-se na multidão porque o clarão da personalização os incomoda demais: não se lembram nem querem que os outros se lembrem das origens, das raízes de tudo, da venda partilhada de uma repartição que contribuiu para gerar poder político que agora combatem, isto é, aplaudem os que

o combatem. Os que aparentam ter a volúpia dos iconoclastas permanecem na superfície do que veem na telinha, incapazes de analisar profundamente os desastres político-administrativos locais que trouxeram tanto sofrimento ao povo. Postam-se junto ao povo mas não são do povo: nenhuma preocupação os motiva a favor do povo e de suas necessidades. Às vezes se valem de moribundos para tentar tornar real tudo o que corrompe. O famoso Alberto Deodato, que foi Diretor da Faculdade de Direito da UFMG, em relebrado artigo publicado na época, saúda a ascensão de Manoel Taveira de Souza a uma Secretaria de Estado e lembra, dentre outras coisas, os preciosos cigarros de palha feitos pelo médico Emílio Soares da Silveira. Todos os três haviam sido colegas de parlamento estadual. E todos os dois estavam sendo citados com profundo respeito e admiração por Alberto Deodato. O que há de bom e salutar em tudo é o terno e gostoso artigo de Murilo Badaró, suas evocações, a lembrança da república com Hélio Garcia e Manoel Taveira de Souza, as imagens que voltam do médico e deputado Emílio Soares da Silveira, a lembrança do artigo de Alberto Deodato e os resíduos das leituras de Gabriel Garcia Marques e Érico Veríssimo. As outras coisas findas não ficarão.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXV

A praça começa na casa das Candotas. Aos domingos, esparramam cadeiras no passeio, vêm os parentes, as pessoas giram na praça, os homens de um lado, as mulheres de outro. As pessoas – quero dizer: rapazes e moças – giram, trocam olhares, se avaliam, e a andança continua. Só vai terminar às 10 horas da noite. Por que se chamam Candotas? Não sei. Todos da família as tratam assim. São duas irmãs solteiras, educam sobrinhos, envelhecem ao som da melodia do poeta Olavo Bilac, “agasalhando os pássaros nos galhos, dando sombra e conforto aos que padecem”. E a andança continua. Das cadeiras, os parentes de Lucília e Cecília Pereira Dias, as Candotas, contemplam os que não se exaurem, os que não se cansam da caminhada na praça. Conversam andando, os assuntos se reproduzem nas voltas intermináveis que, por muitos anos, foram costume e tradição na Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas. Aos sábados e domingos, todos os rapazes e as guapas moças se enfeitam, se arrumam, para caminhar na praça. Para flertar na praça. Infelizmente havia separação. Do lado de cima, perto da igreja, a parte da praça fica reservada aos “coloreds”. Por quê? Ninguém sabe. A separação parece tão natural: não espanta nem choca. Há separação e pronto. Racismo? De que lado? Talvez herança de racismo. Na casa ao lado, Quinzinho – Joaquim Carvalho Moura – dono de loja variada. Com verve, com inigualável humor, “seu” Quinzinho diverte seus fregueses com histó-

rias engraçadas. Aos domingos, à noite, na porta central de sua loja, João do Prado Horta e outros senhores de idade se juntam, quase não conversam, olham as moças que desfilam, belas, belíssimas. Na esquina, Nérito Nogueira de Araújo. Todos os domingos, anos a fio, sozinho naquela esquina. De vez em quando chega correntista do Banco Moreira Sales, do qual Nérito é gerente. E logo se vai: o gerente não estende muito a conversa. No prédio, em cima do Banco, mora o advogado Napoleão Sales. Há os meninos, Carlos Alberto e Carlos Sérgio. Ou agora mora o proprietário da distribuidora de remédios, chamado Jandi Solimões Araújo, genro de Leonardo Lomonte? Vem a casa de Dirce Moura Leite. Na entrada, meninas – que suponho sobrinhas – entoam cantigas de roda em um jogo infantil que não entendo: “Eu sou filha de moça rica, tiro-lê, tiro-lá, efe, efe, ge, agá”. E passam para a segunda jogada. Talvez eu mesmo tenha inventado parte da letra! Não desapareceu na fumaça do tempo a imagem das meninas cantando na entrada da casa de Dirce Moura Leite. E as cestas de Natal, de Celso Moura Leite? Guarda ali? Bancário, vende a prestações cestas de Natal “Columbus”. Mas vende tantas que, no final do ano, enchem caminhão. Na mesma casa instala-se, no cômodo comercial, o comitê de Jânio Quadros e Companhia. Há alto-falante; a música vem de lá: “Espanha solo la bella/ regina solo l’amore”. Mas ali também foi farmácia do sr. Arnould, marido de dona Ruth, nomes gravados com firmeza e que não desaparecem. Estagiou ali o jovem Godoy. Depois, formou-se em Medicina em Belo Horizonte e possui o mais moderno equipamento para teste de esforço, em São Paulo. No mesmo local, depois, o Bar do Juquinha: sanduíches, sanduíches... Os que saem da sinuca do Clube XV ali estacionam. Amável, como sempre, Juquinha e sua esposa Cirene Silva correm entre o balcão e a frigideira. Habitual, todas as noites ali a presença de Oscar

Bueno e suas histórias antigas, bem mais antigas do que esta. O mundo político de Alfenas, dos tempos passados, descrito por Oscar Bueno. Conta como se caçavam os leprosos que se recusavam a ir para o leprosário. E a noite continua. O silêncio domina a praça. O velho casarão traz evocações; no momento, é a Pensão Alterosa, de Orlando de Ávila Lima. Hoje é o prédio do Banco do Brasil. Na Pensão, “seu” Orlando hospeda Francisco Navarro Prado, dono e diretor do jornal “O Alfenense”. Morador quase permanente, Navarro Prado vive ali os anos fecundos de sua maturidade. Seguindo, a loja de Orozimbo Ferreira Barbosa. Nela trabalham Hermínia Pacelli, Chica de Moura. Todos falam que ali estão os tecidos mais finos. Sua esposa, dona Heloísa Lopes Barbosa, chama para conversar o menino que havia ingressado no ginásio. Com memória invejável, dona Heloísa sabe a data de nascimento de tanta gente! Ao longo dos anos, até morrer, permanece nessa casa, nesse pequeno alpendre, contemplando a praça e, nos últimos anos, os que passeiam nessa praça, não mais como antigamente passeavam os rapazes e moças. Carlos Nejar, o poeta gaúcho que reside agora diante do mar em Guarapari, exclama: “Chega a esta casa/ sem prazo ou contrato/ Faze da pousada/ as salas e os quartos/ Os nossos arreios/ ninguém os desata/ com ódios e receios/. Vem a loja de Ermelindo Dias Costa, “seu” Duca. Na casa, quem mora? Ah! Moraram dona Tânth Faria de Magalhães Duarte, Lamartine de Barros Duarte. Não moram mais: dona Tânth partiu há tempos. E a primeira quadra da praça Getúlio Vargas se encerra ali. “Entra nesta casa/ tão vasta que é o mundo/ pequena aos enganos,/ perdida, encontrada./ Os dias, os anos/ são palmos de nada:” canta, assim, Carlos Nejar. Parece ver a casa de Francisco dos Reis e Silva, o Tite: é preciso atravessar a rua entre os jardins. Seu filho toca concertina. Na loja, em baixo, Augusto Colombo Gomes, o

gerente, homem que outrora promovia o teatro local. Parece que tenho câmera filmadora na mão. Sem nenhuma ideia na cabeça, vou filmando esse lado da praça: os prédios e as pessoas vão surgindo nas janelas, nos passeios, o passado volta em tom solene como se todos estivessem sendo filmados. A casa de Francisco dos Reis e Silva, estática, calada! A acalmia sussurra o gaúcho Carlos Nejar: “Entra nesta casa/ que é tua e de todos,/ há muito deixada/ aberta aos assombros”. Fica mais longe o som da concertina daquele casarão opulento; mais longe a memória de Francisco dos Reis e Silva. “O tempo não sobe/ nas suas paredes;/ secou como um frio/ nos beirais da sede, diz o gaúcho citado. Na janela, estão João Gama, sua irmã Maria Gama, sua esposa, a baiana Conceição Gama. É a próxima casa. Os meninos, nos seus noturnos conciliábulo, escutam a lenda sobre as aventuras do tempo de solteiro de João Gama. O narrador exagera. A meninada se excita ouvindo falar do homem que rompia com facilidade a fragilidade por acaso existente em qualquer bordel. Todos calados, escutando, religiosos, as hipotéticas aventuras, qual uma luta de Mosqueteiro, combate do Zorro. Na verdade, quando não havia Aids, todos aqueles meninos descalços gostariam de ser um dia como João Gama nos tempos de solteiro. A educação e a gentileza de dona Maria Gama perpassam o tempo. Casado, João Gama, irreconhecível para os meninos, pautou sua vida de marido e pai com o timbre da honradez e da discricção. O noturno sussurro dos meninos da rua, depois da quietude do casado, quedou-se, sem motivação, sem fantasia, sem nenhum calor. O prédio seguinte, durante muitos anos, abrigou a Rádio Cultura. A memória pede que se fale muito dele! Não mais existe. Um pedaço da infância foi destruído com sua demolição. Esta sentimental andança boba (não é o título do poema?) prosseguirá citando as casas e seus moradores. São muitas. A praça, durante longos anos,

traz a cidade inteira para seu espaço. Os moços e moças nela buscam e encontram seu destino. Mesmo antes da canção de Carlos Imperial (a mesma praça, o mesmo banco) a poesia e a nostalgia transbordam em seus canteiros. Paramos na casa de João Gama. Agora, o prédio da Rádio Cultura. Tomada de cena de Alfenas dos tempos idos e vividos. “Longa flor que não acaba no pensamento que a imagina”.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXVI

O prédio, construído ou adaptado, transborda histórias que ficaram na infância, impregnadas de encantamento. O tenente Brito, que veio de Pouso Alegre, monta, naquele prédio, na praça, a Rádio Cultura. Os nomes que a criança ouve na Rádio Nacional – emissora que o Brasil inteiro escuta – de repente aparecem na Rádio Cultura do tenente Brito. Emilinha Borba, Isaura Garcia, Ademilde Fonseca e tantos nomes mágicos que todos podem ver em carne e osso na Vila Formosa de Alfenas. O rádio – mais do que hoje a televisão – estimula a imaginação e a fantasia. Todos sabem de cor os horários dos programas da Rádio Nacional, reconhecem as vozes dos seus locutores, cantores e cantoras; o nome de Max Nunes, que nunca falou ao microfone, é conhecido porque escreve o *Balança mas não cai*. E essa gente quase toda traz para o prédio da nossa praça o deslumbramento, as utopias e ilusões do mundo do rádio, e estão na Rádio Cultura, ZYO – 8. Há os artistas locais, locutores, cantores, programas de calouros comandados por Benedito Avelino de Lima. O primeiro animador de auditório da rádio, na época, chama-se Calixto Jorge, depois Alfredo Mussi. Benedito Avelino de Lima veio em seguida. Ao longe e não muito longe, o grito regular no canto da araponga do vizinho. Enquanto o locutor apresenta os programas, o estúdio não consegue vedar a chegada do som do ferreiro, da araponga, da casa ao lado. Intermitente, o canto da araponga é o pano de fundo,

anos e anos, para as bonitas vozes de Paulo Marques, Wagner Nanetti, Paulo César, Reinaldo Barroso, Mário Alves, Gilberto Orsi, José de Assis, Luiz Fernando Amaral, Antônio Mello, Dalva Miranda, Paulo Monteiro, Camilo Neto, José de Souza, Carlos Alberto Fernandes, Lincoln Westin da Silveira, excelentes locutores da emissora. Há admiráveis cantores locais: Geraldo e Juscelino Ferreira, Roy Jr., Néelson de Oliveira, Simplício Cabral, a dupla Peninha e Martinha, as Irmãs Orlando, Gemma Bellini, Benedito Silvério; instrumentistas de valor como Coquinho, Padilha, Bonifácio Cabral no afoxé ou no pandeiro, Zé do Pinho, Francisco Lucas, Nico, Lazico (Lázaro Gerino Vieira). A discotecária Vicentina Linhares, os técnicos de som Vitor Américo, Darcy de Souza e José Aprelini e o operador de transmissor, Vicente Alípio Cabral. Vivem eles as baladas das nuvens radiofônicas e trazem para o povo os mistérios das ondas sonoras. No mesmo prédio, após a mudança da rádio, o Restaurante Mestre Cuca domina o canto da praça. Também é ali a chegada e partida de ônibus, esboço de rodoviária que começava. O salão de auditório da Rádio Cultura transforma-se em sala de refeições do “Mestre Cuca”. Tão forte o nome – Mestre Cuca – que se incorpora aos da casa. Homens e mulheres são chamados pelos seus nomes de batismo seguidos da identificação Cuca. Longe de ser depreciativa, a simbiose indica fortidão da marca. Mesmo fechado o Restaurante, até hoje muita gente se refere a alguém da casa não deixando de acrescentar Cuca no final. A praça, na verdade, é o prolongamento do lar de cada um. Não é a pátria, é a praça. Talvez mais do que na residência, nos seus bancos e jardins se decidem as avenidas e esquinas do presente e do futuro. A praça foi testemunha silenciosa e convergente. Ninguém se esquece do acontecido nela, do riso e das carícias, do denso choro, da vida que poderia ter sido e que não foi; das amarras, dos negócios feitos e desfei-

tos; do bailado transido dos acordes sinfônicos da morte; da alegria palpitando em algum gesto; dos noivados começados e acabados ali; das preces esparramadas nos canteiros; dos vômitos também lançados em todas as direções; das casas bancárias ao seu redor; do céu noturno que desaba tempestades; das palavras que chegam suaves numa noite; da angústia roxa que não muda de cor diante da orquídea glorificada na relva; da mudança de rumo e, nas intermináveis voltas, dos olhares que se encontram ou se desencontram; da aproximação lenta e gradual – jamais precipitada, jamais corrida – dos pares que portam todas as luzes da madrugada; da felicidade álaure que voa; do abraço amigo que aperta com calor; do olhar morno e traiçoeiro de quem se apresenta como amigo; da potência da palavra murmurada com maldade entre as mesas dos bares escuros; dos carros que passam insultando os desvalidos; da decepção pela ausência de alguém que não volteia pela praça; do quente arfar da mocinha que veio de bairro distante e em todas as voltas dirige em vão seu olhar para quem pensa ser seu amor, e volta a olhar na próxima ronda, e fica sempre assim, olhando, olhando, até as 10 horas; das mulheres piedosas e plenas de fé que caminham para a missa das seis da manhã; do desfile de modas aos domingos, depois da missa das dez e meia; dos aniversários da cidade, das marchas dos soldados e dos escolares; dos carnavais, das passeatas, das gincanas, e do casal que anos e anos caminha por entre os canteiros sem nada dizer, sem nada perguntar um ao outro; dos carrinhos de pipoca; dos sonhados planos gerados no respingo das águas da fonte luminosa; da banca de revista que embala manhãs ensolaradas; das festas de igreja, suas barraquinhas, seu vinho, seus cartuchos; e da moça do bairro afastado que dá voltas na praça e, a cada rodada, torna a olhar, a olhar, buscando (a quem?); do rapaz que coloca camisa nova e mostra, em rodadas e mais rodadas,

a imaginária elegância; dos votos de feliz ano novo que soam na noite; das notícias chegando e trazendo contentamento e tranquilidade; das lembranças que voltam nas asas da canção; dos automóveis que se exibem, com os pilotos fazendo manobras arriscadas; do povo que fica de um lado e de outro, aplaudindo os carros alegóricos e as bandas que tocam coisas de amor; dos “mouros” no paralelepípedos nas “embaixadas de congadas”; dos candidatos a presidente ou a governador desfilando seu cortejo de áulicos; de policiais ou dignitários que se apresentam graúdos levando sofrimento aos namorados nos bancos, incomodando-os, humilhando-os, desforrando neles seus complexos e mágoas; do ressentido repetindo Shakespeare sem cessar: “Se não queres ser vítima da calúnia, não digas nada, não faças nada, seja absolutamente nada”; das brigas, da violência, dos tiros, das vidas que se foram aqui mesmo apesar do perfume dessas flores, perto do coreto, perto das sarjetas; do prelúdio dos bailes; do desenlace dos bailes; da melodia noturna que vem de orquestra: “Minha vida que parece muito calma/ tem segredos que eu não posso revelar”; do desenho da vida conjugal ali rascunhado; dos fantasmas, dos fantasmas que rondam a praça atormentando os infelizes; da timidez dominando os dois namorados, sentados no banco; dos casamentos nascidos debaixo desse indiferente arvoredos; das luzes de Natal contornando a concha acústica; das pessoas que estacionam seus carros e usufruem da noite de verão; das viúvas que se sentam nos bancos e admiram os que passam, os que caminham, os que trazem a vida arfando em todos os poros; das trintonas que vêm à praça há muitos anos e têm esperança de ainda encontrar o parceiro naquela multidão; das balzaquianas que vêm em grupo, da mesma faixa de idade, pontualíssimas, e têm a mesma esperança; da tia que é apresentada ao namorado e a vida inteira testemunha a felicidade e a infelicidade dos dois;

da senhorita que enxerga o rapaz e “olha por simples cortesia”; da vã filosofia contra-argumentada e a forte dialética de um punhado de professores, nas voltas que ultrapassam as madrugadas, pois que não estão em busca de um flerte; da moça que encara o rapaz e “tenta dizer alguma coisa mas que é tarde demais para dizê-la”; da garotinha que briga com a mãe porque não foi à praça; dos que cultivam ao longo dos anos juvenis o desejo de passear na praça; dos colegiais fazendo dela seu ponto de encontro, sempre assentados na parte de cima dos bancos; dos que, do alto das janelas, indagam se haverá na multidão embaixo quem se esquive do aço do seu ceticismo irreparável; dos que se enganam fumando, aspirando, em busca do perdido norte da felicidade; dos que conversam em frente aos bancos e pensam que sempre estão fazendo discurso para o auditório, que não esconde seu cansaço; dos que prosseguem este discurso onde param, pensando que estão usando admirável retórica; dos que se embebedam, dos que se desesperam, dos que brincam; dos que passam pela praça somente rumo ao seu local de trabalho; dos que se envaidecem porque moram na praça e dos que ficam rubros de raiva porque não moram ali; dos que viram a infância, a meninice, a adolescência, a maturidade e a velhice chegando, na mesma praça; dos que viram a vida passar e não deixaram nenhuma sombra ao longo do caminho; das garotas que pela primeira vez ali se sentiram mulheres; dos rapazes que mancharam a carne numa sofreguidão desmedida; dos mares tranquilos dos olhos das meninas sérias; dos pecados que jamais repousam lustrados nos olhos tristes dos notívagos das dez horas; do padre na orla do terreno e seus pinheiros, indagando com sofrimento na sua pobreza: “A quem legarei os meus sapatos?”; das mães que liberam com serenidade a inocência de seus pequenos filhos ao redor da fonte; dos que veem com indiferença ou turbacão, pelas fotografias

antigas, a construção da torre da igreja; dos que contam suas vantagens e escondem seus fracassos; dos que caminham sem rumo; dos que, longe daqui, não podendo voltar, sentem saudades da praça; dos que adoecem e sinceramente lamentam não mais poder sentar nos bancos; das procissões e seus cantos de louvor, suas rezas rogando perdão; das pessoas que vestem sua melhor roupa de domingo e permanecem o dia inteiro sentadas na praça, sozinhas, perdidas nos seus pensamentos; dos que tentam jogar fora seus tormentos em meio às árvores aparadas; dos que espreitam pelas madrugadas abraçados a sua insônia estéril, fiéis até o fim em lutas desiguais; enfim, da mescla do bem e do mal, dos episódios banais ou inesquecíveis; dos contornos da vida e da morte acontecidos aqui, centralizados nesta praça, mais, talvez, do que na casa de cada um; dos pedaços da existência de cada um fracionados no espejoiro, na relva, no arvoredo, na árvore que expira, fenece e não se despede.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXVII

Geraldo Martins Riera olha a praça da janela. Embaixo, o Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais, quando o Estado de Minas Gerais ainda tinha Banco. Gerente, Geraldo Martins Riera veio de Pouso Alegre. Em sua agência laboram Nabor Toledo Lopes, Silvano Dias da Silveira, Jairo Damas, Maurílio Peloso, João Rodrigues de Carvalho, Messias Pereira. O prédio, bem na esquina, construído por Manuel Pedro Rodrigues, é o retrato da época em que o café reina como força econômica. Vários prédios na praça principal da Vila Formosa de Alfenas revivem, na sua arquitetura, a riqueza dos homens que plantam ou comercializam café. No tempo, resta em tijolos e massa a imagem que deixam para o futuro em prédios de dois pavimentos, visível vestígio da potência financeira que foram. E Geraldo Martins Riera, como todo gerente do Banco Hipotecário, reside na parte de cima do prédio que até hoje traz as iniciais MPR – Manuel Pedro Rodrigues – no alto de sua fachada. O gerente, se não pôde gravar suas iniciais no cimento, marcou-as com grande profundidade no coração de quem se iniciava como freguês dos empréstimos bancários, à maneira do escriba, sem lenço nem documento. Ouve-se falar que antigo gerente desse Banco, à noite, bem à noite, sacudia com grande barulho as grades das portas do estabelecimento para confirmar se estavam fechadas. E todas as noites repetia o gesto. Outra vez, e mais de uma, Landulfo de Souza Dias o obrigava, à noite,

a abrir o cofre do Banco para conferir se seu dinheiro estava lá, guardado. E a vida noturna do antigo gerente – Tito Lívio – se limitava a estremecer as portas do Banco ou mostrar ao depositante seu dinheiro intocado. Reside no local, agora, o comerciante Plínio Cândido. O Banco se foi para outro lugar, na mesma praça. Nessa fase, o espaço público, que já se chamou Largo da Matriz, começa a demonstrar outros costumes. A praça ganha o nome de Getúlio Vargas, depois de ter-se chamado Marechal Floriano. Na época da ditadura getulista, toda cidade de Minas deveria obrigatoriamente ter os nomes de Getúlio Vargas e Benedito Valadares, em uma praça e na rua principal. Não bastava apenas um. Os dois nomes, do presidente e do governador do Estado. Em todo o Estado e em todo o país foi assim: estimulava-se o culto à personalidade. Mas, com o nome que tivesse, o povo convergia para a praça central. “O que é um nome?”, indaga Shakespeare, na peça Romeu e Julieta. “Se a flor a que chamamos rosa tivesse outro nome, perderia seu perfume?” Nas noites de sábado e de domingo, nos dias de parada e desfile de escolas de samba, todos vêm à praça Getúlio Vargas, ou praça Marechal Floriano Peixoto, ou Largo da Matriz. Contemplo o prédio – alguma vez disseram que se parece com bolo de noiva, confeitado – e imagino: onde estarão agora Manuel Pedro Rodrigues, Geraldo Martins Riera, Plínio Cândido, Landulfo de Souza Dias, Tito Lívio, Nabor Toledo Lopes, Jairo Damas?! Durante um tempo se cercaram de amores, vontades, desejos, projetos, mágoas. Onde estarão? “Sei de mortos que partiram/ quase vivos, entre lírios;/ outros sei que, sibilinos,/ furtaram-se às despedidas”, na voz do poeta e ensaísta carioca Ivan Junqueira. O resíduo das caladas palavras dessas distantes pessoas do Banco Hipotecário carrega para a praça a calma, o repouso, o quieto voo dos pássaros. “Mas, pouco a pouco,/ gelaram-se em meus lábios as perguntas”, revela em belo po-

ema o mexicano Henrique Gonzáles de Martinez, falecido em 1952. Na esquina de frente, no mesmo espaço urbano, no inalterado desenho da casa que lá permanece, há lembranças de Paschoal Petrocino, pai, do seu posto de gasolina e reminiscências de Plínio Leite da Silva. Durante muito tempo, na mesma casa da esquina, Plínio Leite da Silva, depois que foi prefeito de Fama, habita ali, nessa residência, metade na praça, metade no começo da rua João Luiz Alves, bem perto de para onde se mudam Alberto Azevedo e família depois que encerram o Restaurante Mestre Cuca. A poucos metros da praça, dona Maria das Graças Paolielo Azevedo alcança com facilidade a Igreja Matriz. Frequenta, com assiduidade, o templo católico. Sempre elegante, sempre simpática, “Mãezinha” – como é chamada pelos filhos – assemelha-se, sem nenhum esforço, a uma dama inglesa, tem toda a fineza evidenciada de uma nobre senhora anglo-saxônica. Também, sem nenhum favor, gera prole que mostra moças bonitas, extasiando a geração que vaga pela praça. No domínio dos tempos do rádio, o galã é Francisco Carlos, cantor da Rádio Nacional e artista de cinema da Atlântida, como Oscarito, Grande Otelo, Eliane Lage. Provoca frenesis intensos do mesmo modo que, depois, Roberto Carlos faz nascer alucinações. Após seu show, dança no baile com Marilda Paolielo Azevedo, uma das redomas de cristal mais formosas deste amável burgo, deixando, no salão, despeitados e inquietos os trêfegos e respeitosos adolescentes, que acompanham com ciúmes todos os passos cadenciados na dança de Francisco Carlos e Marilda Paolielo Azevedo. E assim prossegue tudo, a rota da existência relatada nestas mal traçadas linhas, de pessoas e panoramas dos núcleos urbanos e suburbanos da Vila Formosa de Alfenas. São prédios e pessoas que chegam à memória na hora em que escrevo. Não há consultas a arquivos, e raramente preciso perguntar o nome completo de

peessoas ou a denominação das ruas. Nada de admirável. São vivências pessoais ou casos ouvidos dos mais velhos. Deixo as evocações fluírem livremente no pensamento no instante em que estou diante do teclado, quase sempre à noite. Cito alguns poetas, prosadores e filósofos, com leves e ligeiros dados biográficos, não porque parto da presunção de que meus raros leitores os desconheçam, mas porque quero levar aos outros, que provavelmente não a têm, a informação do mundo da cultura e do conhecimento, quero o relevo de luz contemporânea vinda da Literatura e da Filosofia. Bem afastado o querer demonstrar erudição. Também longe o desejo de fazer pesquisa histórica, ensaios e monografias: os fatos, a paisagem e as pessoas vêm e vão, sem ordenamento, sem encadeamento, sem sequência. Irresistíveis, às vezes emoções e ressentimentos pessoais aparecem. De vez em quando, equívocos surgem. Pequenos equívocos que, às vezes, são cobrados, querendo-se a exatidão de nomes, precisão de locais de nascimento ou letras de músicas. Outros, mais delineados, são agora retificados: deve-se ler quadra esportiva em vez de ginásio coberto, família pobre no lugar de família abastada. Nada de substancial, contudo, foi confundido. Outros desejam citações de nomes olvidados e menção de fatos desconsiderados. Não se consegue, em página de jornal, abarcar tudo. Afinal, são sombras. O claro-escuro, o lusco-fusco, a luz mortiça e embaciada fornecem os contornos de qualquer sombra, a claridade não integra a paisagem lunar das colinas do ontem. Alguns esperam detalhes rigorosamente traçados. Integram essa penumbra os acontecimentos de outrora ou de agora, às vezes narrados em estilo oblíquo, tortuoso e até quase criptografado. Estejam certos de que os atores compreendem muito bem quando estão sendo desenhados e representados neste palco imaginário. A plateia pode não compreender tudo, em razão da tortuosidade do estilo, do

labirinto gerado pelas palavras, da longa narrativa que serve de introito para atingir um fim, um objetivo: o raciocínio direcional pode fugir do entendimento dos espectadores. Mas os atores sabem se a referência ou o episódio é deles, ou a eles. E há prevalência, nos escritos, do Espírito soprando, que deve remir aos que tenham praticado lesão, assim como o escriba deseja obter remissão dos seus pensamentos, obras e atos. Soberba, presunção e autossuficiência, apartados destes anos finais, escorregam anulados. Contudo, nos escritos, não se vale de fraude ou intenção de enganar. Nada é inventado. Embora sejam sombras, as cortinas do palco deixam passar alguns lampejos que, como os conteúdos que pululam dentro, não são abafados pelo engodo.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXVIII

Deixo de lado as andanças memoriais pela praça, no momento em que desaparece Lucinda Tamburini de Souza, a doçura que, embora não tenha sido e nem tenha pretendido ser a esperança nossa, salve, da belíssima oração da Salve Rainha, teve um nome que por si só é um destino. Lucinda é o segundo nome de Diana, a deusa da Lua. Na expressão poética romana, é a própria Lua, filha dos deuses Juno e Júpiter. E assim foi ela: luz que não se apaga, vida, esperança nossa, salve. Doce no conversar, doce no agir, doce no amargo cotidiano, doce nas tragédias, doce educando os sobrinhos, doce na assistência diária às irmãs mais velhas que veem nela amparo, proteção, segurança, presença. Não quero mencionar seus filhos, para ela o grande prêmio dado por Deus. Nunca ninguém ouviu dela queixa, lamúria, maledicência, palavras enviesadas. Sempre mostrando a todos a serenidade que brota da paz interior e a doçura dos que têm convivência íntima com Deus. Em recente artigo, Ilma Manso Vieira retorna, com maestria, ao tema da inveja. Lucinda Tamburini de Souza nunca invejou ninguém. Nunca discutiu com ninguém: a maledicência não tinha no seu coração onde prosperar. “Por que Deus permite / que as mães vão-se embora?! É o belo poema de Drummond. “Fosse eu Rei do Mundo / baixava uma lei: Mãe não morre nunca, / mãe ficará para sempre / junto de seu filho / e ele, velho embora, / será pequenino / feito grão de milho.”

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXIX

Paro diante do casarão do senhor Belé, na esquina da praça. Estou contornando a praça, olho bem para lá, pergunto quem teria residido ali antes. Só conheci o sr. Belé. Ao lado, o Hotel Joca. Por que Joca? Apelido do pai de Goddard Cunha, que todos chamam de “Godá”, de dona Helena Cunha, de Diva Cunha. Ambas lecionam no Grupo Escolar Cel. José Bento. Quando dona Helena – que não mora mais na praça, mas na avenida São José – morre, minha juventude também se entristece. O senhor Joca foi filho de um dos primeiros Juizes de Direito da Comarca. O pai, um dos fundadores da Loja Maçônica “Alfenas Livre”. O Hotel Joca, durante anos, foi onde se hospedavam quase todos os viajantes e para onde se dirigiam depois do apito da Rede Mineira, na estação ferroviária. Minha câmara imaginária filma, no entanto, no momento, o mesmo hotel, agora dirigido pela família Carnevalli-Paoliello. Vieram de Muzambinho? Talvez, mas vejo sempre morando e crescendo ali, o pai, funcionário do Banco da Lavoura, Wilson Tardelli Paoliello; a mãe, dona Elisa Carnevalli Paoliello, os filhos Marcelo, Fernando, José Roberto, Stella. Bela família. O hóspede mais antigo e mais ilustre do hotel: – o sr. Ângelo. Taxista, carro limpíssimo; os meninos não ousam passar nem perto do veículo, a que ele dedica, minuto por minuto, pompa e circunstância. Vindo de Ponte Nova, solteiro a vida inteira, o sr. Ângelo passa décadas e décadas abrigado no Hotel Joca e cuidando de seu belíssimo carro. Só

se muda do hotel quando desmancham o velho prédio. Seu carro de praça – Plymouth – causa admiração pela impecável limpeza, num tempo em que o asfalto é inexistente e raro o calçamento. Entendo que essas crônicas só podem interessar – se interessarem – aos nascidos na década de 40 e aos que, de alguma maneira, cultivam o passado e gostam de ver registrada a paisagem geográfica e humana dos tempos em que viveram. Entendo quem rechaça essa atmosfera e pode olhar com indiferença o saudosismo que vem destas lembranças. Contudo, não é um saudosismo doentio. Os vultos que aparecem não são como fantasmas assustadores ou freudianos. As paisagens urbanas não perturbam; antes, emocionam, pois que trazem a nitidez cinzenta de uma vista que os olhos já viram e que não verão mais. As novas gerações podem até achar graça nisso tudo. Como se fosse um velho retrato, ou um velho filme, a cor predominante terá sempre os tons acizentados. E deverão saber algo – ainda que com palavras cambiantes – sobre as pessoas e casas que nasceram, viveram e morreram no espaço urbano de que hoje desfrutam.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXX

Estou “posto em sossego”, olhando as belas paisagens que Isnar Manso Vieira remete do Rio, via internet, quando vejo, na esquina, a casa grande. Em cima, Antonio Carlos de Carvalho mantém pensão; embaixo, um bar em sociedade com seu irmão mais novo, Miguel Emílgio de Carvalho. Todos ganham o apelido de “Pipoca”, talvez por influência do irmão mais velho, Luiz Gonzaga de Carvalho. Assim Toninho com “Miguelação” tocam bar e restaurante popular naquela casa, repleto de pessoas, cheio de fregueses. Ao lado, a loja e a casa de Edmundo Pereira, na esquina, do outro lado da rua. “Seu” Edmundo tem fama de não remarcar mercadorias. No alto de sua prateleira repousa a talha que será vendida com base no mesmo preço com que foi comprada. Pode a inflação galopar, pode o custo de vida caminhar nas alturas, os preços em sua loja permanecem inalterados. Esse sentimento de correção e honestidade é repassado aos filhos, que não têm as altas aspirações dos homens do comércio e dos negócios de acompanhar a evolução dos custos, os saltos da economia e se contentam com pequenas margens de lucro. “Seu” Edmundo Pereira é sistemático? No sentido de ser esquisito? Não o sei. Ao longo dos anos, alguns se preocupam tanto em seguir e atualizar seus preços que a memória de Edmundo Pereira contempla serenamente a derrubada financeira de tantos! De nada valeu o frenesi, as atualizações, a respiração ofegante no exame das curvas inflacionárias. Muitas fortunas

se dissipam levadas pela corrente da inflação. Ou por outras. Domingo, segunda sessão do Cine Paraíso. No alpendre, lá está Clélia Prado de Moura Leite. Proseia com o rapaz que vai ao cinema. Todos os domingos ele passa defronte a casa dos Moura Leite e todos os domingos lá está Clélia Prado de Moura Leite, com seu bom humor, sua gostosa irreverência. Mais de uma vez quase ele perde a religiosa e domingueira sessão de cinema porque a conversa se prolonga gostosamente, ela no alpendre, ele em pé, no passeio. Na Casa Paroquial, há um quadro, ofertado pela família Moura Leite. Nele se vê Alfenas ao longe, por volta de 1920. A pintora, penso que foi Dorília Moura Leite. Com certeza arranchou-se nas Duchas, nome antigo do chafariz, perto do campo do Alfenense. Distantes, as torres da Matriz se sobressaem. Espero que o quadro ainda esteja na Casa Paroquial, embora o rapaz não mais vá à sessão do Cine Paraíso, Clélia não mais esteja no alpendre, ela viva em Belo Horizonte. Aliás, nem mais existe a casa: hoje a Caixa Econômica Federal está plantada ali, e nem há sombra de mocidade no moço. “Penso que os caminhos cruzados da vida fazem parte de um plano imensurável; que marcam as almas, constroem destinos, edificam o plano maior”. A citação não está no quadro da Casa Paroquial e nem são palavras vindas do alpendre. Talvez sejam da sequência das deslumbrantes paisagens mandadas por Isnar Manso Vieira; talvez tenham vindo à memória na noite em que visitei Antonio Carlos de Carvalho, no hospital. Revelam filosofia para inspirar conformação. No quarto do hospital está o neto de Toninho: falamos de passarinho, do canto do sabiá que, segundo seu filho, passeia entre as árvores do hospital. Caminhos cruzados, caminhos cruzados: não é título de livro de Érico Veríssimo? E onde está o plano maior que amassa essas lembranças e apaga essa praça, agora descrita com estupor nestas Sombras? Não são fantasmas nem lêm-

res, como maldosamente alguém manda em um bilhete anônimo, querendo dizer que os vultos pertencem a um passado que apavora e que suplicia. São descrições da praça central de Alfenas e, evidentemente, do tempo de quem a viu e viveu. Não é retrato de hoje, nem tampouco projeção do futuro. Do tempo das diligências? Nem tanto. O filme de faroeste com esse título é apenas eco dominical da segunda sessão do Cine Paraíso. Ressonância que fica mas não atormenta, para tristeza do autor do ressentido bilhete. Fica como fica o livro do gaúcho Érico Veríssimo e que tem o título de “Caminhos Cruzados”, ou fica como o verso do pernambucano Manuel Bandeira, “a vida que poderia ter sido e que não foi...”

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXXI

Continua a sentimental andança pelo largo da Matriz. Depois da casa de Dorfilia e Terezinha Moura Leite vem o Bar Democrata, de Benedito Rocha. Um de seus filhos gradua-se em Odontologia pela EFOA, depois mestre em Piracicaba. Walter Rocha integra o corpo docente da EFOA e da UNIFENAS. Na memória, o timbre de sua voz cantando “O Uirapuru”, seresteiro cantador do meu sertão. No conjunto musical, também, Antonio José Lemos Faria, Paulo Afonso Cambraia. O palco do Centro Católico naquela noite de sábado ouve o louvor ao canto do Uirapuru, e a letra da melodia vinda daqueles jovens diz que a ave brasileira canta as mágoas do meu coração. Naquela noite, no Centro Católico, na rua da Pedra Branca, não se pode imaginar o trágico futuro de Antonio José Lemos Faria, um dos cantores. Os rapazes, Walter, Paulo Afonso e Antonio José, entoam loas e dedilham acordes, no violão e na garganta, ao pássaro que a mata se cala para ouvir sua canção e, continuando a cantar, se Deus um dia... Paro. Se Deus um dia dissesse a esses rapazes que as fímbrias do futuro de um deles serão mais tristes de que o canto do Uirapuru e o desencontro com as coisas da vida causará torpor, que nem o cantar do Uirapuru consegue alcançar a melancolia da existência interrompida... Mas Deus não disse nada e os alegres cantores, que não são de ébano, dominam o palco do Centro Católico. Suas vozes juvenis e esperançosas atravessam os telhados. Admirada, a

plateia, com as alunas do internato do Colégio das Irmãs, escuta e olha os expansivos moços. Também o anúncio do concurso de contos. Quem ganha é um rapaz do terceiro científico. A melodia fica para traz, desaparece. No mesmo prédio, depois, a Alfaitaria Goulart, a Farmácia Baisi. Agora, se vê a casa em seguida que é de Pedro Nunes e dona Leozinda Coelho Nunes. A vista contempla grande e bela loja, dona Leozinda no caixa, o filho João Coelho Nunes acompanhando os fregueses. O ano é de 1960. No último andar, no Hotel Paraíso, Jaime Laudares Pereira estuda. Vai prestar concurso para o Banco do Brasil. Prestará vestibular na EFOA. E será aprovado em todos. Poucas pessoas são tão corretas e tão trabalhadoras como Jaime. Anos e anos, enfrenta a portaria do Hotel Paraíso. Em um dia que já se perde no tempo, entra na mesma sala do Colégio de Alfenas: estamos na 4a. Série, hoje 8ª série. Ouvimos juntos as vozes e lições de Carmen Tamburini Orofino, Estevão Rosa, Antônio Marcial Faria, Vilma Pereira Bastos, docentes que se confundem na poeira do tempo mas que renascem sempre, exibindo os traços luminosos de seus talentos. Sim, eram talentosos. Alguns daqueles irrequietos adolescentes dos anos 50 reconhecem um pouco tarde a competência desses professores. Vindo do Hotel Joca, reside no Hotel Paraíso o sr. Angelo, o do táxi com limpeza impecável. Qual o sobrenome? – perguntam. Não sei. Muitos sabem que ele se chama “seu” Angelo, poucos sabem que veio de Ponte Nova, todos reconhecem que seu carro brilha sempre e quase ninguém conhece seu sobrenome. Junto com os atuais gestores do Hotel, veio Geraldo Gomes, sempre elegante com seu terno branco. O “sr. Geraldo”, como o trata Maurício Lomonte, nasceu em Boa Esperança, presença marcante nas festas, garçon eficiente, muitos anos trabalhou no Hotel Paraíso. No mesmo prédio, o bar, que foi de João Araújo, Roque Lucas de Siqueira – tudo alegre e

satisfeito – Edson Westin Dias, este, além de tudo, apreciado lutador de judô. A frase de saudação a todos que chegam ao bar, de Roque Lucas de Siqueira – “tudo alegre e satisfeito” – faz eco profundo mesmo depois que ele se afasta do bar. João Araújo alegre as noites solitárias do Prefeito Pedro Martins de Siqueira. Infelizmente a paisagem lunar cai sobre os rostos desses álcres barmans, pois que estão todos mortos. As gerações que passam por este bar do Hotel Paraíso, ou mesmo o viam de longe, sabem relembrá-los com respeito e admiração. Arnaldo Jabour desabafa em recente crônica sua “Resposta a uma moça, 50 anos depois”, escrevendo que “as memórias são tão sólidas quanto as realidades, que muitas vezes se esvaem mais rápido do que aquelas”. Não posso interromper o caminhar: a praça tem casas que precisam ser descritas nessa andança. O Hotel Paraíso guarda, ainda, muitos segredos que eu não posso revelar, mas que são revelados. Na porta do bar, vejo Antonio José Lemos Faria, João Araújo, Benedito Rocha, Pedro Nunes, Edson Westin Dias, Roque Lucas de Siqueira. Rápido, chega e caminha o garçon Geraldo Gomes, rumo ao bar de Maurício Lomonte. Sobre o que conversam? Sobre o que falam? Estão felizes, sorriem, dão risadas, acenam de longe, passo perto e pergunto: “Tudo alegre e satisfeito?!”

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXXII

Do escritor e poeta mineiro
Carlos Drummond de Andrade:

E agora, José?
a festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,

cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José?
sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu torno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio – e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.

José, e agora?

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXXIII

“Mande notícias do mundo de lá...” Mas a espera é vã: não chegam. Nunca virão. Sempre um silêncio inexorável separa os do lado de lá dos do lado de cá. Com ele ou com ela o vinho é tomado no mesmo copo, o pão comido no mesmo prato e todas as vezes a taça de vinho e o prato ficarão impecavelmente limpos. O dono do copo e do vinho, do prato e do pão saberá que as bocas que compartilham a bebida e a comida ficarão limpas, sempre limpas, não se deixarão sujar pelos esgotos que virão. Poderá sorver, junto com eles, até o último gole, o vinho que canta nas garrafas. Poderá mastigar junto com eles, com prazer, aquela comida que desce gostosa pela garganta. Jamais haverá escarro vindo dessas bocas que, anos e anos, engolem, também, com prazer e perto, contíguo, o mesmo vinho e o mesmo pão. Poderão todos beber nesse copo e comer nesse prato. E virão noitadas. Certa vez, estando o escriba junto a ele, o mágico Copperfield irá apresentar, em um teatro em São Paulo, sua arte e seus mistérios. Depois da viagem no trem europeu, vê Santa Teresa de Lisieux, que repousa no seu convento, no coração da França, e está ali com ele. Pavarotti, Carreras e Plácido Domingo jantam na mesa ao lado, em São Paulo, depois do concerto dos três tenores. O corpo de Lenin ali tão perto, na Praça Vermelha. Os jovens soldados de Moscou esquecerão suas baladas e estranharão a foice e o martelo nos longos gorros de inverno que os viajantes trazem, mal sabendo

do que os camelôs – raros – da Praça Vermelha repassaram aqueles chapéus aos deslumbrados turistas. E Bruges, a Bélgica, suas cervejas, seus chocolates. Canta a cotovia na terra de Shakespeare, também? Bem perto, o estádio de Wembley. Nesse campo, a seleção brasileira, em 66, deu tristezas ao país na Copa do Mundo. É preciso conhecer o estádio. Os teatros de Londres, o táxi que conduz a outro lugar, mais vinho e mais pão nos restaurantes indianos de Londres, e a garganta e a boca sempre limpas. Mande notícias do mundo de lá. O apelo, sem resposta: parece que o lado de lá é tão longe... Em outra paisagem, viagens anuais a Aparecida do Norte: ela superava a timidez, e o ônibus sempre parava na chegada, em frente a casa, os hinos religiosos precedendo a imagem da Santa que vinha como presente. Em outro momento, o som das águas rolando, a mão que toca um violão. Num instante chega a cantiga sertaneja: “Num galho seco vi pousar um passarinho/ Aos seus filhinhos vem cantar uma canção/ Um vagabundo que andava sempre em festa/ Corre depressa: vem armar um alçapão”. Parece que alguém, tão cheio de mágoa, passeia entre as cordas do violão quando a cachoeira tem som de pirilampos, e confusas imagens e ruídos vêm escondendo o verso: “Adeus, filhinhos: minha vida pouco resta; adeus, florestas onde aprendi a cantar”. E as imagens confusas e cinzentas trazem de volta o Rancho das Cachoeiras e sua multidão. Deixa o Rancho de ser “uma fotografia na parede” e ressurge, dourado e nítido. Em outra circunstância, a vizinha baixa interrompe o silêncio da floresta de computadores da sala e anuncia a cartinha, um bilhete: alguém precisava de perna mecânica, alguém precisava de emprego, alguém precisava de bolsa de estudos e os seus olhos esperavam resposta positiva, com humildade mas ávidos pelo atendimento, e ela saía da sala louvando a Deus. “Você faz as vezes do Correio? perguntava o escriba,

sorrindo, enquanto ela saía com seu esplendor de felicidade. Quando recebeu a notícia de que havia ganhado um simbólico Prêmio Nobel, sua pura humildade retardou o encontro depois da publicação. Nas montanhas de Minas virão viagens, de ônibus, rumo a Monte Verde e Lindoia; os passageiros cantam como peregrinos: “No céu, no céu, com minha mãe estarei”. A frase melodiosa de Kipling inunda a noite, a meia noite e seus mistérios, quando se lembra que o poeta inglês escreveu que “serás um homem se deres ao minuto fatal todo valor e brilho”. Para que lamentar perdidas ilusões – na versão da música de Chaplin – se ao minuto fatal foi dado todo valor e brilho, em um caso partindo contrariado, em outro caso, partindo curtindo ardentemente a esperança de ver logo, face a face, o Criador? Todos com dignidade! Um ama a vida e se desgarrá dela, sob protestos mentais, jamais com amargura; outra também ama a vida, mas a resignação e a perspectiva de imediato Encontro não tem os contornos de lutador do outro. Para que chorar o que passou? “Os meus amigos vão pra não voltar...” A canção italiana martela os ouvidos, o refrão machuca: “Que será, que será, que será? Os dias que não têm mais alegria... Que será da minha vida eu não sei...” Certa manhã, vejo mares tranquilos que repousam atrás dos olhos sérios dela, e sai o apelo: ‘Fomos batizados naquela Igreja Matriz: temos que voltar sempre a essa Casa’. A singela mensagem registra a ausência prolongada do escriba da Casa aonde ela vai, todas as noites, adorar o Santíssimo. Ela consegue que ele sorria diante de sua simplicidade encantadora, e o escrevedor, no íntimo, se extasia e baixa a cabeça diante da pureza que vê nos mares tranquilos que repousam naqueles olhos. O outro luta: é guerreiro, não abandona a arena, fica nervoso, bravo, mas não se revolta. Ela, tem medo, mas a solidão da noite escura revela para ela que virá manhã brilhante e bela. E esconde de todos o seu contentamento.

“Vamos juntas, tudo é muito bonito!” – parece assim dizer, e no minuto fatal arrebatada com divina volúpia sua cunhada: leva-a para o lado de lá, “de mãos dadas, nas mesmas estradas”. Até nesse minuto fatal não tem nenhum egoísmo, não quer desfrutar sozinha tanta beleza, tanta glória! Imagino a cena pintada pelo escritor pernambucano Manuel Bandeira: “Entra, você não precisa pedir licença”. O outro, com sangue espanhol, bravamente não abandona a arena. Cobra o medicamento que deveria ser dado na hora, cobra comportamentos viris, em nenhum momento se ouve ou se sente naquele quarto de hospital algo como *miserere nobis*. Ela, em uma conversa, depois de entregar mais uma cartinha, diz: “Ai se não fosse o senhor, que tem pena do povo!” O escriba fica encabulado, sabe de sua indignidade e de sua miséria, fica perturbado seu coração. Sem figura de retórica alguma, sabe que não é digno de desatar-lhe as correias do sapato e se lembra da frase do Evangelho: “Misereor super turbam”, que quer dizer: Tenho pena do povo. Na hora de grande emoção, na hora de desconforto e abandono total, fica descomposto, de óculos escuros; parece ouvir da pequena multidão, no sábado e na quarta-feira: “Veja como ele os amava!”. “Na vida é bom ter amigos”, diz a cantiga da televisão. Sim, é bom ter amigos que se chamavam José Carlos Banhos e Célia Sabóia. Mandem notícias do mundo de lá...

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXXIV

Recebi do amigo Irnard Manso Vieira o e-mail seguinte:

*“Meu caro Velano,
esta crônica, eu já a havia lido no Jornal dos Lagos. Curioso é que quando a lí, me chegou à mão um texto lindo sobre ‘os três tenores’ que eu comecei a ler em sala de aula, tal a qualidade do sentimento alí contido. E tomo a liberdade de passar para você, na medida em que, pode ser que você não conheça. Mas é uma das mais lindas lições de solidariedade que eu já vi na vida. Entre inimigos, é a mais linda. Sem sombra de dúvida. Confira no texto em anexo. Abraços do Isnard.”*

Eis o texto:

Rubens Nunes de Andrade

Até aonde pode chegar a nobreza humana?

“Uma das raras coisas boas que a TV proporcionou ao grande público foi a aproximação com a música clássica. Comovente e eu não sabia! Até a onde pode chegar a nobreza humana?”

Isso no final dos anos 80, começo de 90, quando popularizou especialmente os cantores que ficaram conhecidos como

Os Três Tenores, que, como se verá, quase não existiram, ou seja: Luciano Pavarotti, Plácido Domingo e José Carreras.

Com sua arte abrilhantaram diversos eventos, até mesmo Copas do Mundo de futebol! Os três são brilhantes (o italiano Pavarotti nem tanto, e, ao que sei, já se aposentou), mas vou tratar apenas dos espanhóis: o Madrileño Plácido Domingo, tecnicamente o mais completo, já que além de maestro, toca vários instrumentos e o Catalão, nascido em Barcelona, José Carreras (o preferido por meus ouvidos leigos).

Mesmo os que nunca visitaram a Espanha conhecem a rivalidade existente entre os Catalães e os Madrilenos, sendo que os primeiros lutam até por uma independência, pretendendo uma nacionalidade própria que não a espanhola.

Mesmo no futebol os maiores rivais são Real Madrid e Barcelona, que exhibe em seu belíssimo Estádio, o Camp Nou, o sugestivo dístico “Todas as cidades tem um time. O Barcelona é o único Time que tem uma cidade!”

Carreras e Plácido não fugiram à regra: em 1984, por questões políticas, que não vêm ao caso, tornaram-se inimigos.

Sempre muito requisitados em todas as partes do mundo, ambos faziam constar em seus contratos que só se apresentariam em determinado show se o desafeto não fosse convidado!

Em 1987, Carreras ganhou um inimigo muito mais implacável que Plácido Domingo, foi surpreendido com um diagnóstico terrível: leucemia!

Sua luta contra o câncer foi sofrida e persistente. Submeteu-se a vários tratamentos, como autotransplante de medula óssea, além de troca de sangue, que o obrigava a viajar uma vez por mês aos Estados Unidos. Claro que nessas condições não podia trabalhar e, apesar de dono de uma razoável

fortuna, os altos custos das viagens e do tratamento rapidamente minguaram suas finanças.

Quando não tinha mais condições financeiras, tomou conhecimento de uma Fundação existente em Madrid com a finalidade única de apoiar o tratamento de leucêmicos! Graças ao apoio da Fundación Hermosa venceu a doença e voltou a cantar!

Claro que recebendo novamente os altos cachês a que faz jus tratou de associar-se à Fundação e, lendo seus estatutos, descobriu que o fundador, maior colaborador e presidente da Fundação, era o desafeto Plácido Domingo!

Descobriu ainda que o mesmo criara a entidade em princípio para atendê-lo e se mantivera no anonimato para não constrangê-lo a ter que aceitar auxílio de um inimigo. O momento mais lindo e comovente entre os dois foi o encontro, imprevisito por parte de Plácido, em uma de suas apresentações em Madrid, onde Carreras interrompe o evento e, humildemente, ajoelhando-se aos seus pés, pede desculpas e agradece-o em público. Plácido levanta-o, e com um forte abraço, os dois selam, naquele instante, o início de uma grande amizade!

Certa vez, em Madrid, li uma entrevista de Plácido Domingo, onde a repórter o indagava por que criara a Fundación Hermosa num momento que, além de beneficiar um “inimigo” ainda reviveu o único artista que poderia fazer-lhe alguma concorrência. Sua resposta foi curta e definitiva: “Por que uma voz como essa não se pode perder...”

Para evitar acusações de plágio, esclareço que essa história foi publicada em diversos jornais e revistas de todo o mundo, inclusive a excelente Maria Teresa Casadei, por minha sugestão (cita isso no texto), a publicou em outro jornal eletrônico campo-grandense, nos idos de 2000.”

De São Paulo, uma desconhecida leitora:

“Ao colocar os versos ‘num galho seco vi pousar um passarinho’ no Google, cheguei ao seu artigo do dia 14 de agosto no Jornal dos Lagos. Achei incrível, pois há muito tempo procuramos o autor da canção e a letra completa da mesma. Minha mãe cresceu ouvindo a minha avó cantar esta música! O senhor por acaso teria as informações que precisamos?

Espero que o Sr. possa nos ajudar.

Muito obrigada,

Clara Alexandria”

Para quem não sabe, o “Google” é um programa de pesquisa na internet.

Até a leitora receber a resposta, vão os versos finais da música: “E o vagabundo corre então a abrir a porta / mas ela morta já não pode mais voar.”

Finalmente, a comprovação de que o serviço de “biofeedback”, vindo de Miami e instalado aqui nesta Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas, está trazendo a alegria para os que tinham restrição ao ir e vir e contentamento para os que verificam que seus músculos obedecem mais rápidos aos seus pensamentos:

“Caro professor Velano,

De volta ao Rio, estou lhe mandando este e-mail para agradecer sua gentileza em indicar-me a clínica de recuperação. La tive a oportunidade de realizar o início do tratamen-

to que você me indicou e que pretendo continuar aqui.

Como Alfenense,estou orgulhosa por encontrar em nossa cidade tão importante clínica.,Mais uma vez você esta de parabéns por também como alfenense poder disponibilizar aos nossos conterrâneos esse adiantado e revolucionário tratamento.

Com meus cumprimentos,

Anna Maria de Souza Dias Pires Ferreira”

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXXV

Na ingenuidade do pré-adolescente, no colégio, digo a outro ginasião na frente de José Enéas Ribeiro: “Comunismo e Integralismo são a mesma coisa.” Foi o bastante para, durante uma tarde e até à noite, ouvir leituras de páginas e mais páginas através dele e de seu irmão, João Mateus Ribeiro, jovens colegiais que vieram de Areado e se matricularam no curso clássico, uma variante, na época, do segundo grau ou, hoje, ensino médio. Não havia ensino regular de ginásio em Areado. Depois do chamado “exame de madureza” fazem o Curso Clássico. A vinda deles através do exame de madureza, causava admiração em todos, pois que eram julgados, por nós, como cultos e inteligentes. Saí da casa deles bem à noite, ouvindo suas leituras, cujo conteúdo não entendia bem, mais ainda ciente de que não sabia nem o que era comunismo muito menos o que era integralismo. Agora o mestre Miguel Reale, ex-reitor da USP e um dos autores do novo Código Civil, relembra em artigo publicado, seu passado integralista, lembrando, também, que foi integralista a fina flor da intelectualidade da época, como Alceu Amoroso Lima, Fernando de Azevedo, Francisco Campos, Cassiano Ricardo, padre Helder Câmara e tantos outros. O professor Reale ressalta que “os acontecimentos culturais não podem deixar de ser examinados à luz de seu tempo, em função de suas circunstâncias e conjunturas”. O artigo somente me trouxe o cheiro forte dos velhos livros de onde vinham, naquela tarde e co-

meço de noite, a voz de José Enéas e João Mateus tentando provar ao trêfego pré-adolescente que integralismo e comunismo não eram a mesma coisa. Nas vascas de agosto, vêm duas surpresas: que a carta-testamento de Getúlio Vargas foi reescrita e datilografada depois de sua morte e que a reportagem da revista VEJA sobre Ibsen Pinheiro baseou-se em um erro conhecido previamente pela revista. Quantas pessoas cultas e eruditas ostentavam a carta-testamento em quadro de parede, como uma relíquia; quantas pessoas sinceras e justas vilipendiaram o deputado gaúcho depois que foi capa da revista com a manchete: “Até tu, Ibsen?” Com certa amargura, vem à mente a reportagem da VEJA há mais de dez anos sobre a Faculdade de Medicina de Alfenas, suas inverdades e seu posterior desmentido pela revista em três linhas na seção dos leitores. E o coro hienoide, requestado, entoando hinos locais de louvor à revista. Como foi ardido o tempo de vida que se consumiu naqueles dias, a energia que não se renova, provando e comprovando aos alunos, ao MEC, aos amigos e desamigos que não era verdade o que VEJA tinha publicado. O mesmo e pequeníssimo coro, com seu diapasão hienídeo, nesses dias pagando espécie de dízimos para que outro fizesse o solo em seu nome e, como uma cigarra, o solista cantasse até morrer. Morrendo, o cantor manda pedir perdão, porque cantara a troco de dízimos. Nada disso se compara aos sofrimentos e perseguições impostos a Francesco, que morreu em 1968 em San Giovanni Rotondo, com o nome de Padre Pio. Até o bom e humano João XXIII foi induzido a fazer mau juízo do Padre Pio e apoiar os que o odiavam e maltratavam. O que não mata, fortalece. Tentaram envenenar Padre Pio. Ele acabou sucumbindo ao veneno. Michel Maffesoli, o atual e vivo escritor francês, escreve que “constata-se uma volta do mal com toda a força.(...) Velha sabedoria popular afirma que mais vale compor com a sombra do que

negá-la.” O Bispo de Hipona, em mais da metade dos anos 300, ensina: “Que entre vós não haja rixas(...) pois, senão, a irritação transformar-se-á em ódio: a palha ficará parecendo um tronco de árvore...” Assim fala Santo Agostinho, bispo de Hipona, falecido no ano 387, DC.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXXVI

Em 10 de setembro de 2004: Grande revolução sem a letra “r” trouxe a Faculdade de Medicina Veterinária para este querido rincão de Minas Gerais.

Foi a primeira Faculdade de Medicina Veterinária a se instalar no interior de Minas Gerais, antes mesmo de cidades que já possuíam portentosa estrutura no ensino de Ciências Agrárias, financiadas pelo Governo Federal.

Essa “revolução” sem “r”, essa EVOLUÇÃO, em um só de seus aspectos – um só – pode ser ilustrada pelo depoimento que tive no último domingo, de um hoje fazendeiro e abastado homem de negócios, que 25 anos atrás era um aflito e pequeno comerciante: disse-me ele que, com a evolução que citei antes, conseguiu que seus negócios prosperassem, tornando-se proprietário de terras e sólido comerciante.

Só esse segmento, o econômico – e são muitos, muitos, em diversos graus e em diversas áreas – só esse segmento pode dar ideia do que representou, nestes 25 anos, a presença da Faculdade de Medicina Veterinária na vida econômica desta amada e pequena Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas.

Carro-chefe de toda estrutura educacional da UNIFENAS, a Medicina Veterinária propiciou a continuidade da “revolução” sem “r”, e o surgimento de outros cursos, outras dimensões, horizontes mais largos e mais ousados.

Sem a Faculdade de Medicina Veterinária dificilmente teríamos hoje cursos de Medicina Humana em Alfenas e Belo Horizonte; sem a Faculdade de Medicina Veterinária, ficaria totalmente afastada a ideia de outros câmpus em várias cidades, remota a execução de pesquisas, claudicantes as atividades de extensão, irrealizável o sonho de reter junto a nós o talento das cabeças pensantes, em uma cidade, em uma região e em um país em que as cabeças pensantes ficam seduzidas – diga-se de passagem: com justiça – ficam seduzidas pelos acenos vindos das instituições de ensino mantidas pelo Governo Federal.

A segurança de não ser dispensado, quase sempre o alto salário, tudo isso – diga-se mais uma vez que aqui não vai nenhuma censura ou crítica – tudo isso faz com que o docente migre para uma escola que lhe dê a tranquilidade de ser funcionário público.

Forçoso é dizer, também, que muitas iniciativas no ensino privado visavam exclusivamente a resultados financeiros significativos. O ensino transforma-se em investimento cuja solidez financeira não é para segurança de sua qualidade, é para garantir bons resultados em seus balanços. Ao contrário – penso eu – daqui e de muitos lugares.

A construção do câmpus universitário de Alfenas, tijolo por tijolo, pedra por pedra, ocorreu em grande parte, se não na sua totalidade, em virtude de existir aqui a Faculdade de Medicina Veterinária.

Mas, se a noite é de alegria, se nestas bodas de prata se procura evidenciar as coisas boas do passado, não é e não pode ser uma noite para o autoelogio, não é e não pode ser uma noite para receber incensos. É uma noite para se receberem abraços, sim, mas, também, é uma noite para se darem abraços.

Os 1500 Médicos Veterinários aqui formados, distantes

pelo país afora, alguns por outros países, nas montanhas, nos laboratórios, nas salas de cirurgia, nas fazendas, esses todos merecem o abraço dos 25 anos.

Aos atuais alunos, a certeza de que esses 25 anos não transformaram a Faculdade em uma instituição esclerosada e apagada.

Aos professores, passados e atuais, a convicção de que continua brilhando a mesma chama, continua crepitando o mesmo fogo que aquece o entusiasmo, o mesmo fogo da mesma fogueira que dá luz e calor para encontrar o roteiro, o rumo, o norte.

Se a música que vem de outros lados chega com outro ritmo; se o toque de clarineta que se escuta longe nos deixa atormentados e indecisos, vamos dançar ao compasso da música enviada, vamos bailar segundo os toques da clarineta; mas a melodia, a pauta musical e harmônica, essa não será abandonada e nem será cantada com desafinação.

Vale dizer, quando um ex-ministro da Educação declara que o número de vagas e ofertas de 25 anos atrás era resultado de privilégio de grandes universidades; quando os atuais ministros da Educação não conseguem imediatamente colocar ordem na balbúrdia encontrada, na anarquia em que se quis transformar o ensino superior brasileiro a pretexto de democratizá-lo; quando, em toda esquina de cidade populosa e em qualquer aldeia, se vê uma placa de Faculdade, obtida sem nenhum esforço, sem nenhuma luta, a lição de 25 anos vai sobrepor-se a todas essas extravagâncias e excessos: nada resiste à qualidade, nada resiste à seriedade, nada resiste, no ensino superior, ao trabalho honesto e com visão do futuro, não com os olhos voltados exclusivamente para o hoje e o agora, não com o pensamento envolvido na promessa eleitoral de deputados e senadores, ou na corrupção de funcionários atrelados aos famosos escritórios para apresentar

projetos ao MEC.

Na década de 30, aqui mesmo, na região, pululavam escolas superiores em municípios os mais diversos, variando desde Odontologia, Farmácia e até Medicina Veterinária. Antes, a legislação era permissiva; hoje, os altos funcionários é que são permissivos.

Nenhuma sobreviveu. Só resistiu a que zelou pela sua qualidade, não escondendo sua pobreza, mas ciosa de que estava fazendo corretamente suas tarefas, que é a Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas. Vindo aqui fechar a Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas, o inspetor do MEC, Dr. Antonio Bhering deixou registrado, conforme publica o jornal de 30 de abril de 1939: “Na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Alfenas encontrei cultura, honestidade e abnegação.”

As aventuras inconsequentes, vindas de interesses políticos, no ensino superior não sobrevivem.

Porque falta o que esses núcleos e essas esquinas nunca terão: o substrato, o conteúdo essencial em que residem a ciência e a tecnologia.

Não quer isto dizer – como certa vez publicamente declarou um ex-ministro da Educação – não quer isto dizer que somente os grandes núcleos urbanos podem ter ensino superior.

Contraria esse pensamento a realidade dos países mais desenvolvidos do mundo.

Hoje se encontram renomadas Universidades nos Estados Unidos e na Inglaterra, para citar apenas dois exemplos, em áreas de pequena densidade demográfica.

Não é isso.

Que fique claro que não se quer exclusividade, nem privilégios.

Mas, se se abrirem, haja pessoas que dediquem suas vidas inteiramente a criar esse substrato, sem o qual morrerão.

Por essas razões marcamos esses 25 anos.

Suportamos a primeira lufada do desatino dos antigos governantes.

Chegamos vitoriosos aos 25 anos.

O sucesso não foi resultado do trabalho de um só homem. Foi fruto da sensatez e de um princípio: a qualidade, perseguida pelos alunos, pelos professores, pelos dirigentes.

A mesma qualidade de não se inventar dificuldades para não se vender facilidades.

A alegria dessas bodas de prata é espaçosa.

Essas inconseqüências de ritmo, essas incongruências dos homens de governo não devem abalar a Faculdade de Medicina Veterinária de Alfenas.

O evangelho de São Mateus ensina que “caiu a chuva, sopraram os ventos e investiram contra a casa do homem prudente; ela, porém, não caiu porque estava edificada sobre rocha”.

Não obstante, ensina o mesmo São Mateus que “o sol nasce tanto sobre os maus quanto sobre os bons; a chuva cai sobre os justos e injustos”.

A música toca para todos. Não será possível dormir sobre os louros desses 25 anos porque o vento e a chuva virão igualmente para nós e para os outros.

Não se pretende ser melhor do que ninguém.

Pretende-se, isto sim, que haja protetores para nós com eficiência, para que o vento e a chuva no telhado, para nós, sejam cantigas de ninar.

Daqui a 25 anos, nas bodas de ouro dessa Faculdade de Medicina Veterinária, aqueles que nos sucederem poderão

dizer como o poeta do país de Gales, Dylan Thomas: “os 25 anos não cegaram sua juventude”.

Entregamos para Alfenas – a Vila Formosa dos primeiros colonizadores -, as bodas de prata celebradas.

Se me permitem, essa bodas também se inclinam sob a memória de minha mãe, dona Alzira Velano, que viu esta Faculdade nascer e permitiu com sua fé que seu filho estivesse vivo nos 25 anos da Faculdade.

Se me permitem, essas bodas devem se inclinar para minha família, para minha esposa, Maria do Rosário, para minhas filhas Larissa e Viviane, que, crianças e puras, uma viu brotar a Faculdade e ambas, com a mãe, testemunharam que o pai e marido trazia a crença vaga e indefinida de encontrar o ideal da vida nessa jornada.

“Tudo vale a pena, se a alma não é pequena.”

Canta Dylan Thomas: “A noite que vem caindo para sempre é uma estrela.”

Ensina a canção ouvida há pouco: “O ideal que sempre nos acalentou, renascerá em outros corações.”

Como uma noiva, a Faculdade, repetindo a canção escutada nesta noite, estava vestida de branco e o noivo, sorrindo e querendo chorar.

25 anos vamos festejar de união.

E o meu coração me faz compreender que a vida é tão pequena para tanto amor.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXXVII

No Clube XV, ao redor da mesa de bilhar, talvez os melhores: Celso de Lima Goyatá, Sebastião Rios Pinto (Faixa Branca), Samuel Valadão, Heleno Loyola, Walter Rocha. No terceiro ou quarto time, bem abaixo de Gilberto Vieira de Sousa, Antonio Edson Rabelo, José Resck, Milton Fonseca, José Alceu Leite Amaral, vêm o escriba e outros. Joga-se “vida”. O jogador cuida de encaçapar o outro e “salvar” sua bola. Na plateia, assistindo e sem jogar, Georges Michailides, Voltaire Pereira Sério, Joaquim Rocha (Joaquim do Braz). “Encaçapar” – para quem nunca teve a curiosidade – é fazer com que a bola de sinuca entre na caçapa, acertando-a com outra bola que foi impulsionada pelo taco: “matar”. E quase todas as noites se reúnem os respeitáveis senhores e o tresloucado e muito jovem escriba, ao redor da mesa, no Clube, para o jogo de “vida” – valendo algum dinheiro. Celso de Lima Goyatá tem especialidade inimitável: joga com um braço só, não para esnobar, mas por ser detentor de técnica que deixa todos abismados. Durante muitos anos, único médico-veterinário da cidade, Celso Goyatá foi integralista na mocidade, detentor de cultura geral que poucos conheciam. Seu irmão, respeitado e famoso advogado do Direito do Trabalho em BH, Dr. Célio Goyatá. Sebastião Rios Pinto joga com segurança e confiança no taco, sério, sem brincadeiras. Esposo da doce e dedicada professora Lia Corrêa Rios Pinto. Todos dizem que o pai do Dr. Samuel

Valadão, o competente advogado Augusto Valadão, também foi exímio praticante desse esporte, mas jogava realmente bilhar, jogo que exige muito mais habilidade, praticado com três bolas de marfim e auxílio de um taco, sobre uma mesa forrada de feltro verde e sem caçapas, no qual cada jogador deve fazer com que a bola, dita “jogadeira”, bata nas outras duas, marcando um ponto e continuando a jogar quem conseguir uma carambola (“embate”). O antigo advogado Augusto Valadão teve vários filhos, um dos quais, dr. Carlos Valadão, Juiz de Direito, uma das figuras humanas mais corretas e éticas que conheci. Ele não joga “vida” nem bilhar, mas tempera sua cultura invejável com o humor fino e educado, e sua humildade procura esconder o grande homem e competente juiz que era. Heleno Loyola, estudante, vence também vários festivais de música e, na “sinuca”, é do primeiro time. O mesmo com Walter Rocha, preciso e hábil em suas jogadas. Milton Fonseca, falecido recentemente, sempre calmo, com seu cigarro de palha, imperturbável. Antonio Edson Rabelo, supereducado e com fineza ímpar, sempre fica bastante nervoso ao dar a tacada: levanta o taco lentamente, o corpo todo se retorce acompanhando o trajeto da bola. Ninguém bebe nada: todos estão envolvidos e com atenção no jogo. Quando se sorteiam as bolas para cada um, a torcida é de que os “patos”, como o escriba e o “Telheiro”, outro que frequenta e é da mesma fauna, ficassem como “matadores” deles, pois isso garante tranquilidade para quem quer “matar” e não se preocupar com quem vem atrás. E os “patos” se entregam humildemente aos matadores. Mas, como em todo jogo, às vezes a fortuna da sorte não sorri para os “cobras”, e os “patos” acabam ganhando. A grande alegria da noite é a chegada do José Resck, também jogador, com seu jeito de falar, sua graça, sua verve. Tamanha é a ânsia despertada no ambiente que, na “Noche Buena”, como dizem os argenti-

nos, na noite de Natal, alguém da família vem buscar um dos jogadores que se esquece da Ceia – que não é este escrevinhador – mergulhado na mesa de bilhar do Clube XV. E as rodadas prosseguem algum tempo, alguns anos, todas as noites e depois, também, todos os sábados e domingos à tarde. Posteriormente perecem o costume e seu ritual, deixando apenas o eco apagado das palavras gritadas logo na entrada, por quem chega: “Põe meu nome aí!”. O escritor mineiro Guimarães Rosa faz sua personagem desabafar: “Trás noite, trás noite, o mundo perdeu suas paredes.” Na vitrola imaginária, coloco sons melódicos e palavras das melodias, pensando na turma da “vida” do Clube XV, meditando no 26 de setembro e no que a ciência chama de propriedade que vai do nascimento à morte. Ouço: “Vem chegando a madrugada / o sereno vem caindo”. Caramba, o novo som vem de muita gente cantando: “Ó jardineira por que estás tão triste? Mas o que foi que te aconteceu?” Penso que sei por que cai o sereno, penso que sei por que lamenta a mulher que cuida dos jardins. No som da vitrola, o trecho musical vem devagar, trazendo vagas lembranças de terras espanholas: “Eu conheci uma espanhola / Natural da Catalunha / Queria que eu tocasse castanhola / E pegasse touro à unha!” Conheci de longe: não era uma, eram duas, e sempre ficaram longe de mim. Depois, a navalha afiada de Johnny Alf e a melodia que chega suave, quase sussurrante: “Ah, se a juventude que essa brisa canta / Ficasse aqui comigo mais um pouco”. O pensamento vaga e divaga, quando entra de uma vez Lupicínio Rodrigues, de cheio: “A minha casa fica lá detrás do mundo / Onde eu vou em um segundo quando começo a cantar, / O pensamento parece uma coisa à toa / Mas como é que a gente voa quando começa a pensar.” Vem à mente a rosa, deseja-se frenesi que misture a jardineira, as moças de Catalunha perdidas no tempo, o 26 de setembro e tudo: “Flor amorosa, /

compassiva,/sensitiva,/Vem/ porque/ É uma rosa,/ orgulhosa, presunçosa,/ Tão vaidosa.”. É de Catulo de Paixão Cearense e Joaquim Calado, sim, o mesmo Calado muito atuante no seriado da “Globo” sobre a vida de Chiquinha Gonzaga. “Eu daria tudo que eu tivesse / Pra voltar aos dias de criança/ Eu não sei pra que a gente cresce/Se não sai da gente essa lembrança / Aos domingos missa na matriz/ Da cidadezinha onde eu nasci”. Domina em tudo, sem ser convocada, a sessão nostalgia. Os acordes da melancolia impregnam o espaço, o tempo, o vento, como acontece com todo mundo. A música de Ataulfo Alves, de 1956, traz “de volta ao nosso aconchego” uma situação quase uterina, esplêndida, nirvânica. Agora, sexagenário, ou, como quer o escritor Mário Prata, “sex-appeal-genário”, traz o passeio arrependimento inevitável e ingênuo de ter deixado o tempo passar. Parece que todo sexagenário é assim, e os vintenários também, os trintenários e todos que exclamam como a Rainha Vitória, da Inglaterra, no seu leito: “Meu Reino por mais um dia!” “Naquela mesa ele sentava sempre/ E me dizia sempre/ o que é viver melhor / Naquela mesa ele contava histórias...” Quantos, vindos em ou fora de setembro, mesmo os que não tiveram parentes nas noites brancas de “vida” do Clube XV, mesmo os que nunca estiveram na Catalunha, mesmo aqueles para os quais o cenário da missa na Matriz não significa nada, quantos não cantam que naquela mesa está faltando ele! Ele? Quem? Não importa. Sempre haverá para alguém uma saudade danada de quem contava histórias “naquela mesa”. “Era um, era dois, era cem / Era o mundo chegando/ E ninguém que soubesse que eu sou violeiro/ Que me desse amor ou dinheiro / Era um, era dois, era cem / Vieram pra me perguntar / E você: – pra onde vai, de onde vem? /Diga logo o que tem pra contar / Parado no meio do mundo / Senti chegar meu momento / Olhei pro mundo e

nem via / Nem sombra, nem sol, nem vento.” Aí os que pularam para o mundo antes ou depois de 1943 podem testemunhar os ímpetus juvenis que fazem os moços acreditar que eram um, eram dois, eram cem; a força deles, invencível, se delicia com a opção do destino, e não lhe dão importância: para onde vão? De onde vêm? Para essa brisa de Johnny Alf não haverá sol nem de verão, nem de inverno, nem vento leste, nem vento oeste, nada para impedir que se vá ao fundo buscar a “viola” que jogaram no mundo. Os anos juvenis não se incomodam com a morte ao redor, nem têm receio de dor, a jura de quebra não reduz o atrevimento ou a coragem. A música de Capinam e Edu Lobo silencia um pouco a sequência da vitrola, porque o cenário parece estar “tão longe, de mim distante”, tão distanciado para os que vieram em 43 e antes, os cenários emoldurados com as cinzas das colinas do ontem. Acrescenta a melodia de Juca Chaves: “Já se escuta a nostalgia de uma lira a soluçar”. Toca, então, o que compuseram Alcyr Pires Vermelho e Gilvan Chaves. A lua não espia, e o malvado vento continua, continua, varrendo as flores e os frutos. Mas, Vinicius de Moraes e Baden Powell mandam olhar tudo diferentemente: “É melhor ser alegre que ser triste / Alegria é a melhor coisa que existe / É assim como a luz no coração”... O “Samba da Bênção”, famoso também por ser cantado em filme, retempera os sabores cinzentos com a sensual vivência de Vinicius de Moraes. Então nos sentimos, também, abençoados, protegidos, tranquilizados, libertados dos sintomas de “fin de siècle”. Os irmãos Marcos e Paulo Sérgio Vale ensinam que “A voz que canta uma canção / Se for preciso, canta um hino, / Louva a morte...” No entanto, “O que será / que será? / Que vive nas ideias desses amantes, / Que cantam os poetas mais delirantes, / Que juram os profetas embriagados, / Que está na romaria dos mutilados, / Que está na fantasia dos infelizes, /

Está no dia a dia das meretrizes, / No plano dos bandidos, dos desvalidos?” O que será que estava na cabeça e no coração de Chico Buarque de Holanda ao escrever essa canção? “Um dia a areia branca / seus pés irão tocar / E vai molhar seus cabelos / a água azul do mar / Janelas e portas vão se abrir/ pra ver você chegar/ E ao se sentir em casa, / sorrindo vai chorar, / Debaixo dos caracóis dos / seus cabelos, / Uma história pra contar, de um mundo tão distante!” Bom, pode-se respirar. Música de autoria de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, em homenagem ao então exilado Caetano Veloso. Calma e tranquila, sossegada, hino poético musicado de louvor a Caetano Veloso, o que poucos sabem. A noite principia nessa canção com sua penumbra, na sala, a longa noite que atravessa as linhas divisórias do racional e do irracional... A vida dá sensação de que passou depressa demais, como parece acontecer com toda gente. Para Drummond, o poeta mineiro, “logo o tempo esqueceu minha incerta medalha e a meu nome se ri.” Cadê você, cadê você, você passou / O que era doce, o que não era se acabou”, a música que o compositor Alberto Luiz fez para Garrincha. Quase como se fosse uma despedida para o jogador. A canção chama-se Balada nº 7, evocando o número da camisa do craque. Há no desenho musical sensação de que o destino se desfolha aos poucos. Não há resposta, a pergunta vagueia, roda, desmonta. A interrogação resulta em um timbre seco e desprovido. Cadê você? Imagina-se que se está aqui, que se está ali, e o pássaro não é doce como o bem-te-vi no seu repetido canto. Leva até às profundezas o sentido exato da pergunta formulada repetidas vezes para que se descreva, não o lugar, não o local onde se encontra, mas o que é, o que existe, pois está muito claro que pensar logo existir não é resposta que tranquilize o cadê. “Eu estou no Clube XV” – tenho vontade de dizer – “Estou jogando vida, não estou jogando a vida. Estou aguar-

dando a “Noche Buena.” Os senhores ao redor da mesa sorriem com simpatia, esfregam a cabeça de seus tacos com sons de carrilhões. Será que riem da minha vontade de possuir a “Noche Buena”? Sabem que se joga vida e que ela se esvai. Não vou sair desta sala! Vou aguardar que a vida, que não é o jogo, se esgote como o líquido que deixa o balde seco. Vou aguardar esperando a “Noche Buena”, os atos, as falas, as cenas, as coisas que virão, tudo... Vou aguardar as coisas que escorregam enquanto os senhores jogam impassíveis ou agitados. As cores das bolas rolam com elas, o tecido verde da mesa impulsiona conteúdo de que a tarde nos trará a brisa. Cadê? Estou aqui, na sala onde os senhores se abaixam e acariciam as caçapas. “Cheguei na beira do porto onde as ondas se espraia / As garça dá meia volta e senta na beira da praia / O cuitelinho não gosta / Que o botão da rosa caia...” Cuitelinho, o beija-flor que encerra esse imaginário programa musical, esse punhado de músicas ouvidas sem sequência e sem procura de significados, o balanço de uma vida cadenciado pelas melodias, vida que não pode ser repetida. Os acordes que flutuam embalam a certeza de que vem raiando a madrugada e o sereno vem caindo. No balanço, a vista inevitavelmente se volta para trás, para a memória do tempo passado, como ensina Santo Agostinho. “Adeus Guacyra, meu pedacinho de terra”, adeus, senhores graves e gentis do Clube XV, adeus, jogo de vida, adeus, jogo da vida, adeus aos que partem mandando tímidos adeuses das janelas dos ônibus. Adeus, Joraci Camargo e Hekel Tavares, que escreveram: “onde a lua pequenina não encontra um lago pra se oiá”. Com essa imagem dos senhores sérios e reservados com seus tacos e suas bolas coloridas, vou esperar a “Noche Buena”... “Adeus, meu pé de serra, que nem Deus sabe onde está!”, no verso de Joraci e Hekel. Nenhum sereno boia enquanto não nasce a “Noche Buena”. Enquanto ela – a “No-

che” – não chega, deixa-me, Sereno, “dormir em paz, porque uma noite não é nada”. Se tens de cair, “cai, cai, sereno...de-vagar” pois que “é melhor ser alegre que ser triste”. E que todos saibam que essas “Sombras” não passam de reprodução de um programa musical de vitrola imaginado, misturado, sem nenhuma queixa, sem nenhuma alusão. Nem sempre se pode escrever sobre sombras como quem dança álaçre em um carnaval. Mas, fique claro, também, que está no alto a alegria. Às vezes, a linguagem que se procura atrelar à poesia pode trazer imagem de que predomina ou domina o descontentamento. Apenas se lança o olhar perdido e frio sobre os amanheceres e anoiteceres que aconteceram antes de 26 de setembro de 2004.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXXVIII

Ela tem uma belíssima prece de Chico Xavier e quer imprimi-la, para distribuir. “A luz da verdadeira vitória é feita na paciência de cada dia”, termina a oração trazida por Dona Zita Engel Ayer para rodar na gráfica. Faz questão, a vida inteira, de que não esqueçam o Ayer ao escrever seu nome. Tem em seu SARAI uma organização impecável, com endereços e nomes de famílias carentes. Leva a eles alimento e conforto. E remédios, pois dispõe de verdadeira farmácia popular, amostra grátis de medicamentos, local onde pontificam as irmãs e práticas em farmácia, Janyra e Martha Furtado. Médicos ali passam algumas horas diárias como voluntários. O programa Fome Zero teria muito a aprender com dona Zita Engel Ayer. E dona Ruth Cardoso, a senhora do ex-presidente da República, também aprenderia bastante, pois o serviço voluntário funcionava no SARAI muito bem, já naquele tempo. Em 1982, na maré das mudanças políticas, na onda vencedora e avassaladora antigovernista, o eleitorado alfenense dispensou os serviços de Dona Zita e ela não conseguiu uma vaga na Câmara Municipal. O eleitorado, em lamentável equívoco, entende que a cidade não precisa mais dela na Câmara. Teve 320 votos. Nunca mais se candidatou. Não somente os pobres e miseráveis têm sua ajuda. Os chamados “remediados”, os que não esmolam mas sofrem grandes dificuldades financeiras, têm espaço na sua assistência silenciosa e, ao contrário do que apregoam os eternos incon-

sequentes, Dona Zita não se aproveita politicamente desse trabalho assistencial, feito, quase sempre, quieto e sem alarde. Confundem alguns sua capacidade de organização, seu assistencialismo organizado, com ambições político-partidárias. Certa vez, no Restaurante Tokyo, Francisco Cardoso comenta com emoção: “É uma mulher a quem qualquer um abre a porta de sua casa se ela bater na calada da noite”. Não era, como não poderia ser, indiferente às atividades político-partidárias de seu irmão, Adolpho Engel. A propósito, ao vê-lo, ao longe, na tradicional peregrinação do meio-dia, entrar em um Banco, Philadelfo Rocha, no assento de madeira da praça, comenta: “Nunca ninguém teve alguma queixa de Adolpho Engel. Nunca ofendeu ninguém. É um homem muito educado”. No dia de sua morte, o velho Archanjo Toledo Lyon, do alto da sabedoria e experiência que os longos 90 anos lhe deram, assim falou: “Vai fazer muita falta para a cidade!” Adolpho exerce plenamente a missão de patriarca. Debaixo de suas asas, agasalha toda a família; fornece o capital financeiro inicial a um irmão mais moço; garante preços especiais em sua empresa, na cesta semanal, para todos do mesmo clã totêmico; faz companhia em hospital do Rio a um cunhado do primeiro casamento que estava operado, Joaquim Vilhena da Silva; compra, monta e custeia casa para a irmã mais velha, Elisa. Não era à toa que seu primeiro nome era Abrão. (Na tradução da Bíblia da Editora Ave Maria, o nome da mulher de Abrão era Sarai.) Trouxe e sustenta parentes do exterior, da Romênia, como David, Abrahan e Marcos Helleberg, Iancu Ziegler. Seus empregados são como agregados: permanecem longos anos em sua casa comercial. Pessoas como Rubens Carvalho, Joaquim Mariano Filho (Quinzinho), José Afonso, “Colorau”, Vitória Ferreira, Antonio Camilo Sobrinho, “Caé”, “Dodô”, Ossival, Zuleide Cunha, Paulo Veronezzi, Antônio Colorau, Emílio Ayer, Antônio Amorelli, Bene-

dito e Sebastião Gaiane (pai e filho), João Tilinho, Oswaldo Manso Vieira, Sebastião Dazio, Guido Bruzadelli, Yara Vieira Rabelo, Sílvio Prado, Euclides Moreira, “Perna-Torta”, João Elias de Souza (João Cru), Alfredo Vilela de Oliveira, Geraldo Cruz, José Vitor de Souza, Lamartine Passos Silva, Amália de Souza Bruzadelli, Elza e Vera Ramos, José dos Reis, mais conhecido por “Preto” e tantos outros. Em época em que os empregos eram mais raros do que hoje, várias famílias vivem, se alimentam, trabalham, se realizam, educam os filhos com os salários da firma, até se aposentar o pater famílias e, às vezes, continuar na empresa. Julgam-se pertencentes à família Engel. Quando a Justiça de Trabalho ensaiava os primeiros passos, quando era raro o empresário que pagava salário mínimo e se contavam nos dedos os que colocavam de férias ou cumpriam as obrigações da legislação, a empresa de Adolpho primava em dar assistência médica aos seus empregados, além de ser rigorosa no cumprimento das conquistas citadas e da CLT. Nos anos dourados, vistos agora sob a pálida luz do luar e com o claro-escuro do tempo, dava elevado “status” ser empregado de Engel & Irmãos. David, Haroldo e Carlos, seus irmãos, têm e tiveram a mesma educação, a mesma fineza, a mesma delicadeza de não ofender ninguém. E a mesma eficiência. David Engel, botafoguense irredutível, dedica-se “lá em baixo” com a cabeça, o coração e os braços. Haroldo Engel várias vezes recebe o certificado de proficiência da Ford, montando agência e oficina que arrebatam os primeiros lugares no país. Carlos Engel revela-se engenheiro de nome em São Paulo. Não convivi com seu irmão que morava em Uberlândia. Dizem que Herman Engel também tinha os mesmos predicados. Compreendam os leitores que não se pretende inscrever ninguém no cânon dos santos. Não é isso. Homens que vivem na terra dos homens. Ivan Junqueira, poeta sem hermetismo, retrata

com felicidade um momento assim: “Ouço vozes. Não são anjos / nem tampouco são demônios: sou eu que me escuto ao longe / do fundo de meus escombros.” É para que as gerações que despontam saibam que a Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas possuía no passado gente de valor: David era dinâmico, Haroldo foi um executivo de primeira grandeza, Carlos um engenheiro de rara inteligência; Dona Rosa, casada com Alberto Vieira, doce, simpática e trabalhadora, vivendo sempre na fazenda; Dona Fanny, contadora, dedica-se à empresa para conseguir o maior rendimento com o mínimo de erros. E dona Elisa, caseira, fazia doces admiráveis. Admirável é que não quiseram os irmãos, nem de longe, rivalizar com ele. Eles o amavam e o respeitavam na mais pura linhagem patriarcal. Não eram Nacor e Arão, filhos de Taré, irmãos de Abrão, como no Antigo Testamento. Quase que imitando o texto bíblico, testemunham a “grande aliança”. Noé Engel Macedo, sobrinho, deixa no escriba recordação que não se esmaece, repetindo-se o verso de Dylan Thomas, o poeta do País de Gales:” Não entres nesta noite com doçura”. Dona Zita vem com a oração de Chico Xavier, no pano de fundo. Digo a ela que tenho ajudado muito a pessoa discutida na hora. O leal comentário de Dona Zita não chega com o som dos clarins com que abria o programa de notícias o radialista Heron Domingues, do Repórter Esso. Na tarde quente, na pequena sala, a música desaparece. Dona Zita, sem querer fazer intriga, me revela que a pessoa em questão diz coisas que não são suaves. Agora, olhando o passado, pode-se dizer que talvez a maior bem-aventurança conseguida pelo clã de Adolpho Engel foi sua ascensão social e financeira. Algumas famílias, nesses tempos remotos, que se julgavam tradicionais, de sangue azul, ruborizam-se, totalmente ressentidas. Esse ressentimento transborda sempre na época das eleições, pois que Adolpho Engel exerce permanente ati-

vidade político-partidária. E seus arranjos nessa área são também patriarcais. O espírito de Abrão, o histórico patriarca das tribos de Israel, domina o homem que nasceu em Santos, São Paulo, depois de sua irmã Elisa. O homem que vivia desde os oito meses de vida nesta cidade conduz as atitudes e o povo de Alfenas e região. Conquista o cajado de comandante-em-chefe que pertenceu ao alfenense Cel. José Bento Xavier de Toledo, ao médico de Campanha Gaspar Ferreira Lopes, ao médico alfenense Emílio Soares da Silveira, todos chefes políticos; assume o trono supremo, e a história local vai testemunhar que foi “o último dos Moicanos”, para usar o título do filme e do livro, foi o último chefe político com os contornos de controlador do poder político, social e econômico da cidade e até da região. Como todos que detiveram o cajado, José Bento, Gaspar ou Emílio, ama esta terra e seu povo e quer o bem-estar da sua gente. Durante décadas, Adolpho entra no jogo da política partidária da época, fiel à UDN e a seus comandantes. Quando um prestigioso deputado se desentende com o grupo governista e passa a integrar a oposição, convida Adolpho para fundar na cidade o partido opositor, propondo que ele, Adolpho, controlasse as duas agremiações. Rechaçado, o parlamentar se esquece de que seu interlocutor, por pertencer e comandar o PDS, sucessor da UDN, tem o partido como um amado time de futebol ou uma religião sagrada, e a si mesmo como ardoroso torcedor e amante desse time ou intransigente praticante dessa religião. Não poderia ser comandante de duas equipes diferentes. Não trairia seu esquadrão. Nem seu time, nem sua religião. De trato amável, não lida com seus oponentes políticos como adversários e inimigos. Sem hipocrisia. O filósofo italiano, Norberto Bobbio, ao distinguir mansuetude de serenidade, diz que “a serenidade alcança mais profundidade. A mansuetude é mais uma virtude pessoal, a serenidade mais

uma virtude social”. Suporta com serenidade as injustas flechadas que têm como alvo sua ascendência hebraica e sua indiscutível capacidade mercantil, palavra esta usada agora sem nenhum sentido figurado. Casado em segundas núpcias, Adolpho não encontrou uma companheira, mas uma estrela. Ao viajar, todas as noites telefona para dona Leda, para ele uma luz que não se apaga. Como se ele fosse um planeta girando sempre ao redor dela, dependendo de seu calor para chegar até ao fim. Confidencia certa vez que sua primeira esposa, quando estava doente, insistia para que ele se casasse, não ficasse sempre viúvo. “Mas case-se com uma boa moça”. Dona Leda foi além de boa moça. Fez a felicidade dele e zelava para que ele fosse feliz. Ao saudar uma senhora em festa rotariana – dona Maria do Carmo Resck – escolhida com justiça como “Mãe do Ano”, dona Leda afirmou que “sempre por trás de um grande homem há uma grande mulher”. Sem o querer, estava pintando seu próprio retrato. Estava revelando os contornos da sua própria imagem. Renuncia à sua arte, ao pendor artístico, ao estudo de línguas, a tudo, para ser aquela mulher a quem Adolpho telefonava com afeição todas as noites, de onde estivesse, “onde escuto a flor que em mim se embebe”, no verso de Mário Faustino. Em 2 de novembro de 1982, o jornal local noticia que “o crepúsculo cai, lento e triste, deixando tintas violáceas no horizonte”. Waldir de Luna Carneiro escreve: “Morreu em comando, vendo o barco navegar, firme no timão como um velho personagem de Jack London”.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXXIX

“Os meus amigos vão pra não voltar” – o porto-riquenho José Feliciano coloca na garganta o verso musicado, em língua italiana, de Migliacci e Fontana. “Que será”, ou “Che sara” de onde se extrai o lamento: “Onde está minha guitarra, meus amigos onde estão, para cantar comigo agora esta canção?”, continua a melodia na voz do cego cantor de Porto Rico. Trago um diploma do Papa para Nilton Silva. Vendido na praça de São Pedro, é preciso colocar o nome para mandarem o certificado com as bênçãos papais pelo correio. Nilton é com “w” ou com “l”? Meu irmão era com “w”. Nilton Silva, como será? A praça de São Pedro, em Roma, cheia de gente. A freira que me atende na loja fica impaciente. Coloco Nilton com “l”: o Papa no diploma abençoa Mococa. Fiz questão de mandar colocar no diploma o nome pelo qual era conhecido – Mococa. Está em minha casa. Algumas coisas não come. Junto com Antenor, do táxi, toma vinho. É vegetariano? Não, mas algumas coisas, não. Participa das brincadeiras. Fez promessa de ir a Aparecida do Norte. Com a cavalgada de Júlio de Fátima Alves? Não. Só vai de helicóptero! Frutas? Carlito de Brito traz do mercado e dependura as frutas na árvore da praça, para quando ele chegar. E Nilton Silva ri, depois, e sua risada absolve todos nós, adultos, que, na sua presença, viramos crianças. Vem o Natal, a conversa começa séria: “Este ano novamente a Prefeitura vai colocar as estátuas do presépio na Concha”. “É verdade?”, diz ele. “Sim, desta vez

não vão furtar a imagem de um Rei Mago, como no ano passado. Você vai ficar no presépio, dia e noite, como um dos Reis Magos”. E Nilton Silva ria, ria, porque tinha certeza de que as pessoas que brincavam com ele eram realmente amigas. As Cantigas de Amigo, do Rei D. Diniz, ou os cânticos de San Juan de la Cruz perdem a intensidade de ternura diante dessas gabolices que estão impregnadas de tanta jocosidade sem maldade ou desejo de ridicularizar. Pena é que tantos não sabiam quanto havia de pureza naquela sua lassidão, que parecia negligência. Mais de uma vez, conta, orgulhoso, o incidente que teve na casa que vende frango assado com o Juiz de Direito de então. Atendendo ao telefone, confunde o Juiz de Direito com o juiz de futebol e, por pouco, escapa de pagar sua confusão nas grades, pois o Juiz de Direito sai de sua casa para falar com quem o tinha ofendido pelo telefone. Esclarecido o equívoco, alivia-se e conta a todos o episódio como grande glória. E sorri, e faz os outros sorrir. Uma única vez o vi triste: numa época de eleições municipais, fecharam-no em uma sala e uma pessoa lhe disse coisas ásperas e ofensivas, inconformada com o quadro político. A sala fechada. Humilde, Mococa só pôde chorar ao ouvir palavras que chegavam rasgando seu coração. Machucando sua alma. Depois, me contou o desolador episódio, e seus olhos mais uma vez mostraram sua comoção. Isnard Manso Vieira, do Rio lembra que Fernando Sabino, romancista mineiro recentemente falecido, autor de “O Encontro Marcado”, ele mesmo, escreveu seu epitáfio: “Aqui jaz Fernando Sabino. Nasceu adulto e morreu criança’. Mococa nasceu criança e morreu criança. Circulou pelo mundo a notícia de que o autor do poema abaixo foi o escritor argentino Jorge Luis Borges. O engano foi desfeito. A autora da poesia é uma senhora americana, Nadine Stair. Retrata o poema o contrário da curta vida de Mococa: “Se eu pudesse novamente viver a minha vida, na próxima trataria

de cometer mais erros. Não tentaria ser tão perfeito, relaxaria mais, seria mais tolo do que tenho sido. Na verdade, bem poucas coisas levaria a sério. Seria menos higiênico. Correria mais riscos, viajaria mais, contemplaria mais entardeceres, subiria mais montanhas, nadaria mais rios. Iria a mais lugares onde nunca fui, tomaria mais sorvetes e menos lentilha, teria mais problemas reais e menos problemas imaginários. Eu fui uma dessas pessoas que viveu sensata e profundamente, cada minuto de sua vida. Claro que tive momentos de alegria. Mas se eu pudesse voltar a viver, trataria somente de ter bons momentos. Porque, se não o sabem, disso é feita a vida, só de momentos; não percam o agora. Eu era um daqueles que nunca ia a parte alguma sem um termômetro, uma bolsa de água quente, um guarda-chuva e um paraquedas e, se voltasse a viver, viajaria mais leve. Se eu pudesse voltar a viver, começaria a andar descalço no começo da primavera e continuaria assim até o fim do outono. Daria mais voltas na minha rua, contemplaria mais amanheceres e brincaria com mais crianças, se tivesse outra vez uma vida pela frente. Mas, já viram, tenho 85 anos e estou morrendo”. Mococa morreu com menos de 60 anos, mas fez muito do que está acima desejado pela senhora americana. Para fazer quase tudo o que ela queria, não precisava reviver ou ressuscitar. Foi menos sensato, menos perfeito, viveu profundamente cada minuto, valorizava sempre os bons momentos, não ligava para a falta de guarda-chuva ou de bolsa de água quente, deu muitas voltas pela cidade inteira e brincou em demasia com as crianças. Antenor, o taxista, outra bela figura humana, também se foi precocemente, antes dele. E nós... bem, só nos resta ouvir a cantiga do cego de Porto Rico, José Feliciano, com seu lamento em italiano, “comme un vechio addormentato”, ou em língua portuguesa: “Os meus amigos vão pra não voltar... Onde está minha guitarra, meus amigos onde estão,

para cantar comigo agora esta canção?”

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXXX

Quando tudo é determinado pela Providência; quando há um Destino fixado por um poder natural e ao qual não se pode fugir; quando a língua árabe define os pequenos e grandes acontecimentos que chegam como maktub, “estava escrito”; quando a doutrina cristã ensina que há “livre arbítrio” mas que o Todo-Poderoso conhece com antecipação pela sua onisciência até a espuma de que são feitos os nossos pensamentos diários, contemplo, entre emocionado e arquejante, o pacote de fichas que me foram trazidas por José Antônio Marques em uma tarde de novembro. Entregues com muita singeleza, talvez não saiba ele que está me trazendo o passado em bandeja de prata. No pacote, fotos, dados completos dos moços do serviço militar nesta “Villa Hermosa” do ano de 1962. “Ai, chiquito, el tiempo vuela”, como no livro didático da língua espanhola das aulas do Dr. Geraldo Cardoso. Sim, o tempo voa. José Antônio Marques, sem nenhuma pretensão, trouxe o tempo perdido contido em um envelope pardo. É a geração de 1943, a dos que vieram para o mundo quando o mundo estava em bárbara guerra que ainda não havia definido quem seriam seus vencedores. E o fadário de cada um? Demoro a folhear, demoro a avaliar ou relembrar o destino que tiveram esses bisonhos moços diante da porta do futuro que se abria, ampla e generosa para alguns, estreita e vazia para outros. Nos caminhos percorridos por cada um houve o desenho prévio elaborado pelo Todo-

-Poderoso? Ou tudo estava marcado? Houve trajetórias esboçadas para o território da liberdade individual? Houve gestos e atitudes que dependeram das circunstâncias, como ensinava Alexis Carrel? Ou, como na teoria de Rousseau, fomos nascidos naturalmente bons e a corrupção da bondade veio sob o tacão dos outros homens? Gilberto Gil, numa antiga canção, diz: “Meu caminho pelo mundo eu mesmo traço/: a Bahia já me deu régua e compasso”. Parece que estou como no juízo semifinal avaliando o roteiro da vida dos jovencitos relatados nas fichas que tenho nas mãos. Não há julgamento, não há balanço, prestação de contas. Nem se pensa nisso: só será “sentimental andança boba”. Quando se abre a porta do futuro, ninguém suspeita se há espreita, atrás. A história particular dessa maneira se justifica: o que são, onde estão, que fazem? O próprio José Antônio Marques escolheu sua régua e seu compasso: vereador, funcionário público municipal, agora dirigente de APAE. José Ornelas de Melo formou-se em Direito, presencia comigo a primeira noite em que as luzes dos postes da praça da Vila Formosa brilharam com vapor de mercúrio. As noites na praça ficam brancas, pálidas. O champanhe barato no dia seguinte persiste na cabeça dos incautos e pobres moços que acreditam que a noite iluminada com vapor de mercúrio merece a embriaguez falaciosa do champanhe barato. Onde estará, agora, José Ornelas de Melo? O que faz? Vi-o, depois, única vez, no avião que voava para Brasília, ele com seus clientes-empresários, eu na minha andança pelas repartições públicas em busca do perdido norte de uma Universidade para a Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas. “Ai, chiquito, el tiempo vuela”... “Se não me perguntam o que é o tempo, eu sei. Mas se me perguntam o que é, eu não sei”, é o desabafo de Santo Agostinho. A memória das coisas passadas, para usar linguagem agostiniana, traz os contornos da face do rapaz de 18

anos de Carmo do Rio Claro – José Ornelas de Melo – que vejo, agora, na foto 3x4 da ficha. Mas onde estará? No domingo de novembro, a professora do Colégio Atenas lê os ditados dos “samurais” diante de pais e avós enternecidos ao verem seus filhos e netos com roupas japonesas: “O vento só sopra para quem sabe aonde vai”. Esses moços da geração de 43 sabem para onde vão? José Luiz da Silveira, de Alterosa, mas contador em Serrania, ainda vive ali, vendo o conjunto de serras verdes e banhando-se na água limpa? Essa fase semimilitar para ele não passou de acontecimento vulgar e fugidio, sem deixar saudades, sem cor, sem verde, sem sede? E Hércio Maia, vindo de Cristais, estará em sua terra? Se todos fossem reunidos, o Tiro de Guerra seria ponto, referência, motivo para ficar na memória? Talvez não. Muitos tiveram outras turmas, outros ciclos. Ninguém vai usar esse encontro imaginário para contar que nesses 44 anos conquistara o poder e o dinheiro. Ninguém chegará cantando suas vitórias. Nem da maneira como fala Fernando Pessoa: “Fui como ervas, e não me arrancaram”. Não, para isso não virão, ou, se vierem, dirão que nunca foram ridículos, nunca se aproximou deles infâmia e vileza, campeões em tudo. Ninguém como alguns formados que se reúnem depois de decênios, querendo exibir o que materialmente conquistaram. Bom, esse confronto seria como um filme de Buñuel. Mas todos: os que se julgam semideuses, os limpos, os calados, os príncipes, os fracassados nas orlas da riqueza, todos agora não fugirão à realidade de que são sexagenários, que os 18 anos estão longínquos, distantes, e que o Tiro de Guerra, se não foi “o rio que passou na minha vida”, aconteceu nos albores dos anos dourados de cada um. Na véspera de Natal de 1993, Deus quis dar a Si mesmo um presente e levou para junto de Si Telmo Magalhães Fernandes, nascido em 1º. de outubro de 1943. Contador, advogado, funcionário do Banco do Brasil,

Presidente da Câmara Municipal, Juiz de Direito, Telmo Magalhães Fernandes poderia nesse encontro imaginário relatar sua carreira profissional de tantos êxitos. Onde está, neste instante? Fora do tempo e do espaço. O ano juvenil recheado com as obrigações cívico-militares, se para nós adquire contornos cinzentos e esfumaçados, nas franjas da neblina, imagina-se que, para ele, tenha uma serenidade de que gozam somente os iniciados e escolhidos. Acima dessas lembranças, usufrui ele a verdade absoluta e plena do que foi aquele ano. Navega nessa verdade porque pode contemplar, face a face, a Verdade. Tem o privilégio, reservado para poucos dos que surgiram em 1943, de pairar sobre ossos e remorsos, e pode tranquilamente dizer: "Tu me criaste como sou e Teus desígnios são impenetráveis. Tu me vês." Ou como o poeta brasileiro Ivan Junqueira: "Nos beirais a lua afina / seu florete de marfim / Sob a pluma da neblina / os mortos estão sorrindo". Sim, parece que Telmo está sorrindo ao ver o bando de moços em ordem unida, marchando pelas ruas da Vila Formosa de São José e Dores ou contemplando, três vezes por semana, a luz verde da aurora nas ginásticas que começavam antes de raiar o dia. Aos 18 anos o sono era pesado. O sol demora a surgir e os moços, enfileirados, aumentam seu vigor físico nos exercícios que são contados. "Tem alguém cansado?", pergunta ouvida em voz alta. A resposta, alta e uníssona, era Não! E os que revelam cansaço são obrigados a fazer "tantos cangurus", que era pular penosamente como se fossem cangurus. "Tem alguém cansado?", repete o monitor de tempos em tempos. O sol não chega, os sonhos morrem à luz verde da aurora. Morrem para os que tinham 18 anos e na cabeça muito mais do que isso, ou julgavam que fosse assim. Para os que tinham 18 anos na cabeça, tronco e membros, a resposta era sincera e animada: "Não!" Não se aborreciam ou se entediavam. Nenhuma crítica ou restrição

a eles: viviam intensa e plenamente os 18 anos. Os outros, para quem sabia que a porta do futuro deveria ser arrombada – se não, não passariam – as madrugadas e noites ali furtavam o tempo que seria gasto no arrombamento, retardavam a entrada do frescor do vento que os ajudaria no longo caminho que iria ser começado. Estes sofriam. Os que se apresentaram no distante ano de 1962 eram muitos, mais de 80. Não se pode falar de todos, agora. Serão mencionados em futuras crônicas, assumirão o coração e a cabeça do escriba outras vezes e serão buscadas palavras para desenhar os momentos vividos com a farda de atiradores do TG 71 da Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas no perdido ano de 1962. Alguns morreram. Poucos. Têm que ser lembrados. Como o espanhol Jorge Mantique, falecido em 1479, escreveu em trova medieval: “Partimos cuando nascemos, andamos mientras vivimos, e llegamos al tiempo que fenecemos; assí que cuando morimos, descansamos.”

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXXXI

Lima Barreto foi o escritor cujos livros li com sofreguidão na pré-adolescência. Não sei por que meu irmão mais velho comprou a coleção inteira, que depositara na rústica casa da rua Tiradentes. “Clara dos Anjos”, “Numa e a Ninfa”, “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, toda a obra de Lima Barreto se oferecia aos meus ávidos desejos literários, como “O Homem que sabia javanês”, o conto de Lima Barreto. No prefácio da obra, Tristão de Athayde lembra que estreou na crítica literária em um artigo sobre Afonso Henriques de Lima Barreto do qual não me esqueci e que me foi de grande serventia em concurso público anos mais tarde. Nesse concurso – bem diferente do atual – a listagem era de 20 temas, publicados no órgão oficial uma semana antes. No instante da arguição, sorteava-se o tema: Alexandre Herculano. E se escrevia sobre o romance histórico de Alexandre Herculano, cuja redação, lida depois, em voz alta, era avaliada pelos examinadores, todos com semblante indecifrável. Outras 24 horas eram o prazo para se dar a aula. Sorteado o tema, o candidato, perante a banca de três expoentes no assunto, simulava aula que ultrapassa o nível de uma profunda conferência. Os mestrados e doutorados de hoje parecem apagados diante do rigor desses concursos. Não se contava com orientador, não se escolhiam os examinadores. No concurso do professor Sebastião Mariano Franco de Carvalho, o ministro e poeta Abgar Renault crivou-o de perguntas, obrigando-o a exibir

sua notável erudição e invejável conhecimento. “Foi para demonstrar aos outros da banca que você era melhor que seu concorrente” – disseram-lhe, mais tarde, para explicar seu natural espanto diante das inquisições de Abgar Renault. “Dos livros de Lima Barreto se evola uma acre sabor de tédio e amargor” – a primeira frase do primeiro artigo de Tristão de Athayde. Lembra bem o leitor e dentista João Rosa que o alfenense e radialista Hélio Silva merece ser lembrado nessas Sombras. Mulato como Lima Barreto, alcoólatra como Lima Barreto, Hélio Silva não transpôs o território da Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas e somente expressa sua apreciada veia literária no tambor da Rádio Cultura. Morre cedo, como Lima Barreto. Não passou por bancos escolares, mas dono de um razoável domínio das palavras. Pudesse ler e estudar mais um pouco, deixaria de escrever textos somente para o J. Souza no seu programa *Sonho Azul*. Quase ninguém se lembra mais de Hélio Silva. Não publicou nada, não teve vida social. Sozinho, marginalizado, sumiu, morreu... Dele também se pode dizer que evolava “um acre sabor de tédio e amargor”. Mas pertence ao mundo dos espectros que são lembrados agora pelo dentista João Rosa. Que às vezes imaginamos que passeiam pela avenida São José, discos de vinil debaixo do braço rumo ao prédio da Rádio Cultura. Estou, agora, em Praga, na Tchecoslováquia. Fugindo, consigo que a intérprete me leve ao cemitério judeu onde está enterrado Franz Kafka. Não será justo envolver outros turistas. No túmulo ao lado, seu amigo Max Brod. Quem leu ou ouviu falar de “A Metamorfose”, e de “O Processo”, pode avaliar com precisão o frenesi sentido diante do pequeno túmulo de Franz Kafka. Além, no cemitério cristão, a guia me leva a ver onde estão enterrados os grandes músicos tchecos, como o autor de “O Rio Moldávia”, Smetana. Não é programa para turistas, reconheço. Por isso, parti silenciosamente, contor-

nando a Boêmia atrás das terras que guardam o repouso de seus escritores e músicos. Agora, acompanhado, a guia nos mostra uma igreja ortodoxa, no centro de Praga, onde estiveram refugiados os paraquedistas que haviam assassinado o coronel alemão Heydrich, que desde setembro de 1941 exercia o cargo de protetor da Boêmia e da Morávia. Como contrapartida, os nazistas ocuparam o povoado de Lídice, assassinaram todos os habitantes masculinos maiores de 16 anos e fuzilaram a população adulta de Lezaki. Por isso é que, no Brasil, tantos recém-nascidos na época receberam o nome de Lídice. Essas pessoas, Franz Kafka, Heydrich, Helio Silva, Abgar Renault, Smetana, tomaram alguma vez espaço sonoro familiar ou os leitores viram alguma vez com seus olhos suas sílabas e letras escritas? Em certos momentos prevalece a estéril sensação de que essa gente toda é desconhecida e, se conhecida, para que serve para quem a conhece? Há, então, o vago vento soprando de que essas Sombras despertarão pouco interesse porque trazem nomes estranhos. E o desinteresse revive a antiga sensação de abandono e de que a cultura não salva nada nem ninguém, mas só este espelho crítico oferece nossa própria imagem. “A gente se desfaz de uma neurose, mas não se cura de si próprio”. Mas em Praga há a igreja do Menino Jesus de Praga. Em frente da pequena imagem desfilam infelizes, doentes, deficientes físicos. Todos querem algo. Lembro-me de que estive aqui há 7 anos. Sozinho, imagino as preces e súplicas que sobem, pois que a imagem está no alto. Vem uma peregrina: usa bengala, apoia-se nela. O Menino Jesus de Praga, no alto, indiferente ao rumor dos que clamam. Vem a peregrina, o cabo de sua bengala, o desenho, a cor, tudo lembra os 7 anos atrás. Mas eu estou de pé! A peregrina some na multidão. O Menino Jesus de Praga, impassível, contempla quem esteve lá há 7 anos, quem está lá agora, quem passa se apoiando na bengala e aguarda, impas-

sível, outros que virão, outros peregrinos infelizes, doentes, deficientes físicos. Na sua impassibilidade, vai esperar outros 7 anos sabendo que, depois, receberá aquela peregrina sem a bengala.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXXXII

“Os escritores deveriam ter diploma específico”. A tese lançada pelo articulista da Veja é claro que não preconiza o diploma de bacharel ou licenciado – como um bacharel em Direito, um licenciado em Química – para ter autorização de ser escritor. Nada disso. Com ironia, o vitupério é dirigido aos que se arvoram em escrever sem nenhum talento ou formosura. Paulo Francis lançava outro dardo: “Quem coloca em seu livro o título de Marimbondos de Fogo não pode ser um grande escritor, melhor dizendo, nem escritor é”. Para quem não sabe, é o título de um livro de poemas do ex-presidente José Sarney. A revista publica, ainda, escritores de nome, como Carlos Heitor Cony que, por mil reais ou um pouco mais, escrevem “orelhas” apresentando livros medíocres de autores medíocres. “O livro só precisa de prefácio quando não tem qualidade para não precisar de prefácio” – o que pensava mais ou menos o poeta T.S. Eliot. Na Villa Hermosa, no entanto, tantos poderiam escrever suas memórias sem resvalar na fronteira da mediocridade. Soube – estava longe – que, em seu discurso de posse, o atual prefeito citou com felicidade os versos que se transformaram no hino da cidade, de autoria da professora Zinica Carvalho. Se ela descrevesse o seu tempo, seus pensamentos, sua época e deixasse isso registrado em forma de livro, muitos das novas gerações entenderiam com mais facilidade por que consta do hino “tens feitiço, minha Alfenas”. Que bom seria se se

dispusessem a escrever suas memórias os que hoje manejam tão bem a língua portuguesa, como Isnard Manso Vieira, Rachel Prado de Carvalho, Waldir de Luna Carneiro, Sonia Boczar, Yvonne Martins, Sebastião Mariano Franco de Carvalho, para citar alguns. Não quer isto dizer que a vida para eles está se esgotando e que memórias são reservadas só para os anciãos, para os velhos, para os vetustos. Não. Cada um com pouco mais ou um pouco menos de espaço vivencial têm tantas coisas, tantos episódios que se podem tornar claros e deixar de ser luz lunar, com montanhas e crateras, para se transformarem em livro de memórias. Mais do que isso, o talento, a disposição agradável e clara das palavras – tão rara hoje – o domínio natural do texto, para eles todos serão atos tranquilos e simples, sem nenhum esforço. Alguns outros, às vezes, em seus discursos ou artigos revelam estilo sofrido e pequeno. Se não têm a pretensão de serem intelectuais das letras, tudo bem. São sinceros. Mas os que pretendem expor erudição e talento, os que desejam que os ouvintes ou leitores imaginem estar diante de alguém que poderia ser escritor, fazem sofrer e apequenam quem os lê ou os escuta. Pequeno fiquei na maior livraria de Miami ao ver traduzidos e à venda livros de Paulo Coelho e Chico Buarque. O primeiro até é da Academia Brasileira de Letras; o outro é talentoso compositor popular. Confesso que não li “Budapeste”, de Chico. Posso ingressar no rol dos que lameiam injustamente os mitos, atingidos pelo “desespero dos iconoclastas”. Reconheço que Chico é um mito. Mas como compositor musical popular. Não creio que seu voo alcance outros campos. Os que moraram ou vivem em Alfenas, nominados no início, terão plenas condições de, com maestria, relatar seus dias e noites, seus trajetos, a arquitetura em que respiraram, as pessoas que conheceram, os mortos que enterraram, o rebuliço ou o silêncio da Vila Formosa de São José e Dores de

Alfenas ao longo dos decênios. Por exemplo, lembrar que Thomas Moore foi o poeta irlandês que adotou o nome do Santo decapitado pelo rei da Inglaterra Henrique VIII, e que escreveu várias letras para cantigas irlandesas. A mais famosa foi “A Última Rosa do Verão”. E foi com essa inspiração que alguém se despediu, no jornal local de Adelardo Franco de Carvalho. Ele, Adelardo, aos 50 anos, deixa a lembrança do humor inteligente e da verve sutil. E do coração que era tão grande em pensamentos, palavras e obras e que o levou. Valia a pena conversar com Adelardo. Valeu a pena viver no mesmo tempo em que viveu Adelardo Franco de Carvalho. Sobre virtuais escritores locais, já nos anos 60 Waldir de Luna Carneiro, que estava no Rio, divulgava trechos da colunista do jornal “O Alfenense” – July –, uma das citadas nas primeiras linhas, que usava esse pseudônimo; pontuava seu quilate literário ao descrever um churrasco social no Grupo Cel. José Bento. Eis, agora, o que recebo dela: “Não li Lima Barreto; não conheço grande parte da obra literária que você, memorialista por excelência, leu, conhece e cita. Hélio Silva é do meu tempo – não foi professor de História do “Emílio Silveira”? Também estive em Praga e me encantei com a cidade. Não fui ao cemitério judeu, mas visitei a casa onde Kafka morou e escreveu parte de sua obra. Casa, sim, simples e pequena, como as nossas de antigamente. O limite “geográfico”, no entanto, não impediu seu voo universal. Chorei muito aos pés do Menino Jesus de Praga, durante concerto e apresentação do Coral da Pensylvania.(...) As “Sombras” são a história de pessoas que viveram ou nasceram em Alfenas e estariam perdidas no tempo se você não as resgatasse com sua memória...” Assim, pena que a Villa Hermosa não usufrui do talento de quem sabe com segurança e beleza encadear as palavras da língua portuguesa. E com o mesmo Waldir estive na cerimônia do adeus da amada mulher com quem viveu

57 anos, casado. Sereno, calmo, sofrendo, porém “curtindo sem queixa”, fala manso: “O que me ampara é a Eucaristia”. O momento se torna grave, paira muita tranquilidade, mas a hora é grave e triste: “Não se perturbe o vosso coração”, ensina o apóstolo predileto. E o coração de Waldir não está perturbado com a partida da amada Zélia, mas todos sabem que, para ele, o véu do tempo está se rasgando pelo meio. Sim, para ele e para muitos foi a última rosa de verão. Na tarde que cai, na tarde que fica, repetem-se os versos do irlandês: “É a última rosa do Verão/ sozinha, nenhuma irmã sua/ ou botão de rosa/ responde aos suspiros/ que exala formosa./ Não quero deixar-te, sozinha a florir/ tuas irmãs dormem / vai também dormir / Por isso eis que espalho / tuas folhas no chão / onde as irmãs tuas/ já mortas estão / Tão breve eu vá / quando os que amo fugirem / e do anel do amor as joias caírem / cáidos os que amo em sono profundo / quem habitaria, sozinho, este mundo?”

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXXXIII

A imaginação flutua na aula de Geografia Geral enquanto o professor Vínio Barbosa Tamburini descreve o Grand Canyon, as Montanhas Rochosas, os acidentes geográficos dos Estados Unidos, cujos nomes são ouvidos com frenesi e admiração. Quando estarei lá? pergunta mentalmente o menino. O professor prossegue na tarde calma. Nomes na língua inglesa soam mágicos. Agora, o carro alugado para na guarita. O simpático guarda pergunta de onde somos e fica admirado de que tenhamos vindo de tão longe. Gato preto em campo de neve! Os brasileiros entram no parque do Gran Canyon como gatos pretos em campo de neve, neve que se espalha pelos campos do Estado de Nevada e que lembram com emoção a leitura infanto-juvenil do livro de Érico Veríssimo. De repente, aparece um pedaço do Grand Canyon, o carro vira para outro lado, mas o pedaço traz de volta as aulas do professor Vínio Barbosa Tamburini e a leitura do escritor gaúcho. Vamos ver o pôr do sol e, de manhã, acordamos ao nascer da aurora para caminhar pelo Grand Canyon. E os filmes todos do velho oeste americano também voltam: as grandes boiadas que atravessam o Grand Canyon, John Wayne, que fala algo sobre os peles-vermelhas, e o Cine Carlos Gomes silencia: todos esperam que atrás das montanhas surjam os navajos. Bem diferente a índia navaja que atende na loja de artesanatos de um posto de gasolina, perto do Grand Canyon. Jovem, explica que seu povo mora em uma reserva.

São poucos? A índia navaja sorri: “Não, são muitos!” Explica com paciência a pronúncia correta: *návajo*. E os brasileiros partem rumo a Las Vegas. Em Nova Iorque, na 5ª. Avenida, encontram-se com Joelmir Beting. Aliás, ele é que se encontra com os brasileiros, pois que se dirige a eles, ensinando o endereço que procuram. Fotos, pois não. No Hotel, no mesmo salão em que El Pacino dançou o tango em “Perfume de Mulher”, os brasileiros observam que na mesa logo próxima estão as ex-esposas de Collor e Ciro Gomes. Não, os brasileiros não estamos hospedados ali: é o brandy americano, espécie do antigo ajantarado brasileiro. No hotel nos sopram que o filme “Esqueceram de Mim” foi rodado em grande parte aqui. Então nos sentimos cinematográficos: dá vontade de esboçar passo de tango, igual ao que fez Al Pacino. No bairro do Harlem, a música soa, no entanto, de modo diferente. Não é a voz da negra que canta seu *spiritual* para os turistas, em uma igreja. Vejo com nitidez, diante de seu velho órgão, Maria da Paixão Carvalho e os sons da soprano Abigail Valadão Monteiro: “O desejo de ver-te, adorado,/ tanto invade/ o meu coração”. A missa na Igreja Católica Apostólica Romana, na Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas, tamborila distante no tempo e no espaço da cerimônia religiosa dos negros no Harlem. “O desejo de ver-te, adorado,/ tanto invade/ o meu coração”, o som da soprano envolvendo a igreja batista do Harlem, no lugar do lamento e da cadência do “negro spiritual”. Não cede lugar nossa missa para as cantoras com bonita cor de ébano e mulheres com chapéus coloridos e quase sempre vermelhos. “Vitória, tu reinarás./ Ó Cristo, nos salvarás”, é a voz de Tereza Machado chegando nos acordes organísticos de Maria da Paixão Carvalho. “Pecador, agora é tempo / de contrição e de temor. / Serve a Deus,/ despreza o mundo”. Quem canta, agora, não é o coral do Harlem: chega a voz de Santiago Villamarin, o homem

que canta, toca violoncelo e é agente dos Correios e Telégrafos, ou é Maria Eunice de Oliveira, a Nicinha, nos agudos das filhas de Maria, liderando a suprema aspiração: “No céu, no céu/ com minha mãe estarei”. Nas ruas de Nova Iorque só a neve afasta a imagem que predomina. Na rua da Vila Formosa, caminha o enterro. Todo enterro passa pela igreja. À frente, João Gostoso. Como será seu nome? Os meninos, os adultos, todos o conhecem por João Gostoso e todos sabem que em nenhum cortejo fúnebre faltará sua presença. Rico, pobre ou remediado, os que vão morrer contarão com o fisicamente feio João Gostoso carregando seu caixão “até a última morada”. Será porque tem o rosto feio e deformado que o chamam de João Gostoso? O pensamento confunde tudo, as cantoras de ébano do Harlem trazem outra lembrança: Nilo Amaro e seus cantores de ébano. Na eletrola da vizinha se escuta toda manhã: “Menina, tu não te lembras / daquela tarde fagueira?” Quando não é Nilo Amaro, o disco de 78 rotações irradia *Kalu*: Dalva de Oliveira, na vigília matinal, argumenta que com certeza só não tendo coração... Longe dessa bruma cinzenta, no salão, recebe seu diploma o jovem Alan Prado Menezes. Vem novamente a fumaça: sua mãe, Silvia Helena Prado Menezes, sempre aluna de rendimento escolar impecável, criança, ainda, é impedida de entrar no Colégio, junto com outros que se atrasaram por míseros cinco minutos. O então jovem diretor esnoba sua justiça e sua hoje ridícula autoridade. Entrar todos, sim, seria o reinado da justiça. Se outros não entram, minha sobrinha também não, raciocina numa lógica equivocada e cruel. E priva de assistir à aula menina de atitude irretocável e estudiosa, sob o pálido manto de uma justiça que hoje lhe parece abominável. No quintal, João Tito de Menezes Neto recebe consolo da namorada Sílvia porque não foi aprovado no primeiro vestibular. Mora e trabalha em Belo Horizonte. Mas é aprovado

no ano seguinte. A aprovação revela seu esforço e suas noites debruçado nos livros. Novamente a fumaça das coisas findas lembra que o escriba fica longe e distante do drama juvenil. Agora, dissipado o vapor dos contornos distantes, na tarde luminosa e clara, Alan se diploma. E recebe certificado de honra ao mérito porque, como a mãe e o pai, é aluno exemplar. “Uma geração vai, outra geração vem” – ensina o livro do Eclesiastes. Em recente entrevista na televisão, conhecido empresário cita clássico escritor: “Tínhamos que ter um ensaio antes dos atos da vida”. O escriba sabe que nos atos da vida quatro coisas não retornam: a água que passou no moinho, a seta desfechada, a palavra proferida e a oportunidade perdida. Foi perdida a oportunidade da supremacia do bom senso pedagógico ao barrar a entrada no colégio daquela excelente aluna; foi perdida a oportunidade de proferir naquela noite palavras suaves para o moço que se entristecia no clarão de aço que iluminava machucando, por não ser aprovado no primeiro vestibular. Mas não se perdeu a oportunidade de proferir palavras quentes e vibradoras ao cirurgião-dentista Alan, na hora de sua diplomação, e ele, no entardecer de fevereiro, sentiu o nosso contentamento sem medida.

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXXXIV

Robert Frost, o poeta norte-americano que morreu em 1963, citado agora em crônica de Afonso Romano de Sant'Ana, no seu belo e simples poema, fala de duas estradas à sua frente, mas tem de escolher uma. O mesmo Afonso lembra André Gide: “temos 100 estradas para escolher, mas caminhamos por uma com nostalgia das 99”. Outro amigo dizia: “É a voz corrente”. Não se sabe como desmanchar tudo e recomeçar. Há alguns planos, mas os planos talvez feneçam antes da execução. De quem é a culpa? Não sei. Não é hora de lamúrias. Nem de lamentos. Com humildade confesso que não sei fazer a sequência de atos e como deve ser. Sinto que o mundo caiu de novo, a parede foi se desmoronando devagar, e acabou se desmanchando no chão ao ler a sentença: “É a voz corrente.” Entendi que não mais adiantava pelejar se a inteligência reconhecia a condenação como verdade. Se me fosse dado decidir!...Contemplo esses anos todos como uma ruína, como casa velha sem relíquias. Não será fácil, extremamente fácil, como no canto de J. Quest. Há fraqueza, cansaço, nas pernas e nos braços, que faz tudo oscilar, a terrível sensação da própria impotência. “É a voz corrente!”, a frase que se repete como o grupo teatral de Curitiba, no Teatro Francisco Nunes, naquela noite em Belo Horizonte, o ator paranaense repetindo sempre a mesma fala naquele Festival de Teatro em que Alaor de Carvalho Moura se apresenta com “Morre um Gato na China”, de Pedro Bloch.

Não há grandeza em partir. Não há grandeza em ficar. Se se encara a morte, chega o sombrio e frio vento lançando toda esperança para fora, para regiões geladas e que vão provocar sofrimento. Não há vislumbre de felicidade. Se se encara a vida, chega a poeira seca lançando a esperança para longe, para regiões áridas e torpes, e também sem vislumbre de felicidade. “A psicologia abissal” – ensina Michel Maffesoli – “na linhagem de C.J. Young em particular, buscou aí uma das fontes de inspiração das mais promissoras”. O refúgio, a ilha que falsamente dá luz de recomeçar. Recomeçar... para quê? “Os dias mais serenos”, lembrados por Menotti del Pichia no Juca Mulato, se confundem um pouco quando em língua francesa Théophile Gautier, no verso, reconhece com frieza: “Partir, c’est mourir un peu”. Atormenta bastante o julgamento divino que virá. Por que tenho fé? Por que Ele sabe a espuma de que são feitos meus pensamentos diários? Por que tenho medo d’Ele? No fim das contas, leva ao gesto criativo a “noite escura” de São João da Cruz, a angústia que mina, obceca. Na noite do sem-fim, vejo alguém falando: “A Dama Branca está à porta: você não a vê?” E isso provoca desespero porque é borracha que apaga mais um liame. A rapidez, que sugere brilho instantâneo e sem demora, é apresentada como “voz corrente”. A imagem das torrentes de tesouros caindo depressa, inundando quem as recebe, ficou e permanece nessa visão, estreita, míope, sem intuição nem dedução, fotografia que pretende ser o registro de uma biografia. Fotografia que flutua pelos anos e pelos cantos e que não tem a cor amarelada das noites indormidas, só dos tesouros que surgem depressa, jorram e nadam no ventre proeminente de alguém que se parece fisicamente com o príncipe Shidarta. Os quadros, em todas as paredes, em tons inteligentes, lembram, nos desenhos, que os bens e valores terrestres chegaram velozmente. As arcas e os baús nada evocam dos alauí-

des de faia que soluçam. Como alterar essa fotografia, como repintar esse quadro? Como desenhar as noites brancas que se seguiram ao encontro dos generais, coronéis e sargentos que olhavam com desdém os papéis, as pastas? Não haverá jeito de retocar a imagem com timbres que convençam que foi demorado e paciente o encontro com funcionários que não atendiam, dos ministros que maltratavam? Como colocar no papel e nas mentes a imagem diária das incertezas que poderiam vir na “Voz do Brasil”, os longos anos em que se chegava de noite, oscilante entre a certeza ou descaminho diurno do gerenciamento rezado e as estratégias? A paciência feita de cada dia não dá o colorido no perfil. O som que vem e fica e retine é o barulho incessante de um tilintar que acena com ares de perenidade e ligeireza. E o som roseia a paisagem com a indiscutível peia da montanha de tesouros que cresceu avidamente, de modo bem repentino, rapidamente. Dizem ou pensam: “Se ao menos não fosse tão rápido!” “É a voz corrente, é a realidade, nem tudo é bom”. Não apontam censura. Nem reparos: “é a voz corrente...” Essas vozes, como fornecer a essas vozes os tons verdadeiros? Dizer que a garotinha que caminhava em cima das grades da fonte luminosa ignorava o lado escuro e não iluminado do pai que a acompanhava, pois este sabia que, naquela hora, estava reunida uma assembleia de jovens que não tinham pressa nenhuma em decidir? Dizer para a garotinha que se divertia com a água colorida em companhia do pai, que sabia que, na manhã, não haveria sossego e harmonia, mas haveria diversão para muitos embalados pelo frenesi dos anos dourados, e angústia e sofrimento para outros que não mais estavam no frescor juvenil, que não conseguiam entender o que os jovens também não queriam explicar? E os que caminhavam sem pressa pelas veredas sombrias dos alucinógenos e que eram suportados no seu trotar sem rumo, a tolerância e a

convivência no trabalho gerando incompreensões e, às vezes, maledicências que voavam com afobação, com afã ardiloso. “É a voz corrente!” Nada poderá trazer de volta o esplendor que ficou na relva. A imagem, a fotografia, os quadros, as vozes correntes, ficarão mais que lindas nas mentes inconformadas. Não há jeito de mudar. Não há modo de traçar novo perfil. O esboço dos haveres rápidos, velozes, da profusão conquistada ou não conquistada, do gerenciamento comandado pela inteligência, tudo isso aparece na tela como neve que cai em tempo reduzido, patrimônio acumulado numa frequência súbita, manchando o soldado, manchando o ministro. O conceito final aceita, como se fosse verdade irrefutável, o que diz a voz corrente. Espanta, bastante, a afinidade que as torna tão próximas, a modulação das vozes correntes com a outra voz. Para o coro, o que mais escandaliza é a rapidez. Intolerável que acontecesse tão depressa! Melhor ainda, para eles, que não acontecesse, nem depressa, nem devagar! Um maltrapilho seria o *leit motiv* da “voz corrente”, simulando lamúria pela miséria e maldisfarçando o sorriso de seu contentamento. O provérbio chinês se enquadra e justifica a “voz corrente”: “Não queira ser Mandarim: se vences na vida vão dizer: “Não fez vantagem, é Mandarim!” E se não vences, dirão: “Puxa, nem sendo Mandarim!” Para Michel Maffesoli, “os bárbaros que rondam cotidianamente nossas selvas de pedra não querem saber das temáticas que caracterizam o judeu-cristianismo em geral e o ideal democrático em particular.” O espesso e tradicional mundo da civilização portuguesa esquece depressa a frase bíblica: “A César o que é de César.” E tudo conquistado, depressa ou devagar, para os frutos desse mundo da civilização lusitana é objeto de inconformismo, de condenação. O poeta Rimbaud, de uma forma inatual em sua época, escreve o que hoje tem sua pertinência: “Chegou o tempo dos assassinos”. Queria

ele afirmar que a contaminação levava a uma espécie de apocalipse alegre, dos mais serenos, derrubando os valores econômicos próprios do “burguesismo”, como bem entendeu Maffesoli. Mas, ensina Nietzsche, “o que não mata, fortalece”. E o teste? E o “provão”? O “tira-teima” foi expor-se inteiramente nos palanques de campanha eleitoral, discursando, levando junto os seus, envolvendo-se com a multidão que o comprimia, que o abraçava. As cenas vieram agora, na cortina esfumaçada criada e soprada pela “voz corrente”. O espanto havia afastado as imagens da memória, mas a natural defensiva revive o fenômeno acontecido em 1997. Foi o calor da peleja eleitoral? Foram interesses miúdos e imediatos da multidão? Parece que não. Queriam “vender” seu voto, seu entusiasmo? Com certeza, não. O grande momento foi a coragem de colocar-se frente a frente com o povo. Poderia vir do povo o eco das “vozes correntes” revelando o inverno do descontentamento. A resposta do povo desmente ou leva a restrição a um equívoco. Informaram errado. A “voz corrente” sempre se situou no limite dos ressentidos, no círculo escorregadio dos infelizes com a prosperidade de outrem. Não passou daí! A hora do voto era o momento para que as vozes correntes falassem alto, para que essas cordas vocais vibrassem com toda força! “Meu nome é Legião, porque somos muitos” – a frase evangélica referente ao jovem de Gerasa encerra a questão numérica. A reação do povo as silenciou. Precisavam de tambores para serem ouvidas. Não são numerosas, mas persistentes: usam a mesma tática do Ministro da Propaganda do III Reich, a de repetir uma mentira para que ela se torne verdade. E a voz que não era corrente solfejou a mesma balada, ouvido, agora, com tristeza, o solfejo. Naquele 1997, o povo se concentrava todas as noites nos bairros; mandava bilhetes; nos olhos de cada um, lampejos de esperança que não se desvaneciam. Queriam vanta-

gens? Ninguém prometia nada. Não, não são vozes correntes, são vozes roucas e desafinadas que estão distantes do coração do povo. Têm campo para semear? Certamente. Insistem. Desvairadas, não testemunham um ou outro agradecido por uma “graça” recebida. São multidões. Enlouquecidas, as vozes comprovam que a multidão não está ali por empolgação em atos de amor intransitivo; transtornadas, veem que não transitam para alguém vestido da auréola de poder, mas acreditam nele, por tudo o que já fez; enxergam e dão apoio a ele pela sua eficiência, o que não veem em outros. As “vozes correntes” começam discussão interminável se 20 ou 30 anos seria pouco ou muito; levantam polêmica sobre a eventual sede que o povo tem de se aproximar do poder. No entanto, diante do clamor popular, feneciam; estéreis, emudeciam; calavam-se enquanto de corpo e alma, por inteiro, alguém falava, do alto de um caminhão, olhando nos olhos de cada um do povo. E o povo o apoiava. E o povo o amava. E as vozes correntes, sem nenhum som, sem nenhuma ressonância, desesperadas, eram arrastadas pela correnteza. Hoje, repetem, repetem, continuam repetindo. São ouvidas e escutadas?

SOMBRAS NA VILA FORMOSA

LXXXV

Bernard Shaw, o teatrólogo irlandês, escreveu: “Na verdade, só há duas qualidades no mundo: eficiência e ineficiência, e só há duas espécies de gente: os eficientes e os ineficientes”. Imagino Normando Trindade de Moraes, chegando de seu pequenino Rio Grande do Norte (como sempre falava outro potiguar, Jandy Solimões de Araújo, genro de Leonardo Lomonte). Imagino-o singrando o Rio Cabo Verde, antes de ser represado, no trabalho de correção das futuras enchentes. Quando aqui aportou, Normando veio à procura de outros portos. Vindo do sertão seco e distante do Nordeste, diante das águas fartas da Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas, verde nos anos mas maduro nas ideias, Normando testemunhou os anos singelos e amenos de uma sociedade centralizada ao redor da matriz. Viu muitas moças do sul de Minas nas quermesses, nos bailes, na praça que parecia uma floresta. Escolheu a filha de Emílio da Silveira Barroso: casou-se com Terezinha Barroso. Anos depois, regressa à Vila como engenheiro civil e comandante do escritório de Furnas. Comprova o pensamento de Bernard Shaw: eficiência. De fato na menores coisas se evidencia sua qualidade de eficiente, sobretudo quando, atendendo a vários apelos, assume a direção da Faculdade de Engenharia. Normando passa pelo jardim central: a praça não é mais a floresta encantada ou desencantada, na qual ele carregava seus teodolitos rumo às águas livres do Cabo Verde. Seus olhos de potiguar

também miraram tantos alvoreceres e crepúsculos na Vila Formosa! Poucos se lembram do Nortista, seu irmão, que foi um dos melhores meias-esquerdas do América F. C. Nos tempos idos, Nortista poderia ombrear-se tranquilamente com Maradona: tinham o mesmo estilo de jogo. A Eficiência de Normando, transferida para os pés do irmão. O retrato de Nortista fulgura na foto do esquadrão do América, naquele célebre campeonato. A foto é debaixo da paineira, que não mais existe, perto da Rodoviária antiga. Os galhos da paineira secaram e sumiram. Com o apagado colorido do tempo, a foto revela os moços da época, os Piazzalungas, Walfrido Tibúrcio, Raimundo, o técnico Lamartine Passos Silva, a filha do Tenente Brito, mascote que levava um carneiro, *agnus americanus*. Walfrido parece estar diante da morte, se preparando para uma pescaria com o velho Tibau, no rio Cabo Verde, que, afinal, foi o motivo da vinda de Normando para a Vila Formosa. Sereno, o corpo de Walfrido revela o que ele fala seu irmão Etinho: “Viveu a vida que quis”. No rio Cabo Verde – Etinho o recorda – havia o pescador Zé Maria. Ou era em outro? No rio Sapucaí? Certo é que Zé Maria por várias décadas norteava em seu rancho os pescadores de todas as regiões. Por ironia, morreu por entre as águas. Junto com a foto do América campeão e as jogadas inesquecíveis do Nortista, Etinho me lembra alguém que, em cima de um caminhão, anunciava os jogos. O nome? Nego Cirino. Invariavelmente terminava seu anúncio com alô e mais uma vez alô. E espalhava sua voz de barítono numa espécie de corneta, de lata. Soa na memória ainda o alô e mais uma vez alô. Walfrido, livre, totalmente livre, se joga em outras águas, pescando e sorrindo. Normando se diverte quando “as hienas tentam gargalhar”, na sua feliz expressão. Cheio de vida, caminha pela praça e clareia as evocações da época em que a Vila Formosa recebia um nordestino com prazer, afago e

curiosidade. Havia um fiscal de consumo – antes, bem antes de chegar o potiguar Normando – chamado Tadeu Vilar de Lemos, nordestino. Escrevia no jornal local com o pseudônimo de Tulipa Negra. Os meninos ricos da época se deixavam fotografar, o jornal fazia clichês e Tulipa Negra comentava o robusto garoto estampado em sua coluna. Alguns, de cachos loiros, sorriam para a foto de Tadeu Vilar de Lemos. Mal sabiam que a flor de tulipa, rajada, servia de pseudônimo para o nordestino que, não tendo filhos, se divertia publicando os precários clichês. Muitos sexagenários de hoje pousaram para as fotos. Tulipa Negra, havia tempo, partira: sua galeria ficou silenciosa na coleção dos velhos jornais. E assim se foi e se vai um pedaço da Vila Formosa. Para o poeta brasileiro Ivan Junqueira, “inútil que lhe dê / convite ou endereço; / ela há de estar à mesa / de tua última ceia”. O poeta brasileiro fala que “a vida é muito maior do que a morte”. Nesse sentido, louvemos Walfrido, Nortista, Zé Maria, Tadeu Vilar de Lemos, Nego Cirino, Tibau, Tenente Brito, Raimundo, Lamartine Passos Silva, Leonardo Lomonte, Bernard Shaw, que sempre responderam que não há melhor resposta que o espetáculo da vida. E louvemos os vivos Normando Trindade de Moraes, dona Terezinha, Jandy Solimões de Araújo, o escritor Ivan Junqueira e Etinho; louvemos os sexagenários fotografados em criança; todos aqueles que continuam pelejando conosco neste vale que não é de lágrimas nem de risos de hienas, o mundo da Vila Formosa de São José e Dolores de Alfenas, o mesmo contraponto que, na nossa ideia, continua singelo, ameno, encantado....

“Hesitei antes de colocar o título. Não se trata de fantasmas. De recordações, apenas. Lembrei-me de Paschoal Carlos Magno: *Não me acuso nem me perdo*, título do livro em que relatou sua existência. *Antes que me esqueça*, outro livro de memórias, do Embaixador Pio Corrêa. E assim poderia citar André Maulraux, Miguel Reale, Franco Montoro, dentre tantos que confienciaram seus dias e noites. Não seria cedo demais para isso? Bem, antes de terminar a década dos 50 anos, ainda não se tem nada para se contar. Tudo é recente, a vida pulsa com tanta intensidade que não sobra tempo e espaço para as lembranças. Ainda se constrói, ainda se realiza, ainda se batalha. Não se tem aquele olhar sereno e global. Tudo o que ficou pode voltar com amargura. Não sei... Li há muitos anos que só os que têm idade têm saudade. O saudosismo me acompanhou ao longo dessas décadas. Pode ser que alguns relatos sobre minha relação umbilical com a Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas sejam prematuros e extemporâneos. Sinto que é preciso contar.”

Edson Antônio Velano

Trecho da primeira crônica de “Sombras na Vila Formosa”

“Ninguém, todavia, poderá negar que ‘Sombras na Vila Formosa’ é, para além dos objetivos declarados pelo seu autor, um verdadeiro hino de amor a Alfenas, que teve o privilégio de ter como um dos seus filhos Edson Antônio Velano.”

Prof. João Batista Cruz

“Em acréscimo ao que idealizara e fizera para a sua terra, quis oferecer-lhe, também, seus pendores literários, consagrando-a em crônicas.”

Prof. Sebastião Mariano Franco de Carvalho